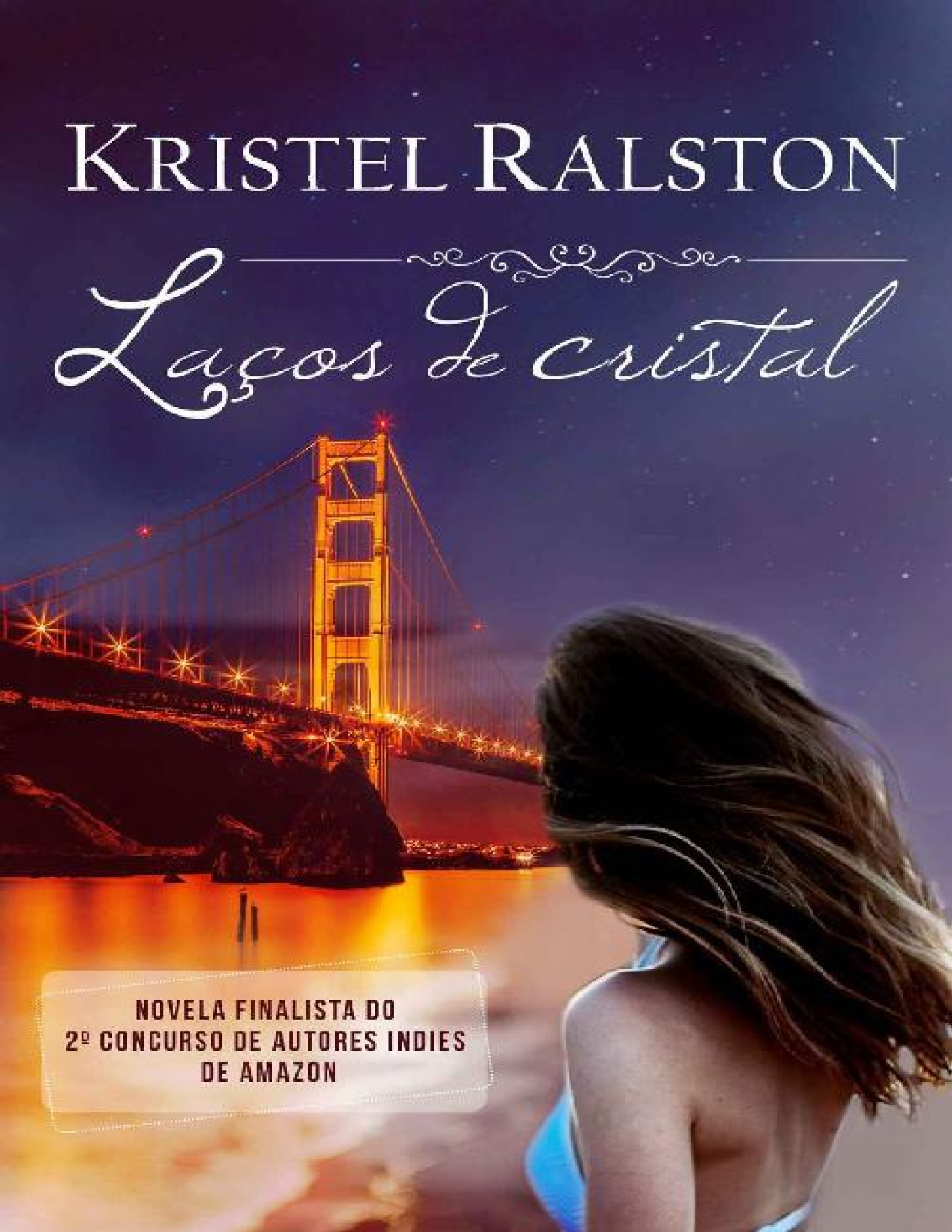


KRISTEL RALSTON

Laços de cristal



**NOVELA FINALISTA DO
2º CONCURSO DE AUTORES INDIES
DE AMAZON**



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

Laços de Cristal

Kristel Ralston

©Kristel Ralston 2017

Todos os direitos reservados

Título original: Lazos de Cristal (2015)

Capa: Karolina García Rojo

Tradução: Magda Romero Jubilot

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada num sistema ou transmitida de alguma forma, ou por qualquer meio eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros métodos, sem a prévia e expressa autorização do proprietário do *copyright*.

Esta é uma obra literária de ficção. Lugares, nomes, circunstâncias, caracteres são produto da imaginação do autor e o uso que se faz deles é fictício; qualquer semelhança com a realidade, estabelecimentos de negócios (lojas), situações ou feitos são pura coincidência.

“Os livros só se escrevem com o fim de unir as pessoas para além da sua própria existência e, assim, de se defender do inexorável oponente de tudo o que vive: a fugacidade e o esquecimento”

Stefan Zweig.

ÍNDICE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[EPÍLOGO](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

CAPÍTULO 1

A mulher que nesse momento olhava para a câmara, durante o último *take* do anúncio, era perfeita. O casting e a produção tinham sido um verdadeiro sucesso. Claro, não podia ter sido de outra maneira, porque Matthew Talley supervisou tudo. Ele não gostava de deixar pontas soltas. Algumas pessoas achavam que ele se considerava demasiado autosuficiente, Matt rebatia com que era um perfeccionista. Além disso, se um cliente queria resultados, ele tinha de estar à frente de tudo para garantir que os obtinha.

Matt garantia excelência, e cumpria com isso. Não era em vão que aos 32 anos já era considerado um dos publicitários melhor pago e respeitado de São Francisco. O trabalho que realizava era tão multifacetado como também exigente, mas corria por gosto e sabia criar estratégias para conceitos inovadores que atraíam os grandes clientes. A necessidade de possuir a segurança material de que careceu quando era mais jovem ainda persistia nele como um monstro implacável que o empurrava a desafiar-se a ele mesmo e tentar ganhar a qualquer custo qualquer desafio profissional. Conquistou a pulso o prestígio que tinha, por isso cuidava do que era dele de um modo particularmente possessivo. Quando lutava por uma conta ou por uma ideia, fazia-o com força e sem contemplações emocionais. No mundo dele não havia tempo para sentimentalismos. Tratava-se de sobreviver, e ele era um lutador nato.

«Graças a Deus que acabámos com este cliente», pensou Matt enquanto os altos executivos da produtora se aproximavam a despedir-se, tal como também o fez de seguida o representante de *Yellow Energy*, a empresa de bebidas gasosas para quem tinha realizado a campanha publicitária.

Saiu do estudio de gravação até ao parque de estacionamento praticamente a arrastar os pés. Estava cansado. Em certas ocasiões, a vida de publicitário podia ser um verdadeiro problema, ainda que o pagamento compensasse enormemente o tempo e a paciência que investia.

Quando chegou a casa sentou-se à frente da televisão tal como gostava: com uma cerveja bem fria na mão, em bóxeres e com o canal de desporto a alto som. Esticou as fortes e compridas pernas em cima de uma poltrona que já tinha tido melhores dias, mas era a sua favorita e não pensava atirá-la fora. Suspirou aliviado. «Por fim, tranquilidade.»

A vida de Matt nem sempre tinha sido sossegada. De facto, não tinha sido nada fácil

tomar um rumo, principalmente porque provinha de um bairro pobre e as únicas ferramentas que possuía eram a determinação, um desejo voraz de se superar e uma mente rápida. Aos 10 anos começou a roubar sempre que queria encher o estômago, noutras ocasiões, teve de correr para escapar de um padrasto bêbado e agressivo. Não se envergonhava das suas origens, porque essas vicissitudes formataram-lhe o carácter e a determinação, levando-o a marcar a diferença no seu campo profissional. Um minuto dele valia uma pequena fortuna.

Os cinco anos de trabalho para a agência *Spring & Marsden*, como director de contas VIP, terminavam em breve. Agora alcançava um posto mais alto. O objectivo e o esforço estavam dirigidos para conseguir a conta *Harrington*, uma prestigiosa cadeia especializada em joias. O dono queria uma campanha a nível nacional para posicionar a reputação corporativa face à concorrência. A primeira licitação para ganhar a conta Harrington tinha sido superada com êxito. A etapa final seria dentro de um mês. Ele estava desejoso de coordenar a equipa e pôr-se a trabalhar.

Andrew Spring garantiu-lhe que se conseguisse a campanha seria promovido a *sócio* da empresa. Aquele era um privilégio que não se concedia, a menos que o publicitário já estivesse há 20 anos no ramo. Contudo, ele tinha conquistado a vontade e a consideração dos chefes com base nos resultados obtidos, e essa era a demonstração de confiança que tinham na sua capacidade profissional.

O dia-a-dia consumia-o, mas tinha decidido organizar melhor o tempo para visitar a sua irmã Lilly, que vivia com Peter, o seu pequeno filho de dois anos, e o marido, Dermont, em Boston. Dermont Jackson era um dos melhores amigos dele, conheciam-se desde o tempo da escola e da universidade. Tinham-se juntado várias vezes para estudar ou sair, e a irmã tinha sido uma companheira habitual nos encontros de amigos. Por isso, não ficou surpreendido quando Lilly começou a sair com o seu melhor amigo, e pouco tempo depois, anunciaram que se iam casar. Foi Matt quem levou a única irmã ao altar.

O ausente da cerimónia foi o pai, Elliot Talley. Abandonou-os quando ele acabava de fazer os sete anos para seguir a sua paixão: a bebida. Monique, a mãe, parecia ter uma predileção por bêbedos. Um ano depois de serem abandonados, ela apaixonou-se por outro bêbado, Heath Bourbon. Não só se casou com Heath, como permitiu que os maltratasse. Matt encarregou-se de proteger a Lilly, caindo-lhe a pior parte em cima: os insultos e a pancada. Aquele foi um período triste da sua vida. Um de tantos.

Aquilo fazia parte do passado.

Agora, descontraído na sua *penthouse*, sintonizou no canal de desporto o jogo dos *Lakers*. Não prestou demasiada atenção ao jogo, porque os olhos se começaram a fechar pelo cansaço. Tinha sido um dia difícil.

O som do telefone repentino acordou-o de imediato. «Quem é que telefona para alguém às dez e meia da noite?! Seria muito pedir que o deixassem descansar?»

—Estou —respondeu irritado.

—Matt?

—Sim, quem fala? —A sua cabeça não reconhecia nenhuma voz que não fosse a dos músculos a gritar por descanso no seu cómodo colchão.

—Rapaz! Desculpa telefonar a estas horas. Sei que a campanha com os donos da cadeia de bebidas já terminou. Acabei de receber um mail do dono da *Yellow Energy* a dizer que está satisfeito com o teu trabalho. Parabéns!

—Obrigado, John. —reconheceu a voz do chefe— O que é que posso fazer por ti?

John Marsden, o segundo sócio principal de *Spring & Marsden*, era um viúvo nova-iorquino na casa dos 60. Ele costumava dizer que se apaixonou por São Francisco numa noite que passou ali e viu a baía do Golden Gate iluminada ao fundo. Acontecia a muitos, mas não ao ponto de se mudarem da cosmopolita e louca Nova Iorque para a sossegada e ao mesmo tempo extrovertida São Francisco, para sempre.

Matt conheceu John quando ele foi seu professor da disciplina de *Crenças do Consumidor*, na universidade. Nessa altura, ele já era uma lenda da publicidade e felicitou o Matt pela agilidade que ele tinha para ver as fraquezas e as fortalezas de uma marca e estruturar a partir de aí conceitos publicitários inovadores. Em pouco tempo, Matt converteu-se em professor-assistente da disciplina.

No dia em que se licenciou como publicitário, John aproximou-se para lhe dizer que as portas de *Spring & Marsden* estavam abertas quando ele quisesse fazer parte da agência com mais prestígio da costa oeste dos Estados Unidos. Soube bem ouvir isso. Contudo, tiveram de passar vários anos até que ele batesse a essa porta, porque Matt primeiro quis adquirir experiência suficiente no mundo laboral, para quando chegasse ao gabinete de Marsden ter a oportunidade de conseguir um salário e uma posição melhor. Tal como aconteceu.

Durante o tempo de transição entre a saída da universidade e os primeiros empregos, John abriu-lhe as portas da sua casa. Desde então construíram uma excelente amizade. Matt via

no John, para além de um amigo, o pai que sempre quis ter.

—Normalmente não gosto de pedir favores para a minha família... —durante um momento ficou em silêncio— Lembras-te da minha filha Victoria, Matt?

Na sua mente desenhou-se a imagem de uma adolescente com aparelho que defendia o que pensava em qualquer conversa. Costumava andar despenteada pela casa quando ele ia de visita; com olhos azuis claros luminosos e cautelosos; pele branca; narizinho empinado e lábios generosos. Claro que se lembrava dela. Ele tinha-a visto de longe em breves ocasiões em dois eventos durante os últimos anos, mas nunca se aproximou para a cumprimentar. Não sabia como explicar isso.

—Lembro-me dela, sim. O que é que se passa?

O chefe de Matt soltou um suspiro.

—Há quase três anos a minha filha abriu a própria agência. Agora o escritório está a ser remodelado e precisa de um espaço temporário para trabalhar. Quero ajudá-la, mas como é muito orgulhosa não quero que ela saiba. Para além disso, já sabes como costumam demorar o tema dos re-projetos, contratos... Enfim. Olha, não quero que perca a essência do dia-a-dia de trabalho, porque nesta profissão temos de manter o ritmo...

Matt levantou os olhos. Já sabia o que vinha aí.

—A que tipo de espaço te referes especificamente? —perguntou, dando um gole na cerveja.

—Que lhe permitas partilhar o gabinete contigo.

O gabinete dele era muito amplo, mas não gostava de partilhá-lo com ninguém, pensou Matt.

—Mmm... acho que não é boa ideia, John. —Para além do tema da privacidade profissional, não tinha vontade de cuidar da filha do chefe nem de brincar aos professores— Temos relatórios confidenciais nos arquivos, e mesmo que a tua filha seja tão ética como tu, se tem uma agência, então, também é da concorrência.

John ponderou bem o que lhe ia dizer. Não queria revelar os assuntos pessoais da filha, não a menos que estivesse disposto a que ela não lhe falasse durante uma década. Não podia permitir isso, porque a Victoria era a única família que tinha.

—Matt, quero que a incluas na tua equipa de trabalho sem que ela saiba que te telefonei.

E sobre o tema dos arquivos confidenciais, tecnicamente ela não é da concorrência. A agência dela está parada enquanto estiver a ser remodelada. Quero ajudá-la a manter-se vinculada no que respeita ao contacto com os clientes a grande escala, como temos em *Spring & Marsden*. Contrata-a para a tua equipa. Serás um bom chefe para ela. Tenho a certeza, rapaz.

—Porquê? —perguntou. Deu outro gole na cerveja. Sentou-se com o telefone na orelha, numa das quatro cadeiras da cozinha cuja janela dava para a baía. Aquela vista foi um dos privilégios que o impulsionou a adquirir aquela magnífica *penthouse*— Se me pedes um favor assim, parece-me que seria bom saber a razão.

John manteve-se em silêncio antes de continuar. Apesar de ser um dos donos da agência, podendo ordenar a Matt que fizesse o que ele queria, não podia incluir uma pessoa na equipa do rapaz arbitrariamente, sem gerar uma situação desconfortável. Isso não era o que ele queria.

—O sócio que ela tinha está —tossiu— retirado de momento. Ela quer levar as coisas com calma antes de reabrir a agência. De qualquer forma, tu podes telefonar-lhe e oferecer-lhe um posto, não é? És o terceiro a bordo com vontade de ser o terceiro no comando. — «Sabe em que fibra tocar. Conhece-me bem», sorriu Matt— Paul Harrington é um peixe bem gordo e tenho a certeza de que vais conseguir esse cliente.

Matt estava obstinado na promoção em *Spring & Marsden*, e não ia permitir que nada se interpusesse entre a conta Harrington e a sua ascensão. Talvez Brian Lewis, o seu equivalente na agência da concorrência, *Butler & Partners*, só tivesse em jogo um aumento salarial, mas para ele era muito mais do que isso, porque significava a consolidação do que mais desejava a nível profissional. Por outro lado, teria grande satisfação em atirar umas pedras em cima do ego do Lewis. Esse tipo era insuportável.

—Porque não pedes ao Jonas Petersen para a contratar para a equipa dele? —perguntou de repente— Sei que nestes dias está a receber clientes novos.

—São contas pequenas...

—Deixa lá ver se entendo, queres que contrate a Victoria porque na minha equipa as contas dão comissões mais altas?

—Victoria teve um mau momento económico —respondeu com relutância— Não aceita a minha ajuda, por isso...

—Queres fazê-la sentir que ganha um salário alto numa equipa que pode gerar esses valores.

—Basicamente.

—Mas John, esta também é a empresa dela... é a tua herdeira. É incompreensível dizer-lhe que a vou contratar quando isso já lhe pertence.

—Fá-lo compreensível —disse num tom duro.

Matthew compreendeu que já tinha pressionado demasiado.

—Vou dizer à Marla para entrar em contacto com ela —disse com tom neutral. Detestava quando lhe impunham alguma coisa, mas ainda detestava mais fazer de *baby-sitter*. Ia tratar a Victoria com a mesma rigidez com que tratava os outros colaboradores.

—Perfeito —respondeu com um tom alegre— Não te esqueças, nem uma palavra à Victoria sobre esta conversa, rapaz.

—Não te preocupes com isso.

—Obrigado.

—De nada —disse amavelmente antes de desligar.

Victoria olhou-se ao espelho. A maquilhagem fazia milagres, porque as olheiras tinham desaparecido. Os meses anteriores tinham sido complicados. A procura de emprego não era fructífera e começava a desesperar. Aproximou-se um pouco mais ao seu reflexo para comprovar o delineador preto, o seu melhor aliado. Deixou o cabelo solto ao natural: ligeiramente ondulado por debaixo dos ombros num tom mogno precioso. Teria gostado que a mãe ainda fosse viva, talvez a tivesse orientado no modo a enfrentar as situações difíceis pelas quais passou.

De manhã recebeu o telefonema de Marla Roberts, uma secretária de *Spring & Marsden*, a informá-la que Matthew Talley, o director das contas VIP da agência, queria conversar com ela às 11 da manhã desse dia. Ficou surpreendida com o telefonema.

—Eu não enviei o meu *curriculum vitae* para a agência. Não quero saber nada de...

—De acordo com o que me informou o sr. Talley, o seu nome surgiu numa reunião, a título de recomendação, numa dessas conferências de publicitários às quais o meu chefe costuma assistir. Por isso, ele deseja ter uma reunião consigo.

«De certeza de que lhe disseram o que fiz na L’Oreal», foi o que a Victoria pensou.

Aquela campanha teve uma grande repercussão mediática e obteve reconhecimento profissional. Foi num momento em que de facto havia ofertas de trabalho, lembrou-se com amargura. Depois de ter fechado a agência tinha ficado praticamente na bancarrota. Mas mesmo assim, recusava aceitar o dinheiro que o pai lhe depositava todos os meses. Ela tinha orgulho e também continuava magoada com ele.

—Tem mais pormenores? —perguntou à secretária.

—Estão a realizar um processo de seleção para uma conta muito grande e importante.

—E quem disse que eu quero trabalhar aí...?

—Menina Marsden, eu só...

—Sim, já sei. Desculpe. Só cumpre ordens e o meu nome foi recomendado por alguém alheio à agência.

—Gostava de lhe poder dizer mais alguma coisa, mas isto foi tudo o que o sr. Talley me informou... Sabe? Realmente o meu dia é mais difícil quando ele não obtém os resultados que espera.

—E esse resultado é que consiga convencer-me a assistir à reunião?

—Bem, eu...

—Há quantos anos trabalha na empresa?

—Há mais de 15 anos.

—Entendo, Marla. Não lhe quero estragar o dia. Aí estarei.

—Obrigada, menina Marsden.

A ideia de se encontrar com Matthew punha-a nervosa e enchia-a de curiosidade.

Desde que viu Matt pela primeira vez, quando tinha 14 anos, gostou da sua segurança e carisma. Customava ir a casa com frequência, porque era o assistente da disciplina do pai. Matt continuou a visitá-los depois de terminar o curso universitário. Era muito giro e de um modo pouco convencional. Talvez a dureza das suas feições inteligentes, suavizadas pela boca sensual e pelos extraordinários olhos verdes, o convertessem num homem impossível de ignorar. O modo com que marcava uma das sobrancelhas quando ela fazia algum comentário que o deixava intrigado, dava-lhe um ar escuro e reflexivo. Ela ficava fascinada pela maneira com que os olhos dele brilhavam quando ela dizia algo em que acreditava ou defendia uma ideia, ou quando ele se ria às gargalhadas e o rosto se iluminava. O som grave e profundo da

voz de Matt era maravilhoso. Ele era oito anos mais velho do que ela, talvez por isso sempre a tenha visto como uma miúda um bocado incômoda.

Ela lamentava que a experiência juvenil mais humilhante, e que lhe tinha marcado a adolescência, tivesse sido precisamente com ele.

Anos antes, o pai tinha decidido celebrar em grande o aniversário dela. Claro que o seu aluno preferido também foi. Não sem companhia feminina; isso era impossível. Foi acompanhado de uma mulher que parecia tirada de uma revista de alta costura. Victoria não se costumava preocupar com assuntos de moda, mas ao comparar-se com aquela moça que ia de braço dado com o homem que ela adorava, a sua perspectiva em torno dos assuntos vinculados com a roupa assumiu outra perspectiva. Começou a importar-se com isso. Um pouco.

Para a festa teve o bom senso de ir a um centro de estética depilar as sobrancelhas pela primeira vez e pediu que lhe colocassem um adorno no cabelo. Claro que não podia dizer muito do horroroso vestido preto que o pai insitiu que vestisse. Sim, o peito tinha crescido, consideravelmente, a cintura era estreita e as ancas tinham ampliado com delicadeza. Mesmo assim, aquele vestido não sabia nada de formas e escondia tudo o que ela raramente exibia, mas como era o seu aniversário e como sabia que Matt ia estar, queria destacar.

Quase nenhum dos seus colegas de turma foram à festa. A data tinha coincido com uma festa organizada Maggie Bones, a moça mais popular da escola. Não foi a primeira escolha dos colegas de turma para celebrar o seu décimo sétimo aniversário. Teria gostado que Lilly Talley não tivesse adoecido, porque, mesmo que a irmã de Matt e ela não fossem grandes amigas, a verdade é que conversavam muito quando se viam. Para sua alegria, estava sempre na lista de prioridades do Devon, incondicional e adorado amigo. Afinal, nem se importou que os outros não tivessem ido à festa.

Devon Patroll era filho dos donos de uma das maiores concessionárias de automóveis dos Estados Unidos. Os Patroll conheciam John Marsden desde sempre, e a amizade tinha chegado até aos filhos de ambas famílias. Devon tinha uma irmã gémea, Julianne, quem não tinha qualquer vínculo com a Victoria, salvo um cumprimento ou uma escassa conversa. Não havia química entre elas.

Devon nunca a fazia sentir mal nem se ria das suas pronunciadas curvas femininas. Pelo contrário, dizia-lhe que a inveja e a chacota convertiam as pessoas em estúpidas e que ela devia considerar assim qualquer um que se atrevesse a rir dela. Como é que não ia gostar dele?

Na noite da festa, foi a primeira vez que Victoria bebeu mais de quatro taças de champanhe. Muito má ideia, principalmente porque a falta de inibição – já para não falar da falta de senso comum – fez com que aproveitasse um momento em que Matthew estava sozinho para se aproximar. «É o momento perfeito», pensou antes de executar o seu plano. Um plano que mais tarde se deu conta que foi o pior que podia ter imaginado.

—Olá Matt —cumprimentou, tocando-lhe na manga do fato preto. Ela pensava que mesmo que ele vestisse um fato de macaco seria elegante e distinto. Era bonito todos os dias, mas parecia que não lhe importava a forma como as mulheres o comiam com os olhos.

—Victoria Anne. —Ela detestava que a chamassem assim— Feliz aniversário! Dezasseis, não é?

—Dezassete —ênfaticou— Por acaso não se notam? —tentou ser coqueta, sorriu ao piscar-lhe o olho. Porque era isso ou aceitar que com o horroroso vestido a viam como uma mesa com a toalha posta. Estava agradecida por ter tirado o aparelho dentário dois meses antes ou não teria sorrido, o que teria sido uma pena, porque segundo o pai ela tinha um sorriso bonito.

—Realmente, não, mas tenho a certeza de com o tempo isso mudará.

As taças que bebeu incentivaram-na a continuar. «Obrigada ao universo por permitir a existência do champanhe!»

—Matthew? —disse, tossindo para limpar a garganta com suavidade.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente para olhá-la nos olhos.

—Diz, Victoria Anne —disse em tom de brincadeira. Nesse dia ele tinha perdido a oportunidade de ganhar um cliente europeu muito importante devido a um erro parvo. Só tinha vontade de dar uma queca com a Charlotte para desafogar a frustração que sentia. Não podia faltar ao aniversário da Victoria, por isso teve de levar a amante. Quando a festa terminasse podia dar renda solta a uma ardente sessão de sexo. Olhou à volta à procura da Charlotte, dissimuladamente. Não estava em lado nenhum.

—Acho que podias dançar comigo —expressou ela, movendo o sapato de salto alto cinzento em cima da relva. Olhou para ele com aqueles olhos azuis tão limpos e honestos, que Matthew não via há muitos anos numa mulher. As moças com quem ele saía eram umas perversas, mas como não queria nenhum compromisso era feliz com qualquer uma que fosse boa debaixo dos lençóis. — Além disso é o meu aniversário e o Devon —apontou com um

gesto com a cabeça para o rapaz que estava a falar com John— não tem muito jeito para dançar a dois. —Encolheu os ombros, a modo de terminar a explicação.

Matt sorriu.

—Bem, que falta de educação da minha parte não te convidar para dançar na tua própria festa de aniversário. Dás-me a honra? —Esticou-lhe a mão quando começou a tocar uma linda balada.

Ela agarrou na mão dele e nesse momento sentiu-se a moça mais feliz do mundo. O céu de São Francisco ofereceu-lhe uma noite com estrelas e vento fresco. Matthew conduzia-a ao ritmo da música e Victoria sentia-se a levitar.

Quando a canção terminou, ele acompanhou-a para fora da pista de dança e ela aproveitou a distância em relação ao resto dos convidados para apanhá-lo desprevenido. Deu-lhe um beijo na boca. Talvez tenha merecido a reação irritada que Matthew teve com ela por ser ousada. Ele agarrou-a com força no pulso, sem a magoar, e olhou para ela nos olhos, furioso.

O efeito do álcool evaporou-se do corpo ao dar-se conta do que tinha feito. Não conseguiu perceber se nos olhos de Matt via, para além de irritação, condescendência ou pena, e isso desmoronou-a por dentro. Gostava que a tivesse olhado como ela a ele: com esperança e amor. Derrotada e triste entendeu que não era possível.

—Porque é que fizeste isso, Victoria Anne Marsden? —perguntou sem lhe largar os pulsos e apertando os dentes enquanto falava com ela, quase a cuspir as palavras.

—Eu... eu queria saber o que é que se sentia. —olhou para baixo arrependida pelo estúpido impulso— Desculpa, Matthew... —As lágrimas engasgavam-se na garganta.— Eu...

As mãos de Matt pousaram em cima dos ombros femininos.

—És muito jovem para mim e és a filha de um amigo a quem aprecio e respeito como a um pai. Ainda tens muito para viver, assim como para aprender. — Se ela tivesse a possibilidade de cavar uma cova e atirar-se para lá, ela teria-o feito. — Que isto fique claro: vejo-te como uma irmã. Nada mais do que isso.

Essa frase foi como uma punhalada no coração. Ficou pálida.

—Gosto muito de ti, Matthew... —sussurrou com uma mistura de desejo e tristeza.

Ele teve a decência de não se rir. Diminuiu a pressão nos ombros dela e suspirou como

que se estivesse cansado.

—Isso não é verdade. Só bebeste uns copos a mais. As meninas da tua idade não deviam beber tanto... e no teu caso nem sequer beber. — «Não sou uma menina pequena», quis gritar. — Victoria Anne, a sinceridade é sempre o melhor, e se te digo isto é porque não quero que interpretes mal as coisas. —Olhou para ela sério e ela fez um esforço para não tremer. A dor da rejeição era muito dura nessa idade, quando as ilusões fervilham a todo o vapor. — Gosto de ti, mas nunca te vou ver como uma mulher, uma namorada, para ser mais preciso, porque o que sinto por ti se aproxima mais ao carinho familiar. Entende isso.

Matt sabia que estava a ser cruel, mas não se queria meter com uma adolescente. Ele não tinha nada para lhe oferecer. Estava mal por dentro. Desencorajá-la era a única maneira da Victoria tirar da cabeça fantasias relacionadas com ele. Não acreditava nos disparates românticos. Já não. Com a Victoria, por mais que uma parte sua o estimulasse a aceitar o que ela lhe oferecia, não podia ser fraco. Tinha outros objectivos. A profissão era tudo para ele, e não podia deitar a perder o futuro que tinha por diante por uma noite. Além disso, como se podia relacionar com a filha do seu mentor e chefe? Impossível. Se ela decidisse fazer-lhe a vida impossível perante John ele perderia todas as possibilidades. Isto era uma questão de prioridades. Para ele, a carreira estava sempre à frente.

Victoria sentiu-se muito envergonhada e doída. Acabou com ela ver como a morena de pernas intermináveis se aproximou ao lado de Matthew, e ele a beijou com ardor ante os seus olhos azuis carregados de tristeza e sonhos românticos devastados. «*Essa paixão tinha de ter sido minha e de mais ninguém.*» Sentiu como se lhe tivessem vertido álcool numa ferida aberta. Matt acabava de lhe destroçar o coração de um modo cruel.

Com o orgulho espezinhado, Victoria deu a volta e afastou-se.

Desde aquela noite, ele não se voltou a cruzar no caminho dela. De facto, evitou-o a todo o custo. Inclusive naquele horrível ano dos seus 17 anos, que também começava o *college*, ela mudou-se para fora da cidade.

E agora, sete anos mais tarde, ia ter uma entrevista com ele. Dizia que o fazia porque a coitada da Marla tinha parecido tão angustiada e preocupada que não teve outro remédio que não fosse aceitar ir à reunião. Mas a verdade era que a veia da curiosidade palpitava por saber que tipo de conta estavam a negociar na agência e que tipo de benefícios contavam na *Spring & Marsden*.

Apesar de ser a herdeira natural das ações da agência, não queria ter nada a ver com ela, a menos que fosse por méritos próprios. E parecia que nesta ocasião assim o era. Se desconfiasse de que o pai tinha tentado ganhá-la com truques, recusaria qualquer conversa ou proposta e abandonaria de imediato os escritórios da agência.

Mesmo já tendo passado quase um ano desde que começou o inferno, causava-lhe tristeza e culpa pensar no Devon e em como se separaram. Quando mais necessitou do pai ao seu lado, ele não acreditou nela. Ainda se sentia defraudada e magoada com ele.

Com um suspiro colocou um gancho no cabelo e saiu de casa.

O esboço que Matt estava a revisar ficou como esperava, e a apresentação em formato digital era insuperável. Sentia-se orgulhoso da sua equipa de trabalho. Iam conseguir a conta Harrington, tinha a certeza. Revisou o plano de trabalho. «Outro dia complicado.»

Serviu-se uma chávena de café.

—Marla —chamou-a pelo intercomunicador.

—Sim?

—Está confirmada a vinda da Victoria Marsden, ou não?

—Fez com que lhe mentisse...

—Não tenho tempo para as suas recriminações. —Tinha um afeto especial por ela. Se a sua avó Edna a tivesse conhecido de certeza que teriam sido boas amigas, pensou. — Responda-me apenas, se faz favor.

—Espero que seja por uma boa causa.

—Não ia fazer os exames médicos de rotina? —perguntou como resposta.

—De acordo, rapaz. Não voltarei a mentir por si, que fique claro.

—Isso significa que a convenceu? —insistiu, revirando os olhos.

—Sim...

—Bem. Muita sorte para a sua consulta médica. São nove e meia da manhã, já vai chegar tarde.

—Devia promover-me... —murmurou antes de terminar a comunicação.

Matthew encostou-se na cadeira.

Considerava-se um homem com sorte, pelo menos agora era. Se pensava na sua vida há uma década, não havia rasto do rapaz receoso a quem arrebataram do vínculo com a família disfuncional e abusiva a que pertencia. Também não havia qualquer vislumbre da insegurança de quem começa a abrir caminho no mundo profissional e que teme não alcançar. Agora era um homem seguro, firme e com êxito.

Agradava-lhe o espaço onde trabalhava todos os dias, principalmente o seu gabinete: era amplo, com uma decoração em estilo art déco e um grande sofá, suficientemente acolchado para dormir uma sesta quando os neurónios estavam a rebentar. O seu maior orgulho era a estante, perto da biblioteca improvisada, com todos os prémios que tinha ganho para *Spring & Marsden* com as campanhas publicitárias. A agência costumava ganhar sempre prémios quando havia galas de premiação para os publicitários da região.

Voltou a ver a lista de reuniões que tinha na folha de Excel, que Marla lhe passou na tarde anterior por email. Enquanto o fazia, a porta do gabinete abriu-se de repente, mas ele nem se mexeu; tinha umas ideias na cabeça e olhava para o computador totalmente concentrado.

—Bom dia —cumprimentou uma voz vagamente familiar.

—Sim? —perguntou sem deixar de olhar para o ecrã do computador.

Como a pessoa não respondeu, deixou de olhar para o ecrã e virou-se. *Esse rosto*. O cabelo cor de mogno estava pulcramente penteado e caía como a mais cara cortina de seda. O nariz impinado, lábios pintados de cor-de-rosa, e fez o disparte de fixar-se nos olhos. Ele nunca se tinha esquecido dessas lacunas cálidas e limpas que olhavam com inocência, porque nunca mais voltou a encontrar essa sinceridade no olhar de outra pessoa.

—Victoria Anne? —perguntou com retórica. Não imaginava que a beleza dela lhe tocasse desse modo. Tossiu com ensaiada dissimulação. — Agradeço-te que tenhas vindo. Queres tomar alguma coisa? —Fez-lhe um gesto para que se sentasse.

—Não, obrigada, estou bem assim. —respondeu sem emoção, embora os seus sentidos fossem conscientes do giraço que estava. «Giraço? Não! Estava impressionante». O coração começou a acelerar e tentou respirar mais pausadamente. Meu Deus, que injustiça para o seu auto-controlo! Porque é que não estava feio, com olheiras ou com barriga? Os anos tinham sido mais que generosos com ele. Matt parecia mais imponente e melhor do que da última vez

que o viu. E isso já tinha sido há muito tempo.

Sem conseguir evitar lembrou-se da estupidez que cometeu naquela noite, depois dele a rejeitar na sua festa de aniversário.

Sensível como se encontrava, mais as taças de champanhe que generosamente se auto convidou, após a rejeição do Matthew na pista de dança, saiu a correr para o seu quarto. No caminho encontrou-se com um rapaz simpático, que se apresentou como Wayne, filho de um tal Arthur Parker, gestor de uma loja de moda naquela altura e amigo do pai.

Quando a viu a chorar e abatida, ele consolou-a, primeiro com um abraço. Depois, pouco a pouco, as carícias subiram de tom e ela não as recusou. Wayne disse que lhe podia curar as tristezas nessa noite. Como se sentia humilhada e ressentida com o Matt, deixou que o rapaz a acompanhasse até ao quarto.

Wayne teve bastante consideração ao dar-se conta da inocente estreiteza. A dor que sentiu ao início passou rapidamente. Depois, pouco a pouco, deixou-se levar pelas novas sensações que vivia. Ele dizia todo o tipo de incoerências, que lhe incomodavam, ao mesmo tempo que a acariciava e beijava. Ela, por seu lado, pensava que nessa noite quem lhe levava a inocência era um publicitário giraço que lhe tinha partido o coração uns minutos antes, e não um filho desconhecido de um dos convidados do pai.

Deu graças a Deus por aquela noite não ter tido consequências. Tinha sido uma estúpida e impulsiva. Movida pelo ressentimento e pela rejeição. Arrependeu-se de ter tido relações com Wayne mal acordou, um pouco doída, nua e sozinha no quarto. Nessa mesma manhã, quando se sentiu mais limpa e decidida, informou o pai que se independizava com as poupanças que a mãe lhe tinha deixado antes de morrer. John ficou sentido com ela. Não esteve sozinha nesta decisão, contou com o apoio moral de Devon.

Aquilo já era passado, e agora estava novamente por sua conta. Sozinha.

—Bem, há muito tempo que não me chamavam pelos meus dois nomes —disse com um sorriso para quebrar o gelo. — Vejo que conseguiste um grande êxito. Fico contente por ti — disse com sinceridade, admirando o espaço em que se encontravam e os prémios de reconhecimento pousados na estante.

—Obrigado —respondeu apenas. Não sabia como reagir sem dizer algum disparate sobre a beleza dela, ou a sensualidade que ela emanava.— Falaram-me muito bem do teu trabalho e tive a oportunidade de ver dois deles. —disse ao mudar de tema — Começaste uma

carreira muito interessante para seres tão jovem. A campanha das esferográficas de luxo deixou precedente. E a da L’Oreal foi definitivamente impressionante; o modo de trabalhar esse conceito com o cabelo foi uma perspectiva inovadora.

Ela sentiu-se elogiada por ele mencionar algumas das suas conquistas. Achava que ser publicitária, por ter crescido rodeada dessa linguagem, fosse o mais natural a seguir como carreira.

—Fico contente por considerares um bom trabalho.

—Victoria Anne...

Ela inclinou a cabeça a sorrir. Apesar de detestar que a chamasse pelos seus dois nomes, por alguma razão, na voz de Matt soavam quase perfeitos. Tentou pensar noutra coisa, não queria desenterrar emoções por ele que já tinha deixado para trás há muito tempo.

—Já nos conhecemos há tanto tempo que prefiro que me chames Victoria ou Tori. Parece-me estranho quando alguém me chama de outra maneira.

—OK. Victoria, então —concedeu assentindo com a cabeça. Durante todos esses anos, aqueles olhos azuis tinham-no perseguido, pedindo-lhe uma palavra amável, mas agora observavam-no, calmos e imperturbáveis. Contudo, estavam empapados de uma tristeza profunda que ela tentava esconder ao manter uma atitude serena. Já não existia a emoção brilhante que ele conhecia da Victoria adolescente. Tinham passado demasiados anos sem falar um com o outro, eram praticamente dois estranhos.

Matt não se apercebeu de que a tinha estado a observar fixamente durante vários segundos, até que ela levantou uma sobrancelha, interrogante. Ele tossiu, tentando dissimular o óbvio do seu escrutínio. O que é que se estava a passar?

—Aqui na agência estamos 99% confiantes de que vamos conseguir uma conta muito importante. Trata-se de um trabalho complicado, que vai durar até que Paul Harrington, o cliente, decida que agência vai trabalhar na campanha nacional para promover *The Dolphin Shine*, a nova linha de brincos e colares de diamantes da sua empresa. É uma linha de luxo. Se o projeto nos Estados Unidos sair bem, provavelmente, podemos expandir a campanha à Europa. Embora isso só esteja previsto dentro dos 15 meses posteriores ao início da campanha em todo o país. Precisamos de uma pessoa que se encarregue de ser a ponte entre Paul e nós. Vi que também tens uma especialidade em relações públicas, e isso é uma mais valia. Também te vales desse *expertise* para o trabalho de publicitária, não é? —Ela assentiu.

—Eu não enviei o meu *curriculum vitae* —disse, repetindo o que tinha tentado dizer à Marla, antes de que a interrompesse.

—Mas tens um perfil no LinkedIn —disse com um sorriso, quando ela assentiu. Ainda bem que ele estava atualizado com as plataformas e Victoria, efetivamente, tinha uma conta profissional ali. — A pessoa que contratemos estaria presente nas reuniões comigo.

Ela interrompeu-o com um gesto. Frunziu as sobrancelhas.

—Em qualidade de quê exactamente?

—Estamos à procura de um executivo para essa conta. Eu sou o diretor das contas VIP, portanto, o chefe do departamento. Jude, dos Recursos Humanos, pode explicar-te melhor o valor do salário. Quando ganhemos a licitação, o executivo receberá uma comissão de 5% do valor total dos honorários, como também a possibilidade de continuar com a conta, se quiser e se o cliente também o desejar. Segundo o desempenho, podemos entregar outra conta, ou caso contrário, dar por terminado o contrato com *Spring & Marsden*. Há opções. Durante este tempo, a empresa paga qualquer gasto que a pessoa, que ocupe o cargo de executivo para este cliente, tenha.

Victoria ficou surpreendida pela confiança que Matt tinha em que iam *ganhar* a licitação. Também foi consciente das palavras dele: se ele não gostasse, a pessoa seria despedida. Exigir-se muito mais do que pediam os padrões era algo a que ela, particularmente, achava estimulante.

Matt disse-lhe o valor total que subiria o salário da pessoa contratada, mais o bónus de produtividade que a empresa costumava dar. O coração da Victoria deu um pulo de emoção, porque com todo esse dinheiro ela podia, finalmente, pagar à amiga e companheira de apartamento, Chloe, o que lhe devia de aluguer dos últimos meses. Mas ainda precisava de saber mais sobre as condições.

—Tanto o salário como as condições parecem-me muito justas, Matt. —Sabia que teria dificuldades em receber ordens de outra pessoa, porque durante muito tempo tinha sido ela quem tomava as decisões sobre a sua carreira e os clientes. Agora era tudo diferente. No final do processo de seleção esperava ser ela a selecionada para o posto. Cruzou as mãos em cima da saia de algodão bege debruada a preto, em conjunto com o casaco. Era o fato favorito dela. — Porquê eu?

—Tens o perfil profissional que procuramos.

—Há muitos candidatos?

Matt encolheu os ombros.

—És a dona, Victoria, podes entrar aqui e formar o teu próprio departamento se quiseses...

Ela levantou o queixo.

—Se me telefonaste por causa do meu pai... Matt, ele influenciou na decisão de me teres convocado aqui hoje?

Ele pareceu pensar na resposta e isso inquietou-a. Essa sensação só durou até que o Matt lhe dedicou um sorriso amável, encantador.

—Claro que não. —declarou. Ela levantou uma sobrancelha, num gesto de incredulidade. Ele continuou. — Recebemos pelo menos cem candidaturas, tu és a última pessoa que entrevisto esta semana. Além disso, pelo menos três pessoas, que estiveram numa conferência comigo em Tucson, falaram-me de ti e da tua famosa campanha da *L’Oreal*. Outra que fizeste *Cardigan* e *Chantile* —disse. Sentiu-se mal por lhe mentir. Ele, por orgulho, não teria gostado que alguém lhe desse um emprego no Texas, por exemplo, recomendado em segredo pelo nojento do seu padrasto. Manteve o sangue frio para diminuir a vontade de lhe contar a verdade. A sua lealdade era com o John. — Considero-te uma boa opção pelos teus méritos profissionais. Por isso, pedi que viesses.

A última frase soou fabulosa para a Victoria. Acreditou no Matthew e sentiu-se aliviada.

—Então, se o meu pai te tivesse pedido para me telefonares, tê-lo-ias feito?

Meu Deus, porque é que tinha de ser tão inquisitiva, perguntou-se Matt, disposto a mentir novamente, relutante.

—Há uma coisa que deves saber. No meu departamento, mando eu. Eu sou o director das contas VIP desta empresa. Sou responsável por 80% delas. O teu pai pode ser o dono, mas eu deciso quem trabalha comigo e quem não.

Essa declaração pareceu acalmar a Victoria, já que se voltou a acomodar no sofá. Internamente, Matt respirou de alívio.

—Quem é a concorrência para conta Harrington?

—*Butler & Partners*. Temos de trabalhar com eles na última etapa.

Ela sabia que era a agência que concorria sempre com a do pai. Seria como ver uma luta

no Coliseu Romano: todos se queriam salvar dos leões, mas só um conseguia. Um desafio emocionante.

—Como sei se consegui ou não o posto? —perguntou finalmente. Conforme com as explicações de Matt e a disfarçar a ansiedade que sentia.

—Se gostaste da oferta que te fiz, o posto é teu.

—Assim tão simples? —Levantou com surpresa as sobrancelhas.

Ele sorriu. Victoria sentiu um formigueiro a percorrer-lhe a pele. Um efeito curioso, porque depois do que aconteceu com Devon ela tinha tentado anestesiar as emoções mais básicas. «É a alegria de ter um emprego. Só é isso», tranquilizou-se.

—O teu currículo é amplo, insisto, e tens um ponto a teu favor: a especialidade em relações públicas. Já tomaste uma decisão ou preferes pensar durante uns dias? Ah, caso precisas de algum tempo para tomar uma decisão, eu não te posso dar mais de 24 horas, porque estamos cheios de trabalho e temos de avançar com os candidatos que possam integrar a equipa imediatamente. — continuou com o falso argumento.

«Oh, não.» Tinha de pagar a renda, os cartões de crédito e o empréstimo que fez ao banco para fazer frente aos gastos que teve ao fechar a agência.

Olhou para ele com determinação e um sorriso luminoso.

—Quando começo?

CAPÍTULO 2

Victoria vivia de forma modesta desde que a sua agência de publicidade, M&P, tinha fechado. Se não tivesse sido pela Chloe, de certeza que tinha voltado com a cabeça agachada para casa do pai a dizer-lhe que os seus planos de independência tinham fracassado.

Ela era lutadora, mas o que se passou com Devon tinha-a deixado muito mal a nível emocional. Parecia que os deuses do Olimpo ainda existiam, porque quando Chloe a viu em apuros, convidou-a para morar com ela e disse-lhe que não queria ouvir “nãos”. Victoria aceitou, mas com a condição da Chloe aceitar que ela pagasse metade da renda.

Porém, tinha de reconhecer que durante estes meses que moravam juntas, ela não tinha tido rendimentos fixos e, por isso, contribuía a conta gotas com o pagamento da renda. Chloe dizia-lhe que era uma tonta por se preocupar e que não queria o dinheiro dela. Para Victoria era uma questão de orgulho poder pagar a sua permanência em casa da amiga. Com o tempo, pensava em procurar um apartamento para ela.

Custava-lhe esquecer o que se passou quando o pai soube do acidente e a deixou consumir-se pela angústia, até que foi demasiado tarde. A relação tensa que mantinham, entristecia-a. Embora a fúria e a dor já tivessem passado, desculpá-lo ainda ia demorar, mas estava a tentar.

As pessoas costumavam dizer que os tempos do passado eram sempre os melhores. Talvez no seu caso tivessem sido assim. De facto, há alguns anos tudo lhe parecia diferente. A sua carreira profissional crescia, Devon tinha declarado a suas intenções de se casar com ela e tinham ficado noivos. E quando pensava que tudo ia no caminho certo, o destino jogou uma das suas cartas. Agora ia trabalhar para a empresa onde sempre disse que não trabalharia; teria como chefe o único homem que a via como qualquer coisa, menos mulher, e a pessoa com quem se ia casar estava no hospital. «Como será que tive tanta sorte?», perguntou-se com ironia, colocando os óculos e acelerando o *Chevrolet*, enquanto conduzia pelas ruas de São Francisco.

—Estás cegaaa? —gritou um condutor, pressionando com energia a buzina ao vê-la dubitativa no meio da rua com o semáforo verde aberto.

Ela fez-lhe um gesto com a mão para que se calasse, e depois colocou com tédio uma

mecha do cabelo atrás da orelha. Virou à direita até chegar a *Hayes Street*. Quando viu a casa de dois andares em tom malva, sorriu. Adorava a arquitetura vitoriana das chamadas *painted ladies*; as casas do quinto distrito onde vivia, *Western Addition*. Gostava de viver muito perto do parque *Alamo Square*, porque todas as manhãs ao acordar saía para correr por ali. Ao amanhecer, respirar o ar fresco e ouvir o canto dos passarinhos era fabuloso. Menos no inverno.

Durante algum tempo, algumas partes da zona foram consideradas de *hippie*, o que não surpreendia a Victoria, porque a Chloe tinha um espírito boémio e viver nesse precioso contexto tinha a cara dela. A amiga era pintora paisajista. Em casa o silêncio era primordial quando mergulhava numa criação. No caso da Victoria, aquela calma ajudava-a a manter-se sossegada, quando as recordações a atormentavam.

Victoria estacionou e subiu as escadas até à porta principal. Estava a tirar as chaves da mala quando uma voz a deteve.

—Olá! —exclamou o homem, aproximando-se rapidamente dela.

Virou-se. «Oh, não, Cameron outra vez», pensou farta.

Não é que não gostasse do vizinho. De facto, Cameron Douglas era um homem atrativo, e, segundo a Chloe lhe tinha contado, com êxito. Mas para a Chloe Reynolds todos tinham êxito e eram simpáticos, ou simplesmente boas pessoas.

«Nem imaginas como é giro, devias conhecê-lo», disse-lhe quando o descreveu. Ela riu-se, mas aceitou sair com ele. Dois encontros, um monólogo, quatro beijos e uma tentativa falhada de levá-la para a cama era tudo o que podia dizer do Cameron. Definitivamente, não era o tipo dela.

—Olá Cameron —devolveu o sorriso com esforço. — Não foste trabalhar hoje? — perguntou. Não explicava a sua presença a essa hora em casa, ele dizia que estava tão atolado de trabalho com o projeto municipal que tinha entre mãos.

—Tão gira como sempre —respondeu. Olhou-a com gosto. Desde a cabeça aos pés. Victoria detestava quando ele fazia isso. — Bem, hoje tirei um dia de folga. —sorriu —Estás com o teu lindo fato de executiva. —Irritava-a muito quando ele usava esse tom condescendente. Teria preferido não ter cometido a estupidez de lhe contar que estava desempregada. — Espero que desta vez tenhas tido sorte. Como foi?

—Deixei de fazer parte das estatísticas do desemprego dos Estados Unidos.

Ao ver o olhar de entusiasmo do Cameron, arrependeu-se de lhe ter contado. Já se via numa aborrecida conversa. Mas enganou-se. Quando ele abriu a boca, o panorama pintava pior.

—Que bom! Então, hoje vamos celebrar! —anunciou, abraçando-a. — Eu sabia que ias conseguir!

Victoria afastou-o. Não a estava a convidar, informava-a sobre isso. Quem é que pensava que era? Antes que lhe dizer alguma coisa, Cameron afastou-se a passos rápidos.

—Venho ter contigo às sete para irmos jantar —disse-lhe por cima do ombro, despedindo-se com a mão, sem lhe dar tempo para responder.

Victoria suspirou de um modo pouco feminino.

«Esta vai ser a última saída com o Cameron», decidiu firmemente. Ia mandá-lo passear, por mais que doesse à Chloe.

Subiu ao quarto, deixou a mala na poltrona vermelha e meteu-se na casa de banho. «Era o momento de se mimar com aromas e velas.»

As borbulhas envolveram a pele de cetim, acariciando cada poro e relaxando os músculos. Lavou com esmero o cabelo, deixando-o coberto numa espumosa bruma de rosas. Um maravilhoso adormecimento começou a invadi-la e, pouco a pouco, deixou-se levar até fechar por completo as pálpebras.

Entre as brumas do sonho, sentiu a água fria entrar pela pele, despertando-a da plácida inércia. Saiu a tremer e enrolou-se no robe. Ao abrir a porta da casa de banho encontrou o olhar contrariado da Chloe.

—Chloe? O que é que se passou? —perguntou preocupada. Avançou até ela e deu-lhe um abraço.

—Tori... despediram-me. —expressou, enquanto se sentavam em cima da cama.

—Quem? —Preocupou-se ao ver as lágrimas deslizarem ao longo do rosto moreno. — Quem é que te despediu? —insistiu, ao vê-la soluçar. Chloe costumava ser, particularmente, emocional.

—O empresário de quem te falei...

—Esse com quem me querias juntar?

Isso fez com que ganhasse um olhar de reprovação. Victoria susteve um sorriso.

—Agora já não quero. —comentou — Era um projecto pictórico maravilhoso. A vista de um recife de coral com golfinhos ao fundo e um casal em contrastes pretos e azuis. — explicou e gesticulou com as mãos. — Era romântico, exactamente o que ele queria. Até lhe pus um nome bonito: *O quadro do rio verde*. Disse-me que era o mais foleiro que tinha visto na vida, que queria algo masculino, entregou-me um cheque para pagar as duas semanas de trabalho e despediu-me.

—Oh... Bom, encontrarás outro projecto em muito menos tempo do que imaginas. Pagou-te o que te corresponde, certo? —Chloe assentiu, e depois olhou para ela fixamente. Victoria compreendeu e acrescentou: — Sim, sim, já sei. O dinheiro não te importa, o facto é que a tua obra está inacabada e não foi valorizada. Mas Chloe, pensa que há outros artistas que são defraudados ou que nem sequer conseguem contratos. Esquece o presunçoso que ficou com metade do teu quadro, ninguém vai ser capaz de enchê-lo. Olha, tenho uma boa notícia para ti. — sorriu-lhe com carinho.

—Ah, sim? Por exemplo, tu e o Cameron vão ser namorados? —perguntou na brincadeira.

Victoria pigarreou a rir-se. Chloe não conseguia estar muito tempo triste, não fazia parte da sua personalidade.

—Pois, não exactamente... —Olhou para ela com um olhar brilhante— Consegui um emprego!

—Isso é espectacular! Temos de celebrar! —exclamou com um sorriso genuíno.

—Vou poder pagar o que te devo —pisçou-lhe o olho.

—Tonta! Não me vais pagar nada. O que vais fazer é comprar uma garrafa de Dom Pérignon e celebramos juntas esta noite. O que achas?

—Chloe... hoje vou sair. —Contou-lhe a história com o Cameron, os encontros desastrosos e a pouca vontade de vê-lo.

—Uau...—respondeu Chloe, antes de se rir da cara circunspecta da Victoria. — Não te preocupes. Por mim não te cortes. Se é uma dor de cabeça para ti, manda-o passear... só sê simpática.

—Sim, claro. —resmungou Victoria— Porque é que não vens connosco?

—Amanhã tenho uma entrega. Por isso, prefiro que tragas o champanhe. Assim, brindamos a dobrar. Pelo teu novo trabalho e por eu finalizar um dos meus quadros. Ainda

bem que tens algo tão maravilhoso para celebrar. Mereces, Tori!

—Só é pena que seja uma saída pouco interessante.

—Despachas o Cameron, e depois deixas que eu te monte um plano romântico com um novo amigo que...

—Não, não. —sorriu Victoria ao interrompê-la. — Fazer de cúvido não é o teu melhor papel.

—Tori, —disse séria— já é tempo que aproveites mais a vida. Estou a falar a sério. Depois de hoje, tens de deixar no pasado a história com o Devon.

Durante um momento fugaz, uma sombra cobriu os olhos azuis da Victoria, antes de que a Chloe o notasse. A pintora abraçou a amiga, e depois foi para o estúdio terminar a paisagem em que estava a trabalhar.

Matthew ainda estava no escritório. Tal como preveu o dia tinha sido extenuante. Olhou para o relógio. «Genial... Dez da noite!». Há quase duas semanas que andava a sair perto da uma da manhã do escritório e das reuniões com clientes noutros pontos da cidade. Gostava do que fazia, mas realmente precisava de descansar. Pelo menos nesse dia podia sair mais cedo.

Apagou o computador e inclinou a cabeça para trás na cadeira reclinável. O silêncio era um bálsamo para a sua mente cansada. A reunião dessa manhã com a Victoria tinha-o posto um pouco nervoso, e isso não lhe costumava acontecer. Habitualmente, reagia e tinha a palavra correcta com os clientes, e com as mulheres era fantástico. Mas desta vez não se tratava de uma mulher qualquer.

Uma pena que o lindo olhar azul não reflectisse a alegria que pretendia demonstrar ao sorrir. «Talvez se devesse a algum fracasso amoroso, ou por o John estar doente. Será que ela sabia o que se estava a passar com o pai?»

Matt sabia que a relação entre pai e filha era distante há quase um ano. Quando uma vez perguntou ao John sobre isso, ele evitou responder. Matt achava que era impossível que a Victoria não soubesse que o pai tinha uma sentença médica a médio prazo. Este era um segredo que, obviamente, nunca iria contar. Não só para não trair a confiança do John, mas porque não lhe competia falar sobre isso. Desde que soube que a Victoria se independizou de John, não voltou a ter contacto pessoal com ela. O seu antigo professor, às vezes, falava sobre

a filha, mas nunca sobre temas pessoais. Embora, nos últimos meses, os comentários do John sobre a Victoria tivessem sido sempre melancólicos.

Tirou a gravata, desabotoou os dois botões superiores da camisa e deixou o sobretudo no cabide. O que precisava nesse momento era de tranquilidade.

Abriu uma Coca-Cola e quando ia beber, bateram à porta.

—Matt, vejo que ainda estás aqui—expressou Claire, aproximando-se.

—Pensei que fosse o único aqui. —disse baixinho, ao destapar a garrafa— Terminaste a tua parte do orçamento? —Não era infrequente que os empregados trabalhassem até de madrugada quando tinham datas de entrega muito justas. Aquele cenário costumava acontecer com frequência no departamento financeiro, principalmente porque se tratava de clientes especiais com muito investimento pelo meio.

Ela sorriu com vontade e entrou com passo grácil. Matt ponha-se em alerta quando a Claire fazia isso, porque era sinal problemas. Bebeu um pouco.

—Claro. Contudo, temos um inconveniente.

Os músculos do pescoço ficaram tensos.

—Dispara.

—Spring disse-me que não podemos trabalhar com o orçamento que pensámos inicialmente, e que devemos reduzi-lo 30%.

Matt terminou a bebida e lançou a garrafa ao caixote do lixo.

—Isso é impossível, para isso temos de contratar modelos com pouco estilo, já que são as que se cotizam a menor custo. Nunca trabalhámos assim. Não podemos fotografar desse modo. Vamos organizar-nos para ajustar isso. —Ele detestava quando Andrew Spring metia o nariz no orçamento. Infelizmente, já se tinha convertido em algo muito habitual. Não entendia porque o fazia, se no final era o cliente quem assumia esses gastos ao pagar a fatura.

Claire ponderou o que ia dizer de seguida. A subtileza não era o seu talento mais destacado, mas como tinha confiança com o Matthew isso não a preocupava muito.

—É verdade que vais contratar a filha do Marsden? —Sentou-se no sofá de Matt, enquanto ele a observava com cautela e com os braços cruzados. —Esta manhã vi-a sair do teu gabinete, mas passei o dia a ajustar números e a ler relatórios de estudos de mercado, que não tive tempo de conversar contigo sobre isto... Nunca a tinha visto no escritório, até hoje e

bom...

—Sim, vamos contratá-la —respondeu ao interromper a ladainha. Claire, dificilmente, deixava escapar algum pormenor. Era uma qualidade louvável para o trabalho, mas quando se tratava de temas pessoais chegava a ser um problema.

Tinham terminado a relação há uns anos, quando a apanhou a beijar e acariciar outro homem numa festa de ano novo. Não ficou chateado por a ter apanhado, porque não gostava dela, ambos sabiam disso, mas esse era o tipo de transgressão que não tolerava.

Matt era muito enfático no tema da fidelidade. Costumava auto denominar-se monógamo. «Monógamo com uma mulher distinta a cada três ou cinco meses», dizia com ironia. Deixava as coisas claras desde o princípio para não haver mal entendidos de nenhuma das partes. Com a Claire durou sete meses. Um lapso peculiarmente mais longo do que o habitual. Pelo menos depois da Rosalyn. A essa quantidade de tempo, ele atribuiu o facto de ter em comum com ela interesses profissionais e, ao contrário de outras moças com quem tinha saído, a conversa costumava ser mais estimulante.

Claire era uma excelente colaboradora e, por essa razão, continuavam a trabalhar juntos. Matt não ia perder um elemento importante da sua equipa profissional por um deslíz pessoal. Porque isso era o que a Claire tinha sido para ele. Um deslíz; um erro que durou demasiado tempo. Reconhecia que em geral era muito bonita, mas já não a desejava fisicamente.

—Porquê? —insistiu ela ao vê-lo pensativo. Aos olhos verdes amendoados nunca lhe escapavam nenhum pormenor. — Acho que temos a equipa completa. Para que é que necessitamos de mais uma pessoa?

—Claire, não tenho de discutir as minhas decisões sobre contratações e despedimentos com o grupo. O chefe sou eu. Por isso, decido eu o que se faz.

Olhou para ele incomodada.

—Ela vai trazer-nos problemas —disse, enfática.

—Não a conheces. Sabes que é a filha do John, mas para além disso, nada.

Claire encolheu os ombros.

—No mundo da publicidade, querido, correm muitos rumores. Se estivesses mais atento e se saíesses para te divertir, no lugar de só o fazeres por negócios, talvez soubesses que essa moça é explosiva e impulsiva. Tanto o é, que um dia, ela e o noivo armaram um espectáculo que saiu em todos os jornais na sessão de coscuvilhice. —«Noivo...?». De repente foi invadido

por algo estranho, que afastou de imediato. O que é que ele tinha a ver com isso? — Victoria humilhou em público Martha Perkins, enquanto a senhora almoçava tranquilamente com umas amigas. Isso aconteceu no restaurante mais popular da cidade há uns anos... Dizem que a sra. Perkins não quis revelar a identidade da mulher que a ofendeu, mas uma amiga minha estava ali e viu a Victoria. Talvez ela não saia muito nas revistas, mas qualquer um do mundo publicitário sabe que é a filha de John Marsden.

Martha Perkins era a dona de uma cadeia de supermercados muito popular na cidade. Numa ocasião, quis trabalhar com a agência, mas depois ficou tudo em águas de bacalhau, não chegou a haver acordo entre as partes.

—Uau —disse Matt. A verdade é que não sabia em quem se tinha convertido Victoria ao longo dos anos. Não queria saber das intrigas da Claire, nem das bisbilhotices da sociedade. Decidiu mudar de tema para assuntos profissionais:— Precisamos de alguém que possa fazer de ponte com Harrington. E Victoria Marsden tem uma especialidade em relações públicas. É perfeito para nós.

Claire sorriu desconfiada.

—Tens a certeza de que é só por isso? Assim sem mais, à primeira, decidiste que precisavas de alguém que soubesse de relações públicas para além de publicidade, e parece que é justamente a filha de John Marsden? —Não gostava da concorrência no seu próprio círculo, e menos por uma miúda herdeira que vinha de forma fácil ocupar um lugar na equipa.

Claire pôs-se de pé para se aproximar do Matt.

—Não quero ter complicações. —respondeu ele, ignorando a insinuação sexual que conhecia tão bem no olhar da Claire. Vestiu o casaco e guardou a gravata no bolso. — A Victoria está contratada e faz parte da equipa. Se te incomoda, podes apresentar a tua demissão, Claire, mas não vou permitir um mau ambiente no trabalho. Não vou voltar a falar sobre este assunto. Ou te ajustas, ou vais-te embora. —Falava muito a sério. Ele precisava de ganhar a conta Harrington, e queria ser promovido. Victoria, menos mal, estava capacitada para trabalhar na equipa, o que permitia que tudo fluísse no escritório. Não ia permitir que a Claire interferisse com ciúmes profissionais ridículos.

Claire olhou para ele, azeda e frustrada, porque tinha ido ao gabinete de Matt, não só com a intenção de obter algum pormenor extra sobre a nova contratação, mas porque tinha saudades de um bom amante. Matt não se comparava às suas aventuras habituais, e tinha

deixado a fasquia muito alta. Queria-o de volta, mas ele parecia não se dar conta das insinuações que ela fazia já há algum tempo. Tinha sido uma parva por querer ter relações com o Allan, quando estava com o Matthew. «Erros provocados pela tesão.» Matthew tinha solucionado aquele episódio tratando-a friamente. Do mesmo modo como atuava agora.

—Não há necessidade de ser radical. —sorriu coqueta e ignorou a dor de raiva que sentia pela ameaça de despedimento. — Sabes que sou uma profissional competente. Só tenta que essa menina saiba o que faz, não queremos cenas que nos façam perder uma conta importante como a de Harrington. Boa noite, Matt. —disse antes de se afastar e fechar a porta. Estava chateada. «Como é que se atrevia a falar com ela de forma tão clara quando graças a ela conseguiram fechar vários dos negócios mais importantes?», disse ao acender o *switch* do seu carro.

No silêncio do escritório, Matthew torceu o nariz. Não gostava da atitude da Claire. Se por acaso ela tentasse pôr em perigo os seus objectivos e os da empresa, não hesitaria em despedi-la. «A Claire ou a qualquer outro.»

Ao chegar a casa, Matt pressionou o botão das mensagens de *voice mail*. A primeira. A mãe dele. O *grande Heath* tinha-lhe comprado um carro novo. «É um carro maravilhoso... eu... Matt telefona-me quando puderes. Sou a tua mãe e já me desculpei pelo que se passou...» Beep. Beep. Fim da mensagem.

A segunda. A irmã Lilly junto com Dermont. «Querido irmão e cunhado, —agregou a voz masculina atrás— temos um anúncio importante para te fazer. Tantantantaaan... Vais ser tio pela segunda vez! Não te queríamos contar até saber o sexo do bebé. Um menino! Vá, telefona-nos, queremos festejar contigo! Dá folga ao ar-condicionado do escritório e vem ter connosco a Boston.» Ouviu-se uma gargalhada feminina. Dermont beijava Lilly e dizia-lhe que a amava. Beep. Beep. Fim da mensagem.

A irmã e o melhor amigo eram um casal que, com cinco anos de casamento, pareciam nunca sair de fase de namoro. Quando os via juntos, Matt quase duvidava da sua teoria de que essa devoção era uma farsa. A sua experiência com mulheres limitava-se ao prazer e não ao compromisso. O passado tinha-lhe tirado a confiança nas mulheres. Na única ocasião em que baixou as defesas, foi um fiasco. Rosalyn Brewster, a única mulher que pediu em casamento, abandonou-o para ir viver na Austrália. A prestigiosa dra. Brewster preferiu um pouco de marisco e peixes de Grande Barreira de Coral, a ele, de quem tinha dito estar profundamente

apaixonada e amar. E ele foi tão estúpido que acreditou. Já tinham passado quase quatro anos desde a rotura com Rosalyn.

Por outro lado, Matt estava muito contente por ter outro sobrinho, mas dava-lhe pânico ser pai. Não se tratava de um medo devido à ideia de, talvez, não ter como sustentar materialmente os filhos, tal como tinha acontecido com ele durante a infância. O seu receio ia mais além do dinheiro. O que lhe dava pavor era o tipo de pai que pudesse ser, porque na vida faltou-lhe uma imagem paterna permanente e positiva. Temia converter-se num agressor. Tinha 32 anos e nada o assustava mais do que a ideia da paternidade. Não estava preparado para lidar com isso. Simplesmente.

Durante a infância entendeu que a melhor maneira de combater era o álcool, e que as sovas e os insultos aliviavam a frustração. Custou-lhe muito aprender que isso era incorrecto. Com esforço conseguiu vencer os medos, mas foi um longo e complicado caminho.

As partes mais duras da infância eram quando a mãe, que abandonou os estudos universitários quando ele nasceu, não ganhava o suficiente a limpar casas e não conseguia manter o lar. Esse dinheiro, ao chegar ao bolso dela, era para comprar comida, mas o Heath tirava-lho para gastar em cervejas e cigarros. Então, Matt tinha de se desenrascar nas lojas do bairro para roubar. Viviam de forma deplorável. E a ele doía-lhe que a mãe aceitasse o que o padrasto fazia.

Agora que, passados anos, Heath utilizava a sua verborreia para vender gado e tinha uma avultada conta bancária, Matt esperava que a mãe vivesse melhor. Contudo, continuava a manter uma escassa comunicação com ela. Ele não conseguia entender como é que ela continuava ao lado de um homem como Heath, depois de saber das agressões a que submeteu os filhos e o modo descarado com que roubava o pouco que ela ganhava como empregada de limpeza. Como é que uma mulher podia preferir um homem que bateu brutalmente num filho dela, sendo ele apenas um menino até quase matá-lo, no lugar de preferir oferecer aos filhos um lar seguro? O ressentimento que tinha à mãe era uma ferida que não se cicatrizava.

Ele era o produto de uma viagem pessoal árdua. Em grande parte, agradecia à irmã, porque se não a tivesse salvo do padrasto, talvez estivesse morta e ele carregaria com uma culpa terrível às costas. Aprendeu a acalmar o carácter explosivo que tinha, mas mesmo assim não gostava de pôr à prova o próprio temperamento.

A primeira vez que teve consciencia do próprio carácter foi quando o seu sentido de proteção se triplicou ao ter de defender a honra da irmã. Isso aconteceu, anos atrás, quando

saiu bêbado de um bar. Já nem sequer se lembrava o motivo pelo qual celebrava ou lamentava, mas sim o muito que se odiou por se ter convertido num bêbado, mesmo que tivesse sido só por uma noite. Odiou-se por ter perdido o controlo. Bateu num amigo, cego pela fúria, quando ele fez um comentário vulgar sobre a Lilly. Simplesmente esqueceu-se que a palavra *brincadeira* existia, e mandou o amigo para o hospital.

Após esse dia, Dermont sugeriu-lhe que canalizasse o temperamento de outra forma. Dois dias depois de pensar seriamente na ideia inscreveu-se nas aulas de karate-do. O professor, Tanaka Shudan, tornou-se em guia e num amigo a quem devia muito.

Com disciplina e autocontrolo conseguiu, durante os anos até obter o cinturão negro, controlar o temperamento e convertê-lo numa determinação férrea. Canalizava a raiva com o exercício, todas as manhãs saía a correr.

Ele também aplicava a mesma firmeza no trabalho. No tempo livre costumava ir a Temple Ki, a escola do professor Tanaka, para pôr de lado os pensamentos que o atormentavam. Tudo deixava de existir, salvo os movimentos e a disciplina que praticava. Também ensinava gratuitamente os alunos recém chegados ao curso de defesa pessoal. Era a sua maneira de retribuir o que o professor Tanaka tinha feito por ele.

Aos sábados, quando ia treinar na escola, as aulas eram dedicadas exclusivamente a quem não podia pagar a quota mensal. Era uma convocatória gratuita. Numa das vezes que foi treinar conheceu Mandy Williams, uma moça simpática, mãe solteira e com uma conversa agradável. Mandy era mais nova do que ele um ano. O pai do Anthony, seu filho, abandonou-a quando o menino nasceu. Ela confessou-lhe que o Anthony estava contente com as aulas de karate-do. Também lhe contou que cozinhava muito bem e lamentou-se do salário baixo que recebia no local onde trabalhava. Matthew propôs-lhe que cozinhasse para ele todos os dias, exceto às sextas-feiras e aos fins de semana. Em troca, para além de lhe pagar um salário generoso também daria aulas personalizadas ao Anthony, nos dias em que não tivesse trabalho acumulado e pudesse ir treinar.

Há três anos que tinham este acordo.

Agora, sentado no banco do minibar da sua *penthouse*, Matthew bebia um gin-tonic. O cheiro a álcool antes dava-lhe repulsa porque lhe recordava a sua infância amarga, mas tinha aprendido a tolerá-lo, inclusive a saborear uma boa bebida sem se sentir culpado por isso. Com exatidão de quando andou à briga para defender a irmã. Não pensava que ia dar em alcoólico; ele tinha o poder de deter ou continuar os próprios actos. A terapeuta que consultou foi de

grande apoio.

Quando se ia servir outro prato de *spaguetti bolognese*, que Mandy lhe tinha deixado no frigorífico, o telemóvel começou a tocar.

—Estou. —Terminou de comer a carne.

—Olá amigo! —cumprimentou Roger, amigo de remos aos domingos de manhã e que conhecia desde a universidade. — Hoje é quinta-feira e o Scott quer ir a um bar que está na berra. Queres vir?

A verdade é que preferia dormir, mas uma saída com os amigos não ia mal. Talvez conhecesse alguém para um encontro ocasional e variava a rotina. «Uma fuga para o stress.» Já algum tempo que não estava com ninguém. Demasiado trabalho. Mal chegava a casa, via desporto, jantava, tomava banho e ia logo dormir. A conta Harrington causava-lhe tensão. Sair com a malta ia ser fantástico.

—Conta com isso. —Roger deu-lhe a morada. — Até já.

—Até já. —Desligaram do outro lado.

Com movimentos rápidos, Matt foi ao quarto, vestiu umas calças de ganga e uma camisa. Dez minutos mais tarde conduzia rumo ao bar.

CAPÍTULO 3

Victoria estava aborrecida, mas um bocadinho alegre pela bebida. Não sabia se bebia mais quando estava com Cameron, como método para se esquecer da presença dele, ou porque esse dia tinha sido especialmente tenso, ainda que com um aparente final feliz: um trabalho novo. Cameron olhava para ela com entusiasmo, e por alguma razão via no discreto decote da sua blusa bege, algo mais do que estava exposto à simples vista. Victoria quis atirar-lhe com os talheres à cabeça.

A música ambiente do restaurante mexicano era espanhola. O ritmo era contagiante, embora ela não entendesse a letra. A decoração, mesmo exagerada, não era desagradável. A comida era deliciosa. Victoria pediu um burrito, *snacks* e uma margarita. Cameron pediu chilaquiles.

Ele começou a contar-lhe sobre o novo *hobby* que tinha: a pesca. Claro que ela entendia tanto de pesca como de Wall Street. Dando voltas com o garfo à comida, assentia ou murmurava algum monossílabo, enquanto ele se estendia, movendo as mãos para pormenorizar cada explicação.

—Assim que... Qual é o teu veredicto final? —perguntou de repente Cameron. Ela tinha perdido metade da conversa. De facto, quase 90% e intencionalmente. Como não se ele era tão chato?

—Parece-me bem —respondeu. «Só esperava não estar a aceitar nenhum disparate de que viesse a arrepender-se.»

—Ótimo! Então, vou organizar tudo para irmos este sábado. Oh, tenho a certeza de que a minha mãe, já te falei dela, vai adorar receber-te na cabana—sorriu satisfeito.

«Mãe?!» Cameron podia ser um génio com os andaimes, os espaços e os beirais, mas com respeito aos assuntos femininos era uma calamidade total. Olhou para o relógio. Onze da noite.

—Bem, não faças planos Cameron. —expressou incomodada e cada vez com menos paciência.

—Isso podemos solucionar, querida Tori. —respondeu sorridente.

—Mas...

—Conta-me tudo sobre o teu novo emprego.

Com relutância, ela comentou-lhe um pouco sobre *Spring & Marsden*, mas rapidamente se deu conta que ele mexia inquieto no guardanapo, enquanto ela falava. Cameron tinha a intenção de retomar a palavra. E fê-lo.

Começou a falar sobre a construção de um parque novo. Ela já não o suportava mais. Era o momento de ser curta e grossa, ia-lhe dizer que não estava nos seus planos voltar a sair com ele. Pretendia destacar que só aceitou os convites dele por causa da Chloe.

Tossiu para limpar a garganta e disse:

—Ouve, Cameron, agradeço-te o jantar e a celebração. Contudo, já é o momento de te explicar uma coisa. Tu e eu não...

—Tori, —interrompeu novamente, nada de estranho vindo dele— vou ver o que é que aconteceu aos jalapeños que pedi. Estão a demorar muito. Volto já e assim terminas de me contar o que ias a dizer. —anunciou ao sair para realizar o seu objectivo.

«O que eu dava para que me dissesse que já nos íamos embora», pensou Victoria com frustração ao vê-lo afastar-se.

Matt não costumava acreditar em coincidências. No modo cínico que tinha para ver o mundo, as pessoas manipulavam as situações para adaptá-las ao que queriam e sair com a sua. Ele costumava fazê-lo. Contudo, nesse preciso momento podia dizer que a sua teoria estava ligeiramente errada. Pelo menos nessa noite.

Ao entrar no restaurante, o primeiro que os seus olhos viram foi a única mujer que ele rejeitou de uma maneira ofensiva há anos, e que nessa manhã tinha integrado à sua equipa de trabalho. «Quem era o idiota, com cara de anúncio publicitário barato, que estava com ela, que olhava para ela como se fosse uma apetitosa iguaria?»

Apesar da quantidade de gente à volta, os olhos de Matthew e Victoria fizeram contacto durante uns segundos. Como se tudo tivesse desaparecido. Ele sentiu uma conexão impactante, a tal nível que até a respiração se agitou. Engoliu em seco. Victoria estava preciosa. Tinha um rabo de cavalo informal e era impossível ignorar os olhos azuis dela. E aquela boca... Matt

decidiu desviar o contacto visual para se misturar entre as pessoas e ir até ao balcão. Não queria complicar a noite, nem ter tentações com algo que não devia desejar ter. A sua prioridade era a conta Harrington, mesmo que a sua libido não entendesse nada de assuntos publicitários. Não podia acreditar que depois de tantos anos coincidissem num restaurante precisamente com ela...

Ainda bem que a Victoria estava sentada quando o olhar de Matt cruzou com o dela, porque o impacto desses olhos enfraqueceu-lhe os joelhos e expandiu-se um formigueiro pela coluna vertebral. Agradeceu que Matthew tivesse quebrado o contacto visual para se misturar entre as pessoas. Se ele não o tivesse feito, talvez ela tivesse cometido o disparate de sorrir. Não queria complicações. Além disso, também não merecia estar com outro homem, não quando se sentia tão culpada pelo seu passado com o Devon.

Cameron estava-se a demorar, já tinham passado 20 minutos, pensou Victoria com impaciência. Acabou a margarita e começou, furiosa, a guardar os seus pertences na mala para se ir embora. O telemóvel tocou várias vezes. Ela ficou a olhar para o pequeno ecrã. «Cameron.» Era ridículo que lhe telefonasse, quando estavam no mesmo espaço físico. Contrariada atendeu.

Ele disse-lhe que enquanto pedia os jalapeños o tinham contactado do hospital, porque a mãe tinha caído, era necessário engessar-lhe o pé e ele já estava a caminho de lá.

—Desculpa, Tori, ainda nem é meia-noite, por isso podes ir para casa de autocarro. A paragem está a três quarteirões subindo a rua. É fácil de chegar. A conta está paga.

—És um completo imbecil, Cameron —soltou, antes de lhe desligar o telemóvel. «Que fosse sozinha para casa! Quem é que ele achava que era?» Levantou-se com mal humor e deixou gorjeta.

Tediosa dirigiu-se à saída. Passou pelo Matt, mas nem sequer olhou para ele. De qualquer forma, ele parecia entretido com uma mulher. A sua quota de tolerância ao género masculino já estava esgotada por essa noite. Se não houvesse tanto barulho, com a forma como bateu com a porta ao sair, teria-se ouvido a vibrar o vidro que separava a área do bar com a do restaurante.

Os amigos do Matthew foram quem olhou com um interesse significativo para as pernas torneadas da Victoria. Quando ele se deu conta de para onde apontavam os olhares descarados, observou-os farto. Ele ainda pensava em como ela estava bonita, como para assimilar que os

amiguinhos babassem dessa maneira. Com essa camisa plissada e a saia preta, Victoria era uma tentação disposta a enlouquecer qualquer um. Ele, claro, não era imune.

—O que é que estão a olhar? —perguntou aos amigos— É uma miúda —disse ao colocar uns amendoins na boca. Sentiu-se tão ridículo ao dizê-lo.

Nesse momento acabou a música em espanhol, y Freddy Mercury começou a cantar *Living on my own*.

—Para mim esta mulher tem um excelente par de pernas, não achas Roger? —disse Scott em tom de gozo.

—Tens razão, sim —aceitou o outro, contendo o riso ao ver a cara sombria de Matt, quem minutos antes lhes tinha contado que a filha do chefe estava no bar.

—Oh, por favor, comprem um jardim de infância —disse-lhes ao dar um gole na cerveja, enquanto os amigos riam às gargalhadas.

—Oh, parece que hoje saíste da empresa rabugento! —exclamou Scott Miller, um engenheiro informático que trabalhava para a Microsoft.

—Se calhar vinha-te bem sair com essa morena que mandaste passear há bocado. O que é que achas, Matt? Não lhe vais dar uma segunda oportunidade? —propôs Roger, ao olhar para o Scott, e depois outra vez para o Matt, com um gesto de brincadeira.

Riram-se às gargalhadas e brindaram com a cerveja.

Matt não gostou da brincadeira.

A voz de Freddy Mercury apagou-se para dar lugar a The Police com *Don't stand so close to me*.

—Anda lá, Matt, ri-te um pouco. Não foi para isso que saímos? —animou-o Scott, pedindo outra Budweiser ao empregado.

Elevando as garrafas de cerveja, beberam. Matt sorriu fixando o olhar numa mulher, cujo corpo se assemelhava a um relógio de areia. Quando a música mudou de novo, desta vez Sabrina com *Boys*, a desconhecida começou a aproximar-se dele.

—Oh, oh, oh —pronunciou Scott, comendo uma das azeitonas que estavam em cima do balcão— parece que é a noite do Matt, o que achas, Roger?

—A minha mulher matava-me se soubesse que fiz um comentário sobre alguma moça que não fosse ela.

Ambos se riram.

—Ainda não ouviste isso de que podes ver, mas não tocar? —respondeu Scott e depois bateu nas costas de Matt em sinal de apoio masculino, quando a beleza de olhos oliva, que estava a poucos passos de distância, sorriu coqueta.

Roger riu-se entre dentes. Só porque apreciava sinceramente o Matthew, já lhe tinha dado um conselho numa ocasião. Disse-lhe que tinha de romper as próprias barreiras emocionais. Como resposta, durante um mês, nas horas de remos aos domingos, recebeu rugidos em vez de palavras. De facto, esperava que algum dia o amigo pudesse viver a mesma felicidade que ele sentia com a mulher.

—Provavelmente à tua conveniência criaram tal estupidez. —teceu Matt, antes de se fixar na mulher que avançava até ele— Desapareçam, rapazes. —disse com um sorriso, quando a moça chegou perto dele. Olhou para ele coqueta e depois percorreu-lhe lentamente o antebraço com as unhas pintadas de vermelho.

Roger e Scott encolheram os ombros e depois desinteressaram-se da cena. Parecia que o amigo precisava de um pouco de distração. Quem eram eles para impedir isso?

Victoria ouvia o som das buzinas dos carros ao longe enquanto caminhava. O murmúrio das pessoas que abriam e fechavam a porta do bar – restaurante mexicano ainda chegava até ela. Acelerou o passo ao mesmo tempo que insultava mentalmente Cameron. Os sapatos de salto alto ressoavam à medida que se afastava do local. «Pelo menos a comida estava boa», pensou entre um insulto e outro.

Ainda se ouvia o eco da música quando tropeçou no próprio pé. Um par de braços firmes seguraram-na. Com o impacto levantou a cabeça de golpe.

Ficou sem ar ao ver a violência no rosto de quem se encontrou.

—O que é que faz um mimo como tu sozinha nesta rua, eh? —O cheiro a álcool e a tabaco que aquele homem emanava deu-lhe nojo. Mas não tanto como as mãos que se fechavam como ganchos de carregamento pesado nos braços dela. —. Olha, princesa, evitei que caíesses.

Victoria olhou para trás.

Só tinha percorrido um quarteirão e meio. Embora as pessoas estivessem um bocado longe se gritasse podiam vir em seu auxílio. «Viriam?», perguntou a si mesma, e entrou em pânico, porque a resposta não era otimista. Tentou que ele não notasse o medo que ela sentia.

—Larga-me —pediu com uma calma que não tinha. O homem que estava em frente dela era mais alto pelo menos duas cabeças, e a constituição física intimidava-a. Parecia um gladiador da época de Júlio César, mas daqueles pérfidos, sem alma.

Tentou gritar, mas ele colocou-lhe a mão sudada na boca, antecipando-se à reação dela. Inclinou-se até deixar aquela boca repugnante perto da orelha dela. Ela teve vontade de vomitar. A mala caiu ao chão.

—Não, não, boazona. —murmurou-lhe ao ouvido, enquanto a segurava com força— Vamos divertir-nos um bocadinho. Vestiste-te de forma tão provocadora, achas que não reparei nisso, certo? —Aproveitou ser corpulento para levantá-la indefesa e colocá-la contra a parede de tijolo, assim do bar não a podiam ver— Mmm... que mamas tão boas. —Pôs a mão livre sobre elas e apertou-as com tanta força que sentiu dor.

Ela gritou.

Desesperada, começou a mexer-se como uma louca e a dar-lhe pontapés, enquanto que o homem do cabelo comprido e cheiro horroroso lhe tentava tirar a saia. Victoria viu passar pela mente uma data de imagens. Devon, pensava no Devon. Se pelo menos pudesse estar ali com ela, salvá-la e abraçá-la.

Gritou, gritou e gritou. «Será que estava a gritar dentro da própria cabeça e as palavras não lhe saíam do corpo?», pensou desesperada, porque lutava contra essa massa de músculos e gordura de modo desesperado, e continuava presa a ele. Tinha a esperança que alguém que estivesse fora do bar passasse por ela e a encontrasse. Deu pontapés, cotovoladas, removeu-se, mas nada disso impediu o gigante que tinha em cima de lhe largar a blusa plissada que levava vestida.

As lágrimas deslizavam pela cara. «Que forma horrível de acabar esse dia», disse a si mesma com dor. Com um pontapé conseguiu afastar um pouco o atacante. Uma vitória fugaz. O ar da noite meteu-se-lhe nos poros, mas não tanto como o terror que sentia nesse momento. Não conseguia ver com clareza o rosto do agressor, e menos tentar lembrar-se de quando o teve perto antes da agarrar. As sombras só se rompiam pelo brilho do candeeiro que estava em frente do passeio. «Oh, meu Deus, não deixes que isto me aconteça», implorou em silêncio.

Com as unhas arranhava a pele de quem lhe oprimia o corpo contra a parede dura.

—Maldita cadela provocadora —rosnou, dando-lhe uma bofetada quando ela estava a ponto de se escapar.

Atordoada pelo golpe, e pelo cheiro nojento que emanava o homem, mal notou quando por fim se libertou da nauseabunda pressão. Respirou fundo várias vezes e sentiu o sabor metálico do sangue nos lábios. Aquele bastardo tinha-a magoado.

As lágrimas deslizavam pela cara a jorros. Foi invadida por uma mistura de desespero, impotência e raiva. Tentou arranjar a roupa. Respirava de forma agitada sem se dar conta de nada que não fosse a sensação de estar livre de perigo. Tentou correr, mas as pernas não respondiam. Tremiam. Caiu no passeio a soluçar e a abraçar-se a ela mesma.

Matt saiu do bar para acompanhar a escultural moça que se tinha oferecido para passar uma noite entretida de sexo. Quando estava a ponto de beijá-la, o vento abriu-lhe os sentidos e ouviu o grito afogado de uma mulher. Ao princípio, pensou que talvez fosse alguém do bar a discutir por nada. Depois, forçou os sentidos quando o alarido se repetiu. O queixume parecia desesperado e angustiado. Não era uma mera discussão. Ao virar a cabeça para a direção de onde vinham os gritos, viu uma perna feminina a desaparecer para uma ruela.

—Olha! Aonde vais? —perguntou a que podia ter sido a amante de Matthew nessa noite. — Não me podes deixar aqui... —gritou ao vê-lo afastar-se.

Ele não respondeu. Deixou-a de lado sem explicações e seguiu o barulho. Correu, surpreendido pelas outras pessoas ignorarem os gritos de alguém que, evidentemente, estava em apuros.

Aproximou-se o mais depressa que as pernas deixaram.

Matt balançou-se em cima do bastardo que estava a atacar a mulher. Não lhe importou saber quem era a vítima. Só precisava de acabar com esse porco e impedir que a magoasse mais do que seguramente já tinha feito. Ela agora soluçava junto à vereda e tentava tapar-se com os vestígios do que antes tinha sido uma blusa. O cabelo tapava-lhe a cara e abraçava-se a ela mesma. Ver essa moça naquele estado aumentou a fúria dele e voltou a bater com mais força no corpo hediondo que tinha entre mãos. Um manto vermelho de fúria velou-lhe o olhar.

Com um movimento ágil tombou o homem e bateu-lhe o suficiente para que ficasse caído

no chão. O cheiro repugnante a bebida e tabaco, o mesmo que costumava ter Heath, perturbou-lhe os sentidos por completo. Esteve a ponto de matá-lo, depois de lhe bater uma e outra vez.

Dar-se conta de que tinha perdido completamente os nervos fê-lo respirar profundamente. Ao ver o sangue na sobrancelha, na boca e notar que faltava um dente àquele desgraçado, alegrou-o. Deu-lhe um pontapé e sentiu-se satisfeito por vê-lo contorcer-se com dores. Limpou os nós das mãos às calças de ganga e tentou acalmar-se. A adrenalina e a raiva percorriam-lhe as veias como um veneno.

—Matt... Matthew... deixa-o —disse uma voz trêmula nas suas costas. Ele respirava agitado, observando o corpo inconsciente do homem caído no chão. — Não vale a pena... não vale a pena que sujes as mãos... deixa-o... —murmurou a voz.

Ele virou-se. Um sentimento de proteção e preocupação invadiu-o com a forma de um furacão. «Não, Victoria, não. Meu Deus». Ficou petrificado ao vê-la. Ficou branco e o coração acelerou-se pela preocupação.

Sem pensar duas vezes agachou-se ao lado dela. Afastou-lhe os cabelos despenteados do rosto e cobriu-lhe a cara com as mãos, examinando os danos. O lábio inferior tinha um corte pouco grave e um golpe na bochecha. Alguns rasgões na blusa tapavam-lhe os ombros. A saia estava fora do sítio e tremia como um pudim flan. A ira apoderou-se dele e esteve a ponto de voltar a bater no delinquente, mas a Victoria começou a soluçar e agarrou-se a ele, ocultando o rosto no pescoço dele. Abraçou-a com força, murmurando-lhe palavras de calma, ao mesmo tempo que ela se desfazia num pranto e ele tentava manter-se sereno.

—Sihhh, —acariciou-lhe os cabelos— já passou. Estás a salvo, Victoria. Chora tudo o que precisares —murmurou, e com a mão livre procurava o telemóvel para telefonar à polícia.

Os agentes chegaram imediatamente.

Matthew manteve sempre a Victoria encostada ao peito dele e não a abandonou enquanto os polícias lhe fizeram perguntas. Os agentes da autoridade levantaram o corpo do atacante, que só dizia disparates, e levaram-no para o posto.

Matt também acompanhou a Victoria até ao posto da polícia.

As formalidades administrativas para a denúncia foram uma confusão. Outros infratores, bêbados, drogados e vândalos que tinham cometido desaforos, circulavam seguidos por agentes da ordem, que os custodiavam para tratar dos passos pertinentes de cada caso.

—Victoria, ouve-me. —O casaco que levava nesse noite utilizou-o para a tapar.

Acariciou-lhe com delicadeza o rosto e olhou para ela, transmitindo-lhe uma calma que ele não sentia. Estava furioso. — Sei que isto é difícil, mas tens de fazer uma queixa e assiná-la. É o único modo para que façam alguma coisa contra esta escória, entendes? —perguntou com doçura.

Ainda a tremer, mas muito menos do que uma hora antes, ela assentiu.

—Boa menina. Vou ficar aqui o tempo que fizer falta. Antes, quero perguntar-te uma coisa —disse. Apertou os dentes, coitado desse bastardo se a tivesse magoado mais além das sequelas físicas que ele observava nesse momento—. Ele...? Ele chegou a...? —«Merda! Não podia fazer essa pergunta coerentemente. Só de pensar no que podia ter acontecido...».

Ela pareceu entender o que ele tentava perguntar.

—Não, Matt. Ele não foi mais além do que vês... Não me violou.

Ele respirou aliviado. Victoria apertou-lhe a mão e olhou para ele com uma expressão de desamparo, que quase acabava com o objectivo férreo do Matt de não matar o agressor à porrada, mesmo estando num posto da polícia, e terminar numa cela.

Segundo o que a polícia informou durante o processo, o suspeito chamava-se Jason Pillot. Era a segunda vez que chegava ao posto pela mesma ofensa, mas a vítima anterior não quis apresentar nenhuma queixa, embora tenha tido menos sorte do que Victoria.

Pillot, de acordo com o agente, costumava rondar por essas ruas drogado ou bêbado, e às vezes cometia algum vandalismo. Já o tinham condenado por posse ilegal de drogas, mas o advogado dele foi demasiado astuto e conseguiu que ele saísse em liberdade condicional com bastante rapidez. Só tinha passado um mês atrás das grades. Agora que tinha transgredido essa liberdade, o agente garantiu ao Matt que Jason Pillot voltava à prisão.

Victoria permaneceu num absoluto silêncio quando terminaram todos as formalidades.

—Já acabámos, vamo-nos embora? —perguntou Matt. Ela assentiu. —. O teu amigo do bar...? —perguntou enquanto a guiava até ao carro. Tinha posto o braço por cima dos ombros dela, agarrando-a a ele, como se tivesse medo de que ela caísse.

Ela sentiu-se resguardada e protegida nos braços do Matthew. Tinha-a defendido. Tinha-a salvo. Nunca lhe poderia agradecer o suficiente.

—Ele não é meu amigo. —Contou-lhe brevemente a estranha relação com o Cameron. — E... não... não está no bar...

—Sinto-me contente por ele não estar por perto —disse. Queria continuar a interrogá-la sobre isso, mas não a desejava pressionar. Como é que um homem permitia que uma mulher, que tinha convidado a sair, fosse sozinha para casa? Pelo menos podia tê-la acompanhado a pedir um táxi.

Entraram no Cadillac Escalade do Matt e puseram os cintos de segurança.

—Victoria, vou levar-te para a minha casa. Não posso deixar que fiques assim —disse, enquanto conduzia pelas ruas da cidade.

—Quero ir para a minha. Ouve, a minha colega de casa, Chloe, vai ficar muito preocupada...

—Telefona-lhe e já está. —interrompeu-a suavemente— Além disso, acho que a tua amiga vai preferir saber que estás bem a ver-te nesse estado —argumentou com firmeza. O que a Tori precisava era de se acalmar. Ele, pelo menos, já tinha acalmado a fúria cega que o tinha invadido antes. Era a primeira vez em muitos anos que perdia o controlo dessa maneira, mas sabia que era uma situação extrema.

—Matt, não é preciso. *Por favor, não é preciso.* Agradeço-te que me tenhas salvado... Devo-te muito... Já vejo o que fazer quando voltar a casa —disse com um fiozinho de voz, que só conseguiu que ele sentisse remorsos por não ter batido mais naquele bastardo. Não a ia deixar sozinha.

—Não falemos mais sobre isso. Vens para a minha casa até que estejas mais calma. Tenho de fazer isso pelo John. É o mínimo que posso fazer. Porra! A vítima podia ter sido a minha irmã Lilly. Isto é o que eu espero que outro fizesse por ela.

«Claro, ela era como uma irmã para ele», lembrou Victoria.

—Matt... —não queria que ninguém tivesse pena dela. Sentia-se destroçada, angustiada e insegura, mas não queria compaixão. Só descansar.

—Tori —interrompeu-a com autoridade, embora a voz tivesse um matiz suave e profundo. Ela olhou para o perfil de Matthew. Era a primeira vez que a chamava dessa maneira, e gostou que o fizesse.— Não há nada a discutir —decidiu ele. Esticou a mão direita, segurando o volante com a esquerda e apertou a mão de Victoria, tentando pedir-lhe que confiasse nele.

Ela suspirou.

—De acordo...

—Bem —sorriu satisfeito.

Matt acelerou e conduziu até à *penthouse* dele, que estava localizada perto da baía de São Francisco. Durante o trajeto, as lembranças de Matt sobre a sua atribulada infância e juventude bateram-lhe como uma forte ondulação.

Na rádio passava uma canção *country* de tempos antigos. Victoria ia sonolenta no assento do co-piloto.

O que tinha acontecido à Victoria assemelhava-se a uma experiência que tinha tido há algum tempo, quando levou uma sova que lhe deixou várias cicatrizes, por tentar defender a irmã do Heath. Claro que não se arrependia, tinha salvo a Lilly.

Naquela altura devia ter cerca de 15 anos. Voltava do supermercado, onde tinha ido comprar leite e vários cereais. Pôde pagar as compras com o dinheiro que a mãe conseguiu esconder de Heath. Ao chegar a casa, deixou o saco das compras no degrau da porta e tocou à campainha. Ninguém abriu. Então, usou o método que às vezes utilizava: subiu por uma trepadeira que dava ao seu quarto. Quando entrou ficou estático. Heath levantava a mão à Lilly, estava prestes a bater-lhe. Instintivamente, atirou-se para cima do padrasto.

Heath, surpreendido por um esquelético rapazinho adolescente, atirou-se a ele com a mesma força que pretendia bater na filha da mulher. Com o alarido, Lilly fugiu à procura da mãe, mas era inútil, porque Monique estava no outro lado da cidade a limpar uma das casas onde trabalhava.

O primeiro murro do Heath foi em cheio no rosto do Matt. Indignado e colérico, ele não se amedrontou e devolveu-se todos os murros com mais força, aproveitando-se que Heath estava bêbado. Lamentavelmente, os quilos a mais e a altura do padrasto magoavam mais do que o ímpeto dele. Recebeu uma sova que lhe partiu o pulso. Não satisfeito com esse golpe, o marido da Monique agarrou numa correia e deu com ela nas costas jovens e carentes de músculos. Apesar dos gritos de raiva que saíam com força da garganta do Matt, mais do que a dor por se ver e impotente enquanto era sovado, nenhum vizinho foi ver o que estava a acontecer. Era um bairro pobre, mas todos sabiam quem era quem. Matthew sentia a raiva e o ódio a corroer-lhe as entranhas.

—O que é que pensaste, estúpido? Aguento-te a ti e à torpe da tua irmã só pela Monique. E a estúpida nunca —deu uma chicotada perto da orelha de Matt— está quando preciso dela.

—Cobarde —conseguiu murmurar Matt antes de receber outra chicotada.

—Nunca te atrevas a tentar nada contra mim. Entendeste, escória?

Ele não respondeu.

Outra chicotada.

Matt parou de se mexer, porque com a dor ficou quase inerte em cima da cama.

—Fraquinho... —ouviu o Heath murmurar ao ver que as chicotadas não serviam de nada para o fazer reagir. Parecia que ele gostava quando o Matt lhe devolvia os golpes e os insultos, mas até esse dia nunca lhe tinha batido de maneira tão selvagem.

Matt sentia uma intensa dor no pulso, como se lho tivessem arrancado. Tinha quase a certeza de que tinha as costas em carne viva. Enquanto pensava como raio se ia levantar da cama, ouviu mais insultos e o som da porta da casa a fechar-se.

Durante vários segundos só esteve ele e a dor lancinante do corpo dele.

—Matt...? —perguntou Lilly com voz chorosa quando chegou ao lado dele. — Matt, desculpa... — Tocou-lhe com um dedo nas costas e só isso fez com que ele gritasse de dor.— Oh, Matt... vou telefonar para as emergências. Desculpa... desculpa...

—A culpa não é tua. Anda... telefona à mãe, Lilly... procura o número dela na lista telefónica... hoje ia para a casa da família Dreyfus... —disse-lhe com um fio de voz, antes de perder o conhecimento.

Quando a mãe foi ao hospital, uma das coisas que o Matt mais detestou, foi ela ter tido a ousadia de culpá-lo pelo ocorrido. E ao ver a mão dele engessada, a cara marcada e os olhos injectados pelo choro, frustração e raiva, disse-lhe que talvez se tivesse portado mal com o padrasto e que devia aprender a gostar dele. Nesse dia, o pouco efeto que ainda tinha pela mãe, desapareceu.

Graças à proteção da camisa e ao leve casaco que tinha vestido no dia da sova, Matt não sofreu demasiados danos. Pelo menos não danos físicos irreparáveis, porque as marcas psicológicas já eram outra história. O médico explicou-lhe que ia ficar com algumas cicatrizes nas costas, porque a fivela do cinto tinha dilacerado a pele profundamente em algumas zonas.

Monique ficou com ele no hospital, até que o sedativo para as dores fizesse efeito. Esteve internado três dias. A irmã não saía do lado dele. Matt preferia ter cicatrizes, no lugar da inocente moça assustada, a quem amava tanto, ter de viver com um trauma físico e

emocional.

Depois do incidente, as coisas em casa não mudaram para o Matt, porque a mãe insistia em justificar as atitudes de Heath. Para não aguentar esse tipo de disparates fugiu com a Lilly para casa da avó Edna. Ela recebeu-os, ajudou-os e fez-se cargo das despesas. O padrasto não foi para a prisão, porque Monique se negou a apresentar queixa e ameaçava-os se se atrevessem a fazê-lo. Para Matt aquela era uma relação doentia.

Quando a mãe os foi ver, Edna permitiu a visita. Lilly, dona de um coração sempre tão generoso, perdoou Monique, quem lhe oferecia um carinho que Matthew nunca lhe poderia dar. A mãe parecia não entender a gravidade do sucedido, não estava disposta a deixar o Heath. Aquela co-dependência era algo que nem a avó Edna entendia.

Com o passar dos meses cada vez viram menos vezes a Monique. Matthew ficou contente quando a avó lhe contou que a mãe e o Heath tinham ido viver para o Texas.

Desde que a avó os recebeu, não teve de voltar a roubar para comer. Foi à escola e não faltou às aulas, porque agora tinha cadernos limpos e Heath já não lhe rasgava em pedacinhos os deveres que lhe tinham custado uma noite inteira terminar. A vida dele melhorou bastante. Quando acabou a secundária e conseguiu a bolsa para a universidade, começou a trabalhar fazendo pequenos mandados, enquanto Lilly terminava a secundária.

Ele pagava o que podia com o salário de distribuidor de pizzas: o autocarro, parte da comida, alguma peça de roupa. Para poupar em casa, ajudava a avó a tratar do jardim, de alguma cerca estragada, até aprendeu de canalização para evitar essa despesa.

Quando entrou na universidade conheceu John Marsden, quem o ajudou e falava com ele. Aconselhou-o. Graças a ele, a ideia que tinha do que um bom pai podia ser melhorou bastante. John não só o apoiou a ver o potencial que tinha, patrocinando-lhe recomendações de cursos para que não tivesse que gastar nada, como também lhe abriu as portas de casa. Matt ouvia com atenção os conselhos, tanto a nível pessoal como profissional. Quando lhe propôs fazer parte de *Spring & Marsden*, sentiu-se verdadeiramente honrado.

Foi numa dessas idas e vindas à casa de John que conheceu a Victoria. Era uma menina muito inteligente, curiosa e espontânea. Os sonhos de ter o seu próprio negócio ou de ampliar os do pai eram temas frequentes. Em alguma ocasião, John também convidou a Lilly para comer. A irmã era mais velha do que a Victoria uns dois anos. Nessa altura, ambas eram amigas, embora não se encontrassem sempre, só quando John convidava a Lilly para comer ou

quando se organizava alguma festa importante em casa dos Marsden.

Quando a Victoria cresceu, Matt observou a passagem de menina a adolescente. Naquela época só a via como uma amiga. Até ao dia em que ela fez 17 anos. Mesmo com aquele horrível vestido, que lhe escondia as curvas, ele sabia bem que as tinha... Naquela noite de festa, decepcionar a Victoria não foi tão fácil, porque nesse dia tinha as hormonas aos saltos, mas não se podia aproveitar de uma miúda tão doce para ter sexo casual, tal como costumava ter com a Charlotte... ou com qualquer outra mulher disponível. Ela era terreno proibido, principalmente, porque a Victoria o deslumbrava e ele tinha de se autocontrolar para não fazer nada, com a agravante de ela ser menor de idade. Não queria problemas. Ele lembrava-se sempre que a carreira profissional com o John Marsden era o mais importante. Era a sua prioridade, ponto final.

Embora, quando tenha recebido o cândido beijo da Victoria, sim, que esteve a ponto de retribuí-lo. Nunca antes tinha sido beijado com essa inocência e entrega. A sua vida tinha estado sempre poluída por mulheres, que pouco ou nada, sabiam de pureza. Não podia roubar isso à Victoria.

A canção *country* chegou ao fim na estação de rádio do carro dele, trazendo-o ao presente com o último acorde da guitarra.

Parou o carro e descontraíu-se contra o assento de couro.

Apagou a rádio e virou a cabeça para olhar para a Victoria. Dormia profundamente. Matt contemplou-a durante um longo instante, estudando os traços elegantes e delicados do lindo rosto. Conteve a raiva ao reparar nas leves marcas, mas tinha a certeza que iam desaparecer em poucos dias. Desceu do Cadillac e rodeou-o para abrir a porta do co-piloto. Sem grande esforço, agarrou-a ao colo, sentindo aquele corpo quente encostar-se ao dele, e levou-a para o elevador que os levaria à *penthouse*.

CAPÍTULO 4

Victoria sentiu o conforto do colchão debaixo do corpo. Mexeu-se um pouco. Abriu paulatinamente os olhos. A luz estava acesa e parpadeou até que as pupilas se acostumassem. O quarto, claro, não era o dela. Seria a casa do Cameron? Tinha tido relações com ele? Dava voltas à cabeça com tantas perguntas.

De repente sentou-se. E foi como se subitamente se tivesse ativado um interruptor na memória. O ataque na rua ao sair do bar inundou-lhe a mente como uma substância venenosa. Levou a mão à garganta para sufocar um gemido. Não queria voltar a sentir o terror que sentiu umas horas antes nunca mais na vida.

Saiu de entre os lençóis, pondo-se de pé. Olhou para ela mesma.

Vestia uma roupa de dormir masculina. «Matthew...» Não tinha acontecido nada entre eles, de isso estava certa. O que a surpreendia era não se lembrar de vestir aquilo. Sentiu-se um pouco incômoda pela ideia de ele o ter feito. Tocou no tecido do pijama. Não tinha sentido ter vergonha, pensou, antes de começar a dar voltas no quarto.

A cama era um conjunto muito simpático de mogno e bege com duas mesinhas de cabeceira a cada lado. O chão estava coberto por um tapete enorme. Aproximou-se para abrir uma porta. A casa de banho. Aquele era um espaço masculino e simples. Uma sanita preta com um lavatório de mármore a condizer negra, a metade das paredes havia um desenho preto e branco, que em conjunto representava um lindo desenho de uma fénix. Tudo era requinte.

Voltou para o quarto e foi até ao armário. Silenciosamente abriu-o para bisbilhotar o interior. Tocou em todas as camisas e cheirou o cheiro a limpo. Cheirava a madeira, a menta e a Matt. Virou-se quando ouviu que ele se aproximava dela. Inevitavelmente sentiu-se uma intrometida.

—Não estava...—começou a justificar-se, mas ele não deu importância ao que ela ia dizer, negando com a cabeça.

—Victoria, como é que te sentes? —perguntou o Matthew, pondo-lhe a mão no ombro com evidente preocupação. — Não devias estar de pé. Tens de descansar —expressou com a mesma voz firme com que lhe tinha dito para ficar na casa dele.

—Oh... eu estou melhor, obrigada. —Sentia-se profundamente agradecida a ele.

—Trouxe-te uma infusão. Não sabia se já tinhas acordado. Ia deixá-la em cima de mesinha de cabeceira, mas aqui a tens. —Entregou-lhe a taça. Ela olhou para ele com cordialidade.

—Matt...—deu um gole. «Mmm delicioso».— Esta não é uma infusão comercial, nunca tinha provado algo tão bom —disse-lhe, enquanto bebia mais um pouco.

—A minha avó Edna fazia com plantas naturais. Costumava dar-nos quando estávamos inquietos. Acalmá-va-nos. Pensei que também te pudesse ajudar.

Victoria assentiu, dando outro gole.

—Obrigada, Matt, está muito bom. A tua avó vive por estes lados?

—Morreu há dois anos...

—Oh, desculpa. —Ele dedicou-lhe um meio sorriso e agradeceu.— Este é o teu quarto? —perguntou com timidez com a boca encostada à taça. Era uma pergunta retórica, mas sentia-se um bocado intimidada por ele. A situação era totalmente surreal.

—Sim, não estás confortável? —Estava convencido de que se a situação tivesse sido com qualquer outra mulher, não a teria levado para casa, e menos para o quarto, porque era um espaço muito seu, privado. Com as amantes, ele costumava ir para casa delas, assim podia ir-se embora na manhã seguinte sem qualquer tipo de remorsos nem ter conversas pós coito incómodas. «Com a Victoria faço-o por agradecimento ao John», pensou. E convenceu-se que dizia a verdade. «Porque era assim.» Victoria agora estava vestida com a camisa *dele*, ficava-lhe pelos joelhos, e tinha dormido na cama *dele*. Preferia olhar para ela nos olhos, porque a lembrança de lhe ter tirado a roupa rasgada, fervia-o de fúria pelo modo como tinha sido atacada.— Podes ficar no quarto de convidados, se não...

—Não, não —apressou-se a dizer ela— Estou muito confortável aqui. — Pousou a taça e agarrou-lhe na mão. Olhou para ele com gratidão.— A sério, obrigada.

A sensação de proteção que sentiu quando a Victoria olhou para ele com aqueles olhos azuis tão cálidos, quase que o levou à perdição. Quis abraçá-la até ter a certeza de que ela estivesse bem de todo. Notou que o marca do rosto já tinha adquirido um tom mais escuro, o lábio estava ligeiramente inchado, embora não sangrasse. Matt apertou os punhos.

—Não me agradeças, foi uma sorte ter chegado a tempo.

—Eu sei... —sussurrou Victoria, sentindo um leve tremor ao imaginar o que teria sido dela se Matthew não tivesse aparecido.

Ela largou-lhe a mão e voltou a beber a infusão para acabá-la. Matt estava descalço, com umas calças de pijama e uma blusa branca sem mangas. Um corpo atlético, sem dúvida, pensou ela. O ar-condicionado refrescava o quarto.

Victoria aproximou-se da cama e sentou-se à beira do colchão.

«Que pés tão sexys», apreciou ela em silêncio quando o Matt lhe tirou a taça das mãos para a pousar na mesinha de cabeceira. A Victoria nunca lhe tinha passado pela cabeça que os pés de um homem pudessem ser tão sexys. Os dele eram, sem dúvida: varonis e proporcionados. Levantou o olhar, devagar, percorrendo-lhe o corpo até chegar aos olhos verdes. Ele deu-se conta, porque sorria para ela desse modo tão adorável que sempre a cativou. Não conseguiu evitar corar.

—Apetece-te comer alguma coisa? —perguntou solícito.

—A verdade é que não tenho fome. —A sensação de estar a salvo era maravilhosa nesse momento. A tensão já tinha desaparecido, mas não queria ficar sozinha.

Matt sentou-se ao lado dela. Com cuidado, como se a compreendesse, pôs o braço em cima dos ombros dela e aproximou-a. Nos braços dele sentiu-se reconfortada.

—Não te preocupes, OK? —disse, transmitindo-lhe confiança. — Já passou. Estás a salvo.

Ela assentiu no ombro dele, apoiando-se. Respirou o cheiro dele. Perguntava-se se seria possível engarrafar um aroma tão masculino como o do Matthew.

—Porque saíste sozinha? O que se passou exactamente com a pessoa com quem estavas? —pediu, sem demonstrar estar chateado com o que tinha acontecido.

Levantou o rosto para olhar para ele.

—Eu... isto —entrelaçou os dedos no regaço— Cameron teve de ir resolver um assunto da mãe...

Ao ver que Matthew não estava satisfeito com essa resposta, suspirou e contou-lhe tudo sobre essa noite. Quando chegou ao ponto do encontro com o agressor, parou e começou a tremer.

—Sihhh... calma, calma. —Abraçou-a de novo— Já passou, sihhh —beijou os cabelos

ondulados. Abraçou-a até que sentiu que se acalmava pouco a pouco. Victoria nunca ia esquecer essa experiência, mas tinha a certeza de que com o tempo seria só uma lembrança amarga.

—Matt, preciso de tomar um banho... —Sentia-se suja, não entendia como Matt a podia abraçar. — Sinto-me contaminada. — Olhou para ele com um brilho inequivocadamente vulnerável no olhar.

Ele secou-lhe o resto das lágrimas com os pulgares e sorriu.

—Acho que tenho guardada roupa da Lilly. A minha irmã é um bocado mais alta do que tu, mas de certeza que algo te serve. Toma o tempo que precisares, que eu trago a roupa daqui a pouco. —disse antes de sair do quarto.

Victoria esfregou perfeitamente todo o corpo. Lavou duas e três vezes o cabelo. No final, toda ela cheirava a Matt. Depois do que tinha acontecido, não existia um aroma mais reconfortante do que esse.

Quando se assegurou de que cada pequena parte da pele estava suficientemente limpa, encheu a banheira e deitou-se. Talvez tivesse passado um hora, não sabia, quando saiu da banheira de mármore, a pele pedia a gritos para ser seca. Assim o fez.

Estava mais animada. Nua, pôs os pés no tapete térmico e enrolou-se na toalha grande que estava guardada num dos armários. Depois envolveu o cabelo com uma toalha mais pequena. Reparou no espelho embutido na parede. Aproximou-se, tirou a toalha e expôs as curvas para ela mesma.

Ficou horrorizada ao ver o vale superior dos seios com leves marcas avermelhadas com rastos de tom meio roxo. Voltou a tapar-se rapidamente. O lábio inferior tinha uma ferida, mas não estava tão inchado como tinha pensado. A cara parecia um pouco inflamada. Suspirou. «Pelo menos os danos físicos não são permanentes.»

Esperou cinco minutos até a toalha da cabeça absorver toda a humidade. Depois penteou a massa ondulada de cabelo de cor mogno. No rosto já não havia restos de maquilhagem, eram só os olhos azuis que lhe davam cor. Sentia-se mais serena.

Abriu a porta e viu a roupa em cima da cama. Agarrou nela e voltou para a casa de banho para se vestir. O pijama da Lilly ficava-lhe um pouco largo, mas parecia confortável. Chegava-lhe até aos joelhos. No dia seguinte, esperava encontrar entre o vestuário da antiga amiga mais roupa para voltar para casa. A roupa rasgada estava no lixo, tal como a roupa

interior. Não queria nada que lhe lembrasse o ocorrido.

Lilly e ela costumavam conversar quando o pai convidava os irmãos Talley para algum churrasco ou para algum evento em casa. Sentiu uma grande afinidade com a irmã de Matt. Nas poucas vezes que coincidiram conversaram bastante. Com o passar do tempo trocaram dois telefonemas esporádicos, mas por diferentes razões pouco a pouco foram perdendo o contacto.

Em muitos sentidos os anos tinham passado para a Victoria. Já não era a mesma menina inocente daquela época em que conversava com a Lilly sobre desejos infantis. Agora era mais consciente da sua atratividade como mulher, da sua mais valia como profissional e força como ser humano, mas também sabia o que era viver um doloroso sentimento de culpa que parecia corroer-lhe as entranhas.

Com um suspiro, esgotada, encostou-se às almofadas. A cama era grande e muito confortável. Aproveitou ter à mão o telefone da mesinha de cabeceira para telefonar à Chloe. Sabia que já era bastante tarde, mas era uma situação fora do comum. E precisava da amiga.

O primeira coisa que a Chloe fez quando ouviu o relato do que tinha acontecido, foi garantir-lhe que assim que encontrasse o Cameron lhe dava uma boa reprimenda.

—Então, estás a salvo? —perguntou preocupada.

—Estou, sim. Desculpa telefonar-te a estas horas...

—Não te preocupes. Fizeste bem em telefonar-me. Ainda bem que o fizeste, Tori. Onde estás?

Hesitou um momento antes de responder.

—Em casa de Matthew... Talley.

—*Esse Matthew Talley?* —Chloe conhecia de boa boca a história com o publicitário bonitão. «É curioso como a vida conseguia criar os encontros mais estranhos», pensou.

—Sim. Depois do que fez por mim não me podia negar a ajuda dele. Não te preocupes. Deixou-me ficar no quarto dele...

Chloe apagou a luz da cozinha e começou a subir as escadas para ir para o quarto. O que tinha acontecido à Tori era horrível. Agradeceu em silêncio a quem a quisesse ouvir no universo por ter posto Matthew no momento certo para ajudar a amiga.

—Há mais alguma coisa que deva saber? —perguntou desde o outro lado de São

Francisco. Tirou o elástico do cabelo antes de se deslizar pela cama entre os lençóis.

—Vai ser meu chefe no projeto da agência, —disse em tom de advertência— não comeces a ter ideias. Além disso, está a dormir no quarto dos convidados. —acrescentou, ao saber como funcionava a mente da amiga. Chloe sorriu, enquanto o sono começava a apoderar-se dela.— E já sabes que eu não posso estar com mais ninguém até que...

—Sim, sabemos como termina essa frase e desculpa. Já chega. Não podes ficar à espera para sempre. —Victoria estalou a língua e Chloe pôs o iPhone em altavoz, antes de fechar os olhos.— Tori, descansa, amanhã falamos com mais calma. Obrigada por me teres telefonado. Fico feliz por saber que estás bem.

—Até logo. —Desligou e ajeitou-se debaixo do lençol azul.

Adormeceu.

A sensação de que se estava a afogar começou a alastrar-se por todo o corpo. Respirava agitada. Um homem sem rosto tentava arrancar-lhe o lençol do corpo. Queriam-na violar. Oh, não, não. Isso não lhe podia acontecer outra vez. Gritou para que alguém a ajudasse, mas ninguém a ouvia. Sentia-se impotente, aterrada...

—Victoria, acorda! Acorda! —insistia Matt ao tentar acalmá-la. Ouviu-a gritar e saiu a correr sem se preocupar em vestir a camisa para tapar os bóxeres, desesperado, a pensar que tinha acontecido algo terrível.

Quando ele acendeu a luz, ela olhou para ele aterrada.

—Matt...? Eu, pensei que... oh, meu Deus...

Ele aproximou-se, tirou-a da cama em braços e colocou-a ao colo embalando-a. Abraçou-a, enquanto ela acalmava os próprios soluços.

—Foi só um pesadelo. Uma lembrança má, só isso. —Beijou-a na têmpora com tanta ternura, que ela suspirou de alívio e acalmou a respiração agitada.

—Matt —olhou para ele suplicante— não me deixes sozinha. Fica aqui...

—Victoria, se fico aqui contigo, é provável que, bem... Tori és uma mulher muito bonita, isso já sabes. E eu sou um homem que se te tenho demasiado perto... Acabaste de passar por uma situação complicada. Não quero... —Calou-se. Ela permaneceu em silêncio. Saiu do colo dele e acomodou-se no espaço deixado vazio uns minutos antes.

Ao vê-la tão venerável, Matt mal disse para si mesmo. «Que diabo!».

—De acordo... —murmurou para si mesmo. Agarrou-lhe no pulso para que deixasse de amarrotar o lençol. — Fico aqui ao teu lado —garantiu ao olhar para ela. A expressão de alívio nos olhos azuis disse-lhe que estava a fazer o correto.

Apagou a luz e deitou-se. Puxou-a para ele, abrançando-a pela cintura. Só o facto de sentir o calor do corpo feminino lhe acelerou a respiração. Tentou trazer à memória os exercícios de relaxamento e controlo do corpo, que tinha aprendido com as artes marciais. Afastou as ancas o máximo possível da Victoria, para se ajudar. Sentir a proximidade dela de uma maneira tão íntima punha à prova a sua determinação.

Fechou os olhos. A noite ia ser longa.

Madrugada dentro, Victoria sentiu-se reconfortada ao sentir um corpo quente junto dela. Com os olhos fechados deu a volta e percorreu com os dedos o peito firme e musculoso dele. Tinham as pernas entrelaçadas. Sentia que tê-lo ao lado fosse tão natural como respirar. Suspirou de prazer. «Há tanto tempo...»

Matt sentiu o toque dos dedos na Victoria na pele. Mexeu-se de mau humor. Pouco a pouco reparou como ela começou a abrir os olhos sonolentos. Não conseguiu resistir. Maldita sorte, mas desejava beijá-la desde que ela entrou no gabinete dele, e agora na cama, as carícias espontâneas dela davam com ele em maluco. Sem pensar muito, enterrou as mãos nos cabelos sedosos atraindo os suaves lábios até aos dele.

Agarrou a boca da Victoria com sutileza numa carícia delicada e provocadora. Provou os lábios, tentando não a magoar onde estava ferida, a qual acariciou com a língua de modo reverente e doce. Com beijos tentou consolá-la, dar-lhe tranquilidade e também reparar um pouco a estupidez que lhe tinha dito anos atrás quando a rejeitou, embora tivesse sido pelo seu bem. Essa reflexão deixava-o sempre tranquilo, mas hoje não tinha reflexões do passado. Hoje beijava-a como tinha querido fazê-lo desde então, e tal como ela merecia ser beijada: com paixão, doçura e cuidado.

Victoria gemeu, apertando-se mais ao Matthew, e com a mão percorreu-lhe o torso, maravilhando-se com a dureza de cada músculo. Por seu lado, ele deslizou as mãos, sem parar de beijá-la, desde a nuca até ao traseiro arrebitado, apertando com firmeza as nalgas e colando a pelvis feminina contra a sua para que sentisse o efeito que lhe causava.

O sabor picante e quente do Matt embriagou-a. Aquele era o beijo com que sempre tinha sonhado. Superava qualquer expectativa que a adolescente frustrada que levava dentro,

pudesse ter. Este era um beijo apaixonado, intenso e compensava a rejeição do passado. Definitivamente, compensava.

—Oh, Matt... —gemeu quando ele tocou o abdómen dela com a mão e desceu lentamente até se apoderar da base de um dos seios. Acariciou-a com a ponta dos dedos e depois chupou um peito e logo outro. Victoria encurvou-se contra a mão que lhe mandava descargas de prazer até à zona sul, em troca, profundizou o beijo, enterrando os dedos no suave cabelo espesso de Matt, que não parava de a acariciar.

A gemer, Matt percorreu as curvas da Victoria, desceu até às ancas dela e quando encontrou as calças do pijama, tirou-o e começou a tocar de novo a pele nua. Ela era pura seda ao toque. Ficou maravilhado com a sensação e continuou a descer. Deteve a mão na anca. Ela não tinha roupa interior.

—O quê?

Ela riu-se.

—Meti a roupa toda no lixo e só fiquei com o pijama... —acariciou-lhe uma das sobrancelhas cabeludas e masculinas— chateia-te? —sorriu.

—És uma bruxa travessa. —sussurrou ao olhar para ela, ao mesmo tempo que punha os dedos exactamente sobre o ponto em que os lábios íntimos da Victoria convergiam. Sentiu-a a ficar tensar e soltar uma exclamação.

O olhar entre ambos era intenso a um nível básico.

—Pensas deixar-me em suspenso? —perguntou mordendo-lhe o lábio, quando Matt sorriu perante o pergunta que ouvia da voz dela.

—O que achas? —respondeu, antes de expandir os dedos e tocar a humidade feminina com o dedo. Estava ardente e molhada. Ele sentia a dor do desejo, a necessidade de se aliviar e dar-lhe prazer.

Com um esforço monumental, Matt afastou-se. Tiou a mão do sexo molhado e esfregou o nariz dele com o da Victoria, para que ela abrisse os olhos. Quando o fez, ele quis fundir-se nela sem ter em conta a razão que o tinha detido. Victoria olhava para ele com os olhos cheios de desejo. Sentia que, desde que a viu na entrevista de trabalho, era a primeira vez que *realmente* a via. Ali estava a miúda de 17 anos e também a mulher. Era uma combinação explosiva.

—O que se passa, Matt? —perguntou com voz rouca.

Ele colocou a testa contra a dela, depois de lhe dar um beijo.

—Passaste por um choque emocional... Tens a certeza disto? Não quero que te arrependas, e não te quero magoar.

Ela sonriu e tocou-lhe na bochecha.

—Sim, —deu-lhe um beijo suave nos lábios— tenho a certeza disto, Matt.

Ele mandou ao ar as últimas brechas de reticência. Estava ao limite.

Ela incentivou, introduzindo a língua na boca do Matt. Os dedos masculinos apertaram um dos mamilos da Victoria, fazendo-a estremecer de prazer. Primeiro beliscou-o e depois rodeou o botão inchado, desenhando círculos à volta, endurecendo-o ainda mais. Depois fez o mesmo no outro mamilo. Victoria também não ficou atrás, e deslizou a mão até à cintura dos bóxeres, para introduzir os dedos e apanhá-lo em cheio. Era seda, aço e pura masculinidade.

—Meu Deus... —disse Matt ao tocar o sexo de Victoria, acariciando-a, esfregando-a e lubrificando com a suave e quente espessura líquida aquellos lábios sensíveis, que rapidamente a levariam ao prazer. Ouviu-a gemer e esteve a ponto de perder a prudência.

Quando ela acariciou o comprimento do seu sexo com vontade, Matthew tomou o controlo e colocou-se em cima dela, tentando não a esmagar com o peso. Levantou o pijama, tirou-o e lançou-o para fora da cama, deixando-a total e gloriosamente nua debaixo dele. Era uma delícia para os sentidos. Os peitos cabiam celestialmente nas suas mãos, e para se convencer disso, massajou-os com uma mistura de prazer e ternura no meio dos gemidos de ambos. Inclinou-se, capturando o peito esquerdo com a boca, mordiscando-o, enquanto que com a mão acariciava o outro peito pleno e cheio.

—Ver-te assim é uma total revelação.... És simplesmente perfeita. —Ela ronronou quando Matt soprou com suavidade e lambeu com decisão os peitos sensíveis, rodeados de areolas rosadas perfeitas. Ela agarrou-lhe o rosto para o puxar e beijar com fome. Com as unhas acariciou-lhe as costas, cujos músculos iam reagindo ao toque dos seus dedos. Apalpou o traseiro do Matt, era duro e suave ao mesmo tempo. Estava excitada e prazerosa por Matt se ter atrevido a tocá-la dessa maneira. Instintivamente moveu as ancas para cima. Começou a deslizar-lhe os bóxeres para baixo com os dedos.

Ele negou com a cabeça e com um sorriso agarrou-lhe as mãos perto da cabeça na almofada.

—Não sejas travessa. —disse beijando-lhe os lábios. Inclinou-se e mordeu-lhe o lóbulo

da orelha direita, ela estremeceu.— Deixa que desfrute de ti mais um bocado...—sussurrou. Para ele não havia um corpo mais perfeito do que aquele que estava a acariciar nesse momento. Sensual, com a quantidade de curvas adequadas em cada sítio, com umas pernas compridas e esbeltas, que se acariciavam contra as dele, uma cintura estreita e ancas redondeadas; ventre liso e suave, cujo tacto era como se apalpassse a seda mais cara. Seis abundantes, mamilos rosados que de endureciam ao mais mínimo contacto da língua ou dos dedos e com aréolas grandes que pareciam pedir-lhe que as provasse.

—Desejo que...

—Sihhh —calou-a com a boca, e com uma mão começou a traçar carícias até encontrar a entrada daquele cálido lugar entre as ancas femininas, que ardiam por ele. Ela olhou-o expectante e mordeu o lábio inferior com antecipação. Sem demorar mais, Matt provou novamente a entrada das delicadas pregas com os dedos; primeiro com um dedo depois com dois. Excitado constatou a calidez e a humidade. Por ele.

—Tão húmida...—murmurou beijando-a e dando pequenas mordiscadelas no abdómen da Victoria. Ela desfez-se das mãos que retinham as suas perto da cabeça, para enterrar os dedos no cabelo de Matt, familiarizando-se com a sua textura.

Ele deixou-a fazer isso, ao mesmo tempo que agarrava o doce peito com os dentes, puxando-o suavemente, enquanto que penetrava com o dedo o coração do sexo molhado. Ela moveu-se contra o dedo invasor, para tentar satisfazer uma necessidade tão velha como o tempo. Matt voltou a beijá-la, deixando que os sabores se misturassem.

Victoria tinha a pele febril. Nunca se tinha sentido dessa maneira, como se a estivesse a queimar viva e um líquido ardente lhe percorresse as veias. Os olhos verdes de Matt fundiram-se nos dela na escuridade, acompanhados pelos rastos da luz que se filtravam pela grande janela do quarto.

Ela queria tocar-lhe mais..., desejava sentir a pele quente e dura da virilidade dele entre as mãos como antes. Pele com pele, sem barreiras. Desejava vê-lo e tê-lo tão nu como ela estava. Não tinha vergonha. Com ele tudo parecia fluido e natural. Queria acariciá-lo com os dedos, percorrê-lo, agarrá-lo com a boca como nunca tinha feito com ninguém antes, mas sobretudo desejava tê-lo dentro dela. Não queria saber das consequências do dia seguinte ou do dia que fosse, só o queria ter a ele. Depois de tantos anos, finalmente realizava a fantasia de ele a tocar, e era fabuloso; cem vezes melhor do que nos seus sonhos eróticos. Nenhum homem tinha tido a capacidade de excitá-la como Matt nesse momento. E tinha a certeza de que mais

ninguém o faria.

—Mmm... que suave, quente... adoro o teu corpo —disse ele com satisfação, sem parar de lubrificá-la habilmente com os dedos. Sem conseguir evitar apoderou-se do peito, porque eram dois montes tão bonitos e cheios que davam com ele em maluco. Devorou-os com gulotice. A suavidade, o peso e a forma que tinham eram tão perfeitos que só a ideia de os provar o excitava.

—Tu és tão magnífico como sempre imaginei —sussurrou Victoria sem constrangimentos. Como resposta, a língua de Matthew começou a percorrê-la toda. Desde o arco dos delicados pés, subindo pela barriga das pernas, as ancas, lambendo-lhe o sexo, fazendo círculos no abdómen, devorando-lhe os peitos, mordiscando o pescoço e, depois, possuindo-lhe os lábios. Ela deixou-o fazer o que quisesse, devolveu-lhe todas as carícias com as mãos. Beijou-o como se aquele fosse o último dia que tinha a oportunidade de beijar um homem: com fome, desespero e fervor.

As mãos de Matt eram diferentes das outras que a tinham tocado antes. Os ligeiros calos que lhe tocavam arrepiavam-lhe os poros da pele e conseguiam criar um sinfonia gloriosa de sensibilidade. Ele era um homem tão moderado e especialista, tanto como delicioso no tacto. A pele de Matt era firme, os músculos do torso fortes e os das costas bem definidos. Ela percorreu-os as vezes que quis, a coluna de músculos com a ponta dos dedos, sentindo como se tensavam quando passava. Isso fê-la sentir o seu poder feminino; o poder de comover e alterar o autocontrolo que viu sempre no Matt. Aquela era uma sensação excitante. Nunca tinha presenciado uma ação do Matthew fora de controlo, salvo umas horas antes quando a resgatou, e agora na cama. E mesmo assim, no meio de tanta paixão febril não a fazia dele, penetrando-a como outro já teria feito. Matthew, não. Ele preparava-a, fazia-a desfrutar, mimava-a. Isso só a fazia pensar no sublime que seria o orgasmo. E morria de vontade de chegar a esse ponto.

—O meu ego pretende compensar-te —respondeu com voz rouca.

—Oh, Matt...—gemeu, colocando as pernas à volta da cintura dele para sentir o sexo masculino perto do dela. Queria que tirasse os malditos bóxeres e a penetrasse,— desfaz com as tuas mãos as marcas do que se passou há umas horas...—pediu ofegante, enquanto ele começava a deslizar para baixo os bóxeres.— Deixa a impressão da tua pele, dos teus beijos, do teu sexo.

Matt ficou quieto. «Estúpido. Estás a aproveitar-te da vulnerabilidade dela.» Há umas horas esteve a ponto de ser violada, e ele estava como um animal no cio. Sentiu desprezo por

ele mesmo nesse momento. Por acaso não tinham servido para nada os anos de prática de autocontrolo em Temple Ki? Depois do que tinha vivido, Victoria não tinha o juízo suficientemente coerente. «Não devia ter acreditado quando me disse que tinha a certeza de que queria fazer amor comigo.»

Victoria notou-o tenso e ele afastou-se abruptamente. Observou-o com a respiração agitada. Ele acendeu a luz. Matt devolveu-lhe o olhar com um vislumbre de arrependimento, depois inclinou-se sobre ela, que estava deitada e totalmente nua, e beijou-a fugazmente nos lábios. Agarrou no lençol e tapou-a.

—Matt? O que se passa? —perguntou com a voz rouca de desejo, e sentindo como o seu sexo palpitava, desejoso que lhe dessem o maravilhoso alívio que necessitava. Ao sentar-se o lençol deslizou-lhe pela pele parando na cintura, nem lhe importou expor o peito.

Matt fixou o olhar em frente para não se tensar novamente com a sedutora imagem feminina. Ela tocou-lhe no braço, pedindo-lhe em silêncio que olhasse para ela, que lhe explicasse. Ele continuou a olhar em frente, num ponto não definido.

—Desculpa, Victoria Anne. —«Ah, já voltámos ao da *Victoria Anne*», pensou ela.— Não posso continuar com isto. Estás muito vulnerável pelo que passaste há umas horas. Eu não parei para pensar e ...—Fez um gesto de negação com a cabeça, tentando manter a calma.— Não devi... Desculpa —disse ao apertar a mandíbula e com os nós das mãos brancos por tanto pressionar os punhos em cima do colchão.

Victoria aproximou-se e abraçou-o pelas costas. Ele respirou profundamente para conter a vontade de se girar e beijá-la. Será que não se dava conta que o peito dela contra as costas dele o estavam a matar?

—O que tenho de desculpar, Matt? —perguntou desconcertada.— Sou o suficiente adulta para saber perfeitamente o que quero e o que não quero. E quero fazer amor contigo.

—Isto foi um impulso que não devemos continuar, Victoria Anne. Além disso, não estás com a capacidade...

Ela afastou-se furiosa. Matthew pôs-se de pé.

—Não tens porque tentar mostrar um estúpido arrependimento atribuindo-o ao que me aconteceu na rua há umas horas. Tenho critério suficiente para saber quando estou bem e mal. Nem te atrevas a pensar que sabes como me devo ou não sentir, Matthew!

—Não é isso, Victoria Anne. Só não devia ter-te tocado. Não estive bem. —disse com

firmeza.

Ela sentia-se frustrada e rejeitada. A mesma horrível sensação que teve aos 17 anos voltava a a ser causada pelo menos homem anos depois. Meu Deus! O corpo tremia e estava empapado de desejo. Só para o desafiar mais, ao levantar-se da cama, deixou que o lençol caísse da cintura até aos pés, mostrando-lhe o corpo totalmente nu. Ficou de pé em frente a ele.

Ao vê-la na pele de Eva, Matthew apertou os dentes ao tentar reprimir a vontade de terminar o que nunca devia ter começado. Contudo, nesta ocasião o autocontrolo ganhou a batalha.

—Aproveitei-me da situação...—murmurou, esfregando o rosto com as mãos.— Por favor, tapa-te.

—Eu tomei uma decisão por mim mesma. —respondeu sem lhe fazer caso— Disse-te o que pensava antes de me tocares. Que raio, não sou uma miúda parva e impulsiva! Desejava-te... desejo-te agora —praticamente gritou.

Matthew agachou-se para apanhar o pijama que minutos antes lhe tinha tirado. Debateu-se com ela, mas conseguiu que o vestisse.

—Sofreste um choque emocional muito sério. —Tentou dirigir-se para a porta, mas ela impediu-o pondo-se à frente. Cruzou os braços. «Não lhe vou permitir que se vá embora sem me explicar a situação»— Já sei que és uma mulher —disse baixinho, olhando-a nos olhos— É melhor que te deixe descansar.

Ela olhou para a ereção dele com descaramento e ouviu-o resmungar, quando continuou a percorrer visualmente os perfeitos abdominais até chegar à boca. Victoria sorriu provocadora.

—Tenho todos os meus sentidos a trabalhar, acredita —disse com firmeza. Ao vê-lo tão distante de repente sentiu-se perdida... queria as carícias dele, consolo, os beijos doces. Com um suspiro afastou-se da porta e disse—: Matt...

—Por favor, Victoria Anne. Isto foi um erro. Mal tinha acabado de pronunciar as palavras e já se sentia um miserável, porque aqueles olhos olhavam para ele com dor. Matt pensou em dizer, que na verdade, não tinha sido o momento adequado, que o erro não era dela, mas das circunstâncias e que talvez pudessem conversar passado uns dias, talvez fosse diferente ...—Acho que me expressei mal, o que quero...

Com um gesto a mão ela interrompeu-o. Afastou-se completamente da porta e foi para a

cama. Esticou o lençol e deitou-se.

—Vai-te embora. Acho que afinal sou sempre um erro, não é? —A voz que antes ronronava apaixonada, agora soava decepcionada e distante. Matt lamentou. — Tens de descansar, depois de tudo, dentro de umas horas temos de voltar ao trabalho.

—Não tens de ir ao escritório.—resmungou— Começas na segunda-feira. Quero que descanses o suficiente; não há discussão sobre isso. Olha, sobre o que acabou de acontecer, não penses que eu...

—Não penso nada. Deixaste tudo muito claro. Além disso, se tivéssemos terminado seria como cometer incesto.

O queixo de Matt caiu perante o comentário.

—O que disseste? —Olhou para ela sem compreender o que dizia.

—O que ouviste. Lembraste quando me disseste que nunca me ias ver como uma mulher, só como uma irmã? Então, o que estávamos a ponto de fazer teria sido incesto.

Matt esteve a ponto de estrangula-la.

—Esse dia do teu aniversário não foi um bom dia para mim. Além disso...

—Não quero saber. —interrompeu-o— Por mim não aconteceu nada. Agora quero descansar, sozinha ... *irmão* —disse tencionalmente. Apagou a luz e virou-lhe as costas, acomodando-se na cama.

—Vou deixar aqui umas roupas da Lilly para que possas vestir amanhã —disse, contendo o mau humor. Ficou de pé alguns segundos.

Ela recusou voltar-se ou dirigir-lhe as palavras. Tinha terminado com ele.

A preguiça de tudo o que lhe vinha à mente, Matthew fechou a porta com força ao sair do quarto. Ter dito à Victoria que nunca a ia ver como uma mulher foi uma das maiores mentiras que tinha dito na vida. Agora, passado oito anos, retificava, depois de ter saboreado o corpo de Vénus no seu próprio quarto.

Victoria pôs-se confortável e deixou que as lágrimas deslizassem pela cara. Estava mais zangada com ela mesma, por ter baixo as defesas com ele e por ter insistido em que não a deixasse ficar pelo desejo. Ele também a tinha desejado, notava-se na prova física mais básica. Já nada disso importava. Não lhe ia voltar a pedir nada. Nada. Com esse pensamento, adormeceu.

Os olhos magoados e frios da Victoria perseguiram-no, enquanto dava voltas e voltas na cama. Como sabia que ela estava a dormir, foi-lhe deixar uma saia e uma blusa da irmã, como lhe prometeu. Deixou a roupa na casa de banho. Conteve o impulso de acordá-la e abraçá-la. Voltou para o quarto, mas não conseguiu conciliar o sono.

Amanheceu demasiado cedo para o Matt. Tomou banho e vestiu-se. Quando terminou de dar o nó à gravata foi para a cozinha e preparou três omeletes. Quinze minutos depois, apareceu a Victoria com a roupa da Lilly, ficava-lhe perfeita, menos mal, pensou ao vê-la sentar-se numa das cadeiras da mesa branca de mármore.

—Bom dia. Como te sentes? —«Péssima pergunta, Matthew», repreendeu-se.

«Chateada e frustrada, mas sobretudo magoada com a tua rejeição», foi o que ela lhe quis dizer.

—Muito bem. Posso servir-me? —perguntou a olhar para as omeletes, ignorando completamente o homem que tinha em frente.

—Claro. —Pôs-lhe um pouco no prato.— Victoria, sobre o que disse ontem à noite...

—A vista é linda, há quanto tempo vives aqui? —perguntou, mudando de tema e levando o garfo à boca. Parecia um lugar espectacular à luz do dia. Cada espaço da *penthouse* exalava opulência e bom gosto.

Ele fixou-se no olhar fixo e neutro da Victoria. Não havia rasto de rancor ou repreensão. Se a história fosse ao contrário, quer dizer, se ela o tivesse deixado excitado no meio de um interlúdio, atribuindo a decisão de seduzir-la à falta de juízo por sua parte, ele teria ficado chateado de certeza. Foi um erro terrível tê-la feito sentir como se ela não fosse capaz de assumir os seus próprios riscos. «Mais outro erro com ela.»

—Há uns dois anos, já... —bebeu da taça—. O que se passou contigo durante todo este tempo? —perguntou com cautela.

—Não muita coisa. —Encolheu os ombros. Olhou para a janela e prestou atenção à maneira como os carros passavam, como formiguinhas pela Golden Gate ao longe.— Tornei-me independente do meu pai aos 17 anos, isso já sabes, depois fiz o curso de publicidade, viajei durante dois meses com a mochila às costas pelo norte do país, abri a minha agência, estive noiva ... —suspirou— fechei a agência, depois comecei à procura de trabalho... Isto é um resumo —comentou, voltando a concentrar-se no pequeno-almoço até terminá-lo.

«Ah, então era verdade o que a Claire tinha dito. Victoria tinha estado noiva», pensou

Matt

—O que aconteceu com o teu noivo? —perguntou. Embora ela quisesse ter parecido despreocupada, a ele pareceu-lhe ouvir um tom nostálgico na voz. Sentiu-se intrigado por saber mais sobre aquela história. A intriga não era uma sensação que gostasse particularmente.

Victoria olhou nos olhos dele ao mesmo tempo que bebia o sumo de laranja. Não tinha vontade de falar sobre o Devon, e menos com o Matthew. Era um capítulo que lhe causava dor, desespero... Só lhe restava esperar sem garantias de que houvesse uma mudança no Devon, ou então tomar uma decisão unilateral que acabasse com o limbo emocional que estava a viver há meses.

—Gostava de que me levasses a casa, por favor —respondeu a fugir ao tema.— Obrigada pelo pequeno-almoço. Estava muito bom. E sobre o assunto de entrar a trabalhar na segunda-feira, a verdade é que prefiro que seja hoje mesmo.

Matt sentiu uma estranha pontada perante a reticência dela em falar-lhe sobre o passado, mas não deixou que a emoção aumentasse. Se iam trabalhar juntos, não queria comprometer a cordialidade que nesse instante ela lhe oferecia. Devia retomar a distâncias com a Victoria. Era o melhor para os dois.

—Como quiseres. Deixo-te em casa, mas não te espero até às duas da tarde, que é quando temos a reunião de equipa no escritório. Vou apresentar-te às pessoas que trabalharão contigo durante o processo de reformulação da proposta inicial para Harrington. Tal como te disse, perder a conta não é um luxo que esteja disposto a dar-me.

Victoria olhou para ele a fingir desinteresse, enquanto ele bebia o último gole de café e se pôs em pé. Estava giríssimo com o cabelo penteado para trás, tinha feito a barba e os traços masculinos eram ainda melhores à luz das primeiras horas da manhã. O fato à medida realçava-lhe o corpo. Um corpo que ela esteve a ponto de conhecer por completo...

—De acordo —murmurou— Ah, Matt?

—Sim?

—Quando te chateares, gostava de que não me voltasses a chamar Victoria Anne. Se Tori não te parece muito profissional, ou o que seja, gostava de que pelo menos me chamasses só Victoria. Exactamente como combinámos no teu gabinete.

Ele assentiu.

—Será Victoria então, mesmo quando estiver chateado. —sorriu sem alegria— Vamos?

—perguntou dirigindo-se para a porta.

O caminho para casa de Victoria foi feito em total silêncio.

Ela ia mergulhada na paisagem que via através da janela do carro. Entre as pessoas reparou numa menina que ia de mão dada com o pai, enquanto a mãe levava a mochila da escola. Sentiu uma pontada no coração. Desejava ter filhos, uma família. Ela tinha crescido sozinha e sempre sentiu falta da possibilidade de poder contar com alguém. Talvez se tivesse tido irmãos, o mau momento com o Devon não a tivesse magoado tanto...

Em algum momento, Devon e ela falaram sobre a possibilidade de ter filhos, mas ele só lhe disse que quando se casassem pensariam nisso, mesmo não sendo algo que quisesse. Garantiu-lhe que, embora a paternidade não fosse o objectivo dele, dentro de uns anos não seria má ideia conversar sobre isso. Victoria decepcionou-se com a resposta vaga, mas não insistiu, porque essa conversa terminava sempre em rancor. Dela.

Matt tentava que a proximidade com a Victoria não o atormentasse ainda mais. Baixou a temperatura do ar-condicionado para que o aroma do gel de banho, misturado com o cheiro natural da Victoria se dissipasse o mais rápido possível.

—Telefona-me se precisares de alguma coisa, Victoria —disse quando parou em frente à casa dela e ela a ponto de abrir a porta do carro.

—OK. —expressou, saindo do Cadillac Escalade— Obrigada de novo. —acrescentou ao fechar a porta. Depois dirigiu-se para a entrada principal de casa.

Quando o carro de Matthew se afastou na rua, Victoria suspirou aliviada. Já veria como ia gerir a tensão no escritório, depois dos beijos e das carícias com ele. Mal tinha chegado à porta do apartamento, quando viu que o Cameron se aproximava. «Que descarado», pensou zangada.

—Victoria! Victoria, espera! —Aproximou-se a correr. — Ouve, sobre ontem...

Não chegou a terminar a frase, porque ela lhe deu um estalo.

—Por culpa tua quase que fui violada ao sair desse bar. Não quero voltar a saber nada de ti durante o resto da tua vida, Cameron. Fui clara?

—O que...que...?! Desculpa, olha eu...

—*Fui clara?* —repetiu ao colocar no tom de voz toda a raiva e frustração que tinha acumulada desde que o Matt a deixou na cama, desejando terminar o que tinham começado.

—Eu, isto... Sim...—respondeu— Conta-me, então posso... —Ela já nem o ouvia, e Cameron viu como ela se afastava, enquanto tocava na cara onde, de certeza, havia a marca dos dedos femininos.

Victoria fechou a porta com força.

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

CAPÍTULO 5

Após contar entre soluços o incidente com o seu agressor a Chloe, o modo como o Matt a tinha ajudado e a bofetada que deu ao Cameron, Victoria tentou acalmar-se e a amiga disse-lhe palavras de tranquilidade. Apesar de durante muito tempo se ter forçado a usar uma máscara de férreo autocontrolo, as recentes situações foram maiores do que ela.

—Graças ao destino, Matt esteve a tempo no sítio certo —disse a Chloe, apertando a mão da Victoria.

Assentiu, mas os olhos voltaram-se a encher de lágrimas. Chorou pelo sentimento de culpa: por Devon naquele dia infame se ter ido embora tão zangado, por ela ter dito que preferia mil vezes que ele desaparecesse e que não o queria saber nada dele; porque não ter tido coragem suficiente para ir ter com ele a pedir desculpas, antes de ele começar a conduzir rumo a Los Ángeles; e também porque apesar de se esforçar muitíssimo não conseguia tirar o Matthew Talley da cabeça. Sobretudo chorou, porque ao deixar que o Matthew a tocasse percebeu que nunca tinha estado verdadeiramente apaixonada pelo Devon, e que sentia que tinha traído a única pessoa que foi sempre incondicional com ela.

—Sim, Chloe... —olhou para as mãos com pesar— nem imaginas como necessitava o consolo do Matthew. Dos beijos dele, das carícias... Há tanto tempo que não me sentia tão bem, que não fui capaz de deter o impulso de tocá-lo e aproximar-me. Talvez não devesse...

—Tori, tu simplesmente estavas sensível e vulnerável, pediste o que necessitavas. —interrompeu com suavidade— Não tens porque te sentir culpada.

Victoria deu uma gargalhada de pena, que soou mais a um soluço estridente.

—Ele parou antes de... —limpou as lágrimas com o dorso da mão— rejeitou-me. Na vida já me rejeitou duas vezes. Duas vezes que me custaram o suficiente para me fazer chorar. O mesmo homem —respondeu sombria.

—Acho que não parou por ti, mas pelas circunstâncias que viveste antes. Tori, um homem que só quisesse passar um bom bocado tinha terminado o que tu começaste. Mas um cavalheiro detém-se, quando sabe que não está a agir bem, tendo em conta a tentativa de violação anterior. Talvez devesse ver isto pela perspectiva do Matthew.

—Se calhar estava sensível, mas não parva. Sabia que o queria a ele... sempre foi o Matt...—disse abatida.— Atraveu-se a dizer-me como me deveria sentir e passei-me.

—Tenho a certeza de que não fez isso para te ferir...

—Disse que foi um erro quando eu tinha 17 anos, e ontem à noite, também me voltou a dizer que o que tinha passado foi um erro. Como é que achas que me senti? —suspirou.— O facto dele ter parado não me doeu tanto como o que descobri depois...

—Eh?

—Dei-me conta que nunca estive verdadeiramente apaixonada pelo Devon —olhou para a Chloe com um brilho de desespero no olhar.— Sinto-me uma fraude... uma traidora...

Chloe já sabia do sentimento de culpa que a Victoria carregava pelo que tinha acontecido ao Devon Patroll, mas também sabia que não podia ter feito nada por ele, porque foi ele quem conduzia o carro. Já tinham passado 11 meses desde o acidente.

Quando a acompanhou ao hospital, Chloe ouviu claramente como Lauren e Darrel, os pais do Devon, lhe disseram que não tinham nenhum rancor com respeito à Victoria, insistindo que ela não era culpada do acidente do filho na auto-estrada para Los Angeles. Contudo, com a irmã gémea de Devon, Julianne, a história já não era a mesma. Ela olhava para Victoria com reprovação, durante o tempo no hospital gritou-lhe repetidas vezes que não queria voltar a saber dela, que sabia que o irmão era de impulsos estúpidos, mas com a maneira alvoraçada dela o tinha agarrado e cegado. Não se cansou de repetir que estava convencida de que a Victoria era a culpada do acidente. Era precisamente essa culpa que a Julianne lhe imputava que não deixava Victoria viver em paz. Chloe manteve-se em segundo plano, mas a vontade de mandar ao diabo a irmã de Devon não lhe faltou.

—Tori, ouve-me bem. Eu conheço-te, sei que és uma mulher forte. Entendo que neste momento, com tudo o que te aconteceu, te sintas abatida, mas tens de reagir. Vamos lá, respira. Não te podes deprimir novamente. Fechaste a agência, que era a grande ilusão da tua vida. O que pretendes fazer agora? Fechar-te às oportunidades que tens por diante e julgar-te, recriminar-te para sempre? Por favor!

Victoria negou com a cabeça.

—Ter pena de mim mesma não é o meu estilo, já sabes. —Chloe assentiu.— Não é uma situação fácil, porque sinto que podia ter feito mais por ele...

—Victoria...

—Para além de tudo isto, está o meu pai. —continuou como se a amiga não tivesse dito nada— Ele não me quis ouvir quando lhe disse que tinha de ir a Los Angeles. Que raiva, Chloe! Não tinha dinheiro poupado, porque o gastei todo a pagar a mensalidade do empréstimo da universidade e aceitar emprestado os magros fundos que começava a ganhar com a agência não foi uma opção.—mexeu no cabelo, despenteando-se— Era só um bilhete... um miserável bilhete de São Francisco a Los Angeles.

Chloe pôs as mãos em cima dos ombros da amiga.

—Eu sei, eu sei. Já não podes voltar atrás no tempo. Aconteceu o que aconteceu, e também não te podes prender à recordação do Devon...

—Estávamos noivos, Chloe... —murmurou— Se ao menos ele me pudesse ver outra vez... Se só...

—Mas não pode, querida. Tens de voltar à tua vida, tens de te mentalizar que ele pode nunca mais voltar a acordar do coma. Tens de te mentalizar.

—Se calhar...

—Se calhar nada, Victoria Marsden. Já basta. Há homens maravilhosos à espera de uma mulher como tu. Não achas que já é hora de deixar para trás o Devon? Ele sempre te quis ver feliz. É um homem generoso. Sê feliz por ele, e por ti. Tenho a certeza de que se os papéis fossem opostos, tu também ias querer que ele continuasse com a vida dele sem se sentir culpado. Verdade?

Ela assentiu.

—E se ele acorda, Chloe? —perguntou com esperança.

—Essa é a pergunta que te fazes durante os últimos onze meses, o tempo que ele está no hospital. Desculpa ser eu a dizer-te, mas há pessoas que permanecem em coma, durante 10 ou 20 anos, sem acordar. Outros... morrem. Não é uma crueldade dizê-lo, realmente só quero que abras os olhos. Tens 25 anos. Vais permitir que o amor fique fora da tua vida para sempre, enquanto esperas que a situação mude, sem ter garantias de nada? Podem ser dias ou passar anos. A família até pode pensar em desligar as máquinas.

—Devon não está em estado vegetal!

Chloe soltou um resmungo.

—O que quero que entendas é que não podes suspender a tua vida, já se passou muito

tempo. Parece-te justo? Achas que está bem o que estás a fazer a ti mesma?

—Eu... não sei.

—Mas eu sei. A resposta é: *não é justo*. Definitiva e totalmente, não.

Victoria ficou durante muito tempo em silêncio.

—Tens razão, Chloe... faz-me sentir mal, mas tens razão. Não é justo para mim. Tem sido quase um ano neste estado de incerteza, isto vai acabar por me dar cabo dos nervos...

Chloe deu um suspiro de alívio.

—Por fim entendes!

—Eu sempre entendi, mas não é o mesmo raciocinar do que sentir.

—Bem, então procura uma maneira de equilibrar ambas as coisas, porque não estou disposta a deixar-te continuar neste perene de stress emocional. Ou preferes que te arranje *blind dates*? —perguntou a gozar. Finalmente a amiga acordou dessa absurda dormência. A Victoria às vezes conseguia ser muito teimosa.

—Claro que não! —riu-se— Não quero mais *blind dates*.

—Está bem, então tens de começar a sair mais, OK? —sorriu.

— OK.

—Olha, é verdade, temos pendente essa garrafa de Dom Pérignon... embora tenha uma Roederer Cristal escondida —disse com um sorriso. Essa garrafa custava os olhos da cara, mas tinha sido um presente do pai dois anos atrás. Como se podia negar a aceitar esse presente?

Victoria assentiu sem dar muita importância à referência do caro champanhe.

—O meu chefe é o Matthew, como te disse ontem à noite —comentou ao passar a mão pela cara— Hoje tenho de ir ao escritório...

—Agora é que arranjaste a bonita —riu-se às gargalhadas— Bem, não és a primeira a meter-se na cama do chefe.

Ao ver o olhar de advertência da Victoria, voltou a rir-se.

—OK, OK. Foi uma piada má —deu-lhe uma palmadinha na mão sem parar de rir— Vamos ver como se desenrolam as coisas. Faz de conta que não aconteceu nada, não fales sobre o assunto. Já sabes como são os homens e os egos deles, o último é sempre maior do que o cérebro —piscou-lhe o olho, o que arrancou um sorriso à amiga— Faz o teu trabalho e

ignora-o, se não estás verdadeiramente interessada, mas se estás... já vemos juntas o que fazer. Por agora deves ser a melhor no teu trabalho.

—Vou ser, não duvides. Vou mostrar a todos na agência do que sou capaz. Seja ou não a filha de John Marsden. Imagino que o meu pai a esta altura já saiba.

Chloe encolheu os ombros.

—O que é que isso importa? Afinal, quem te contactou foi o Matthew e sabes que o teu pai não teve nada a ver com isso, mas sendo um dos donos obviamente tem de estar a par, mais cedo ou mais tarde, das novas contratações —pôs-se de pé— Agora vou embalar o quadro que tenho de entregar. Vemo-nos logo à noite.

— Muita sorte com o teu cliente de hoje!

Com um piscar de olho, a pintora paisajista dirigiu-se para o seu estúdio de trabalho.

Victoria subiu para se arranjar e enfrentar a primeira reunião como executiva de *Spring & Marsden*. Chloe tinha razão. Era tempo de seguir em frente. Todas as noites ia pedir ao universo para que o Devon acordasse, mas não ia suspender a sua vida sentimental como tinha feito até ao momento. Permitiria que a vida lhe desse novos caminhos, e aceitaria-os.

Com um sorriso que se parecia muito com a velha Victoria: optimista, decidida e com todas as possibilidades ao seu alcance, abriu o armário.

Procurou entre as várias peças de roupa. Calçou uns sapatos brancos com saltos de agulha. Uma saia elegante de linho com ondas até ao joelho, uma blusa celeste em contraste com os olhos safira dela, casaco branco em conjunto com a saia e uns brincos pequenos de diamante, os favoritos da mãe, o pai deu-lhos quando era pequena. Deixu o cabelo solto e com a escova deu forma às ondas, definindo-as. Pôs o batom e um pouco de rímel.

Ainda tinha várias horas pela frente até às duas da tarde. Ia começar por retomar velhos contactos e atualizar o perfil nas redes sociais profissionais. Estava entusiasmada. Não havia nada melhor do que novos começos.

No escritório, Matt debatia-se com vários comunicados que tinham chegado de clientes a pedir ajustes a certas propostas. Telefonou ao Gary, chefe do departamento de desenho da área VIP. Depois de repreendê-lo, mais do que costumava fazer com alguém, deu-lhe uma hora

para ter pronta a lista de modificações com outra paleta de tonalidades e alterações de tipografia.

Depois recebeu um representante de Paul Harrington, que lhe comentou que a cadeia de joelherias tinha decidido adiantar a licitação, porque iam lançar a campanha antes da data programada. Davam-lhe três semanas, e não quatro como inicialmente acordado, para fazer ajustes. Quando o representante se foi embora, Matthew estava chateado. Detestava quando lhe alteravam a agenda de trabalho, fazia com que tivesse que alterar tudo no calendário.

O mau-humor foi crescendo.

Marla levou-lhe um chá, e ele aproveitou para lhe dar umas quantas indicações. Depois voltou a concentrar-se nas cinco pastas de projetos diferentes que tinha de gerir nos próximos seis meses. A seguinte a apresentar-se no gabinete dele foi a Claire. Entrou só para lhe deixar um par de relatórios sobre as tendências de mercado. Ela era excelente nessa tarefa em particular. Ele considerava-a eficiente no trabalho que realizava, por isso às vezes ignorava os comentários ou as atitudes sem sentido dela.

Quando chegou a hora do almoço, Matt não conseguiu levantar os olhos da escrita criativa realizada por Beatrice Smidow. Tão criativa, que tinha erros ortográficos. «O que é que as pessoas têm hoje?», perguntou para si mesmo furioso. Através do intercomunicador chamou a Beatrice. Quando ela se apresentou no gabinete, ele deu-lhe um ultimato: seriam os últimos erros ortográficos que ia revisar, porque ele não era professor de idiomas. Beatrice, fazia parte da equipa quase desde que o Matt entrou na empresa, desculpou-se e saiu do gabinete cabisbaixa.

No corredor todos murmuravam sobre o mau-humor do Matthew. Ele era indiferente aos falatórios; não eram os primeiros e as pessoas gostam de coscuvilhar. Muito bem, coscuvilhem. «Que dia de merda!», pensou irritado. E se não fosse pouco, durante toda a condenada manhã, a imagem sensual de Victoria, mais a lembrança do seu olhar doído quando a deixou sozinha no quarto, atormentou-o. Se a isso somava os erros da sua equipa de trabalho, a irritação estava mais que justificada.

Victoria estacionou na garagem dos empregados de *Spring & Marsden*. Nervos? Não. Já os tinha destruído durante a noite e nas primeiras horas da manhã em casa de Matthew. Não achava que lhe restassem reservas para o resto do ano. O que sim tinha era uma grande dose de

segurança profissional.

Entrou no elevador e foi até ao sétimo andar, onde ficava a agência. Caminhou ao longo do corredor cheio de cubículos. Mais de uma cabeça se virou para a observar. Sabia que era impossível, que nesse momento, não soubessem já que era a filha do dono, mas ia-lhes demonstrar que valia por méritos próprios, não pelo apelido.

Parecia-lhe estanho que o pai ainda não lhe tivesse telefonado. Ele estava a par de tudo da empresa, com ou sem intenção. Costumava estar muito bem informado sobre o que se passava ali. Não lhe escapava nenhuma notícia. Não o culpava. Afinal, era o negócio dele e a informação era um bem muito preciosos.

—Olha, olha. Victoria Marsden, certo? —perguntou uma voz atrás dela, justo quando se dirigia ao gabinete do Matt.

—Sim, tu és...? —respondeu olhando para ela.

—Claire Robins. —Apertou-lhe a mão. Bem, realmente, só lhe roçou os dedos. Este tipo de cumprimento eram os que Victoria catalogava como hipócritas e de pouca confiança. Não era preconceituosa, mas neste caso tinha a certeza de que não se enganava com a Claire —Prazer em conhecer-te. —expressou com um sorriso.

Victoria devolveu-lhe o gesto com educação. Soltou a mão fria e impessoal.

—Digo-te o mesmo.

—Matt está de péssimo humor, imagino que vais vê-lo. Não? —perguntou.

—Sim, tenho de me reunir com ele. —respondeu— Claire, acho que em poucos minutos há uma reunião de equipa, correto?

—Sim, é uma muito importante.

—Perfeito. Vou trabalhar na conta Harrington. Também trabalhas nessa conta?

—Claro. —Analisou-a sem descrição dos pés à cabeça.— De facto, eu trabalho em todas as contas VIP —expressou com petulância— Encarrego-me de coordenar a área orçamental com o principal departamento de contabilidade e também trabalho com os estudos de mercado, mas como para além de financeira sou publicitária, também contibuo com ideias e envolvo-me muito no dia a dia da equipa.

E sem lhe pedir já tinha o *curriculum vitae* dela. Uma chata, pensou Victoria.

—Parece-me muito bem. —respondeu com indiferença.— Então, até já Claire —

despediu-se antes de se afastar pelo corredor. Caminhou até à porta onde rezava o nome de *Matthew Talley, Director de Contas VIP*. Sentia-se um pouco nervosa e recordar como ele lhe tinha tocado a pele deixava-a inquieta. Estava prestes a abrir a porta, quando pensou melhor. Deu a volta para se dirigir ao gabinete de onde se ouvia um telefone, que tocava com tanta insistência a só uns passos de distância.

—Desculpe —disse ao interromper o que parecia ser a última chamada.

A mulher levantou o olhar e sorriu.

—Boa tarde. Em que posso ajudá-la?

Esse era o tipo de sorriso que Victoria usaria num anúncio para um produto de famílias unidas na época do Natal.

—Venho ver o Matt, podia dizer-lhe que estou aqui por favor? Chamo-me Victoria Marsden. —Ela podia ter entrado sem se fazer anunciar, mas se queria respeito, também tinha de respeitar. Não havia melhor modo de começar que dando a cada pessoa a importância profissional que merecia.

—Uau, é muito bonita, menina Marsden! O sr. Marsden deve de estar muito orgulhoso por tê-la aqui. —expressou com alegria— Sou a Marla Roberts, falei consigo por telefone para a entrevista de trabalho de ontem.

Victoria decidiu não fazer comentários sobre a referência ao pai.

—Obrigada, Marla. Não me chame menina Marsden. Por favor, chame-me pelo meu nome —sorriu-lhe com a mesma amabilidade que Marla lhe brindou.

—Estupendo. Espere um segundo. —Pressionou o intercomunicador para falar com o chefe. Trocaram umas palavras e desligou, antes de voltar a olhar para Victoria—:Passe, Matthew está à sua espera.

Matt encostou-se no sofá de couro do gabinete, onde costumava descansar para se descontraír um pouco. As reuniões de grupo, geralmente, stressavam-no, porque cada um dizia um disparate diferente, e como já tinha tido uma manhã demoníaca, agora precisava de calma. Se não se deixava dormir, pelo menos descansava os olhos de tantos gráficos e letras. Começou a fazer um inventário mental dos avanços com os olhos fechados, mas o plácido

descanso viu-se interrompido pela chamada da Marla a comunicar que a Victoria estava ali.

Levantou-se sem vontade. A última coisa que precisava era de ver a culpada da sua frustração e da falta de sono que tinha. Iam trabalhar juntos, por isso mais valia que se fosse acostumando a ter a Victoria por perto.

—Olá Matt —sorriu ela, aparentando desenvoltura quando entrou no gabinete. O coração batia a mil à hora, mas não podia ceder ao nervosismo. O efeito do Matthew nela continuava a ser o mesmo de sempre. Perguntava-se se seria parva ou teria muita ilusão.

—Victoria, bem-vinda à empresa. Pedi que te reservassem um lugar no parque de estacionamento.

—Já sei. Não fazia falta, mas obrigada.

Ele aproximou-se. Ela conteve o impulso de se afastar.

—Como te sentes? —perguntou com suavidade, sem poder impedi-lo.

—Matt...

—É uma pergunta mais que válida —passou-lhe a mão pela cara, mas não foi uma carícia, mas sim uma análise.— Imagino que és uma especialista em maquilhagem. Não tens nenhuma marca do que aconteceu ontem à noite. Fico contente com isso, mas continuo a pensar que talvez fosse melhor que só viesses na segunda-feira...

—Bem, como disseste, a maquilhagem é uma boa aliada. E eu não estou doente, por isso não há motivo para adiar o início do meu trabalho na empresa.

—De acordo —respondeu ao pôr as mãos nos bolsos, afastando-se— Gostava de te fazer um *tour* pelo escritório, mas ainda tenho de preparar documentos.

—Não há problema, indica-me só como chegar e já está.

John tinha pedido que, se fosse possível, a colocasse no gabinete dele. De facto, pediu que construíssem um compartimento especial. Mas Matt não podia fazer isso, porque seria um atentado contra a própria saúde. Se nesse momento, só de olhar para ela vestida com esse fato simples que se ajustava às curvas, já temia pelo seu critério, nem podia imaginar tê-la todos os dias no mesmo espaço físico sem dar em louco de frustração pela vontade de a beijar e terminar o que tinha deixado por metade na noite anterior. Victoria era a única pessoa com quem o seu sentido de auto-controlo ia de férias. Não ia arruinar a relação de trabalho. A conta Harrington e ascender profissionalmente eram o mais importante para ele. O resto era um mero

acessório.

—Ao saíres do meu gabinete vira à direita. Ao fundo, há uma porta que indica *Reservas*, costumávamos colocar aí os documentos dos clientes que não davam em nada. Agora está pronta para que a utilizes. Ao lado do teu escritório há outra, é onde está o nosso estagiário. É um rapaz muito esperto, chama-se Simón Brass. Podes contar com ele como teu assistente. Caso necessites, se vais um pouco mais para a esquerda, saindo do teu gabinete, encontras a zona de impressão. É bastante grande e tem seis máquinas fotocopiadoras. A tua área está um pouco mais afastada do resto, mas imagino, que tal como eu, gostes de trabalhar com mais privacidade.

Ela sorriu com educação. «Estou a levar bem este encontro», pensou.

—Obrigada —disse pondo-se de pé e caminhando até à porta.

—Victoria —chamou-a ele.

Virou-se para ele.

—Sim?

Victoria dedicou-lhe um olhar frio, por isso Matt pensou que o melhor seria esquecer a ideia de lhe pedir para a acompanhar a casa nessa noite. Sentia um instinto de proteção absurdo por ela.

—Encontro-me contigo dentro de uns minutos —disse-lhe ele. Quando a porta se fechou atrás dela, Matt soltou o ar. Perguntava-se se a Victoria era consciente do efeito que causava nele, ou se por acaso gostava de lhe esfregar na cara o que tinha perdido. Se por acaso fosse a última hipótese... Não queria saber, não pensava fazer nada com respeito a esse assunto. Matt foi até ao intercomunicador — Marla, preciso que me traga os relatórios da semana passada com os orçamentos. Claire trouxe-me os correspondentes aos projetos por fazer, não os que estão em curso e são esses os que preciso... Sim... De acordo. Obrigado. —desligou e foi até ao sofá. Caiu nele.

Enquanto caminhava pelo corredor até ao gabinete de *Reservas*, Victoria pensou que tinha passado pelo menos um mês desde a última vez que foi visitar o Devon ao hospital. A falta de mobilidade pela sua condição verificava-se na perda de peso. O rosto outrora perfeito e proporcionado, já não era rosado, mas sim pálido. Ela ficava de coração partido por ver alguém que não tinha sido só o seu melhor amigo, mas amante e companheiro, tão indefenso. Cada vez que se aproximava da cama, beijava-lhe na cara e despedia-se com um suave beijo nos lábios.

Teria dado qualquer coisa por não se ter zangado com ele no dia do acidente.

Devon era muito atractivo e vital. Cada vez que lhe sorria fazia-o com uma espontaneidade cativante. Fazia-a sentir-se querida. Só tinha olhos para ela e demonstrava isso sempre. Confiava tanto nele... Meu Deus, como sentia a falta dele! Já era altura de encerrar esse capítulo, sabia isso. Não podia continuar a divagar por um trilho esbatido. Hoje à noite ia vê-lo para lhe dizer adeus, para terminar uma etapa e começar uma nova.

A porta que tinha à frente representava um início na sua vida. Quando passasse para dentro, não ia voltar atrás. Respirou profundamente.

Abriu a porta.

O gabinete era pequeno, talvez cinco vezes mais pequeno do que o do Matt. Não lhe importava. Teria privacidade e isso era indispensável. Contava com uma pequena secretária e um portátil último modelo ligado a uma impressora. O telefone, uma mesinha ao centro e duas cadeiras para duas pessoas eram a mobília que dispunha. Também havia uma prateleira baixa perto da porta com livros da especialidade, segundo leu em dois títulos. Em cima da prateleira havia duas molduras vazias. Colocaria uma fotografia de uma lembrança bonita. Ao fundo do gabinete estavam três persianas pequenas que deixam entrar a luz da rua. «Espectacular!»

Estava a acomodar-se no assento reclinável do gabinete quando bateram à porta. Disse a quem fosse para entrar. Um rapaz bastante simpático assomou a cabeça, tinha muitas sardas e era quase tão alto como o Matthew.

—Olá estranha! —cumplimentou com familiaridade ao aproximar-se— Sou o Simón Brass, o estagiária da agência —abriu a boca e mostrou a brilhante e paralela dentadura— Como estás?

—Que bom conhecer-te —respondeu com humor— O meu nome é Victoria —estendeu-lhe a mão e o rapaz aproveitou para beijá-la com cortesia.

—És a mulher mais bonita que já vi por aqui. Às tuas ordens. —Fingiu fazer uma vénia. Ela não conseguiu conter o riso.

—Já vi que ser galã vai contigo, não Simón? —sentiu uma empatia fraternal com o rapaz— se quiseres podes sentar-te.

—Algo tenho de fazer para ganhar os favores de uma bela moça como tu.

Victoria sorriu.

—É encorajador que não me consideres um ogre, especialmente se sou a tua nova chefe. Por isso, obrigada pelo elogio —disse a brincar. Quando viu a reação de surpresa do Simón, quem se apressou a pôr uma cara séria, riu-se.

—Upsss... ai, lamento, a sério. Disseram-me que hoje chegava uma moça nova, mas não que seria minha chefe. Não quis... —Simón retorceu as mãos atrás das costas. «Agora sim pus o pé na argola», disse para ele mesmo.

—Não te preocupes, senta-te. —Ele sentou-se— Vamo-nos dar bem assim que deixes de fazer essas estranhas vénias. —Simón corou e ela deu uma gargalhada— Quantos anos tens?

—Vinte e dois...

—A tua idade é perfeita para começar a trabalhar numa agência reputada. Espero que estejas a aproveitar a oportunidade ao máximo. —Simón assentiu.— Só exijo uma coisa a quem trabalha comigo, para além do respeito, é a lealdade. Reportas o que te solicite, és discreto e tens uma abertura completa da minha parte quando precisares. É assim que eu trabalho. É trabalho em equipa. Está claro?

Mais calmo, Simón assentiu com a cabeça.

—Muito claro, chefe.

—Chama-me só Victoria.

—Marsden... a sério? A filha de John Marsden?

Seria inocente se pensasse que não a iam reconhecer. Ela e o pai fisicamente eram demasiado parecidos.

—Assim é, mas o que tu ou eu façamos não será porque recebemos favores. Sou partidária de ganhar o respeito pelos meus próprios méritos.

—Claro, Victoria. Eu entrei na agência porque era o melhor aluno de Matt na universidade. Entrei há um ano e meio para fazer o estágio. Talvez em breve ele me ofereça um posto permanente.

—Vamos fazer bem o nosso trabalho para que o chefe fique contente. De acordo?

—Conta com isso.

Nos minutos seguintes estiveram concentrados em pôrem-se em dia com as contas em que tinha trabalhado a equipa de Matt no últimos seis meses. Analisaram os conceitos que mais chamaram à atenção, leram os esquemas onde estavam as campanhas e compararam resultados

dos estudos de mercado antes e depois de cada ação. Estavam cómodos sentados nas confortáveis cadeiras do gabinete, um frente ao outro, com as cabeças mergulhadas nas resmas e resmas de papéis com dados que revisavam junto com a informação do computador.

Quando olharam para as horas, o relógio marcava as duas e meia da tarde. Assustada, porque estava atrasada 30 minutos para a reunião, Victoria guardou com rapidez os documentos e levantou-se. Ao fazê-lo deu de caras com o olhar de Matt, que estava encostado à porta. Não o tinha ouvido entrar. Olhou para o Simón. O rapaz olhava para o chefe com a mesma surpresa.

—Matt...

—Estás atrasada. Eu esperava mais profissionalismo da tua parte. —expressou a olhar para os dois. «Isto vai directo ao meu orgulho», pensou ela ao controlar o temperamento— A reunião estava marcada para as duas da tarde.

—Atrasei-me, sim. Desculpa. Estive a trabalhar com o Simón —assinalou com a mão o volume de documentos que ocupavam um espaço considerável— para me pôr um pouco a par do que tem feito o teu departamento. O tempo voou. O profissionalismo também está relacionado com evitar a improvisação e a mediocridade —defendeu-se— e o Simón só me está a ajudar, é o que fazem os assistentes. —«Ninguém me vai dizer o que é ser ou não profissional, principalmente quando pelos meus próprios meios lavei um caminho», pensou indignada.

Matthew torceu os olhos perante o tom da Victoria, mas não respondeu. Prestou atenção no jovem estagiário que retorcia as mãos.

—Simón, o meu erro foi não te ter dito que vais ser o assistente pessoal da menina Marsden —explicou Matthew— Por favor, tem em consideração que contribuirás com o que ela te pedir para o projeto Harrington. E também deves levar a agenda dela. Agora, coordena com a Marla a planificação da próxima semana, e pede-lhe que re programe a reunião de hoje com a equipa para as cinco da tarde.

—Sim, senhor —respondeu e afastou-se rapidamente, enquanto a Victoria cruzava os braços.

Matt tinha estado a observá-la desde a porta entreaberta durante vários minutos. Não estava habituado a espiar, nem que a sua presença fosse ignorada, mas o ar da Victoria concentrada era adorável. Por isso, como um idiota, ficou agarrado ao chão. Ela tinha tirado o

casaco e notou como a blusa lhe marcava o peito. Um peito que era um delícia e que teve o prazer de beijar e tocar na noite anterior. Dois deliciosos montes que... Merda! Não conseguia tirar da imaginação a imagem da Victoria nua.

Esforçou-se por se concentrar no que lhe tinha a dizer. Ela olhava para ele, evidentemente, chateada. Ele também o estaria se o repreendessem por disparates. Definitivamente estava a começar a atuar como um idiota.

—Matthew, não tens de pôr em dúvida o meu nível de responsabilidade em frente de uma pessoa que vou dirigir. Não voltes a fazer isso, por favor —expressou com uma calma que não sentia.

—Se prestasses mais atenção ao que se te diz, tinhas poupado este mal estar —respondeu ao aproximar-se dela.

Instintivamente, Victoria deu um passo atrás e sentiu o borde da mesa do centro na perna. Matt era muito mais alto e ocupava o pequeno espaço entre o assento e a mesinha, impedindo-a de passar para o outro lado.

—Se a reunião é dentro de duas horas, então deixa-me trabalhar.

Ele olhou para ela.

—Não sei como consegues Victoria, mas desde ontem à noite que não consigo estar em paz...— confessou de repente, mudando totalmente de tema. Precisava de saber como ela estava de verdade. O que lhe fez foi uma grosseria. Como conseguiu deixá-la nua, excitada e além disso contrariada pelo assalto? Realmente necessitava repensar na atitude que teve. Ela, sem saber, tinha uma capacidade única paralhe tirar o raciocínio que tinha em outros aspectos da sua vida.

—Foi um erro e não voltará a acontecer —disse num murmúrio, que a ele lhe pareceu mais um ronronar.

Matt aproximou-se um bocadinho mais. Os lábios de ambos ficaram muito próximos.

—Eu não quis dizer que tivesse sido um erro. —O hálito quente dele acariciou os lábios sensuais da Victoria— O que tentava dizer era que ...

Victoria engoliu em seco. Não podia mostrar debilidade, principalmente porque precisava demonstrar que ela , antes de tudo, tinha sido uma boa escolha profissional para a agência.

—Tiveste razão em afastar-te. Foi um erro —mentiu ela. O aroma desse homem extendia-se como nevoeiro pelo corpo dela, tapando-lhe a razão. Não acreditava que apesar dos anos, Matthew ainda tivesse esse efeito nela— Vamos manter uma relação profissional, por isso falar de temas que não correspondam ao escritório não me parece o melhor.

—Victoria... —disse com a voz rouca. Matt levantou a mão com a intenção de tocar ao de leve a suave face com os nós dos dedos, mas foram interrompidos pela Claire, quem invadiu o gabinete agitando uns papéis na mão.

Ambos se separaram rapidamente.

—Oh, lamento, interrompo? —perguntou a olhar para um e para outro. A verdade é que não lamentava nada. Não ia permitir que a filha do dono da empresa lhe arrebatasse a atenção do homem que queria recuperar... para a sua cama.

—Claire, —expressou ele a modo de cumprimento— acabei de comentar à Victoria que a reunião será às cinco da tarde.

A loira levantou uma sobrancelha.

—Ah, sim, a Marla disse-me antes de eu vir aqui. Vejo que fizeram um bom trabalho na remodelação deste espaço. —Deu uma olhadela à volta de modo arrogante, principalmente quando se fixou nas pastas espalhadas, nas quais Victoria e Simón tinham estado a trabalhar momentos antes. Dirigiu-se ao Matt— Preciso de rever contigo os números antes de expô-los ao resto da equipa. —Voltou-se para a filha de John Marsden e sorriu-lhe.— Victoria, encontramo-nos daqui a pouco. Vamos ser uma grande equipa de trabalho. —Virou-se para o chefe:— Vamos, Matt, é importante que falemos agora. —Sem lhe dar tempo para dizer nada, entrelaçou o braço dela com o do director de contas e saiu do gabinete tagarelando. Matt tirou o braço e fui com a Claire.

Victoria observou a irem-se embora. O olhar que ele lhe fez antes de fechar a porta significava um “depois falamos”, o que ela ia evitar a todo o custo que acontecesse.

Ela deixou de prestar atenção nisso e chamou o Simón para continuarem a rever os documentos que ainda estavam espalhados pela mesa de trabalho. Ainda tinha duas horas pela frente. Almoçaram no escritório. Encomendaram algo ligeiro num restaurante de pizzas ali perto.

À medida que revia mais e mais material, a Victoria dava-se conta que gostava do sistema de trabalho que tinham na agência. Havia uma segmentação tão cuidada em cada

departamento, e um nível de trabalho verdadeiramente excepcional, que se sentiu satisfeita por isso. Não seria por acaso que era uma das melhores agências da costa oeste dos Estados Unidos, pensou enquanto virava a página.

O organigrama departamental continha a divisão das contas VIP de todos os ramos, e o director de todas elas era o Matthew. Outras contas, que faturavam menos, contavam com directores diferentes, e estavam catalogadas de forma mais específica: beleza, saúde, joias, desporto, moda, entretenimento, cultura, política, infantil, tecnologia, viagens, e assim por diante. O orçamento da empresa parecia ser altíssimo.

Numa pasta também havia informação sobre a dinâmica de trabalho interna. Embora não estivesse relacionado com o modo de trabalho com os clientes, sim que era algo que lhe interessava. Leu que até ao final do ano, na agência, havia um concurso entre os 14 departamentos existentes. Montavam uma campanha. Os temas variavam todos os anos. Os vencedores obtinham uma viagem, ao destino que quisessem, com todos os gastos pagos durante três dias. «Isto é trabalhar com classe, pai», pensou divertida. Era a primeira vez que não se sentia triste com o pai. Admirava a maneira como consolidou a empresa, em parceria com Andrew Spring, sendo muito jovem e um visionário.

Deixou de lado as pastas e sentou-se ao computador. Simón seguia-a com o olhar, enquanto guardava as folhas em ordem cronológica num dos arquivos. O telefone começou a tocar.

—Victoria, tens uma chamada, é o sr. Marsden. —Ela pediu ao Simón, pondo a mão no auscultador, que lhe trouxesse café. Quando ficou sozinha, respirou profundamente e atendeu.

—Pai?

—Olá filha... Felicidades pelo teu novo emprego! —exclamou com evidente alegria.

O pai sempre quis que trabalhasse com ele, mas se ela o tivesse feito agora não tinha a experiência com que contava, nem tinha desenvolvido as habilidades que lhe valeram a confiança de marcas importantes quando criou a agência com o Devon.

—Obrigada, pai. O que posso fazer por ti?

John sentia-se doído pela indiferença da Victoria. Embora reconhecesse que esteve mal quando ella pediu que lhe pagasse a viagem a Los Angeles para ver o Devon. Ele pensou que se tratava de algum capricho de gente apaixonada. No entanto, quando Laurel e Darren Patroll lhe telefonaram a pedir que os acompanhasse porque o filho tinha tido um acidente na auto-

estrada, deu-se conta que tinha cometido um grande erro. Mas foi tarde demais.

Através da Laurel soube que a sua imprudência impediu a Victoria de chegar a tempo para ainda ver o Devon consciente. John expressou-lhes o seu profundo pesar pela forma como tinha procedido com a Victoria e consequentemente com o filho destes. Os Patroll contaram-lhe que o Devon esteve acordado durante dois dias de agonia até entrar em coma. Quando a Victoria chegou ao hospital, após fazer uma longa viagem de autocarro, foi demasiado tarde. John não parava de se recriminar por ter sido injusto com a única filha. E agora, as possibilidades dele acordar eram incertas.

Depois de dizer à filha, que nesse momento tinha 24 anos, que estava cansado das manifestações de liberdade e independência dela, a sua única família, sentiu-se um miserável. Acusou-a de ser insensível e infantil. Do outro lado da linha, só ouviu um soluço e depois a linha cortou-se. Aquela não foi só uma chamada interrompida; aquela foi a última vez que a filha lhe dirigiu a palavra.

Desde o fatídico acidente, ele começou a depositar dinheiro numa conta que abriu expressamente para ela. Contudo, quando telefonava para o banco para saber se ela tinha levantado ou usado o dinheiro diziam-lhe sempre o mesmo: «O dinheiro continua todo aqui, senhor.» Ele não queria saber e continuava a depositar-lhe o dinheiro todos os meses. Talvez fosse o modo de limpar e acalmar a culpa que sentia. A distância levou-o a uma profunda depressão, que só o trabalho conseguia debilitar. Nos últimos dois meses tinha conseguido uma pequena aproximação com a Victoria, minúscula, mas para ele significava muitíssimo. Telefonava-lhe de vez em quando, de cinco telefonemas, ela atendia um ou dois, com monossílabos ou alguma frase feita. Mas pelo menos ele considerava isso um grande avanço, depois de tantos meses sem terem uma relação como a de antes. Não tinha tido coragem de ir vê-la pessoalmente, porque achava que não seria capaz de aguentar a dor de ser rejeitado outra vez pela filha. Sabia que o merecia, mas continuava a ter dificuldades em assimilar como o seu grave erro tinha afetado a relação de ambos.

Agora que Matt a tinha levado para a agência faria o que estivesse ao seu alcance para restabelecer completamente os laços com a filha. Claro que os dias de tréguas estavam contados, caso ela descobrisse que ele tinha manipulado as circunstâncias para que ela tivesse um emprego. Não havia forma de ela saber, porque só sabiam do assunto Matt e ele; e o rapaz não o ia denunciar. Nesse aspecto estava tranquilo.

—Vicky, gostava que viesses jantar cá a casa. Assim celebramos o teu emprego. O que

achas...?

O pai era a única pessoa que a chamava dessa forma tão detestável, pensou Victoria ao revirar os olhos. Queria recusar o convite, mas por outro lado queria cortar esse ciclo de contínuo adiamento para o encarar. Há 11 meses que não ia a casa nem tinha uma conversa com o pai como costumavam ter antes do acidente.

—Quando? —perguntou com suavidade desenhando rabiscos num folha de papel em branco.

—Hoje à noite, às oito —respondeu feliz. Um pouco de esperança aos 60 anos era gratificante, principalmente quando já encontrava alegria em poucas coisas.

—Não há problema, mas primeiro tenho de ir ao hospital. Há muito tempo que não vou ver o Devon.

Um breve silêncio reinou, mas John depressa o desfez, e após tossir a modo de limpar a garganta disse:

—Agradeço-te que aceites vir aqui... Sei que não fui um bom pai e...

Victoria suspirou.

—Esquece pai, OK? Encontramo-nos mais tarde. Tenho de me preparar para uma reunião com a equipa de trabalho.

—Sabes? Eu teria gostado de ir aí cumprimentar-te, mas tenho tido conferências com clientes que estão na Europa, não consigo escapar. Por favor, não penses que não te quis felicitar pessoalmente. Só não queria... Não queria pressionar...

—Pai... entendo perfeitamente —interrompeu com suavidade— Não te preocupes. Fico muito contente por saber que não tiveste nada a ver com o telefonema do Matthew. —John, no seu gabinete, apertou os lábios. Detestava mentir à filha, mas não podia deixar de a ajudar. Ela tinha potencial, ele só lhe estava a dar um pequeno empurrãozinho— Encontramo-nos logo, OK?

—Até logo, Vicky. —Desligou.

A vida às vezes dava uma segunda oportunidade, e ele não a ia desperdiçar.

CAPÍTULO 6

A reunião foi tudo o que a Victoria não esperava. Um desastre.

Matthew no seu tom profissional e impessoal apresentou-a à equipa. Beatrice Smidow, uma mulher com uns 40 anos, calculou ela, era a encarregada da redação criativa do departamento. Claire, era responsável pelas tendências de mercado, orçamentos e apoio na conceptualização, este último era o que fazia o Matt, em conjunto com a direção da equipa e o relacionamento directo com os clientes. Gary Fox, tinha a veia criativa e era o líder do desenho digital. Wanda Ellis, uma moça que aparentava uns 30 anos, também se encarregava das lides de desenho.

A sala de reuniões era magnífica. Duas portas de vidro deixavam à vista uma mesa gigantesca com 20 cadeiras giratórias de couro com cor de vinho tinto. Numa das paredes frontais estava posto um ecrã gigante e imponente. No tecto estava suspenso o projetor de imagens. Apesar de não haver janelas, o espaço era suficientemente amplo e o ar circulava limpo e agradável.

Ao fundo da sala estava uma estante com diversos prémios que a agência tinha recebido ao longo dos 40 anos de existência, e num discreto espaço destacava uma fotografia dos fundadores: Andrew Spring e John Marsden, ainda jovens dando a mão num campo de golf como cenário de fundo.

O pai foi sempre um vaidoso pelo seu bom gosto com respeito à arte, por isso na sala havia um Rubens e um Van Gogh. Embora a Victoria não soubesse muito sobre arte, herdou o olho clínico que conseguia diferenciar uma obra falsa de uma original. Quando terminou de analisar a sala voltou a concentrar-se nas instruções que o Matt dava.

—... uma vez que já conheceste todos, apresento-te a eles. —Olhou para ela primeiro e depois para os restantes— Colegas, esta é a Victoria Marsden, a partir de agora vai trabalhar na agência como executiva da conta Harrington. Se precisarem do apoio dela em temas de vinculação ou contactos podem pedir-lhe.

—Já que terminámos as apresentações, Matt —disse Claire com voz melosa— gostava de apresentar brevemente o novo orçamento, tal como a alteração que tu e eu fizemos ao

conceito —disse recalcando o *tu e eu*.

—É uma bruxa, desculpa dizer-te isto, Victoria —sussurrou Simón ao ouvido.

Victoria sorriu em tom de resposta, sem deixar de prestar atenção.

Após ouvirem durante 30 minutos a exposição da Claire sobre os números que sobem e descem, acordaram assentar o total do orçamento numa quantidade exorbitante. Depois da análise das décimas e percentagens, cada um comentou os erros da primeira etapa da campanha que consideraram necessários para melhorar a segunda, o modo em que resultariam as novas alterações e falaram sobre o impulso que o conceito exigiria para ser vendido.

Depos de todos falarem, foi a vez do Matt intervir. A sua exposição foi coerente, desenvolvida e concisa. Sugeriu a ideia da fusão da cor do outono na pele de uma mulher e que a única coisa que lhe desse vida fosse um diamante Harrington. O conceito era outono, elegância e brilho. A campanha seria lançada nessa estação do ano. De seguida, até estarem todos de acordo, debateram sobre qual o *slogan* que deviam usar. Essa decisão, com prós e contras, demorou quase 40 minutos de debate.

—Que tipo de tecido vai vestir a modelo? —perguntou Victoria— Entendo que o diamante deve ressaltar, mas sabemos que o sr. Harrington é um homem tradicional e familiar...

—Seda, claro! Azul —respondeu Matthew— Não é nudez. Esta campanha baseia-se na elegância, no bom gosto, e a nudez, mesmo sendo artística, não entra nesta ocasião. Precisamente pelo Paul. Além disso, não encaixa com a marca. Estamos a lidar com a elite de um nível altíssimo; algo hipócritas, que fingem ser conservadores, mas ao mesmo tempo apreciadores da decadência. Temos de saber jogar com a mente do consumidor. Ainda bem que tocaste neste tema, Victoria, temos de ter isto claro.

—Perfeito —respondeu ela.

—À diferença do *slogan* anterior, parece-me que este está mais de acordo com o que o Paul quer —interveio Gary— e é bastante mais interessante para graficar. De facto, um desafio, porque pretende explorar o nível de reação dos consumidores para criar um alto impacto nas vendas. Wanda tem a plataforma para visualizar em 3D, podíamos utilizar esse recurso na apresentação.

Wanda sorriu ao Matt, que assentiu e deu a aprovação ao Gary.

—Concordo com o Gary, Matt —falou a Beatrice— Os ajustes são poucos, vamos estar

prontos a tempo. Uma amiga que trabalha na Butler & Partners disse-me que eles ainda não começaram o redesenho, porque têm dois clientes que lhes estão a exigir mais tempo. Por isso, sugiro que aproveitemos o orçamento para contratar uma modelo que possa estar à altura do que propomos, fazer uma sessão de fotos e um vídeo. Que não seja uma amostra igual ao que estamos habituados, brindemos algo mais tangível, por dizer de alguma maneira, mesmo que nos custe um bocadinho mais de tempo. Podemos antecipar-nos e marcar a diferença.

Murmuraram entre todos.

—Gosto da tua ideia, Beatrice —expressou a Victoria, fazendo-se ouvir entre as vozes, que se foram apagando pouco a pouco— Primeiro concentremo-nos em dar forma à proposta e depois organizamo-nos. A proactividade é importante neste negócio.

—Bah! Por favor, porque é que vamos gastar dinheiro em algo que devia pagar o cliente? Ainda não temos esta conta, não vale a pena esgotar os nossos recursos. Devíamos ir com mais calma, quer dizer, optar pelo clássico e seguro —opinou Claire.

Matt, que até ao momento só os tinha ouvido, falou:

—Iremos com mais calma, parece-me muito bem. Claire, tens razão. Mas sobre o clássico e seguro estás enganada. Queremos romper paradigmas e inovar, porque isso marca a diferença entre nós e o resto das agências. —Matt dirigiu-se a Victoria—Ser proactivos como sugeres é importante. Contudo, não supõe fazer um gasto tão grande como agência, porque isso envolve *casting*, equipamentos, etc.. Mesmo que ganhemos a conta, nada nos garante que o cliente assuma esses gastos, porque em teoria é parte do que lhes estamos a oferecer na licitação, mas que ainda não consta no serviço até que se assine o contrato. —Olhou para a Beatrice, quem estava um pouco cabisbaixa. Geralmente, a criativa não falava muito, por isso tentou suavizar o que ia dizer— Beatrice, a tua ideia parece-me muito boa, vamos tê-la muito em conta para os últimos retoques antes da apresentação. Se for conveniente, fazemos isso. — Há muitos anos atrás, ele aprendeu a lidar com os egos dos criativos, precisamente quando aprendeu a lidar com o dele.

—Tenho uma ideia e acho que podemos trabalhar nela. —expressou Claire.

—Claro. Conta-nos. —respondeu Matt sorridente. Num extremo afastado, Marla fazia apontamentos em silêncio.

Gary levantou os olhos para ouvir a Claire. «Parece que esta é o ossinho duro de roer da equipa, mas Matt não se dá conta, ou está entretido com tanta coisa postíça que,

evidentemente, esta mulher leva em cima», pensou Victoria, sem conseguir evitar.

Claire comentou, durante 20 minutos, as ideias e as sugestões que tinha para a campanha, sem deixar de olhar para o Matt constantemente com um sorrizinho. Gary, por seu lado, utilizava com destreza o lápis, ouvindo-a e convertendo as palavras em desenhos. Beatrice parecia sumida nas suas ideias. Os criativos trabalhavam silenciosos. Wanda, ao contrário, só ouvia e às vezes escrevia no pequeno portátil.

—Agora que já está tudo claro, amanhã, Victoria e eu, vamos a uma reunião com Paul Harrington.

—Amanhã? sábado? —perguntou Claire com voz estridente, não porque houvesse trabalho, mas porque Matthew ia à reunião com outra pessoa que não era ela.

Victoria ficou chateada, porque Matt não conversava, *informava*. Ela trabalhava porque precisava do dinheiro, claro, mas os fins de semana dela não estavam sujeitos ao livre arbitrio de ninguém. Quando ia reclamar, Matt adiantou-se e respondeu à «Barbie plástica».

—Sim, durante um jogo de ténis. Sabes que os nossos clientes são VIP, —disse isso a olhar para todos— é a característica que faz possível a existência dos vossos postos de trabalho. VIP entre linhas devia-se ler como: caprichosos. Temos de nos ajustar a eles. Não nos podemos negar, porque ainda não ganhámos a licitação ou o acordo. Quando o contrato estiver assinado, então sim, mandamos nós.

Todos assentiram.

—Matthew —chamou-o Victoria. Todas as cabeças se voltaram para ela. Utilizou um tom muito suave, quase uma carícia, embora tivesse vontade de lhe gritar. Ela era partidária da democracia não das ditaduras laborais. Gostava de negociar os pontos; todos— Parece-me que antes de comprometeres um colaborador, mesmo que tu sejas o chefe, deves consultar os implicados. Sobretudo quando se trata de fins de semana. Já que estamos a ser tão francos e directos, uno-me a essa política, e acho que faço bem em expô-lo em frente de todos. Assim tens a oportunidade de negociar essas horas extras com benefícios ou compensações para o colaborador. —Ela acreditou ver chispas a saírem dos olhos verdes. Claire olhou para ela com um sorriso; aquele que costumava ter Silvestre antes de se lançar em cima de Piolín. Não sabia se ela era o Piolín, ou o Matt, mas não gostava de nenhuma das duas perspectivas. Victoria simplesmente queria deixar claro que a comunicação era primordial. Se era para trabalhar aos sábados, estupendo. Mas primeiro conversava-se, e depois tomavam-se decisões a respeito.

Um chefe consciente tinha noção que, fora do escritório, os empregados tinham uma vida. Não era uma utopia, ela e Devon aplicaram essa política e resultou muito bem.

—És nova nesta equipa —começou Claire com tom casual—, e mesmo que o teu papá seja o dono desta empresa, acho que deves estar disposta a conseguir as coisas com o teu esforço, querida —Olhou para ela com superioridade. Victoria sentia o estômago, o fígado e todos os órgãos vitais a terem convulsões. «Quem é que ela pensava que era para lhe falar dessa maneira?»—. Matt, não te preocupes, acho que qualquer colaborador pode fazer um esforço pela agência. Quem se disponibiliza?

Conseguir as coisas pelo próprio esforço? E o que Claire achava que ela tinha feito durante os últimos anos? Que abusada!, pensou Victoria, furiosa. Ia responder-lhe e colocá-la no seu sítio, quando Matthew se dirigiu a ela.

A sala estava em absoluto silêncio. Todos tinham consciência que a Claire ofendeu a filha do dono e o que se passasse a seguir ia marcar um precedente na equipa de trabalho.

—Victoria, —o tom foi firme— o que a Claire disse é verdade. —«O queeê?» Victoria apertou com força a caneta para evitar lançá-la no copo de água do Matthew.— O facto do teu *curriculum vitae* ter o nome de Marsden não significa que tenhas ou venhas a ter um tratamento especial. Dá honra ao *curriculum vitae* que tens. Tiveste a tua própria agência, por isso, todos supomos que deves saber o que implica sacrificar um sábado ou um domingo, principalmente neste tipo de casos, quando se trata de obter uma conta tão importante que nos pode levar à Europa.

Não podia acreditar. O idiota estava a humilhá-la em plena reunião. Ele contratou-a, e sabia o curso dela, até tinha elogiado as campanhas em que tinha trabalhado durante a entrevista! Porque é que vinha à baila o sacrifício? Conteve muito a custo a vontade de estrangulá-lo.

—O meu pai pode ser o dono de tudo isto,—respondeu com a mesma firmeza sem elevar o tom de voz— contudo, aqui há algo que, independentemente se és ou não o chefe, não te estou a sugerir que consideres. Refiro-me ao tempo não laborável. É importante falar primeiro com a equipa. Exijo o teu respeito se quiseses ter o meu. Não te permito que questiones a minha vida profissional, porque sou muito capaz e demonstrei-o muito bem. Tu sabes e viste o meu trabalho, por isso contactaste-me para uma entrevista. O sacrifício faz parte desta profissão, sei isso perfeitamente. Mas como chefe não perdes nada se avisares com antecedência, em lugar de nos informar. Quantos dos presentes têm filhos, compromissos

pessoais, reuniões sociais ou cursos acadêmicos durante o fim de semana? Não estou a dizer que não vamos trabalhar aos sábados ou aos domingos, só te peço que avises com antecedência. É só isso.

O público que tinham à volta estava pasmado.

Ao dizer a última palavra, Victoria pôs-se de pé, não sem antes pedir ao Simón para a acompanhar. Ambos saíram da sala. O apelido para ela não significa nada mais do que um registo no notário. Ninguém ia menosprezar a sua valia ou reduzi-la a um favoritismo.

—Agora é que armou a bonita. A filha do dono tem saia de aço, Gary. Vamos estar entretidos com estes dois nos próximos meses —disse Beatrice ao ouvido de Gary.

—Não duvides —respondeu Gary, rindo-se baixinho.

—Sabias que era a dona de M&P? —murmurou Wanda.

—Não! —exclamou Beatrice sussurando, e evidentemente espantada.

—Isso mesmo. A agência jovem com mais potencial era dirigida por ela, mas ninguém sabe porque fechou de repente. Dizem que está em remodelação, mas já passou muito tempo. Por isso, se alguém sabe gerir uma empresa de publicidade é esta Marsden —explicou Wanda.

—Não só pelo apelido que tem...—assegurou Gary.

—Claro que não.—siguiu Beatrice, calando-se de imediato, quando percebeu que Matt olhava para eles com impaciência e estava à espera que eles terminassem de trocar pareceres às escondidas.

—Tomem nota, senhores —ordenou o director da equipa. Observou os colaboradores e disse: — Gary, começa a trabalhar no que decidimos hoje. Claire, coordena com a Beatrice o assunto do conceito junto com a escrita criativa. Wanda, preciso que faças duas apresentações para quarta-feira, vem um cliente de França, envio-te o *brief* por email. Marla, diga à menina Marsden que quero vê-la em 10 minutos no meu gabinete. A reunião acabou. Boa tarde a todos. —Saiu da sala, pondo em prática o que o seu mestre lhe ensinou: respirar profundamente três vezes, duas vezes, três vezes, duas vezes. Continuou com o exercício até que chegou ao gabinete dele e fechou a porta.

Victoria estava no gabinete dela e deitava fogo pelos olhos. O comentario de Matt

pareceu-lhe totalmente injusto. Se depois de o ter posto no sítio dele, ele a despedisse, estava perdida. Ela era uma lutadora e ia novamente à caça de outro emprego, de certeza de que ia demorar algum tempo, mas ia conseguir.

Enquanto caminhava de um lado para o outro na carpete do seu gabinete, pensava nisto e naquilo para aliviar a ira, Simón observava-a um pouco nervoso. «Coitado do Simón. Talvez por lhe ter pedido que me acompanhasse, o Matt deixasse de tê-lo em conta para um contrato fixo em qualidade de um executivo júnior», reflexionou com pena.

—Olha, Simón, desculpa —disse, parou e olhou para ele com pesar— De certeza que pensas que sou louca, mas não podes permitir que um chefe faça com o teu tempo livre o que lhe der na gana. Se se trata de fins de semana, temos de negociar. Na minha empresa essa era a política.

—E de alguma forma esta é também a tua empresa, Victoria —expressou o rapaz com cautela— Tenho a certeza de que o chefe se deu conta que exagerou. Realmente, a única que não se chateia por vir trabalhar aos fins de semanana com o Matt é a Claire. Ele é um bom tipo, sabes? É raro ter estes confrontos...

—Imagino.

—Victoria —chamaram-na desde a porta. A cabeça com cabelos brancos de Marla apareceu— O sr. Talley quer vê-la dentro de 10 minutos no gabinete dele.

Ela assentiu e a assistente de Matt foi-se embora.

—Bom,... suponho que é o meu *debut* e a minha despedida —disse sorrindo a Simón.

—Ninguém te vai pôr fora da tua própria empresa, é absurdo.

—Simón, se por acaso trabalhamos juntos mais do que estas cinco horas, deves saber que não estou aqui pela influência do meu pai.

—Oh, não te quis contrariar —murmurou.

—Eu sei —sorriu— Não tem importância. Só queria deixar claro o meu ponto. Agora, é melhor que continues a organizar estes papéis para que se voltem a guardar no arquivo.

O jovem assentiu e começou a trabalhar.

Quando Victoria chegou ao gabinete de Marla, viu-a muito concentrada ao computador. À volta dela, os pequenos gabinetes estavam vazios e as luzes apagadas. Parecia até que a «Barbie plástica», já se tinha ido embora; pelo menos, não via a cabeleira loira a agitar-se por

ali. Viu as horas. Eram quase as sete da tarde. Queria ir visitar o Devon antes de ir a casa do pai, já se estava a atrasar.

Apressou o passo e bateu à porta do Matthew. Não teve resposta. Insistiu, olhou para a Marla. Ela indicou-lhe com a cabeça que entrasse, sem deixar de teclar com rapidez.

O gabinete estava completamente vazio. Ouviu a torneira aberta na casa de banho. Como se sentia cansada, sentou-se no sofá grande de couro. Ia fechar os olhos só por um instante, pensou ela, mas mantinha os ouvidos em alerta.

A porta da casa de banho abriu-se com demasiada rapidez para o gosto de Victoria.

—Muito bem, vejo que és pontual —comentou Matt.

Abriu os olhos contrariada. Precisava de um café.

Olhou fixamente para o Matt.

—Queres a minha carta de demissão? —Não poupou palavras.

Ele sorriu. Foi uma reação que ela não esperava em absoluto.

—Pensei nisso, mas o Harrington vai gostar da tua personalidade. —Usou um tom mais firme e acrescentou:— Victoria, não voltes a desafiar-me.

Ela pôs-se de pé, como se tivesse sido accionada por uma mola.

—Dizes para não te desafiar? Que diabos, Matthew! Humilhas-me em frente da tua equipa de trabalho, dizes coisas que sabes que não são verdade, e tudo isso porque tens relações com essa Claire. —Ele abriu a boca para responder, mas ela não se deteve. Victoria pensava dizer-lhe exactamente tudo o que lhe passava pela cabeça. Não ia calar os conflitos pelos interesses sexuais dos outros. Ele achava que o Simón não lhe ia contar que ele e a Claire foram amantes?— Isso é um problema teu. Contudo, se isso se tornar num impedimento para que nos possamos expressar livremente, então será melhor que comeces a levar as tuas aventuras sexuais para um plano diferente...

Queria continuar, mas Matt agarrou-a pelos ombros aproximando-a abruptamente dele, deslizou-lhe a mão pela nuca com firmeza e beijou-a com fervor. Ela pensou em afastá-lo, mas ao sentir um suave mordisco no lábio inferior, tentando-a, mais o aroma envolvente de Matt, deixou de considerar essa opção e permitiu que a língua masculina lhe entrasse na boca, desenhando movimentos eróticos que ela não evitou de seguir com a sua. Acoplaram-se a um jogo de dar e receber. Partilhavam a essência, o desejo e a paixão que tinham evitado durante

esse tempo no escritório.

Victoria percorreu-lhe as costas com as unhas, pressionando-lhe os músculos firmes e estava maravilhada com o corpo de Matt. Foi o suficientemente ousada para baixar as mãos e acariciar o traseiro masculino.

—Tentava não te pôr as mãos em cima —sussurrou ele com um sorriso contra os lábios dela, enquanto a mão lhe vagava por debaixo da bainha da blusa e lhe acariciava a pele— mas vi que é muito complicado, principalmente quando me respondes dessa maneira. —resmungou, tocando o ventre suave e depois aventurar-se pelas costas e acariciá-la com delicadeza— Detesto não ser capaz de me conter...

O gabinete estava em silêncio, apenas interrompido pelo som das vozes deles, pelo contacto dos lábios e pela respiração ofegante.

—Aconteceu-me o mesmo... —disse esfregando-se na pelvis do Matt. «Adeus à determinação de fingir que à noite não aconteceu nada entre nós», pensou a Victoria.

Matt tornou o beijo mais profundo, ao mesmo tempo que lhe tocava no peito, tapado por um suave sutiã de seda. Acariciou-lhe o peito por cima do tecido, criando uma fricção excitante que a fez desejar não haver barreiras entre eles.

—Claire e eu não somos amantes. —murmurou contra a boca dela. Pousou os dedos no fecho frontal do sutiã. Os dedos queimavam-se ao tocar a pele nua do peito dela.— Fomos há muito tempo, mas já não me interessa...

Ela respirou ofegante, quando sentiu a dureza de Matt pressionando ardentemente a sua pelvis.

—Porquê? —sussurrou quando os beliscos que o Matt lhe dava no peito excitado a incentivavam a agarrar-se aos ombros fortes perante a tentadora possibilidade do Matt libertá-los do sutiã com um simples movimento.— Ela parece ter muito poder sobre ti... —continuou. Mordeu o lábio superior do Matt. Metade castigo, metade provocação. Gemeu, frustrada, quando as mãos que lhe tocavam abandonaram o peito, para descerem e agarrarem-lhe o traseiro de modo possessivo, em lugar de lhe tirar o sutiã como ela tinha esperado.

—Que ela pareça não significa que tenha, nem que eu lhe permita.

—Na reunião foste injusto comigo... estou zangada.

Olhou-a com intensidade, e ela quase se perdeu nessa maré de emoções que se refletiam nos hipnóticos olhos verdes.

—Victoria, desejo-te a ti, só a ti. —Tapou-lhe a boca com a sua para calá-la. Seduziu-a e embruxou-a com o seu cheiro, sabor e movimentos sensualmente calculados.— Olha, também gosto da tua demonstração do quão zangada estás —murmurou com um sorriso ao ouvido de Victoria, antes de lhe tirar o incómodo casaco, depois a blusa. Matt sentia o toque dos dedos suaves, apertavam-no e descobriam os músculos; era a mulher mais recetiva com quem tinha estado. Inclinou-se para a regar com beijos húmidos e suaves no pescoço. Mordiscou-a levemente. Ela curvou-se. Precisava dela nesse momento, queria sentir a pele dela, o corpo dela vibrar debaixo do seu. Não lhe importava se era a filha de John, não queria saber se não lhe podia dar mais do que esse momento. Não lhe interessava mais nada que não fosse apaciguar essa onda de ardência que só a Victoria parecia ser capaz de acalmar.

—Tens demasiada roupa —expressou com um tom lúdico, e começou a desabotoar-lhe a camisa, olhando para ele nos olhos e sorrindo com picardia—. Vês? —sussurrou, inclinándose para lhe beijar os peitorais, enquanto lhe percorria os abdominais de aço com as unhas.

—Suficiente —protestou Matt quando Victoria agarrou o sexo erecto, acariciando-o por cima das calças. Ele capturou-lhe o pulso com os dedos e beijou a parte interior, para depois o soltar e, dessa forma, abrir o fecho do sutiã com urgência.

Dois magníficos montes de creme e cetim ficaram à vista, mostrando aréolas rosadas com dois deliciosos picos erguidos à espera de serem venerados. Estava ansioso por prová-los.

—Victoria...—inclinou a cabeça e apoderou-se de um mamilo. Chupou-o e desenhou com a língua o seu contorno, abarcando com a boca o que mais podia dessa deliciosa tentação. Ela fundiu os dedos na espessa mata de cabelo preto, enquanto o sentia a inclinar-se para o outro peito, oferecendo-lhe as mesmas atenções. A boca de Matthew deleitava-se com o sabor de Victoria e as mãos vageavam pela figura de Vénus, apalpando todas as curvas.

—Matt...

—És muito sensual e recetiva... sabias? —sussurrou com a voz rouca. Ela, em resposta, agarrou-lhe no rosto entre as mãos puxando-o para cima para beijá-lo, ao mesmo tempo que movia as ancas, sem se conter contra a virilidade de Matthew, dando sensações que lhe agitaram a respiração.—Toca-me assim... Sim... —pediu-lhe, colocando a mão em cima da dela, para depois baixá-las juntas até ao sexo erecto, incentivando-a a estender os dedos no membro para que assim sentisse como estava duro, por ela.

Victoria abriu o fecho das calças de Matt, e quando a peça de roupa caiu ao chão seguiu

com a roupa interior. Ao expor o duro e portentoso membro em todo o seu esplendor conteve uma exclamação. Matthew era definitivamente grande. Esticou os dedos para lhe tocar na glândula. Ao agarrar tudo o que conseguia com a mão, sentiu-o vibrar. Os dedos de Matt também não estavam quietos. Enquanto que a Victoria acariciava a tentadora ereção, pondo à prova o auto-controlo de Matt, ele deslizava a mão para dentro das cuequinhas, tocando-a intimamente, apalpando a humidade, abrindo-a com os dedos, acariciando-a. Victoria moveu-se contra esses dedos traquinos e olhou para ele nos olhos. Um contacto que pareceu atravessar ambos como um raio.

Ele observava-a com os olhos cheios de desejo, o mesmo olhar da noite anterior... «Foi um erro.» As palavras bateram na Victoria como um muro de gelo. Conteu um gemido de censura consigo mesma, afastou-se. Ele estava excitado e respirava ofegante, olhava para ela confuso por ter parado.

—O que...? O que se passa? —perguntou ao abraçá-la, sentiu que ela tremia. Victoria não queria continuar por medo de ouvir o Matt dizer que tinha sido um erro. «Se ele dissesse essas palavras...». Ele leu-lhe o pensamento quando disse:— Se paraste por causa de ontem, Victoria, peço-te desculpa, não quis dizer que foi um erro tocar-te ou beijar-te. —Tocou-lhe no cabelo. Victoria olhou para ele expectante— Só não me pareceu bem continuar, depois de teres passado por uma experiência tão difícil. Por favor, —aproximou os lábios dele aos dela e beijou-a com doçura— acredita em mim.

Sentiu que ela estava na dúvida. Matt tentou acalmar-se, mas pouco podia fazer porque estava nu, excitado e também tinha dois lindos peitos em frente dele, uma pele acetinada e uma cintura perfeitamente marcada que esperava ser tomada pelas mãos dele. E essas cuequinhas tentadoras impediam-lhe de voltar a contemplar a Victoria totalmente nua.

—É assim? —sussurrou.

—Sim, é —respondeu, acariciando-lhe o lábio inferior com o pulgar.

O som do eco de um telefone sacou o Matt desse momento de sensualidade. Victoria também o ouviu. Olharam um para o outro num silêncio compreensivo como se ambos tivessem de repente voltado à realidade.

Se a Marla ou alguém abrisse a porta iam vê-los de brincadeira, pensou Matt. As suas aspirações para ascender iam para o garete e a Victoria saía desprestigiada. Esse estigma ia marcá-la por ser filha de um dos donos. Ele não podia fazer isso e ela também não. Que diabo?

Estava nu como se fosse um adolescente guiado pelas hormonas. A porta, provavelmente, nem estava trancada.

Com movimentos precisos, Matthew vestiu-se. Com um esforço quase impossível, entregou a roupa a Victoria e ajudou-a a vestir-se, não sem antes lhe acariciar o rosto com um sorriso, para que soubesse que tudo estava bem, que não estava arrependido. Em absoluto. Ela não disse nada.

Acabaram-se de vestir em silêncio.

—Ouve, Victoria, —agarrou-lhe no rosto— desejo-te. Tu também me desejas. Certo?

—Sim... —confirmou com a cabeça. O coração batia muito acelerado. Ela também sentia por ele uma necessidade física intensa. Tinha o corpo a tremer, ansioso por aliviar o desejo sexual insatisfeito. Queria gritar de frustração. Tinha prometido a ela mesma não ceder a Matt, mas reconhecia que era fraca com ele. Amor frustrado da juventude? Era só isso que a motivava a esquecer a sua decisão de se manter afastada? Sabia que Matt tinha parado pelo som do telefone. Se não o tivesse feito... Nem queria imaginar a cara da pobre Marla se os tivesse apanhado a fazer sexo no escritório, ou até mesmo o Simón... Podia ter deitado por terra a intenção de demonstrar que valia pelas capacidades que tinha, não por ser filha do dono, e menos ainda por ter relações com o chefe.

—O que é que tramas nessa cabecinha?

Ela sorriu. Aproximou-se com rapidez da porta, trancou-a e voltou para o pé dele.

—Beija-me, Matt —pediu com um sorriso. Ela nem teve de repetir duas vezes. Pôs a mão na parte inferior das costas, aproximou-se com suavidade e deu-lhe um beijo. Beijou-a desfrutando do sabor dela e guiando-a numa dança sensual com a boca. Percorreu cada espaço húmido, saciando-se e saciando-a. Era mais do que um beijo que os fizesse arder, acalmava, como se diminuísse o desejo insatisfeito de ambos. Era isso ou tê-la ali no gabinete, como ele desejava. Tinham passado pouco mais de 24 horas do reencontro, mas ele estava preso num desejo por uma mulher que sentia falta, mas que ao mesmo tempo...

—Quem é que trama agora? —perguntou Victoria, quando o viu a torcer o nariz. Acariciou-o na testa com o dedo índice, interrompendo com suavidade o beijo.

Matt olhou para ela fixamente.

—Vem para casa comigo esta noite. —pediu— Eu não sou um tipo que se comprometa sentimentalmente. Eu...—«Queria ser o mais sincero possível»— sei que o desejo que há entre

nós não vai desaparecer se o ignorarmos. Se nos contemos só vamos tornar intensificar o desejo. Eu não gosto das bombas-relógio. —disse na brincadeira— Para mim o mais importante é ter o Paul Harrington na nossa carteira de clientes. Imagino que para ti, o que te interessa é destacar na agência. —Ela assentiu— Sem promessas de nenhuma das partes, e de nenhum tipo, vamos ver onde nos leva esta atração. Se um dos dois decide terminar... não haverá problemas.

Ela queria perguntar-lhe sobre a noite do aniversário dela. Talvez agora a desejasse, mas a adolescente rejeitada que ainda existia em algum sítio no seu interior, queria explicações. Essa aproximação com ele podia permitir perguntar pelo passado, e entender... ou reparar. Por outro lado, ela não queria só uma aventura, ela queria amor. Exactamente o que ele não lhe oferecia, nem um compromisso. Era lançar-se de pára-quedas. Algo que nunca tinha feito. Contudo, Matt estava a oferecer-lhe o mesmo que se tinha negado durante demasiado tempo: um pouco de adrenalina à vida e também uma paixão sem remorços nem culpas. Talvez tentar não fosse uma má decisão, podia descobrir se ele era um capricho de adolescente insatisfeito ou um desejo frustrado de uma noite entre dois adultos que se reencontravam depois de tantos anos.

—Sem compromissos nem expectativas. —disse Victoria por fim— E fora do horário laboral. Tal como disseste, não pode afetar o trabalho.

«Se não havia um compromisso por nenhuma das partes, ninguém se ia sentir mal, e tudo seria espectacular», pensou Matt convencido de que era o acordo ideal. A frustração sexual não seria um problema a juntar ao stress que representava a licitação para a conta Harrington. No final, cada um seguia o seu caminho. O que é que podia querer mais?

—Absolutamente —respondeu.

—E Matt...

—Sim?

—Deves-me um pedido de desculpa pelo modo absurdo e irrespeituoso com que me trataste na reunião.

Ele olhou para ela, reflexionando, enquanto a tinha nos braços e lhe acariciava as costas já com o suave casaco, de cima a baixo. A verdade é que esta reclamação se justificava. Foi um golpe baixo ter utilizado um argumento tão descabido, porque sabia que a Victoria tinha lutado, tal como ele, por ela mesma. A resposta que deu foi uma reação química, porque ela o

meteu no lugar dele diante dos outros. Na equipa havia sempre cordialidade e as decisões dele nunca eram questionadas, a menos que se tratassem de temas abertos a debate, e entre esses temas não figuravam as opiniões sobre se podiam ou não trabalhar um fim de semana, dava isso por sentado, porque a empresa pagava bons salários consciente das exigências horárias. Não se sentia orgulhoso de como tinha lidado com a situação na sala de reuniões. Ele era sensato e reconhecia quando se enganava.

—Eu sei. Foi um comentário descabido. Desculpa.

Ela sentiu que ela estava a ser sincero.

—Ter ganho certo prestígio fora dos domínios do meu pai foi primordial para mim, e uma viagem profissional árdua. Nunca mais volte a pôr isso em causa, Matt. —respondeu com firmeza, mas sem se alterar— Podemos ser amantes, mas aqui no escritório não vou ceder e também não vou ficar impávida face a situações que não considere justas ou convenientes só porque vamos para a cama.

Matt conteve-se de responder. Victoria era tão diferente das outras mulheres com quem costumava estar, a mudança de mulher apaixonada sexualmente a mulher de negócios desconcertava-o. Ela não queria prendê-lo com artimanhas, não. Victoria era simplesmente, ela. Sem dúvida um grande desafio, e ele não se resistia a nenhum

—Parece-me válido. —aceitou— Por certo, que planos tão importantes tens para sábado? —perguntou ao lembrar-se de como tinha defendido com tanta insistência o tema que todos tinham uma vida fora do escritório.

—Um curso de francês... Está quase a terminar, são as últimas aulas.

—Muito bem. De agora em diante vou negociar os fins de semana. —Disse ele com picardia— Ou subornar os meus subordinados.

Victoria riu-se.

—Está confirmada a reunião com Paul amanhã no clube de ténis?

—Agora vejo no email e digo-te se há alguma novidade.

—De acordo. Matt, e sobre esta noite...

—Sim? —perguntou a olhar para ela com um sorriso hipnótico.

Ela sabia que se continuasse nos braços dele não saia do escritório até terminarem o que tinham começado minutos antes. Não era uma opção. Com um sorriso, afastou-se com

suavidade para ajustar o casaco, e depois caminhou até à porta. Olhou-o por cima do ombro.

—Tenho um *negligé* preto que...

Matt a rir aproximou-se, abraçou-a e virou-a para ele para a beijar profundamente. Foi um beijo carregado de promessas sensuais.

—Estes anos converteram-te numa mulher muito provocante —murmurou ao mesmo tempo que lhe mordiscava o lábio inferior e depois o chupava com suavidade. Victoria rompeu o beijo e piscou-lhe o olho.

—Tens de comprovar a tua teoria mais tarde. —respondeu a sorrir e com a mão na maçaneta da porta— Adeus, Matt —sussurrou antes de destrancar a porta e sair.

CAPÍTULO 7

A transferência de Devon do hospital de Los Angeles até São Francisco realizou-se um mês após o acidente. Desde então, Victoria visitava-o diariamente. Houve noites em que dormiu no sofá do quarto do noivo. Com o passar dos meses e o Devon sem reagir, seguiu o conselho dos médicos: não era necessário ir ali todos os dias, porque se houvesse alguma alteração eles avisavam-na, e diminuiu o número de visitas. Mas isso não significava que Devon não estivesse no seu pensamento.

Durante um tempo, Victoria viveu pendente do telefone, à espera de notícias sobre algum câmbio no estado de saúde de Devon. Desde aí já tinham passado 11 meses e essa chamada não chegava. Chloe tinha razão, a vida continuava. Nunca ia deixar de se preocupar pelo Devon, ou visitá-lo de vez em quando, mas já não ia dar a pele por esse capítulo da sua vida, nem suspender os próprios desejos pelo sentimento de culpa. Até ele despertar podiam passar anos... se isso acontecesse. Necessitava seguir com a sua vida. Por isso, nessa noite tinha ido ao hospital: para se despedir e deixá-lo ir.

Com passos apressados, Victoria caminhou pelo corredor que já conhecia de cor. As enfermeiras do turno da noite já sabiam muito bem quem ela era, costumavam responder às suas dúvidas com paciência, apesar de que em ocasiões serem repetitivas. «Há algum estímulo que o tire do coma?» «O que posso fazer por ele?»

O quarto de Devon tinha uma janela que dava para a rua principal. O verão estava a terminar e o temperatura já tinha refrescado um pouco. Victoria parou ao pé da cama. Cada vez que o fazia era inevitável que os olhos não se enchessem de lágrimas. Passou a mão pelo braço ligado ao soro, acariciando a pele branca que luzia tão frágil. Uma pele que se tinha fundido com a dela tantas vezes.

Passeou o olhar pelo atrativo rosto. Os ângulos estavam mais marcados devido à perda de peso. Os olhos fechados, serenos. Os cabelos loiros brilhavam com a luz do candeeiro de mesa. Ela inclinou-se e beijou-o na testa. Sentia-se pouco confortável para beijá-lo nos lábios. Não podia fazer isso. Não depois de ter beijado Matt ainda há poucas horas. Sentia como se esses beijos a tivessem desligado completamente do Devon. Aquilo deixou-a um pouco aflita.

—Devon, —chamou-o com ternura— sinto-me tão mal por te ver assim. Lamento profundamente tudo o que te disse naquele dia. Censuro-me uma e outra vez. Não fui a melhor

namorada que alguém podia ter... não a que tu merecias. Se pudesse pedir um desejo ao universo seria que despertasses e que a nossa vida voltasse ao de antes... embora já nada fosse igual —sussurrou a olhar para os aparelhos a que ele estava ligado.

O único som que se misturava com a voz dela era o dos aparelhos médicos, e o do vento a bater na janela como um sussurro. Aproximou uma cadeira. Lentamente entrelaçou os dedos com os dele, com cuidado para não mover a agulha intravenosa que o alimentava.

—Amei-te, amo-te. Mas decidi seguir com a minha vida. Chloe, lembraste dessa tagarela? —sorriu entre soluços— Ela diz que depois de 11 meses devo seguir em frente. Resisti-me a fazê-lo, não perdi a esperança de que vais acordar, mas não sei quando é que isso vai acontecer... podem passar anos, e eu —olhou para os dedos de ambos— tenho de seguir. Espero que entendas, —suspirou para tomar fôlego— tenho de assumir que já não estás mais comigo. Eu...isto...o teu anel de noivado tão bonito, está guardado na minha caixa forte. Às vezes olho para ele e lembro-me do dia em que mo deste. Oh, Devon... —limpou as lágrimas com o dorso da mão— não posso continuar a fazer isto a mim mesma. Hoje vim aqui despedir-me —engoliu saliva— como tua noiva, mas nunca como amiga tua. Os médicos têm o meu número de telefone, —riu-se sem alegria— não tens ideia de como os tenho perseguido com perguntas durante estes meses. Eles disseram que me telefonam quando decidires acordar. Até lá, vou dar-me um tempo. Preciso disso. Também há o Matthew, —sussurrou— ele é... Lembraste de quantas vezes te contei aquela história? Sim, de certeza que te lembras. Ele e eu estamos a conhecemo-nos de novo. Meu Deus, como isto é difícil. Devon, digo-te isto, porque...

Sentiu que alguém entrava no quarto. Calou-se e, antes de ver quem era, inclinou-se novamente e beijou o Devon durante um longo instante na cara com carinho.

—Desculpe. —disse uma mulher alta e magra. Tentou retirar-se ao ver que Devon tinha uma visita, mas um gesto da Victoria deteve-a.

Não era a primeira vez que se encontrava com aquela moça no hospital. Em alguma ocasião, viu-a com um menino de aproximadamente dois anos, mas ele não estava ali agora. A jovem de cabelos pretos brilhantes tinha um rabo de cavalo. A única maquilhagem que levava consistia num batom vermelho, que ficava bem com os olhos cor de mel. Vestia-se de forma elegante e parecia agradável. O rosto não lhe recordava nenhum amigo em comum com o Devon. Mas também não conhecia todo o amplo círculo social dele, mas sim que tinham vivido experiências suficientes para ter uma noção de quem os rodeava. Intrigada, Victoria

aproximou-se com um sorriso.

—Sou Victoria Marsden. —estendeu-lhe a mão— Acho que já a vi por aqui algumas vezes, mas ainda não tive oportunidade de a cumprimentar. —Pareceu-lhe ver que a mulher estava incômoda, mas depois essa impressão desapareceu. A moça esticou os dedos cuidados com manicure francesa, e esticou-lhe a mão. — Conheço-a de algum sítio? Talvez tenha sido mal educada. Às vezes costumo esquecer-me dos nomes. —disse com tom de desculpa.

—Amelia Parks —sorriu— Não, não nos conhecemos de sítio nenhum.

—É amiga de Devon?

Amelia assentiu.

—Sim, sou. Por favor, trata-me por tu. Tu és a noiva dele, não és? —sorriu com alguma timidez.

Victoria limitou-se a assentir.

—Dá-me muita pena o que lhe aconteceu...—disse com tristeza— É um bom homem. Sabes? Costumava falar sobre ti.

—Espero que coisas boas. —riu-se sem alegria. Devon sempre tinha sido muito entusiasta em apoiá-la nos seus projetos profissionais, e estava agrdecida por isso.

—Sim, sim... —sorriu Amelia com sinceridade— bem, eu não quero interromper a tua visita, venho outro dia...

—Já me ia embora. Tenho a certeza de que lhe fará bem saber que as pessoas que o conheciam sentem a sua falta e ouvir o quanto o apreciavam. Também te dedicas à publicidade?

—Não, em absoluto. Dedico-me à decoração de interiores. —Ao ver a cara de espanto da Victoria, explicou— Conheci o Devon numa convenção em São José. Um amigo em comum apresentou-nos. O Devon tinha um cliente que ia na mesma linha do meu trabalho e precisava de saber o mais possível sobre o meu mundo.

Victoria assentiu. Devon estudava sempre a fundo os clientes, realmente chegava a meter-se na pele do produto ou da empresa. Era um profissional excepcional.

—Oh, estou a ver. Tenho de me ir embora agora, Amelia. —disse— Gostava de te ter conhecido noutras circunstâncias, Amelia. Teríamos sido amigas.

—Seguramente...—respondeu— Adeus, Victoria —disse antes de lhe virar as costas

para se dirigir à cadeira que estava perto de Devon.

Com um último olhar ao quarto, saiu. Tinha feito o correcto. Estava a ser honesta com ela mesma e com o Devon, pensou Victoria, enquanto caminhava com segurança.

Quando estava a chegar à porta giratória da saída da unidade hospitalar, parou-se para procurar as chaves do carro. Entre tantas coisas que levava na mala, não as encontrou. Entre dentes disse um palavrão e foi até uma zona de espera com assentos para procurar com mais calma. «Por fim!» Sorriu ao ter o chaveiro nas mãos. Ia levantar-se quando diante dos seus olhos viu uma situação que a deixou em choque.

Um grupo de paramédicos chegava agitado, guiavam uma maca onde estava um homem loiro igual ao Devon. O homem estava a sangrar e queixava-se de uma maneira dolorosa. À volta, enquanto a maca entrava no corredor, os que pareciam ser familiares, perguntavam a gritar o que iam fazer, onde o podiam fazer, quanto tempo iam demorar para ter informações.

Essa imagem levou-a, inevitavelmente a 11 meses atrás, quando vivia com o Devon.

Desde que tinham oito anos faziam praticamente tudo juntos. Frequentaram as mesmas escolas e universidade. Embora ele tivesse uma facilidade inata para os negócios, também tinha um olho clínico para a criatividade, por isso inscreveu-se com ela em publicidade. Pareceu-lhe muito natural que passassem de namorados a noivos. Ela sentia-se confortável ao lado dele, ela um namorado magnífico. No âmbito sexual talvez não houvesse os fogetes pirotécnicos que as amigas comentam que os casais deviam sentir na intimidade, mas ela não se queixava, porque ele a fazia sentir especial; era suave e condescendente. À diferença de outros amantes que teve com Devon havia um factor adicional: o carinho.

Apesar da estabilidade da relação, irritava-a constantemente as ausências dele para ir a reuniões com os clientes, principalmente, nos últimos meses. Victoria tinha bastante claro que a diferença entre o plano pessoal e profissional era indispensável para o sucesso. Mas parecia que o Devon não pensava da mesma maneira e discutiam com frequência por causa disso. A desculpa dele para os atrasos era o engarrafamento rodoviário, ou algo à última da hora na empresa dos pais. Devon e a sua futura cunhada, Julianne, apesar de terem cursos universitários diferentes, costumavam fazer-se cargo de alguma papelada ou diligências desse negócio.

Ela tolerava as ausências, porque entendia o assunto dos negócios familiares. Contudo, a

gota, que acabou com a paciência dela, transbordou o copo numa tarde quando um cliente de Oklahoma, Spencer Garren, exigiu falar com os sócios da agência. Victoria disse-lhe para não ficar preocupado que o Devon estaria ali em breve. A conta era de cinco milhões de dólares. A maior desde que tinham aberto a agência, podia dar-lhes o empurrão definitivo para começar a contratar clientes das marcas mais promissoras.

Telefonou-lhe várias vezes para o telemóvel, mas ia para *voice mail*. Para além de irritada, estava preocupada porque não sabia se lhe tinha passado alguma coisa. O cliente, depois de uma hora de atraso, começou a ficar impaciente. Victoria ofereceu-lhe vários cafés, chás, sanduíches *gourmet*. Já eram quase seis da tarde, quando o sr. Garren agradeceu a amabilidade e lhe disse que se os dois sócios de uma pequena empresa não se podiam responsabilizar por atendê-lo devidamente, ele não lhes podia confiar a sua conta por mais que a proposta publicitária lhe parecesse espectacular. Perderam o Garren.

Naquele dia, por volta das sete da tarde, Victoria fervia de histerismo. Percorria a agência de um lado a outro à espera que o Devon se dignasse a chegar. Ele continuava sem atender o telemóvel. «E se lhe tinha acontecido alguma coisa má?», perguntava-se isto constantemente. A angústia terminou quando ouviu o som do motor do Porsche.

—Tori! Oh, amor, desculpa. —começou a dizer ao entrar com um precioso ramo de rosas vermelhas.

—Que chatice, Devon! Perdemos a conta de Spencer Garren. Porque razão não dizes simplesmente à tua irmã que se encarregue do negócio da família quando tu tens reuniões? Porque é que não contratam alguém que os ajude? Não podes dar cabo do nosso negócio — saltou como uma locomotora. Nada a podia parar. Agarrou nas flores e atirou-as para cima da mesa sem lhe importarem.— Somos amigos, amantes, mas também profissionais que têm um negócio juntos. Onde estavas?

Ao aproximar-se dela dedicou-lhe um olhar carregado de arrependimento. Aquele com que conseguia sempre acalmar a Victoria e fazê-la rir. Mas nesse dia não. Nesse dia ele tinha ido demasiado longe. Porque é que não saiu mais cedo para tratar de tudo? E se era um assunto da empresa familiar, por acaso a Julianne não podia resolver uma crise durante duas horas de ausência do irmão? Fazem falta duas pessoas? Não é que não gostasse da cunhada, mas também não era amigas devotas.

—Desculpa, foi um assunto que surgiu de um momento para o outro. Já sabes como é o

meu pai. Telefonou-me de repente para um tema financeiro, nem tive tempo para te telefonar a dizer. —Tocou-lhe carinhosamente na cara com o dorso da mão, da maneira que fazia antes de a beijar. Mas ela não tinha vontade de o beijar, estava muito zangada. Afastou-o.

—Não, Devon! Hoje não tenho tempo para as tuas carícias nem arrependimentos. Estragaste tudo. E não me refiro só à conta, tu sabes que não é só pelo dinheiro. As chamadas iam todas para o *voice mail*. Estava preocupada se te tinha aocntecido alguma coisa —espetou furiosa.

Ele teve a ousadia de sorrir de novo. A zanga da Victoria esteve quase a ponto de se esfumar, mas se o fizesse mais uma vez, ele ia continuar a desconsiderar o que tinha acontecido para lhe dizer que a essência da empresa era ela, ele era apenas uma figura de apoio. As coisas não eram assim! Precisava do cerebro rápido do Devon para os negócios e só a presença dele dava-lhe mais desenvoltura do que o habitual. Eram uma equipa.

—Desculpa... O que posso fazer para emendar isto, amor? —perguntou a olhar para baixo.—Agarrou-lhe na mão e beijou-a. Ela não o afastou. — Vá lá, Tori, diz-me o que posso fazer. Peço ao meu pai que me dê esses cinco milhões para compensar os danos? —gozou.

—Não entendes? —soltou—. Não é o dinheiro! Trata-se de compromisso e responsabilidade!

—Sim pelo compromisso, já sabes que sou teu inteiramente —inclinou a cabeça com inocência.

—Deixa de te fazer de parvo. Estou farta! Este é pelo menos o quarto cliente desde os últimos sete meses que não recebes, e já perdi a conta aos teus atrasos. É a nossa empresa! Porque não podes ser mais responsável? Por acaso, o facto de ter tanto dinheiro faz-te comportar de um modo tão arrogante?

Ele tentou abraçá-la. Já sabia que a Victoria às vezes costumava ser impulsiva, louca, exasperante, mas mesmo assim adorava-a. Há muito tempo que não a via assim tão zangada. Era verdade que nesse dia tinha sido mais inconsciente do que o habitual com os compromissos da agência. Depois de receber a notícia que o pai lhe contou zangado, não podia ter sido de outra maneira. Ainda não podia contar isso à Victoria; ele sentia-se um verdadeiro canalha. A prioridade agora era acalmar a Victoria, depois estava o cliente de Oklahoma.

—Falhei, prometo que a partir de agora as nossas reuniões serão prioritárias ...—

expressou com a maior sinceridade possível.

—Bah! Vou ter de ouvir isso quantas vezes? Agora nem tenho vontade de te ver nem de falar mais contigo. Vai-te embora com estas flores ridículas! Quero que desapareças da minha vista durante um tempo. Teria sido preferível montar o negócio sozinha, a minha vida seria mais controlada sem as tuas parvoíces!

Devon zangou-se. Uma coisa era que ela se chateasse, com razão neste caso, mas outra era que o ofendesse. Eles não resolviam os problemas assim. Nunca tinham perdido as estribeiras até ao ponto de gritar um com o outro. Sim, discutiam; sim, alteravam-se; mas não com a cara acessa pela raiva nem a olhar um para o outro com arrogância. Nunca.

—Ouve-me bem, Marsden. —Chamava-a assim quando se zangava. Agarrou-a pelos ombros para ter a atenção dela. Victoria calou-se. — Não nos vamos tratar desta maneira. Entendes? Aceito e justifico que estejas muito chateada, mas já pedi desculpas. Conheço-te há tempo suficiente para saber que agora é impossível falar contigo. Se quiseres que me vá embora, faço-te a vontade...

Victoria reprimiu um gemido. Devon estava a magoá-la ao agitar-lhe os ombros com força.

—Larga-me! Estás a magoar-me Devon.

Ao dar-se conta do que estava a fazer, envergonhado pela falta de auto-controlo, largou-a. Passou as mãos pelo cabelo. Olhou para ela compungido.

—Maldição... desculpa, Tori... —negou com a cabeça. — Merda! —resmungou.

Ela ficou a olhar para ele.

Não queria que ele desaparecesse da vista; não queria. Entre eles nunca se tinham gritado assim. Ela sim que tinha tido um dia complicado. O pai tinha-lhe telefonado a pedir que ela voltasse a viver com ele; respondeu-lhe que não, que tinha tomado a decisão de ser independente há muito tempo e pensava mantê-la. «Tinhas só 17 anos quando te foste embora.» Mais uma razão para querer seguir por minha conta, respondeu-lhe. Para além do pai, estava o facto de ter perdido um cliente importante, mais a preocupação por não conseguir falar com o Devon; como se fosse pouco, a empresa dava os primeiros passos, não estavam folgados economicamente. Dava para os pagamentos básicos e para o salário do pessoal, três colaboradores para além deles. Não estavam para luxos. Apesar da agência ser pequena e nova,

tinha uma reputação muito boa.

—Ouve, Devon, eu...

—Agora sou eu quem não te quer ouvir. Vou-me embora. Espero que te passe a birra. Vinha dizer-te que tenho uma viagem de negócios a Los Angeles. Parto em duas horas, mas vendo bem, e já que o planos para um jantar romântico estão arruinados, vou mais cedo. Quando regresso, talvez nos possamos entender civilizadamente.

—Devon...—Ele já tinha saído e fechado a porta com força. «Não te vás embora assim... », foi o que lhe quis dizer.

O som do Porsche a arrancar a toda a velocidade foi o detonante para ela desabar. Quatro horas depois, recebeu a chamada de um paramédico a informá-la que Devon tinha sofrido um acidente. O mundo dela desmoronou. O pior foi quando telefonou ao pai, quem lhe negou dinheiro, lembrando-a que horas antes defendia a sua independência, e que agora se desenrascasse, porque ele não ia financiar um capricho por causa de uma zanga de namorados.

Uma mulher tocou-lhe no ombro com suavidade. Victoria voltou ao presente.

Os familiares do rapaz acidentado choravam desconsolados. Olhou para a pessoa que estava em frente dela.

—Menina, encontra-se bem? —perguntou uma enfermeira que ao vê-la tão pálida se aproximou. — Vou dar-lhe um copo com água. É seu amigo? —perguntou assinalando a família que assinava uns formulários, e a quem Victoria olhava com expressão de pena.

—Não, não são familiares meus. Não os conheço de lado nenhum. Desculpe... —negou com a cabeça e sorriu debilmente— Aceito o seu copo de água, obrigada.

Matthew estava a tomar um copo com John, recordavam peripécias da empresa e falavam sobre um ou outro acontecimento do mundo publicitário. Após a apaixonada conversa com a Victoria sentia-se ansioso por essa noite. Por isso, conversar com John era uma forma de dissipar um pouco a inquietude que sentia. Outrora não teria gostado de estar com a filha do chefe. Contudo, e uma vez que ele e a Victoria tinham estabelecido regras, como adultos, sentia-se mais cómodo.

Consultou o relógio. Victoria estava atrasada. O jantar era às oito. Já tinha passado uma

hora e meia. A cara do John indicava que talvez já tivesse assumido que a única filha o tivesse deixado plantado.

—Matt, acho que vou servir o jantar. Cozinhei eu. —afirmou ele perante o olhar surpreendido do jovem, sorriu e acrescentou— Bom, todos os velhos devem ter os seus segredos. Gosto da boa comida, por isso nada melhor que ser eu a cozinhá-la. Não achas?

Levantaram o copo, Matthew assentiu. Entraram na cozinha, que se parecia mais a um cenário para profissionais da gastronomia do que a um espaço caseiro. Tudo o que fazia falta e cheiros. Um lugar acolhedor, sem dúvida.

—Ajudo-te a pôr a mesa...

Um barulho na porta de entrada deteve John quando ia tirar o soufflé do forno.

—Já estou aqui! —exclamou Victoria desde a porta principal. Não tinha tirado as chaves da casa do pai do chaveiro que levava sempre consigo.

Ao ouvir a filha, não conseguir evitar esboçar um grande sorriso e um suspiro de alívio, que Matt não deixou escapar por alto. John afastou-se pela porta de madeira branca da cozinha, deixando o ex-alumno encarregar de pôr o soufflé na mesa. Embora não fosse uma responsabilidade sua, talvez, mais tarde, Matt pudesse falar com a Victoria sobre o motivo de ter o John afastado dela.

—Filha! —Abraçou-a muito efusivo— Estás tão bonita! Lembras-me tanto a tua mãe — sorriu encantado de a ver e com o coração agitado pela emoção. Onze meses sem ela! — Esta casa precisa de ti. E eu também. Obrigado por teres vindo, Vicky.

Ela devolveu-lhe o abraço. Depois de visitar o Devon, precisava de mimo. Ver a família daquele desconhecido a sofrer enquanto chegava a ambulância, fê-la pensar sobre a relação que tinha com o pai. «Se deixei ir o Devon... também posso deixar ir os ressentimentos com o meu pai», pensou em silêncio. Se ia assumir uma mudança de vida, o pai era um ponto angular nela. Ao abraçá-lo dava-se conta que não queria seguir presa ao passado.

—Pai, não tens de me agradecer. —Deu-lhe um beijo. Sorriram-se. Como se fosse um acordo mútuo fruto da ligação pai-filha, ignoraram a ideia de mencionar o passado e os motivos da sua distância. — Mmm, —expressou Victoria ao cheirar o aroma que provinha da cozinha—acho que fizeste um dos teus soufflés. Certo? Estou cheia de fome. Desculpa o atraso. Fui a casa tomar banho, mudar de roupa e depois tive um pequeno...—calou-se e

levantou a sobrelanceira ao reparar que o pai tinha ficado em silêncio. Olhou por cima do ombro dele, surpreendida.— Matt —disse num sussurro.

Ele sorriu-lhe desde a porta da cozinha. Tinha um aspecto insolente e atractivo. Caminhou até eles.

—Victoria —cumprimentou-a mantendo o sorriso. Deu-lhe um beijo na cara.

Ela olhou para o pai, interrogante.

—Oh, querida, espero que não te incomode, mas convidei o Matt para jantar. Já sabes que tenho carinho a este rapaz. —Deu-lhe uma palmada nas costas do director de contas, com apreço. — E como tu vinhas, queria que fosse como nos velhos tempos.

—Parece-me bem, pai. —O que podia dizer?

Alheio ao que se passava entre os dois, John caminhou até à mesa e disse-lhes para se sentarem porque ia servir o jantar.

Matt era muito observador, principalmente com a Victoria. Já a conhecia há muitos anos, e embora acabassem de se reencontrar, o modo como essa cabeça pensava era-lhe familiar. A postura da Victoria não era tão tranquila como ela queria aparentar. Passava-se alguma coisa. Antes de se sentarem à mesa, deteve-a, aproveitando que o John estava a organizar a loiça na cozinha.

—O que se passa? —Posou as mãos na esbelta cintura e voltou-a para que ficasse em frente dele. — Vejo-te um pouco contrariada. Tens certeza que não te incomoda que eu esteja aqui hoje?

Levantou o rosto para olhar para ele. Matt era bastante mais alto do que ela.

—Havia muito trânsito, é só isso. —disse. Conseguiu sorrir. — Matt, estou contente por teres vindo. Sei que o meu pai gosta da tua companhia.

Ele tocou-lhe no rosto com o dorso da mão, depois inclinou a cabeça e beijou o pulso da Victoria.

—E tu... também gostas da minha companhia? —perguntou, já mais calmo por saber que estava tudo bem e que ela não estava chateada com a presença dele. A verdade é que só se lembrou que nessa noite tinha o jantar quando ela saiu do gabinete, depois de o deixar expectante perante a ideia de fazer amor com ela. Por outro lado, sentia-se um pouco intrigado

pela razão que levou pai e filha a distanciarem-se. Desde que os conhecia, sabia que o laço entre eles era muito sólido, e salvo a contrariedade de John pela partida da Victoria aos 17 anos para ser independente, não imaginava o que teria causado uma distância de quase um ano entre eles.

Ela riu-se.

—Existe uma ligeira possibilidade de que sim. —expressou coqueta. Reparou que o pai se aproximava. — Não quero que ele saiba o que se passa entre nós. De acordo? —Matt observou-a interrogante. — Sem complicações, Matt —disse a modo de resposta. Piscou-lhe o olho e aproximou-se do pai para o ajudar a pôr a mesa.

Matthew observou-a. A lembrança do acordo deles, por estranho que fosse, não lhe parecia engraçado.

A casa dos Marsden ficava na costa dorada de São Francisco, como a do Matt, e tinha uma vista linda de Alcatraz e do Golden Gate. A sala de jantar era especialmente quente, pintada em tom malva, contava com uma mesa para oito pessoas, e, de vez em quando, costumavam-se organizar ali jantares de negócios. No centro da mesa havia um lindo bouquet de flores alaranjadas. No tecto pendia um candeeiro de aranha de tamanho médio com sete braços, adornado com cristais. A luz era magnífica e fazia conjunto com quatro candeeiros antiquíssimos e muito bonitos situados perto do armário onde se guardava a loiça.

O jantar decorreu com uma conversa agradável entre os três. John abriu um chardonnay californiano, proveniente dos famosos produtores de vinho Chateau Montelena, para brindar pelo posto da filha na empresa. O vinho acompanhava perfeitamente o frango com molho de cogumelos e pimentos vermelhos, que preparou junto com um risotto quatro queijos. O soufflé ficou maravilhoso. Como a sobremesa não era a especialidade de John, ele resolveu comprar um *cheesecake* de fruta, porque era o favorito da Victoria.

Embora John tivesse muita consideração pelo casal Patroll, e grande estima pelo Devon, era Matthew quem ele desejava ter como filho emprestado. Sempre soube que a filha estava apaixonada pelo rapaz. Surpreendeu-se quando no dia seguinte ao seu 17º aniversário ela anunciou que independizava e foi-se embora num abrir e fechar de olhos. Nada o apanhou mais desprevenido quando, anos depois, Victoria lhe contou muito entusiasmada que era noiva do Devon. A verdade é que tinha esperado que a filha e o Matt continuassem a relacionar-se, mas isso era complicado, porque a Victoria já não vivia mais com ele. Além disso, ambos

estavam ocupados e não coincidiam nos encontros que ele organizava ou, às vezes, cancelavam à última da hora. Eles também pareciam ter círculos sociais e amizades diferentes. Tinha a certeza de que a nível profissional, a filha tentava não se envolver com nada que estivesse relacionado com Spring & Marsden, porque queria lutar por um nome próprio. Algo que ele elogiava, claro, mas também lhe doía um pouco, porque a agência era o que lhe ia deixar de herança.

Contudo, a sua intuição de pai não o enganava. Talvez tivesse passado muito tempo desde que teve o Matt e a Victoria na mesma mesa, mas a forma como ambos se olhavam, quando pensavam que ele não se dava conta, deu-lhe razão. A filha continuava prendada de Matthew, e ela não lhe era indiferente.

Ignorante aos desvaneios de John, Matthew estava ansioso para terminar o jantar. Os olhos azulados e os lábios sensuais da Victoria inquietavam-no desde que a viu chegar com aquele vestido amarelo, sem mangas, o que lhe permitia observar com prazer os belos braços. O vestido tinha o decote em V e o tecido amarelo chegava até aos joelhos. Ela levava um par de sapatos com um salto agulha impossível. Com esta roupa parecia mais juvenil e tranquila. Victoria estava muito sexy, e nessa noite ele ia divertir-se a tirar cada peça de roupa, uma a uma, que escondia essa beleza física.

Beberam a última bebida antes de levantar a mesa. Victoria y Matt ajudaram a limpar, enquanto que John lhes contava uma história sobre um cliente alemão que a agência estava a contratar. Quando John pôs a máquina de lavar loiça a funcionar, foram todos para a sala.

Falaram durante um bocado para pôr a conversa em dia. John tentava de todas as formas saber como tinha sido a vida de Victoria durante esses meses, contava com a mediação do Matthew, para não parecer um interrogatório. Evitou, com toda a intenção, mencionar o Devon. Sabia que o filho dos seus melhores amigos continuava em coma.

A bocejar e visivelmente cansada, Victoria pôs-se de pé. John imitou-a.

—Pai, foi muito bom ver-te. —Ele abraçou-a durante um longo instante. Após uma brevíssima dúvida, ela devolveu-lhe o gesto. Era espectacular *regressar a casa*. Para ambos.

Matt observava desde ao poltrona da sala de estar.

—Nem podes imaginar a falta que me fazias, tesouro. Obrigado por teres vindo. O teu quarto está tal como o deixaste da última vez. Já é bastante tarde...

Ela tentou responder ao pai de forma suave:

—Tenho a minha própria casa a 25 minutos cruzando o Golden Gate, pai. Não te preocupes, não me importa conduzir. E amanhã é sábado, por isso não há problema. OK? — Sorriu para o tranquilizar.

—Está bem, Vicky.

Ela assentiu sem perder o sorriso. Estar de novo na casa de sua infância e adolescência era estupendo. O pai tinha algumas olheiras, apesar de se tentar manter jovial, era óbvio que se passava alguma coisa. Victoria perguntava-se se seria só stress com aquele cliente alemão que tinha mencionado antes.

—Sabes? Talvez possamos voltar a jantar juntos em breve. Espero que seja um *cheesecake* caseiro. — Os olhos de John brilharam de alegria. — Adeus, pai.

Sorridente, John dirigiu-se ao jovem de olhos verdes.

—Matt, encarrega-te que ela chegue sã e salva, por favor.

—Não há problema. — Pôs-se de pé e aproximou-se para se despedir com um aperto de mão e um abraço. — Obrigada pelo jantar, John, foi uma noite excelente.

Victoria e Matt saíram.

O céu estava parcialmente nublado e não havia brisa. A meia lua no firmamento só se via quando as nuvens se moviam lentamente. Ela caminhou até ao seu carro e Matt seguiu-a em silêncio. Quando Victoria ia pôr a chave no carro, ele parou-a, colocando-lhe uma mão no ombro.

—Estás a fugir? — Durante o jantar, a luz da casa tinha iluminado o suficiente para ele ter reparado nas ténues marcas de choro na Victoria, mas não lhe quis perguntar nada diante do John. — Pelo menos podes dizer-me o que se passa? — perguntou.

A voz rouca e grave dele arrepiou-a. Voltou-se para ele.

—Não, não fujo... Estou cansada, Matt. Foi um dia difícil. — Ainda que gostasse de estar com ele, não mentia.

—Podemos solucionar isso. — Levantou, com dois dedos, o queixo delicado para que ela olhasse para ele. — Fica comigo esta noite. — insistiu no pedido que lhe tinha feito horas

antes. — Tenho muita curiosidade em ver esse *negligé* que me falaste. —sorriu com intenção. — Podes adormecer nos meus braços... mas é claro que não te vou prometer ficar com as mãos quietas.

Ela riu-se. Podia estar cansada, mas o refúgio nos braços dele, a doçura dos lábios e o toque das suas carícias faziam com que fosse uma ideia maravilhosa. Não se tinha esquecido do encontro privado entre ambos. Gostava de lhe confessar que aceitou a proposta dele para um *affaire* numa tentativa de reviver e revitalizar o tempo que tinha passado no limbo desde o acidente. E que também aceitou, porque era maravilhoso ver realizada a sua fantasia juvenil e sentir-se desejada.

Sobre os “amantes ocasionais”, sabia Chloe, que era quem tinha uma mentalidade mais descomplicada. Era uma pena que estivesse em Sacramento a pedido de um novo cliente que queria, segundo lhe contou horas antes por *WhatsApp*, uma pintura mural com a temática dos índios americanos. E onde havia um desafio artístico estava a Chloe. Tinha de esperar que voltasse para falarem.

—Matt... —sussurrou.

—Sim?

—Esta tarde falámos no teu gabinete. Levo isto com calma, mas sabes? Quando era uma adolescente estar contigo teria sido algo sem questionar fascinante, e...

—Já não é? —perguntou interrompendo-a e a rir-se. Ao vê-la séria, ele calou-se e continuou— Diz-me o que é que te incomoda. Se não quiseses continuar, não acho que me seja difícil aguentar a tensão no trabalho, mas acho que a tensão sexual é outra coisa. De certeza que vamos encontrar uma solução. Gostava que pensasses nisto antes de recusares o que existe entre nós. —propôs com aquele tom reflexivo que a arrepiava.

Victoria passou a língua pelos lábios.

—Não me sinto incómoda. Não contigo. Porque é como se os anos não tivessem passado entre nós...

Ele acariciou-lhe o cabelo. Era sedoso e leve.

—Passa-me o mesmo. E não tem nada a ver com o interesse que tenho em ter relações contigo.

Victoria deu uma gargalhada.

—Sempre tão directo.

Matt encolheu os ombros.

—Não serve de nada mentir-te.

—Se te dissesse agora que me arrependo, ao pensar na moça de 17 anos que puseste de lado, seria uma imaturidade. —disse com uma sinceridade fingida que convenceu o Matt.

—Claro.

—Só te queria dizer o que pensei —respondeu com tom suave.

—Com qual objetivo? —perguntou, confuso.

—Para que te esforces o melhor que puderes para me compensar. —sorriu coqueta.

Matt conteve um suspiro de alívio. De certeza que lhe teria custado fazê-la mudar de opinião, porque a Victoria não era uma mulher fácil de convencer. Ela, ou fazia alguma coisa porque tinha vontade ou porque estava convencida disso, ou simplesmente não aceitava e não dava o braço a torcer se não acreditava em algo.

Ele esticou a mão a acariciou-lhe a cara.

—Desculpa ter magoado essa miúda. Espero que a mulher em que te converteste entenda que era demasiado jovem para ela e que nessa noite levava a carga de um dia difícil. Cometi um erro com um cliente e passei um mau bocado. Não me queria aproveitar de ti. — Falar com ela sobre os fantasmas que levava às costas não era importante. Como também não era dizer-lhe que nessa altura ter relações com ela não era uma escolha. Começava a abrir caminho no mundo publicitário e uma relação com a filha do chefe teria deitado por terra os seus objetivos. — Também eram épocas com prioridades diferentes. —disse explicando-se. E não mentia.

—Não acho que a moça que te acompanhava pensasse o mesmo. —respondeu a lembrar-se de como o Matt tinha devorado a boca dela.

Matthew deu uma gargalhada.

—Não acredito que estejamos a falar sobre isso.

—Bem, a verdade é que não é a Victoria de 25 anos que se queixa, mas a mocinha de

17...

—Cala-te, Victoria —sussurrou, antes de se inclinar para a beijar longa e profundamente. Agarrou-lhe no rosto entre as mãos e ela respondeu apoiando-se nos ombros dele para manter o equilíbrio. Dois minutos depois, separaram-se, e Matt apoiou a testa na dela. — Acho que este beijo era o que aquela moça esperava no dia de aniversário.

Victoria riu-se.

—Talvez, sim. Talvez, não.

—És provocativa. —respondeu ao abraçá-la.

Ela levantou a cara, ainda nos braços quentes do Matt e disse:

—Vamos, Matt. Talvez devas aperfeiçoar esse beijo em privado.

Ele beijou-a novamente. Desta vez com doçura. Uma doçura que acelerava o coração a Victoria. Perguntava-se se por acaso Matthew seria assim com todas as amantes. Um pensamento absurdo, sem dúvida.

—Melhor?

—Mmm...

Matthew sorriu.

—Vamos.

Cada um foi para o seu carro. Ela seguiu o Matthew por várias ruas a baixo, porque ele vivia perto do pai dela.

Ele estacionou o carro, depois saiu para se aproximar do dela. Abriu a porta para a ajudar a sair e agarrou-lhe na mão para a guiar. Quando estavam ao pé da porta do edifício, Matt fixou-se numa figura pequenina. Avançou até à luz do *lobby* para identificá-la. Esteve a ponto de dizer um palavrão. Pensava que já tinha solucionado este assunto há uns anos.

Victoria observou o menino magro que tinha parado quieto de tanto ir e vir até ficar em frente deles. Ficou sem palavras quando ouviu o cumprimento que saiu da garganta do menino dirigido ao Matt.

—Pai?

CAPÍTULO 8

Victoria quis afastar-se e regressar ao carro, mas Matt não lhe soltou a mão e guiou-a com decisão até ao elevador que os levaria à *penthouse*. O adolescente ia atrás deles sem dizer nenhuma palavra. Um silêncio muito incómodo instalou-se no elevador, especialmente para ela, enquanto subiam até ao último andar.

Centenas de perguntas rondavam a mente de Victoria. «*Um filho*. Quem era a mãe? Estaria em contacto com ela? Seria divorciado ou com planos de sê-lo e por isso dizia que não podia prometer nada?» Para ser honesta, ela também não quis falar sobre o Devon, e uma vez que era um assunto terminado, também não achava necessário mencioná-lo. Mas o caso de Matthew era diferente, porque o passado dele acabava de aparecer. O assunto das famílias era complicado, e ela não queria sair de um período difícil para se meter noutra. Complexo de mártir não tinha, e também não pensava entrar nesse grupo.

Matt sentiu como a Victoria tinha os dedos tensos junto aos seus, quando Phillip apareceu, mas não a podia deixar ir-se embora sem lhe dar uma explicação. Primeiro, porque até ele precisava de ouvir o que o Philip queria. Segundo, porque as mentiras não faziam parte do seu protocolo para as relações, fossem ou não formais.

Ele pensou que nunca mais saberia da Sabrina nem do menino. O que queriam estes dois agora?

Indiferente, mal entraram na *penthouse*, Victoria sentou-se num cómodo sofá em frente da televisão. Começou a folhear uma revista. «Sem expectativas, nem compromissos», repetiu mentalmente. «Espero que resolva o assunto com o filho e depois vou para casa». Fim da história e fim das fantasias.

Matt não quis que a Victoria se afastasse, porque precisava que ouvisse o que o Philip tinha a dizer. Por isso, fez com que o rapaz se sentasse mesmo em frente dela. O adolescente tinha um olhar desafiante. Matt já cheirava problemas.

—Phillip, ela é a Victoria.

A modo de cumprimento, o adolescente fez um gesto com a cabeça e levantou os

ombros. «Sem educação para começar», pensou Victoria, passando a página para a secção de exercícios de uma *Men's Health*. «Pelo menos estou entretida com o tipo giríssimo da revista».

—Olá Phillip —cumprimentou ela. Depois olhou para outra página; esta era sobre os glóbulos vermelhos, a importância da melancia na dieta e como obter peitorais de aço.

—Bem, agora quero que me digas que raios estás a fazer na minha casa a estas horas da noite? —perguntou Matt.

Philip retorcia a bainha da t-shirt com os dedos ossodos.

«Como ousava falar dessa maneira ao seu próprio filho?», perguntou-se Victoria, mudando de página para a secção *Como satisfazer uma mulher na cama*. Quase se engasga com o ar. Era o artigo mais fora de lugar para aquela situação. «Que dia!».

—A minha mãe disse que tinha de te avisar que...

—Ouve, tu não és meu filho Phillip. —interrompeu irritado— Já te disse isso a ti e à Sabrina há muito tempo atrás. Não te lembras? —perguntou farto.

Victoria ficou com o dedo estático na página 40 ao ouvir tal declaração. Não tirou os olhos da revista. O Matt que estava ali distava muito do Matt que conhecia. Tão controlado e metódico.

—Desculpa, Matthew... não queria que a tua esposa —olhou para a Victoria— pensasse mal de ti. Mas sempre te chamei desse modo, não?

Finalmente, Victoria olhou para o rapaz.

—Não podes chamar de esse modo a alguém que não seja teu pai. É totalmente inadequado. Ela, —a cara de Victoria era um poema— deve estar a pensar que sou má pessoa por te dizer com todas as palavras que não és meu filho, embora seja a verdade. —disse ao olhar para ela. Victoria manteve-se em silêncio, olhava para um e para outro.

De repente, toda a coragem e desafio desapareceram da atitude do joven com olhos pretos. A ela não lhe importava se Matthew tinha um filho, mas nunca ia tolerar estar com um homem que ignorasse os seus deveres como pai.

—A minha mãe morreu há dois dias, Matt... A única coisa que deixou foi uma morada antiga tua num livro velho que guardava na mesinha de cabeceira. Só tive de perguntar e cheguei aqui... Não tenho onde ir, —sussurrou, e baixou a cara a tentar não deixar que as lágrimas saíssem dos olhos — caso contrário não vinha aqui esta noite para te chatear.

Matthew respirou profundamente.

—Sinto muito, Phillip. —posou a mão em cima do esquelético ombro— Não sei como é que a tua mãe obteve a minha morada. —suspirou— O que é que achas que posso fazer por ti?

Victoria pôs-se de pé e ajoelhou-se perto do rapaz de pele morena. Sentiu pena dele ao vê-lo mal vestido, assustado e desorientado. Era terrível sentir-se perdido, ela já tinha sentido isso em alguma ocasião.

—Phillip, o que precisas querido? —perguntou-lhe, colocando a sua pequena mão na do rapazinho. Ele olhou para ela com desconfiança. Ela não queria saber da razão que ele teve para ir procurar o Matthew, esse era o seu passado, e ela não tinha nenhum direito de perguntar sobre ele.

—Dinheiro. —Baixou a cara envergonhado, como se tivesse confessado o pior dos seus medos aos inimigos.

Matt deu-se conta que tinha sido demasiado brusco com ele. Era evidente que o rapaz tinha necessitado de todo o orgulho para se apresentar ali a pedir ajuda, e aceitar que não podia continuar sozinho.

—Quantos anos tens agora? —perguntou Matt.

Victoria sentou-se ao lado de Phillip.

—Catorze...

—Necessitas dinheiro exactamente para quê?

—Não tenho onde ficar e como sou menor de idade querem enviar-me para uma casa de acolhimento. Mal acabou o funeral, fugi. Por favor, dá-me dinheiro Matt, tenho família na Georgia. Antes de vir aqui telefonei para uma prima da minha mãe, ela vai receber-me, mas não tem dinheiro para me pagar o bilhete de avião desde São Francisco. Vou encontrar um trabalho e devolvo-te cada cêntimo que me dês.

Victoria rodeou o rapaz com um abraço. Ele começou a soluçar e encostou a cabeça no ombro feminino. Durante um bocado, Matthew permaneceu em silêncio, enquanto observava como o rapaz desabafava com uma perfeita desconhecida que parecia entendê-lo melhor que ninguém. «Curioso», pensou.

—Podes passar aqui esta noite. Amanhã com calma solucionamos este assunto. —disse Matt. O rapaz afastou-se da Victoria, como se tivesse recuperado de um lapso. Ela sorriu-lhe,

mas ele não lhe correspondeu, envergonhado por ter chorado. — Parece-te bem, Phillip?

O adolescente assentiu.

—De acordo, vamos lá então. Vou preparar-te o quarto de convidados. —disse Matt, e depois olhou para a Victoria: — Sente-te como se estivesses na tua própria casa. —expressou bruscamente.

—É melhor que me vá embora. —Tentou pôr-se de pé, mas o olhar que o Matthew lhe lançou deixou-a espetada no assento.

—Nada disso, espera aqui, temos de conversar sobre uma coisa.

—Se preferes assim, mas a sério, não quero saber nada sobre isto. —respondeu.

Ele meio fechou os olhos.

—Espera aqui por mim, por favor, volto já. —insistiu, antes de se afastar com Phillip.

A *penthouse* era ampla o suficiente para ela não conseguir ouvir absolutamente nada. Por isso, decidiu passear pela sala e ficar de pé ao lado da janela da sala de jantar. A Golden Gate brilhava, proporcionando um espectáculo que a fez suspirar.

Apoiou a testa no vidro das portas corrediças que davam para a varanda e tranquilizou-se. Se o Phillip não era filho do Matt, então não lhe importava se falavam ou não sobre isso. Ao virar-se para voltar para a sala, sentiu o Matt atrás dela. Abraçou-a pela cintura, fechando as mãos pela zona do umbigo e apoiou o queixo na cabeça dela. Como se fosse uma situação que tivesse feito sempre. Ela inclinou a cabeça para trás, descansando desta forma o seu peso contra o sólido e quente peito masculino.

Ele cheirou a essência dos cabelos suaves como o algodão. Uma mistura de mel de abelha com amêndoas. Deixou que o aroma lhe invadissem os sentidos. Sentia-a confortável encostada a ele. Soltou as mãos e começou a desenhar pequenos círculos, acariciando-a de modo ascendente desde a cintura e percorrendo as costas.

Ela emitiu um suspiro. Matt continuou com os rítmicos movimentos e instintivamente Victoria curvou o pescoço para a direita, e ele, entendendo o que desejava, começou a beijá-la. Deu-lhe um mar de beijos, em alguns só lhe tocava com os lábios, noutros acariciava-a com a língua, provando-a.

—O teu cheiro é viciante, Victoria... —murmurou no pescoço dela com voz rouca.

—Está tudo bem? —perguntou movendo o traseiro, consciente da erecção masculina

atrás dela.

—Agora sim —respondeu ao passar-lhe a língua pelo lóbulo da orelha, arrepiando-a.

Ela sorriu a observar a cidade e o reflexo ténue de ambos no vidro.

Sem parar de acariciar o dorso feminino, Matthew agarrou o delicado lóbulo esquerdo da pequena orelha entre dentes, a Victoria arrepiou-se. Os dedos foram até à base do peito generoso, cujos mamilos impetuosos contra o tecido do vestido pediam a gritas atenção. Como podes ignorar isso?

Encheu as mãos com o peito generoso, delicadamente, e ela gemeu. Depois agarrou-os, movendo-os com lentidão para cima, para baixo, em círculos, e apertando-os. Ao mesmo tempo que com os dedos índice e pulgar apertava os mamilos pontiagudos e excitados. Oprimia e soltava numa sedutora e tortuosa sequência, arrancando gemidos que incentivavam o traseiro feminino a mover-se contra o membro cheio.

—Matthew...—sussurrou ao pôr os braços atrás da nuca de Matthew, dando-lhe liberdade absoluta ao peito que se levantou com o movimento.

Victoria curvou-se ao sentir a palpitante dureza masculina. Ele não parou de lhe acariciar o peito, mesmo quando as punçadas de dor de prazer na entreperna eram insuportáveis. As respirações de ambos tornaram-se agitadas, e as mãos de Matt puseram de lado qualquer consideração; as suas carícias tornaram-se apremiantes, abrasadoras. Ela sentiu como uma sensação quente e húmida se aninhava entre as coxas.

Ele deslizou para baixo o fecho do vestido amarelo, que caiu ao chão numa silenciosa câmara lenta. À vista ficou uma erótica lingerie preta que o fez tremer. Gemendo virou-a para ele. Adorou ver como os olhos azuis se tinham transformado numa poção em ebulição, como se tivesse sido elaborada especialmente para pôr os homens aos seus pés. Nesse momento, ele podia fazer tudo o que ela lhe pedisse, só pelo prazer de possuí-la e de conquistar os seus segredos mais sensuais.

Matt olhava-a com tanta intensidade que ela sentia como se fosse perder-se dentro daquele lago verde que a consumia sem dizer uma palavra. Estava em roupa interior em frente ao homem que tinha sido o ideal da sua juventude, aquele com quem sonhava que a tocava como fazia agora. Ele passou o dedo pela bainha das cuequinhas pretas, abriu caminho e deslizou a mão cheia para acariciar a pele de uma nalga suave e arredondada. Ela por sua vez, mosdiscou-lhe o lábio inferior, enquanto as mãos vageavam com interesse pela zona sul

masculina. Victoria sentia a pele a ferver e sensível. Mas de alguma maneira, também estava um pouco coibida, porque há muito tempo que não estava com ninguém. Sabia que as fantasias duravam muito pouco, e ela pensava aproveitar a dela até ao último instante.

Ele agarrou no rosto suave e bonito entre as mãos e devorou os lábios carnosos como se fossem a iguaria mais requintada que alguém tinha o privilégio de saborear. Nunca se tinha sentido dessa maneira com nenhuma das suas amantes. Victoria tinha um fogo que ele queria domar, e tinha planeado aplicar-se o bastante para o conseguir.

—És a mulher mais bonita que tive o prazer de beijar e tocar. —confessou acariciando-lhe o traseiro. — Antes de continuar quero explicar-te o assunto do Phillip. —expressou sem estar convencido de querer parar, mas tinha de tentar.

Ela negou com a cabeça. «Depois», murmurou mordendo-lhe o lábio superior e enterrando as mãos no cabelo de Matt. Com um som de prazer, ele entregou-se ao beijo e esqueceu-se de qualquer tentativa de diálogo. As línguas pareciam chamas de fogo que aqueciam as bocas de ambos, dando com os lábios o que desejavam fazer com o resto do corpo.

Victoria tirou a camisa do Matt, desabotoando-a pouco a pouco, deixando um beijo em cada espaço da pele nua que ia ficando à vista. Maravilhada com a textura dos músculos marcados como se fossem uma tablete de chocolate, abriu as mãos para percorrer o tronco com satisfação. Primeiro, acariciou-o com a ponta dos dedos e depois com as unhas, sentindo como os músculos se contraíam contra as suas mãos à medida que lhes tocava.

—Não quero que o Phillip...—deslizou as mãos pela cintura das calças azuis escuras do Matt. Levou as mãos até aos bolsos traseiros. Apertou o traseiro duro. Ele, em troca, beliscou-lhe um dos mamilos que sobressaíam da seda do sutiã. — Não quero que nos oiça...— conseguiu dizer por fim.

—Se continuares a tocar-me dessa maneira, é provável que não só ele nos oiça, mas todo o edifício...— Deleitou-se com a boca mais uma vez e depois agarrou-a na mão para a levar até ao final do corredor, mas antes apanhou o vestido do chão. — Phillip está tão esgotado que nem se dá conta se o tecto do quarto lhe cai em cima ou não. —Abriu a porta do quarto e fechou-a com um pé. — Agora tenho-te toda para mim, sem interrupções. —Agarrou-a pela cintura e colocou a mão atrás da pele aveludada das costas. Desabotou rapidamente o fecho do sutiã e dois cremosos seios ficaram ante ele. — Podias reviver um eunuco, —disse— e tens um excelente bom gosto para a roupa interior —sibilou acariciando-lhe o peito. Primeiro

com o dorso das mãos, e depois percorrendo pouco a pouco, suavemente, com a ponta dos dedos.

A cama estava iluminada pela luz ténue da noite e pelo candeeiro do quarto.

—Acho que estava um pouco inspirada — respondeu com um riso nervoso. Matthew era imponente, viril e soberbamente atrativo. Sempre soube isso, mas tê-lo agora à sua mercê e estar à dele, era fantástico.

Matt continuou a acariciá-la enquanto terminava de tirar a roupa dela e dele. Queria seduzi-la pouco a pouco. Tinha esperado demasiados anos por uma mulher como ela. Beijou-lhe as pálpebras, enredou os dedos no cabelo caoba, ao mesmo tempo que a Victoria apoiava as mãos nos braços musculosos.

Matt tirou os bóxeres. Ficou totalmente nu e erecto em frente dela, quem soltou um som afogado de admiração. Era grande e forte. Victoria percorreu a firme virilidade com o olhar cheio de ânsia. Agarrou-o com a mão, olhando para ele nos olhos; apertou e masturbou-o com lentidão e suavidade, maravilhada por aquela pele quente de veludo que cobria a dureza palpitante. Uma pequena gota assumou na glândula. Ela sentiu-o a conter a respiração, quando aproveitou a gota para o lubrificar, espalhando a essência pela ponta arredondada.

Matt soprou, agarrando-a pelos pulsos.

—Deixa-me agora a mim, querida. —Sem lhe dar tempo para nada, inclinou-se para o peito e agarrou com os dentes um mamilo, arrancando-lhe uma queixa entrecortada—. Mmm... sabe muito bem —sussurrou ao morder o outro botão inchado. Chupou com força e suavemente num ritmo de desejo guloso. Fez o mesmo com o outro peito, enquanto a Victoria o acariciava com as mãos.

Incapaz de resistir, Victoria separou as pernas quando Matt se ajoelhou, deixando o rosto mesmo à altura do vértice entre as suas pernas. Ele agarrou no leve elástico da cuequinha com os dentes, baixando-a completamente, enquanto as mãos tiravam as ligas até a deixar nua. Ajoelhado como estava, Matt começou a beijar os contornos das coxas, olhou para ela desde abaixo e sorriu com malícia. Sem lhe dar tempo para fechar as pernas, lambeu a delicada e suave fenda, saboreando-a pela primeira vez. Ela pôs a cabeça para trás e fechou os olhos para sentir a língua do Matt a acariciá-la ao mesmo tempo que os dedos especialistas vageavam pelas coxas, ancas e nalgas.

—O teu cheiro excita-me... —murmurou e voltou a passar a língua pelo sexo dela, mas

nesta ocasião demorou um pouco mais dentro dela. Sugou. Lambeu de baixo para cima e viceversa. Ela contorcia-se ao tentar, inutilmente, acalmar os gemidos, agarrando-se aos cabelos negros com os dedos. Era o mais atrevido que já lhe tinham feito. Sentia-se deliciosamente pecaminosa.

—Matt... Matt...não aguento mais...ohhh —gemeu quando ele introduziu um dedo dentro dela e com a língua chupava as dobras exteriores sem lhe dar trégua. Victoria estava quase a vir-se quando de repente ele parou de lambê-la. Victoria puxou-lhe os cabelos pretos para mantê-lo no mesmo sítio.

—Mais...? —perguntou com um meio sorriso, e retirando o dedo do húmido interior.

—Sim..., oh, sim! —pediu sem reprimir a paixão que a consumia.

Matt pôs-se de pé e com o membro erecto roçou superficialmente a humidade feminina, Victoria gemeu ainda mais. As mãos femininas percorreram-lhe o baixo ventre e os peitorais até pousarem nos antebraços. Ele aproximou-se da boca sensual, beijando-a com vontade e dando-lhe o gosto dela mesma. Ela devolveu-lhe o beijo com fervor, sabia a salgado, a doce, a ela e a ele.

Levou-a para a cama, colocou-se em cima dela, mas com cuidado para não a esmagar. Victoria olhava para ele com êxtase. Os olhos de Matt brilhavam emoldurados por umas pestanas injustamente mais compridas e densas do que as dela. Tê-lo assim, tão perto, era mais maravilhoso do que nas suas fantasias.

Sorriu, satisfeita.

—Por acaso estou a contar-te alguma piada? —perguntou com falso aborrecimento.

Ela riu-se ao entrelaçar as mãos dela com as dele, colocando-lhe os braços ao lado da cabeça em cima da almofada. Sentiu como uma longa e grossa erecção se agitou contra a sua anca.

—Vamos ver. Mmm, talvez te faça graça que te beije aqui. —Lambeu-lhe o ombro. Victoria riu-se— Se calhar, se roço esta parte...? —Passou a língua pela base do peito esquerdo. Ela curvou as costas. — Mmmm...acho que pode ser isto...—Inclinou-se para chupar o peito direito. Victoria levantava as ancas a pedir algo que Matt ainda não estava disposto a dar-lhe. Adorava tê-la à sua mercê, a derreter-se e a gozar as carícias dele. — Faz-te graça um ponto aqui nesta área tão deliciosa? —Percorreu o contorno do umbigo, ela retorceu-se.

—Não... não é engraçado... Ahhh... Matt, por favor! —pediu, tentando fugir das mãos dele.

Ambos estavam gloriosamente nus. Pele com pele; excitados, sudados e febris, sentindo o desejo a correr pelas veias.

Victoria conseguiu livrar-se da captura de Matt, esticou a mão e rodeou o sexo masculino com os dedos, para depois levar os dedos à boca e chupá-los, olhando para o amante provocativamente. Os olhos de Matt abriram-se de par em par. Apanhado por surpresa, ela conseguiu levantar-se o suficiente para empurrá-lo um pouco para trás, fazendo um espaço para se agachar e agarrá-lo pela boca.

Incapaz de resistir, Matthew pôs as mãos no cabelo suave, entrelaçou os dedos e deixou-se acariciar pela boca traquina. Foi nesta vampira que se transformou aquela menina de 17 anos que o beijou num arrebatado? «Que mulher!», pensou extasiado.

Se não a parava, ia terminar na boca dela. Não queria isso, mas não evitou desfrutar mais um bocado das atenções da doce boca. Evidentemente, não era uma especialista, mas a sua inocência era compensada pelo entusiasmo. E uma parte muito primitiva nele, sentiu-se satisfeito por saber que a Victoria tinha pouca experiência em sexo oral. Controlando-se *in extremis*, agarrou-lhe no rosto para puxá-la para cima e saciar assim aquela boca sem travão. Ela seguiu-o, acariciando-o e tocando no corpo com mãos curiosas. Ele deitou-a na cama e ela riu-se de prazer ao sentir o agradável peso masculino em cima dela. Pela primeira vez em muito tempo, sentia-se livre. Sorriu ainda mais.

—Matt... Gostaste? —perguntou ao acariciar-lhe a mandíbula.

—Estou a ponto de ebulição e com uma dolorosa erecção, o que é que tu achas?

—É que... —explicou-se— bem, é a primeira vez que...e não sabia se...

—Siihhh. —Beijou-a longamente e depois afastou uma mecha do cabelo. — Gosto de saber disso.

—Tu ou a tua parte neandertal?

Ele levantou uma sobrancelha. Ela tranquilizou-se e riu-se muito quando ele a voltou a beijar.

—Ah, Victoria, Victoria...és uma verdadeira deusa pagã na cama —expressou olhando para ela a rir-se. — Já te entendo, então. —disse na brincadeira. Ele era atento, generoso e apaixonado. Estava a provoca-la sem piedade. — Já percebi o que te deu tanta graça. —Com a

mão livre tocou no acalorado monte de vénus, deslizou um dedo no húmido interior, dedicou o pulgar ao clítoris e cripou uma instigante fricção. Ao mesmo tempo que movia o pulgar, também punha e tirava o dedo do sexo de Victoria.

—Agora, Matt...! —pediu quando estava a ponto de atingir o clímax. Ele com pressa tirou da gaveta da mesinha de cabeceira um preservativo e colocou-o. Voltou-se para ela. Posicionou-se melhor entre as coxas de cetim e deslizou a mão entre as ancas femininas para centrá-la antes de se perder nela com uma única e potente investida.

Cada penetração criava um som único de corpos a dar e a receber prazer. Matt entrou e saiu repetidas vezes da passagem húmida, movendo as ancas e apertando com as mãos o peito da Victoria, quem lhe devorava a boca com beijos ardentes e ia ao encontro dele com ímpeto.

Movendo-se em círculos, fazendo-a gritar e a pedir-lhe mais e mais, não só queria alargar essa união carnal e brutalmente erótica, mas de alguma forma retorcida e inadequada de pensar, queria que ela se sentisse tão marcada como sua; o lado primitivo dele incentivava-o a ter pensamentos possessivos com ela, algo que nunca tinha sentido antes, nem sequer com a Rosalyn, a ex-noiva. As emoções tocaram-lhe tão forte que a sua maneira de responder foi bombear com mais força dentro da Victoria, quem tinha rodeado as ancas dele com aquelas pernas suaves, enquanto que com os calcanhares lhe atraía o traseiro para que fosse mais profundo dentro dela.

—És deliciosa —disse Matt. Ela estava rendida a um sem fim de sensações que achava não ter tido nas relações anteriores. Nunca.

Sem perder o contacto visual com a Victoria, com uma última e potente penetração, Matt transportou ambos a um frenético orgasmo. Ele gritou o nome dela, enquanto sentia o corpo a sacudir-se quando as paredes quentes se fechavam e abriam à volta do membro em espasmos sucessivos numa sucessão demencial. Praticamente caiu em cima dela, gemendo.

Victoria fechou os olhos com um sorriso de satisfação. Finalmente entendia aquilo do «fogo de artifício.» Não conseguia comparar o arrebatamento, a liberdade, o prazer, o desejo e a ternura com que o Matt tinha feito amor com ela. Tinha a certeza que o que tinha acontecido há uns segundos não era habitual em todos casais.

Ele depositou um quente beijo nos lábios de Victoria e afastou-se. Ao fazê-lo, arrastou-a e abraçou-a pela cintura. Respirou e virou-se para encontrar o olhar saciado de Victoria.

—És fabulosa... —beijou-a na testa. Ela beijou-o no peito. — Estavas um pouco

apertada. Não te magoei, pois não?

Só lhe respondeu que não.

—Há quanto... Quando foi a última vez?

—Matt, acho que isso não é algo importante. —respondeu, pondo a mão em cima dos abdominais dele. Percorreu-os só com a intenção de lhe fazer uma carícia. Ele agarrou-lhe nos dedos e levou-os à boca para lhe beijar os nós das mãos. Depois mordeu-lhe a ponta do dedo pulgar. Os olhos da Victoria brilharam.

—Para mim é importante. —disse ao olhar para ela. De repente sentiu-se inquieto por saber a quantos homens ela se tinha entregado desse modo tão impressionante durante todos esses anos.

Ela suspirou.

—E dizes-me quando foi a última vez que estiveste com uma mulher?

—Três meses —respondeu com confiança.

—Três...?

—És um bocado machista, Tori, se pensas que todos os homens andam por aí a ter sexo todas as noites. —riu-se a ver a cara dela de dúvida. — Pelo menos eu tenho muitas coisas para fazer, e uma mulher...

—Tira-te tempo. —completou.

—Bem, depende do tipo de acordo que tenhamos.

—Como o nosso...?

—Tu és diferente —respondeu sem pensar muito. Mas era a verdade.

Ela torceu a testa.

—Porquê?

—Porque te conheço... —sorriu com malícia— agora de todas as formas possíveis.

—E eu a ti.

—Já se passaram muitos anos. Imagino que terás mudado, mas a essência das pessoas permanece sempre. Isso faz com que seja diferente contigo.

—Mas só estamos a ver onde isto nos conduz, não é?

Ele disse algo baixinho ininteligível.

—Digamos —comentou— Não respondeste à minha pergunta —insistiu mudando de assunto.

Olhou para ele e revirou os olhos.

—Um ano...—respondeu relutante.

—Porquê? És uma mulher impressionante. —acariciou o contorno do peito que sobressaía das costas— e muito apaixonada.

Esteve tentada a levantar-se para se ir embora. Não queria falar sobre o seu passado. Sentia-se demasiado bem e não queria arruinar esse momento. Ele pareceu notar a tensão e deu a volta ao assunto.

—Tens toda a razão, não me diz respeito. —Continuou a tocar o mamilo que se levantou com o contacto.

Victoria pôs-se em cima dele. Apoiou os braços no peito do Matt e o queixo sobre as próprias mãos. Olhou para ele com um sorriso.

—Matt, sem compromissos. Lembraste?

Ele apertou os dentes. «Estava a esquecer-se da própria regra.»

—Lembro-me. —Acariciou-lhe suavemente as costas. Ela era pura seda e cetim.— Contudo, já que viste o Phillip, gostava de falar contigo sobre ele e a mãe dele, Sabrina.

Ela morria de curiosidade por saber o que se tinha passado com a tal Sabrina, mas fingiu indiferença. Beijou-o e depois sentou-se, tapando o corpo com uma parte do lençol. Ele encostou-se à cabeceira da cama e para que ela não se afastasse, puxou-a para perto dele novamente. Gostava do seu aroma envolvente de mulher, de sentir o calor e saborear a mistura da essência dela ao beijá-la.

O ar-condicionado refrescou os corpos. Matt pensou que pela primeira vez em muito tempo não sentia relutância em contar o capítulo da sua vida que incluía a Sabrina. A única pessoa que sabia deste episódio era o Dermont, e fê-lo prometer que nunca o contaria à Lilly, porque ela ia sentir-se culpada.

—Está bem, Matt. Se te faz sentir melhor, eu ouço-te. —disse apoiando a cabeça no ombro dele.

Ele assentiu ao tocar-lhe na cara.

—Quando tentava abrir caminho na minha vida, muito antes de entrar na universidade,

estava ressentido com o mundo. Principalmente com a minha mãe. O meu padrasto tratava-nos mal, e uma vez esteve a ponto de violar a Lilly. Eu enfrentei-o e acabei no hospital.

Victoria pôs a mão na cara de Matt. Ver como esse menino maltratado se tinha convertido num homem atrativo e seguro de si mesmo, encheu-a de orgulho. Um orgulho que não devia sentir, porque ele não lhe era nada... e talvez nunca fosse. Imaginar o Matthew pequenino a sofrer humilhações, partiu-lhe o coração. Durante os anos que ele visitou o pai, nunca lhe comentou nada sobre o seu passado, ou pelo menos nada do que acabava de revelar. O pai dela costumava dizer que o Matt era um rapaz pobre, mas lutador. Para ela, saber que o Matt se tinha feito à vida, era digno da sua admiração.

—Cada vez que podia saía à rua para acertar contas com qualquer um que se atrevesse a desafiar-me. Envolvia-me em brigas de rua. Menos mal que nunca tive um registo criminal. — fez uma careta. — Corria rápido, e antes da polícia me apanhar já estava a várias ruas de distância. Numa dessas noites de farra e brigas, quando ia para casa, uma moça muito bonita aproximou-se a mim. — Ela acomodou-se para ouvi-lo. Matt estava alheio a qualquer situação que não fosse o seu relato. De repente centrou-se no passado. — Lembro-me que tinha uma mini-saia com um tom verde estridente e um decote que deixava pouco para a imaginação. Eu ia por uma avenida cheia de estabelecimentos comerciais fechados, mas havia boa iluminação. Nessa altura tinha 18 anos. Era um libertino. Segui o meu caminho e ao virar numa esquina via-a.

—Eras tão jovem... —sussurrou.

Ele assentiu.

—Apesar da minha idade, estava cheio de hormonas e desabafava no ginásio de um amigo que não me cobrava. Achava que podia alcançar o que quisesse, especialmente mulheres... Não me importava que a Sabrina fosse oito anos mais velha. Pelo contrário, sentia-me como um gladiador ao ser imbatível no Coliseu romano: poderoso, invencível...

O tom monocórdico do Matt impediu a Victoria de sentir ciúmes ou irritação por ele ter vivido o quer que seja com outras mulheres no passado. Seria ridículo. Virou o rosto e beijou-o suavemente no ombro.

—Entendo —disse com suavidade.

—Nunca me tinha sentido tão sujo na vida do que quando tive relações com ela. É verdade que era voluptuosa e tinha uma cara de anjo. Eu era só um rapazola deslumbrado pela

experiência dela. Ofereceu-me *crack*. Ao princípio pensei que era uma piada. Mas era a sério. —Moveu a cabeça— Eu tinha pouco auto-controlo dos meus instintos e só desejava satisfazer-me, por isso aceitei. Aquela foi a primeira vez que experimentei drogas. Mal estávamos a ponto de... —deixou o resto no ar, mas a Victoria entendeu o queria dizer e ficou com os nervos congelados. — Ela de repente pôs-se de pé, a olhar para mim fria, disse-me que se não experimentava não me dava o que queria naquele instante. Eu estava cego pela luxúria e pelo modo em que a Sabrina... Era um idiota, a sério.

Ela ouvia-o atónita.

—A partir desse dia, cada vez que tínhamos relações, tinha de consumir antes de chegar ao fim...—Victoria sentiu raiva e dor por ele. — Apesar de ter sido tão estúpido por continuar com a Sabrina, aceitar a rotina de sexo e o *crack*, utilizei sempre preservativo. Era imbecil, mas não tanto para descuidar-me e ter um filho com essa mulherzinha. Estivemos juntos quase quatro meses. E um dia disse-me que estava grávida. Não acreditei nela.

Victoria estava impressionado com a história. Tinha vontade de o abraçar e beijar, mas Matt era um homem que não precisava da compaixão dela nesse momento. Por isso, conteve-se, obrigando-se a estar calada.

—Quando deixei a Sabrina, ela armou um escândalo. Um dos irmãos dela até foi ter comigo à pizzeria onde trabalhava para me bater. Por fim, reconheceu que não era a primeira vez que tentava limpar a honra inexistente da sua única irmã. Durante um ano não voltei a ver a Sabrina. Até que num Dia de Ação de Graças se apresentou à porta da minha casa a dizer que o bebé que tinha nos braços, Phillip, era meu filho. Feriado ou não, metia-a a andar. Depois voltou a procurar-me para que me afirmasse como pai do menino. Sabrina insistiu tanto que me fez duvidar. Por isso, disse-lhe para fazermos um teste de paternidade. Nem te vou contar os pormenores pelo meio, porque já não tem importância, mas quando o menino já tinha dois anos consegui fazer o teste. Deu negativo tal como esperava. O tempo passou e um dia encontrei-a num café. Pediu-me desculpas e também me contou que o pai do Phillip, um tal Horacio, não lhe pagava a pensão de alimentos. Ajudei-a com o pouco dinheiro que tinha poupado.

Victoria surpreendeu-se pela tamanha generosidade de Matthew, porque se tivesse sido ela, tinha mandado a Sabrina dar uma volta.

—Mas a descarada fez com que Philip acreditasse que eu era o pai dele. O menino, na sua ingenuidade, começou a chamar-me de pai. Em alguma ocasião ameacei-a que deixaria de

ajudar se continuava com aquela mentira. Assim que os encontros “casuais” comigo, desapareceram. Até hoje. Sabes? Não posso ignorar o rapaz, porque ele não tem culpa do passado nem da mãe que teve. O teu pai ajudou-me, e também é uma forma de retribuir a alguém o favor que me fizeram. Gostava de o ajudar e de lhe oferecer trabalho, mas como ele quer ir viver com a tia, vou dar-lhe o dinheiro que precisa e quando saiba que está a salvo deixo-o seguir o caminho dele. Ele verá com a tia o que fazer quanto aos documentos legais... —suspirou— Enfim... esta é a história do Phillip.

Ela queria dizer-lhe que a nobreza era uma das características que sempre tinha gostado nele. Embora a experiência de vida do Matthew fosse muito dura, Victoria sabia pelo pai, que ele estava vinculado a causas de ajuda a outros rapazes que precisavam melhorar nos estudos, ele tornou-se muito conhecido no campus universitário por isso.

—És um bom homem. —manifestou com cautela.

Ele virou a cabeça. Victoria notou que não havia sombras nos olhos verdes. Como se ao falar da Sabrina e do episódio com o *crack* tivesse evaporado a raiva pelo sucedido.

—Nunca mais voltei a consumir nenhuma dessas substâncias.

Ela sorriu.

—Eu sei.

Matt levantou uma sobrancelha.

—O meu pai é muito astuto, Matt, e não teria sob tutela um rapaz incapaz de ser responsável por ele mesmo.

—Tori...

—Gosto quando me chamas pelo meu diminutivo.

Ele riu-se. Foi um riso franco e libertador.

—Devias estar, pelo menos, aturdida com o que te acabei de contar...

Ela mexeu-se e acariciou o nariz de Matt com o dela.

—Estou. Mas és um homem, que graças ao passado que tiveste, te converteste na pessoa que és hoje. Bem-sucedido e decidido. Não te censuro nem fico chateada, não tenho nenhum direito a fazê-lo, não é? —sussurrou, mordiscando-o levemente os lábios.

Ele ficou atónito. «Victoria era...» Não encontravas as palavras adequadas para descrevê-la nesse preciso instante. Por isso, ao longo da noite ia demonstrar-lhe com ações o

que pensava exactamente dela.

—Matt? —perguntou ao vê-lo determinado. — Disse alguma coisa que te incomodou?

Ele riu-se antes de a abraçar e pô-la em cima dele. Ela sentiu como o membro viril voltava a erguer-se. Matt tirou-lhe o lençol, ela ficou exposta a ele. Com uma mão levantou um peito, antes de lhe chupar o mamilo e fazê-la retorcer. Depois trocou com ela, colocando-se em cima do corpo feminino.

—Não, e o que vou fazer contigo agora mesmo —Victoria estava comodamente estendida de costas no suave tecido dos lençóis— não tem absolutamente nada de incómodo... pelo contrário. — Ele, com um puxão, tirou o tecido cedoso que a impedia de ver a prova do seu desejo, estava nu. Adorava a pele de Victoria, e tencionava provar cada canto do corpo dela novamente. — O que vou fazer com esta curvas que me têm ao borda da loucura...— deslizou os dedos pela curvatura da pele da anca— *é muito* cómodo e bastante, *bastante* — repetiu com ênfase— gratificante e aprazível.

E assim lho demonstrou.

Na manhã seguinte, quando o Matt acordou à procura da Victoria, só encontrou o espaço vazio. Compreendeu porque se tinha ido embora. Inexplicavelmente, sentiu-se chateado. «Sem compromissos nem expectativas», lembrou-se. Sem dúvida, tinha sido o melhor sexo da vida dele. Teria gostado de tomar banho com a Victoria. «Talvez para a próxima», pensou com um sorriso.

Tinha de ir dar uma aula ao Anthony. Paul Harrington mandou-lhe um mail, enquanto ele e a Victoria jantavam com o John, a dizer que cancelava o jogo de ténis porque tinha de viajar com urgência a Ohio, por um assunto familiar. Quando disse à Victoria ela ficou satisfeita, assim não faltava à aula de francês.

Com o uniforme branco e cinturão negro bem ajustado, calçou-se. Ele tinha cinturão negro 3º Dan Sandan, uma categoria que o considerava como professor capacitado para treinar e ensinar. Por seu lado, o maestro Tanaka era cinturão vermelho, 9º Dan Kudan, uma categoria e cor que certificavam uma vida dedicada ao karate-do. Para Matt era um privilégio contar com o maestro, e embora não trabalhasse a fundo há uns dois anos para continuar a subir nas escalas do karate-do, nunca deixava de treinar. Acima de tudo, para Matt esta modalidade era uma parte da vida dele, que o tinha ajudado muito. Treinar com o Anthony, ou com qualquer outro rapaz ou moça, que quisesse aprender, era sempre enriquecedor. A cada subida de grau

como karateca reagiu sempre com humildade. Ser gabarolas de uma modalidade tão nobre era um desrespeito.

Barbeado e pronto para enfrentar o dia, Matt foi até à cozinha preparar o pequeno-almoço. Reparou na frágil figura que estava encolhida numa esquina do sofá. No meio da bruma de saciedade sexual, tinha-se esquecido completamente do Phillip, quem ao notar a sua presença o olhou com um sorriso estranho.

—Bom dia, Phillip. Passa-se alguma coisa? —perguntou, enquanto abria o frigorífico.

Com um pouco de timidez, ele disse:

—Não sabia que as mulheres faziam tanto barulho de noite —ruborizou-se.

Matt observou-o e parou de se servir o sumo de laranja. Depois deu-se conta a que se referia por *barulho*.

—Mmm —disse e voltou ao que estava a fazer.

Phillip deixou estar. De todas as maneiras, era um barulho parecido ao que a mãe costumava fazer, quando pensava que ele estava a dormir e deixava entrar um namorado no quarto dela, ao lado do dele. Não era parvo.

—Desculpa ter-te chamado pai, Matt..., pensei que se não chamasse a tua atenção de alguma maneira me mandarias embora, e eu não tinha onde passar a noite. Desculpa se te causei problemas, a sério.

—Não te preocupes, não me causaste nenhum problema. Sabes como contactar com a tua tia na Georgia? —mudou de assunto.

Ele assentiu, pondo-se de pé para aceitar o prato que o Matt deixou em cima da mesa com uma sandes, oferecendo-o.

—Se quisesse ir ainda esta manhã ...

—Levo-te ao aeroporto e não tens de me devolver nada que te dê. Só quero saber que se chegaste são e salvo. Não quero que roubes, nem que faças disparates. Procura um trabalho a *part-time* e estuda, por mais difícil que seja. Esta é a minha condição para te ajudar. Achas que é um bom trato?

O sorriso iliminou o rosto ovalado do rapaz.

—É um trato. —aceitou ao trincar a sandes.

Matthew não queria que Phillip passasse por nenhum apuro, por isso, para além dos

bilhetes de avião também lhe deu 500 dólares para qualquer eventualidade que ele tivesse. Quando chegaram ao aeroporto, comprou-lhe roupa numa das lojas e despediram-se com um aperto de mãos. Philip prometeu telefonar quando chegasse a casa da tia, e que quando pudesse também lhe ia escrever para contar os progressos. Com a certeza de que o rapazinho ia estar bem, Matt saiu do terminal do aeroporto para ir a Temple Ki.

Enquanto conduzia pela auto-estrada, pensava nas palavras que uma vez o maestro lhe disse. «O karate-do é uma disciplina que necessita tudo de ti; representa os dias bons e os não tão bons; riso e dor; suor e alívio; mas sobretudo anos de trabalho. O objectivo é olhar sempre para o futuro com optimismo, empurrando sempre quem está debaixo. Se todos sobem, tu também o fazes.» Foi precisamente isso, que deu impulso à vontade de se superar e atingir os seus objectivos, mas sempre que possível ajudando outros pelo caminho. Esperava que o Phillip conseguisse ir em frente.

Quando chegou ao ginásio, encontrou o maestro Tanaka sentado num tapete em posição de flor de loto. Aos sábados costumava meditar ao ar livre. O tempo estava fresco. Matt tentou não fazer barulho. Descalçou-se e entrou no agradável edifício com uma bonita arquitectura oriental. O ambiente misturava-se com uma corrente energética que lhe causava uma sensação de relax imediato, só pensava no karate-do.

Treinou alguns movimentos em silêncio no tapete azul. Combinou a disciplina das técnicas de mãos e pés para bloquear e atacar, em conjunto com técnicas duras-leves e compridas-curtas. Eram movimentos muito precisos e exigiam concentração máxima. Os instintos defensivos e reflexos despertavam. Quando tinha semanas muito intensas no escritório, o treino era muitíssimo útil para o auto-controlo. A única coisa que lamentava era não poder utilizar esse mesmo auto-controlo com a Victoria.

Fez bastante exercício e depois da aula falou com o Anthony sobre os progressos que ele estava a ter. O rapaz estava a fazer tudo de forma genial. Eles praticavam o estilo Shotokan. Segundos depois de se despedir de Anthony, o maestro Tanaka aproximou-se. Matt não precisava que lhe tocasse ou falasse, porque conseguia sentir a presença dele com bastante facilidade. Talvez devido ao silêncio ou à ligação que se costumava criar entre professor e aluno.

Cumprimentaram-se a rigor.

—Jovem, o que se passa? —perguntou com discrição.

Ele olhou-o surpreendido. «A mim não me passa nada.»

—Maestro Shudan, olhe, não me passa absolutamente nada.

—São duas negações juntas —expressou com a sua voz calma. Convidou o Matt a sentar-se com um gesto. — Conheço-te há mais de seis anos. E sei quando a tua mente está ocupada por algo que não é o karate-do.

—Há uma pessoa. Isso é tudo. —Não ia servir de muito ocultar ou tentar guardar algo quando estava com o maestro. Era como se ele atravessasse o pensamento dele. Quase que lhe pareceu ver um sorriso a levantar-se ao mesmo tempo que o pequeno bigode. Quase.

—Sabes, Matthew? Quando mais tentamos classificar um tema numa categoria equivocada, com o passar do tempo a fatura que nos passa a auto-indulgência se desborda e nos afundamos.

De vez em quando, Matt costumava ouvir esses comentários tão pouco claros, e ao final costumava ignorá-los, porque quando, finalmente, entendia as palavras do maestro o vendaval já tinha passado ao lado dele. Ele tinha muita consideração por Tanaka, porque sabia ouvi-lo e convidava-o a reflectir. Desta forma, aprendeu a conhecer-se melhor, embora não o suficiente, porque a viagem ainda era bastante comprida.

—O que quer dizer com isso?

—Exactamente o que te disse.

«Claro, um enigma.»

—Se se pergunta se é algo sério, não é. Só que há uns meses não...

—Mmm, bom —interrompeu, levantou-se e depois afastou-se a passo lento e estudado. Como se quase aos seus 80 anos de vida, lhe restassem outros 80 para viver.

Matthew observou-o até que desapareceu na escada que dava ao andar onde estavam os escritórios privados. Permaneceu sentado a contemplar a fonte no meio do jardim Zen que se via através da janela da sala de treinos. Pensou na Victoria. Com ela sentia que os seus desejos pessoais predominavam sobre o senso comum. Não era um tipo que tivesse muitas amantes, mas costumava experimentar e explorar a sua sexualidade ao máximo com a mulher com quem estivesse. No caso da Victoria era um bocadinho mais complicado, porque, tal como lhe tinha dito a ela, conhecia-a há muito tempo, e agora não só tinha ligado com ela a nível intelectual, mas também físico. Achou que ter relações com ela fosse igual do que com as outras. Grande erro. Victoria chegou e deixou uma tempestade nele. Não podia deixar que isso acontecesse.

Com uma respiração profunda, fechou os olhos decidido a meditar e a retomar o controle.

Já passava do meio-dia, o Matthew estava a almoçar em casa, quando recebeu um telefonema de Paul Harrington. O empresário explicou-lhe que estavam à procura de uma modelo que pudesse luzir fresca, jovem, sofisticada e simples ao mesmo tiempo, ter uma ideia real dela seria o mais idóneo. Também lhe comentou que tinha pensado numa festa para as duas agências, que trabalhavam na licitação, se familizarem muito mais com o ambiente corporativo da sua empresa.

Matt não gostava dessas ideias. As ideias dele não coincidiam com as do Brian Lewis, o executivo de Butler & Partners, e por isso, também não tinha nenhum interesse em vê-lo na festa. Contudo, devia ter em conta que Harrington era um cliente excêntrico e que ia pagar bem quando fizesse parte da sua carteira de clientes, assim que tinha de ajudar o próprio lado profissional.

Matthew considerava que Brian era um pretencioso e convencido. Tinha a certeza que não era a única pessoa a pensar assim. Lembrava-se que uma vez chegaram a discutir, quando descobriu que o Brian tinha ganho um cliente —que estava a ponto de fechar um negócio com Spring & Marsden— por armar uma mentira sobre a capacidade de rendimento, trabalho e influência que tinham na agência de John. Enfrentou-o, e Brian não se pôde defender porque era culpado. Matt não esteve disposto a limar asperezas.

Ao terminar a conversa telefónica com Paul, Matthew encontrou-se com uma festa à vista e com um casting que tinha de fazer para contratar uma modelo.

«Trabalho é trabalho.»

Victoria não se arrependia de se ter ido embora da casa de Matthew tão cedo, sem se despedir dele. Esteve entretida com o curso de francês. Quando saiu da aula sucumbiu à tentação de ver o telemóvel a ver se tinha alguma mensagem de Matt. Não havia nenhuma.

No domingo continuou sem ter noticias dele. Nem sequer para lhe dizer algo sobre o Philip ou simplesmente para... Para quê? Se tivesse ficado na cama com ele, provavelmente teria começado a sentir-se cómoda com a sensação de placidez e desejo. Não queria criar falsas expectativas. Só conseguia pensar que nunca se tinha sentido tão plena sexualmente. Estar com o Matt foi como se todas as suas terminações nervosas tivessem explodido em mil partículas

de prazer, para depois fundir-se num clímax espectacular.

—Tori?

Victoria olhou para a Chloe que estava de pé à porta do quarto.

—Olá! —sorriu — Bem-vinda a casa. Tudo bem em Sacramento?

Chloe sorriu e assentiu.

—Como foi o teu fim de semana? —perguntou deixando o *carry-on* numa esquina.

Victoria contou-lhe tudo. Bem, quase tudo. Guardou para ela os pormenores mais íntimos. A melhor amiga disse-lhe que desde que tivesse claro que o Matthew estava a viver uma aventura sexual, e que se podia cansar a qualquer momento, tudo iria bem.

—Eu também me posso cansar, não achas?

Chloe levantou uma sobrancelha e pôs as mãos na cintura.

—Tens um sorriso de parva na cara. Esse que não via em ti há muito tempo. Conheço-te bastante bem. Continuas apaixonada por ele?

—O quê?! Claro que não!

—Bem, não precisas de te alterar, eh —expressou a rir-se.

Victoria cruzou as pernas em cima da cama e abraçou-se a uma almofada.

—É só que o Matthew tem um lado nobre que aprecio bastante e estudei as campanhas dele. Admiro-o como profissional. Tem uma maneira impressionante de trabalhar a imagem com a conceptualização que... —soltou o ar— Enfim. É isso.

—Só isso?

—Sim —mentiu. Ao reparar no olhar penetrante de Chloe rendeu-se— De acordo, talvez uma pequena, pequeníssima, parte de mim ainda sente alguma tola paixão por ele. Tem tudo a ver com isto de estar a viver o que queria muito no passado, a novidade passará em breve. Isto é assim.

Chloe inclinou a cabeça e fechou um bocadinho os olhos.

—No passado —repetiu a pintora, pondo um evidente sarcasmo no comentário.

—É isso.

—Ouve Tori, as fantasias juvenis quando melhoram na realidade, e quando já somos adultos, podem ser perigosas. Especialmente, quando parece que nenhum tem claro o que quer

do outro e só se está a deixar levar pela corrente da atração. Disseste-me que o Matthew põe o trabalho à frente de tudo. Isso significa que...

—Se tem de escolher entre o trabalho e eu, vai escolher a agência, sempre —completou — Não me esqueci disso, sei bem, porque para mim é igual.

Chloe assentiu, pouco convencida de que a Victoria lhe estivesse a dizer a verdade sobre o que sentia pelo Matthew, mas era melhor que estivesse.

—Vai correr tudo bem na agência, Tori. Não te preocupes com isso. Tens talento e genica. Ninguém com dois dedos de testa duvida que te contrataram porque és um excelente elemento profissional para Spring & Marsden.

Victoria sorriu.

—Obrigada.

A amiga encolheu os ombros.

—É a verdade. Já sabes que não sou do tipo de adúladora sem sentido. De qualquer forma, agora que tens o panorama claro, quero contar-te uma coisa sobre um homem giríssimo que conheci enquanto comprava na loja de arte um quadro, que vai ficar perfeito na cozinha...

No resto da noite de domingo cosquevilharam e viram filmes.

O telemóvel da Victoria continuou sem receber nenhuma mensagem ou telefonema do Matthew.

CAPÍTULO 9

A segunda-feira foi carregada de um ritmo frenético de trabalho. Apesar de Matthew e Victoria se terem visto durante o dia, não comentaram o que tinha acontecido na noite de sexta-feira. Não eram necessárias palavras, porque os olhares de Matt eram bastante eloquentes, assim como a forma como a Victoria tentava não corar sem sucesso.

Durante a reunião ao meio-dia, comentaram-se as expectativas de Harrington com respeito à campanha. Matt contou à equipa a conversa telefónica de sábado e também o cancelamento da reunião prevista para o fim de semana com o Paul. Todos começaram a preparar a coordenação do *casting* para a sessão fotográfica que se devia realizar o antes possível. Sabiam que os de Butler & Partners iam pisar-lhes os calcanhares, por isso deviam apressar o ritmo de trabalho para ter as gestões prontas e também para contar com uma margem de tempo prudente e necessária para a correção de factores antes da apresentação final.

—Então há uma festa, temos de ir todos? —perguntou Beatrice.

—Na realidade, não. O convite está aberto à equipa, mas a decisão de ir deixo a cada um de vocês. —olhou para a Victoria— Como és a executiva encarregue desta segunda instância para obter a conta, e quem vai manter um vínculo directo entre eles e nós, deves estar presente. E eu, na qualidade de director, também vou, assim aproveito para te apresentar ao Paul, e ficas a conhecer os de Butler & Partners.

—Eu sei. —respondeu ela a tentar olhá-lo nos olhos e com um tom de voz monocórdico — Qual é a finalidade da festa?

Matthew encolheu os ombros.

—Um tipo de integração entre concorrentes. —respondeu.

—Esse Harrington é demasiado chato, —comentou Wanda a sorrir— mas eu não perco essa festa por nada.

—Desde já, confirmo a minha assistência. —manifestou Claire ao ajustar o casaco branco que fazia conjunto com uma saia muito elegante.

—Não confirmes a mim. —expressou Matthew, parco— Fala com a minha secretária. — Voltou-se para a equipa, ignorando como a Claire se continha: — Quero saber o que

adiantaram durante a manhã de trabalho. Não há tempo para distrações.

A adrenalina corria pela agência, e não só no departamento das contas VIP. Faltavam três semanas para que chegasse a licitação da campanha para *The Dolphin Shine*.

Victoria e Simón conseguiram vincular ao processo uma agência muito importante de modelos, Thextox. A directora, Francine Brown, dispos-se a ajudá-los, porque conhecia a reputação de Spring & Marsden. Em troca de reduzir o valor dos honorários em 80%, devido à pressa na gestão do que se estava a solicitar, pediu uma valorização integral da sua marca, um pedido que Matthew aceitou sem problemas.

—Acho que é um bom trato —expressou Matt ao encostar-se no assento que liderava a mesa de reuniões, enquanto girava entre os dedos uma caneta *Montblanc*. Nesse dia tinha vestido umas calças azul marino, sapatos pretos, camisa muito branca e um casaco a condizer com as calças. Tinha um ar calmo e elegante ao mesmo tempo.

—A Francine, a directora, disse-me que se estamos com pressa ela pode organizar tudo para hoje às seis da tarde, porque de manhã terminam uma sessão com modelos para uma campanha de um cliente britânico, por isso têm disponíveis as modelos que não participam com esse cliente, se elas encaixam no que precisamos. —comentou Victoria, enquanto Simón ouvia atento, tal como o resto da equipa.

—Perfeito —respondeu Matt a sorrir-lhe — Bom trabalho. —Olhou para o resto da equipa:— Pessoal, as horas extra, a partir das seis da tarde, serão pagas, assim que necessito contar convosco a tempo completo nas próximas semanas. Já sabem que haverá um bónus quando conseguirmos esta conta.

Todos assentiram.

—Eu mais que ninguém gostava de trabalhar na Europa como está previsto, uma vez que se realize a campanha nos Estados Unidos. —comentou Gary— Por isso, conta comigo, Matt.

—Estou disponível as horas que precisas —respondeu Claire. Toda a gente se deu conta do duplo sentido, mas Matthew ignorou-a, e o resto da equipa fez de conta que não tinha ouvido nada perante o sorriso socarrão da loira.

Matt olhou para a Victoria, que estava sentada no lado oposto ao dele, na outra cabeceira da grande mesa de vidro.

—Envia-nos por email o estudo, o plano de trabalho para a sessão de fotos, o que

acordámos para as características da campanha e junta o que quer o cliente.

—Não há problema —respondeu ela.

—Encontramo-nos no estúdio. —disse Matt— Obrigado pelo entusiasmo. Quem quiser assistir à festa do Harrington, que se informe com a minha secretária sobre como fazê-lo.

Todos começaram a sair. Matt ficou na sala a recolher uns quantos papéis. Quando levantou a cabeça, prestes a sair para o seu gabinete, ficou estático. Claire estava em frente dele e começava a tirar o casaco.

—O que estás a fazer, Claire?

Ela sorriu e fechou a porta no trinco.

—Gostava de ter uma conversa contigo.

—Sobre algum tema em particular? —perguntou, ocultando o irritado que estava.

—Nós.

—Estás um pouco desfasada no tempo. Não há nenhum “nós” que não envolva temas laborais. Se está relacionado com isso, oiço-te. Se não, é melhor que abras a porta e vás para o teu gabinete trabalhar com a Victoria.

—Victoria, eh? —perguntou com um sorriso ladino. Pousou o casaco em cima da mesa e cruzou os braços. — Espero que não comece a existir favoritismo na equipa, Matt.

—É sobre isso que queres falar? Estás a ser ridícula, e esta conversa parece-me francamente absurda.

—A verdade é que gostava que nos entendessemos melhor num plano mais pessoal. Como nos velhos tempos. Fazíamos boa dupla na cama. —Aproximou-se do Matt, passou-lhe um dedo pelo braço e sorriu. — Nunca me deixei de censurar por ter sido tão parva ao querer estar com outro, quando te tinha a ti.

Ele pôs os papéis debaixo do braço e com a mão livre afastou-a.

—Lembro-te que continuas a trabalhar aqui porque és boa no que fazes, mas se vais continuar nesta linha, não me resta outra que pedir que te coloquem noutra equipa da campanha. Se queres uma promoção ou um aumento salarial, enganaste-te na pessoa. As remunerações à custa de favores sexuais não vão comigo.

Claire abriu e fechou a boca, fingindo-se ofendida.

—Matt, não gostava que chegasses a esse ponto e o que tentas dizer surpreende-me. — Ele revirou os olhos—. Formamos uma grande equipa de trabalho, tu sabes disso. Por outra parte, sinto falta de um bom amante na cama, alguém que saiba como me fazer vibrar. A verdade é que ninguém se compara a ti. —Matthew calou a grosseria que tinha na ponta da língua—. O meu interesse não foi repentino, só estive a pensar como me aproximar de ti. E acho que te dei pistas suficientemente claras de que quero ter uma aventura sexual contigo, novamente —começou a deslizar pelos ombros, até abaixo, as alças da blusa deixando à mostra o peito.

Matthew apertou a mandíbula. Noutra circunstância, noutra altura, teria visto a Claire como provocativa e sensual, mas depois da Victoria, não.

—Perdeste a tua oportunidade. Estás a ser ridícula e comesas a perder o meu respeito por ti como mulher. Pensava que eras melhor do que isto. Realmente, Claire, estou a começar a pensar que tens algum desequilíbrio de personalidade. Não sei o que queres com estes jogozinhos parvos e comentários em frente da equipa. O meu único interesse em ti é profissional — afastou-a com firmeza para um lado, agarrando-a pelo cotovelo, para abrir caminho até à porta —, e é melhor que te comportes. Se não o fizeres, então fica atenta às consequências da tua falta de profissionalismo. —Dito isto, abriu a porta e saiu, deixando a ex-amante sozinha e furiosa.

O estúdio fotográfico era amplíssimo e as modelos muito profissionais. Simón encarregou-se que entendessem perfeitamente a ideia que tinham. Wanda levou muito a sério o aspecto do vestuário e mesmo com pequenos desacordos com Gary conseguiram unificar critérios. A modelo devia vestir um vestido azul de seda, um decote generoso, mas elegante, os braços apenas tapados por uma finíssima tira no ombro, o cabelo solto e ondulado, uma maquilhagem impactante e que só podia ser escurecida pelos brincos e o colar de diamantes. O resultado com todas as modelos foi espectacular.

—Já temos todas as fotos? —perguntou Victoria a Beatrice, quando o relógio marcava quase as dez da noite. Todos estavam esgotados, mas eram uma equipa. Por exemplo, a Beatrice era a redatora criativa e não tinha de estar ali, mas estava. Victoria sentia-se satisfeita pelo nível de profissionalismo do grupo, inclusive a «Barbie plástica» da Claire, parecia absorta no computador a trabalhar. A verdade é que não faziam gestões apenas para Harrington Jewelry Incorporated, a conta multimilionária que desejavam obter, também tinham de

equilibrar o tempo com outros clientes.

—Falta-nos uma modelo, atrasou-se no trânsito e depois num jantar imprevisto com o agente e um apresentador de televisão. Chama-se —comprovou a lista enviada pela agência três horas antes—, aqui está, chama-se Stefanie Lanoit. Franco-americana. Trinta e um anos. Loira...—mostrou uma foto—. Aqui tens. Matt ainda não a viu, a agência acabou de me dar a foto —encolheu os ombros—, problemas técnicos.

—Giríssima. Ela vai ficar bem —comentou Victoria a observar a fotografia. A mulher que tinha pómulos altos, o cabelo brilhante e um sorriso impressionante—. Contudo, gosto mais da morena que está ali, acho que se chama Freida Keneth, por causa do cabelo preto e comprido. Também gosto da ruiva, Coleen Thanner, como um acerto, porque chama a atenção e encaixa no exótico. Mas vamos ver o que acontece quando chegue Stefanie Lanoit e faça as fotos.

Claire continuava muito concentrada a comprovar os números no portátil, enquanto que os fotógrafos e a equipa de iluminação e maquilhagem trabalhavam. Matthew estava perto da entrada do estúdio a contemplar a cara concentrada e atrativa da Victoria. Gostava de saber que coincidiam nos critérios de trabalho. A agência tinha disponibilizado seis modelos para o *casting*, e tanto ele como a Victoria estavam de acordo que Coleen e Freida tinham sérias possibilidades de passar à escolha final da candidata mais idónea. Ele tinha sido informado que ainda faltava chegar mais uma modelo. Thexton estava a ser extremamente ágil, por isso ele tinha de ser paciente, apesar da hora.

Matthew sentia-se bem com a sua equipa. Apesar de não fazer parte das suas funções deslocar-se fora do escritório para um assunto relacionado com temas fotográficos ou similares, gostou de estar presente para empurrar o projeto. Quando ganhassem essa conta, a comissão de cada um seria o dobro com respeito aos outros clientes que tinham tido antes. Harrington facilmente podia dar à empresa mais de dois milhões de dólares pela campanha inicial.

—Matthew Talley? —perguntou uma voz sedosa nas costas dele.

Ele girou-se na cadeira.

—Sim, eu...—Ao reconhecer o rosto sorriu—. Stef! Olha como o mundo é pequeno. Estás super gira. És tu a modelo que faltava para fazer o *casting*?

A loira de pernas compridas, mostrou o seu sorriso mais cativante.

—Sim. Desculpa o atraso, mas, olha, quem diria? Tenho a sorte de me encontrar com o publicitário mais sexy para fazer um *casting*. ¿Eh?

Matthew riu-se.

—Vindo de uma mulher tão bonita é um verdadeiro elogio. —Pôs-se de pé e deu-lhe dois beijos. Um em cada face pulcramente maquilhada ao estilo tão francês como sabia ser habitual com a Stef—. Já teremos tempo para pôr a conversa em dia —expressou ao acompanhá-la até onde estava a equipa de fotografia.

Ele conheceu a modelo há anos. Naquela ocasião, o cliente tinha sido uma marca de lingerie, e Stefanie foi a modelo escolhida. Embora não tenha ido para a cama com ela, nem tenha tido nenhum vínculo físico, porque as preferências sexuais da Stefanie não se cruzavam com o género masculino, tornaram-se bons amigos. Ela era uma pessoa com agudeza para os negócios e para uma conversa agradável. Era bom vê-la de novo.

Aquele sorriso despampanante da mulher de vestido preto cintado, que deixava pouco à imaginação, não passou despercebido a Victoria. Também não foi alheia aos ciúmes doentios que sentiu, quando a viu agarrar-se ao Matt, e ele não parava de sorrir. Ela era, sem dúvida, a modelo que faltava. Afastou o olhar. Matt não tinha nenhum dever com ela. «Nem eu com ele.» Com esse pensamento em mente, engoliu a bília que se formava na garganta ao ver a mulher coquetear com ele. Continuou a responder a alguns emails atrasados do escritório com o iPad.

—Ela é Stefanie Lanoit. Com ela terminamos a jornada —comentou em voz baixa Simón, aproximando-se da Victoria e Beatriz. Gary e Wanda tinham ido buscar cafés ao *Starbucks*.

—Bem! A modelo que faltava —assinalou Beatrice, enquanto via a Stefanie instalar-se no set para que lhe arranjassem o cabelo e a vestissem—. Há vários meses que não tínhamos um cliente tão excêntrico nem tão exigente como Paul. Às vezes gostava de estar no departamento de contas desportivas —riu-se.

—Mmm —respondeu Victoria sem levantar os olhos do aparelho eletrónico. Quando estava chateada ou concentrada em algo costumava fechar-se à sua volta, mas não podia ser assim com alguém que mal conhecia. Virou-se para a colega—: Bea, por favor, diz à Coleen e à Freida que quero conversar com elas no gabinete ao fundo do estúdio. Depois, quando a Stefanie termine as fotos, diz-lhe que venha ter comigo. Preciso de saber a disponibilidade

delas para trabalhar, independentemente de quem seja a escolhida. Às outras, agradece a presença.

—Não te levantes Bea, é melhor que descanses. Eu já tenho aqui dois cafés e posso ir falar com a Freida —interveio Simón. —Victoria fechou ligeiramente os olhos ao entender que o Simón queria conhecer mais a modelo, riu-se—. Desculpa, foi pouco profissional —apressou-se a dizer perante o riso da Victoria.

—Não há problema, Simón, vai falar com ela —sorriu Bea—. Com as duas modelos!

De facto, Victoria não tinha vontade de falar com as modelos, mas seria um escape a ter de ver como a tal Stefanie continuava a olhar para o Matthew, e ele em troca sorria como se não conseguisse fazer outra coisa.

Quase às onze e meia da noite, mortos de cansaço, decidiram não alargar para a manhã seguinte a decisão de quem ia ser a imagem da proposta da campanha. Entre todos decidiram que a melhor opção era Coleen, a ruiva. Faltavam as fotos em papel, mas o que viam digitalmente na MAC do fotógrafo era fantástico. Entre eles, chegaram a acordo que a modelo reunia as qualidades do conceito: outono, elegância, brilho, sensualidade, discrição e um lado exótico. Quando Matthew anunciou a decisão às outras modelos, estas mostraram-se de acordo.

—Coleen, telefonamos-te amanhã à tarde para fazer a sessão de fotos oficial. Parece-te bem? —perguntou Matt, enquanto ela arranjava o cabelo.

—Sim, não há problema. A Victoria já sabe os meus horários.

—De acordo, obrigado, Coleen.

Ela assentiu e saiu do estúdio.

Todos se começaram a despedir-se, incluída Stefanie que se aproximou de Victoria, quando Matthew a apresentou como a executiva da conta. A modelo desejou muita sorte à campanha. Sorrisos vinham e iam, até que Simón propôs irem comer alguma coisa num restaurante que estava a seis ruas dali. Todos estiveram de acordo menos a Claire, quem se mostrou acanhada de fazer vida social e preferiu ir para casa descansar. Ninguém a censurava, porque no dia seguinte calhava-lhe a ela apresentar os documentos com as despesas a Andrew Spring. Matt disse que ia ter com eles depois, sem dar mais explicações. O grupo da agência, que combinou em ir comer juntos, apercebeu-se que quem esperava no carro de Matthew era Stefanie.

Esse pormenor foi como um balde de água fria para a Victoria. Fingiu não se dar conta, enquanto entrava no carro de Gary, de como o Cadillac de Matt se afastava com a modelo no lugar do co-piloto. Não podia acreditar que ele pensasse ter relações com outra mulher quando há pouco mais de dois dias tinha estado com ela. Não se suponha que iam ver até onde os levava a atração mútua que sentiam? Se era mútuo, como mínimo, esperava que lhe dissesse que já se tinha fartado, no lugar de fazê-la saber ao ir-se embora com outra diante dela. Isso tinha-lhe doído um pouco. Com um suspiro olhou para o espelho para ajustar o rabo de cavalo, o Gary começou a meter conversa com ela durante o caminho até ao sítio onde tinham combinado jantar todos.

A decoração do restaurante era muito clássica e elegante. A zona, onde se situava, era uma das mais adinheiradas de São Francisco. O empregado de mesa disse que estavam abertos das oito da noite às três da madrugada.

A comida estava deliciosa.

Victoria aproveitou para brindar com a Wanda, Simón, Gary e Beatrice.

—Pelo trabalho em equipa! —brindou Tori.

—Pela sessão de fotos, que na verdade foi sempre uma ideia da Bea! —propôs Wanda, e todos levantaram os copos de vinho, sorridentes.

—Isso mesmo —riu-se Victoria ao comer um bocadinho de queijo Brie da tábua de queijos que tinham pedido—. Foi um dia muito cansativo! Mas isto é o que eu adoro fazer, ufff, como sentia falta de me meter onde não sou chamada! —Deu uma gargalhada, sendo seguida pelos colegas.

—Nunca pensámos que fosses uma espertalhona —expressou Gary, ajustando os óculos—. Gostamos de que sejas a filha do chefe e que saibas ganhar o teu espaço.

As palavras de Gary emocionaram-na.

—Obrigada...

—Acho que a tua contratação trouxe ar fresco ao projeto desta conta. Realmente queremos ganhá-la —comentou Beatrice.

Depois estiveram um longo momento a falar sobre temas triviais. Victoria gostou da noite e relaxou. Para ela tinha sido um dia interessante, porque após tantos meses à procura de emprego e a sentir-se frustrada, por fim punha em ação toda a vontade de trabalhar que levava dentro.

O ambiente do restaurante ficou mais alegre, apesar de ser uma segunda-feira. A música de grupos dos anos 80 era cantada por um grupo que se encontrava ao fundo na zona do karaoke. A ideia de contar com essa alternativa para os clientes, pareceu-lhe interessante e começou a mover a cabeça ao ritmo da música. Os colegas da agência encontraram-se com amigos e, rapidamente, a mesa ficou maior. Já não eram cinco, agora eram quase dez pessoas.

Victoria estava a rir-se de uma piada, quando alguém lhe tocou no ombro.

—Tori Marsden! —exclamou um homem muito atractivo.

Ela sorriu por inércia e levantou a sobrancelha a modo de pergunta.

—Brian Lewis da aula de redação publicitária para meios, há uns dois anos. Lembraste? Fomos a Houston fazer uma análise das melhores campanhas dessa cidade, e aprender um pouco.

—Claro! —O olhar iluminou-se—. Claro, Brian. Gosto muitíssimo de te ver. —Ao princípio não o reconheceu, porque agora tinha um porte atlético. Na altura que o conheceu, ele tinha vários quilos a mais, embora a atratividade do sua cara fosse inegável.

Ele agarrou-lhe na mão e pô-la de pé para lhe dar um abraço. Numa ocasião convidou-a para sair, mas foi apenas um bom momento como amigos.

—Onde trabalhas agora? —perguntou ela com um grande sorriso. Acabava de notar que já passava da meia-noite. A única lembrança da árdua jornada era a dor nos pés, que nesse momento a matava.

—Butler & Partners. Há um ano e meio promoveram-me a director de contas. Já sabes que a oferta de trabalho para ti se mantém. Só tens de me telefonar —entregou-lhe um cartão de visita— e terei muito gosto em saber as tuas expectativas salariais. Sei que és brilhante.

—Claro, principalmente porque o meu pai é o dono da tua concorrência —sorriu, e Brian negou com a cabeça— Além disso, como se fosse fácil esquecer que me ganhaste, durante o curso, quando fizemos um concurso para uma viagem ao Hawai. Que tal foi?

—Não tão bem como se tinha esperado. Não vieste comigo —piscou-lhe o olho.

Victoria riu-se.

—És terrível.

—Já vejo que sim —comentou uma voz atrás de Victoria, confundida com o barulho de outros cliente, ela virou-se.

Matthew olhava para ela com os olhos frios.

—Talley —cumprimentou Brian sem sorrir e apertando a mão ao Matt—. Não sabia que gostavas de sair ao início da semana.

—Todos temos negócios e trabalho —respondeu a olhar para a Victoria.

Brian era muito astuto e o olhar possessivo do Matthew assinalava claramente que o interesse pela Victoria Marsden era um pouco mais particular do que qualquer amigo.

—Trabalhas com ele, Tori?

Matt fechou ligeiramente os olhos ao ver a confiança com que o seu principal concorrente profissional tratava a Victoria. E também não gostou da forma como a abraçava.

—Sim. Comecei há uns dias em Spring & Marsden.

—Parabéns. —Voltou-se para ver o grupo de pessoas que o chamavam com a mão numas mesas mais à frente—. Por agora, tenho de te deixar. Gostava de te voltar a ver e tomar um café. Já sabes que tens as portas de Butler & Partners abertas para ti, ainda que sejas da concorrência.

Victoria riu-se e Brian despediu-se com um abraço.

Matthew não partilhou o sorriso.

—Adeus, Talley.

—Lewis —respondeu Matt.

Antes da Victoria voltar à conversa com os colegas de trabalho, que estavam entretidos a falar e só cumprimentaram com a mão o director de contas quando o viram chegar, Matt agarrou-a pelo cotovelo e levou-a para a saída do restaurante com discrição. Incomodada por essa atitude rude, afastou-se, mas ele agarrou-a de novo e com mais força. Só quando chegaram ao passeio é que conseguiu que ele a largasse.

—Mas o que te passa? —perguntou furiosa entre dentes para não chamar à atenção —. Brian é um amigo meu. Não entendo a tua reação.

—Estavas a falar com a nossa concorrência na conta Harrington. —De facto, era o que menos lhe importava, mas era uma boa desculpa, porque os ciúmes não eram agradáveis. Onde estava a disciplina praticada durante todos esses anos?, perguntou-se chateado—. E vi-te a coquetear com ele. Não me parece que seja um bom procedimento...

Ela cruzou os braços.

—Faz o favor de regressar ao planeta Terra —espetou chateada ao interrompê-lo—. O teu comentário e reação estão fora de lugar. Ele é da concorrência? Mas tu achas que isto é *Jogo de Tronos* ou algo do género? —riu-se, sarcástica, perante o olhar gélido de Matt—. Não sei o que tens com o Brian, mas não me envolvas nos teus problemas profissionais. Se não gostas dele ou se o consideras má pessoa, não é problema meu. É teu. Conheço o Brian há dois anos e é um bom tipo —pôs as mãos na cintura—, para além disso, o que é que isto te diz respeito?

«Auto-controlo», pediu Matt à própria mente, mas esta negava-se a obedecer.

—Não conheces o Lewis o suficiente. —Agarrou-a na mão e elevou-a até ao carro.

—Larga-me. Posso apanhar um táxi.

—Deixa de te comportar como uma menina caprichosa!

—E tu és um idiota.

Matt respirou o ar que estava a conter e passou a mão pela cara.

—Por favor, entra no carro.

Ela ficou a olhar para ele durante um bocado sem ceder. Ante a atitude menos exigente de Matt, acalmou-se um pouco. O parque de estacionamento estava cheio de carros de luxo, mas naquele momento não estava ninguém por ali.

—Vim com o Gary e tenho de pagar a minha parte da conta. Não me posso ir embora assim. Eles também estão à minha espera, querem passar um momento agradável —pôs a mão na manga do blazer azul de Matt—. Voltamos para lá? Esquecemos o Brian, ou o que for...

—Não gosto de partilhar —disse ao juntar a pequena mão com a dele, grande e fuerte.

Ela torceu o nariz.

—Achas que vou saltando de cama em cama? —Perante o silêncio eloquente de Matthew, ela continuou—: Matt, não questiones a minha lealdade nem os meus princípios profissionais. Não mistures as coisas. O único lugar onde me podes dar indicações e questionar as minhas ações é no escritório. Se esta é uma aventura, como tu mesmo propuseste e eu aceitei, então o tema da exclusividade não devia sair a baile... É um facto. Para além disso, eu disse-te alguma coisa por teres ido passear sozinho com essa modelo? —perguntou sem se conter.

—Não devias, porque a Stefanie não tem inclinação pelo sexo masculino precisamente

—respondeu—. E só fui levá-la a casa.

Victoria abriu e fechou a boca.

—Isto é absurdo. —Esfregou as têmporas com a ponta dos dedos, disposta a não lhe comentar o alívio que sentiu ao saber que a escultural Stefanie não tinha tido mais que um encontro profissional com ele, e que não lhe interessavam os homens—. Olha, eu não tenho muitas experiência em lidar com este tipo de relações e...

Matthew agarrou-a pelos ombros e ela calou-se.

—Talvez contigo me sinta um pouco possessivo — interrompeu-a—. É só isso.

—Porque sou como uma irmã? —tentou brincar para desfazer o nó que tinha na garganta ao ouvir o comentário de Matt. Seria assim com todas as amantes? Não queria começar a fantasiar, mas era impossível não fazê-lo.

—Não voltes a dizer isso nunca mais, porque não sinto por ti nenhuma emoção fraternal e acho que na sexta-feira te mostrei isso muito bem. —Ela não conseguiu evitar corar—. Ontem à noite já te disse o motivo, Victoria.

—Porque à diferença das tuas outras amantes, a mim *conheces-me*. É isso?

Matt assentiu.

—Sacrifiquei muito tempo da minha vida para conseguir obter o respeito e o posto que tenho hoje. Não penso perder as minhas oportunidades de crescimento na empresa por ninguém. Por cima de qualquer circunstância está o meu trabalho, Victoria, e eu estou disposto a tudo para atingir os meus objectivos.

—Isso parece-me uma advertência.

—Não é. Só quero que entendas que saber da tua amizade com o Brian, me gera desconfiança.

—Um momento! —exclamou levantando as mãos e afastando-se um passo—. A minha carreira também é importante para mim, e sabes muito bem que nós, os Marsden, temos um alto nível de profissionalismo e ética. Estás a ofender-me.

—Não é a minha intenção. Só quero deixar claro que...

—Matthew, deixa estar. Já entendi o teu ponto de vista. O Brian e eu só somos amigos há dois anos. Não é que me fosse sentar com ele a partilhar os segredos da campanha que eu mesma quero ganhar. É absurdo. E mesmo que tivesse existido algo diferente entre ele e eu,

nunca colocaria em risco a minha carreira por um homem.

—Nem eu por uma mulher —respondeu. A única coisa que Matthew sabia era que não ia permitir que alguém se intrometesse na promoção dele na empresa. Tinha trabalhado cada condenado segundo da sua vida para alcançar o topo do êxito, e só estava a uma conta de se converter em sócio de uma das mais prestigiosas agências dos Estados Unidos. Se a Victoria arruinasse o projeto com Harrington por causa do Brian Lewis, ia encarregar-se pessoalmente que ela soubesse que ele podia ser um inimigo formidável e sem nenhuma consideração, embora ela fosse a única mulher capaz de confundi-lo com um beijo ou dar com ele em louco com o corpo.

—Então, podes deixar este assunto e voltar comigo ao restaurante? —perguntou.

—Victoria, eu não gosto de mentiras.

Ela soprou. O que achava, que ela sim?

—E eu não gosto que me questionem, quando se supõe que entre tu e eu só há sexo fora do horário do escritório.—Dito isto, deu a volta e dirigiu-se ao restaurante onde os colegas a esperavam.

Contrariado, Matthew seguiu-a.

CAPÍTULO 10

Os seguintes quatro dias na agência foram frenéticos. Os horários do escritório eram difusos. A equipa do Matt podia começar às sete da manhã e acabar às duas da madrugada. Ou iniciar a jornada às onze da manhã e sair às cinco da madrugada do dia seguinte. O resultado do *casting* com a Coleen foi um verdadeiro sucesso. O vídeo promocional piloto tinha uma excelente qualidade. Todos estavam a dar mil por cento de si mesmos para obter uma apresentação simplesmente perfeita.

Victoria e Matthew, desde aquela noite no restaurante, não voltaram a estar juntos. Ela, consumida pela conta Harrington, e ele, indo a reuniões fora do escritório com clientes ou com convites a coquetéis e festas. Ele odiava essas atividades, mas como faziam parte do seu trabalho, para manter contactos diversos, não tinha outra opção. Quando a Victoria e ele se reuniam para pormenorizar avanços, a tensão sexual era muito forte, tanto que só o facto de que qualquer pessoa pudesse abrir a porta e interrompê-los, impedia o Matt de mandar para o diabo a sua contenção e fazer amor com ela em cima da secretária. Ele dava tudo para despi-la, e ela por senti-lo dentro dela.

—Victoria, podemos falar um segundo? —perguntou Simón.

Ela parou de teclar no computador.

—Diz.

Ele entrou no confortável gabinete, que já tinha toques pessoais da Victoria. Dois quadros da Chloe na parede, uma orquídea e um pequeno aquário com três preciosos *golden fish*.

—No próximo sábado é a festa de Paul Harrington na mansão dele. Sei que é para ti quase uma obrigação ir, mas se preferires que cancele a tua presença —assinalou com o dedo a quantidade de pastas que ela tinha em cima da secretária—, diz-me e eu cancelo.

Victoria encostou-se na cadeira de couro. Nesse dia terminava a primeira semana de trabalho para conseguir *The Dolphin Shine* de Harrington.

—Não posso faltar —olhou para o relógio— e daqui a três horas encontro-me com o cliente. —Simón assentiu—. Vou conhecê-lo pessoalmente. Seria uma falta de respeito não ir à festa da próxima semana, e uma perda para mim, como relações públicas, não aproveitar a

possibilidade de utilizar um cenário como aquele para a empresa.

—Oh...

—Hoje vou dar-lhe uma amostra do que lhe podemos oferecer na licitação —sorriu—. É por isto que estivemos a trabalhar nos últimos quatro dias como se não houvesse amanhã.

Simón também sorriu.

—Achas prudente fazer isso? Refiro-me a adiantar-lhe informação. Ainda não sabemos que empresa licitará primeiro. Ele podia fazer comentários aos da Butler & Partners do que viu e...

—Precisamos que saiba que estamos a cozinhar algo grande para ele, e que se sinta acarinhado como cliente. Só lhe vou dar uma pisca de informação, mais nada... digamos, algo para que entenda o que podia ser, mas sem mencionar de todo o “quê”. Entendes-me?

—Sim, totalmente. Vais com o Matt?

—Claro, ele tem de me apresentar na qualidade de directora. Gostava que viesses comigo, Simón, para que te vincules mais, mas preciso de ti aqui, como apoio, no caso de me faltar alguma coisa para apresentar.

O rapaz assentiu.

—Nunca tivemos um cliente tão complicado, nem excêntrico, pelo menos durante este ano em que estou a trabalhar com o Matt —comentou Simón—. É inacreditável que ele queira que as duas agências, que competem pelo dinheiro dele, se juntem na festa. É ridículo.

Victoria riu-se com suavidade.

—Vai acostumando-te, se quiseses viver neste mundo da publicidade. Uma vez tive um xeque árabe como cliente. Ele levou-nos ao Dubái para que conhecessemos uma mansão, onde queria filmar o anúncio da campanha. Foi uma das casas mais bonitas que visitei na vida. Foi uma experiência incrível. O curioso é que nunca vi a cara do xeque. Dizia que ao se expor a demasiadas pessoas, a inveja delas podia tirar-lhe anos de juventude.

—Como negociaste?

—Não fui eu, foi o meu sócio. Eu só dirigi a equipa de trabalho da empresa de filmagens, para eles não perderem a perspectiva que o cliente queria. Foi uma semana entre o deserto e a cidade.

—Disseram-me que antes de vires trabalhar aqui na Spring & Marsden tiveste uma

agência muito boa. Com poucos clientes, mas com esses que as outras empresas gostavam de ter. O que aconteceu?

Victoria olhou para ele sem esconder a tristeza que sentia.

—Vi-me obrigada a fechá-la.

—Porquê?

—Essa é uma história que talvez te conte noutro momento —sorriu e voltou a concentrar-se no ecrã do computador. Pressionou o *mouse*—. Acabei de te enviar um documento e preciso que imprimas três cópias. É o que vou apresentar esta tarde —expressou mudando de tema deliberadamente—. Obrigada, Simón.

A conversa acabou, pensou o rapaz. Gostava de trabalhar com a Victoria. Não era uma tirana, não o tratava com condescendência como se fosse um idiota, como fazia a Claire.

—Não há problema. Já te trago isso.

—Perfeito.

Victoria esperava impaciente a chegada de Matt no escritório de Harrington, localizado no coração financeiro de São Francisco. Como o Matt tinha uma reunião fora da agência, combinaram encontrar-se no *lobby* do edifício empresarial. Ele estava atrasado. Por isso, ela subiu até ao gabinete do empresário. Menos mal que o dono da linha *The Dolphin Shine* também estava atrasado, porque caso contrário teriam dado muita má imagem. Era impossível não ficar chateada. Foi impossível esquecer os momentos amargos da última vez que teve que deixar plantado um cliente por causa do Devon.

Cruzou as pernas para impedir a si mesma de balançar os pés no chão com carpete e exteriorizar o nervosismo. Para esse dia tinha optado por um vestido executivo lilás com corte em A, em cima levava um casaco preto e calçava uns sapatos com salto alto de agulha pretos e lilases. Uns desses pares de sapatos que a Chloe insistia para ela usar. O certo é que lhe ficavam muito bem e sentia-se confiante de que ia causar boa impressão.

O relógio na parede marcou as cinco da tarde. «Meia hora de atraso», pensou, ofuscada. Insistiu nas chamadas ao Matthew. Nada. O telefone enviava-a directamente para mensagens. Impossível esquecer. Impossível não sentir um suor frio a percorrer-lhe as costas. E se o Matt tinha tido um acidente? E se morreu? E se...? Meu Deus. Não. Não podia lidar com isso de novo.

—Menina, está um pouco pálida, está bem? —perguntou a secretária de Paul quando a Victoria se aproximou. A senhora era uma mulher já entrada em idade e com um coque, onde parecia ter aplicado o frasco todo da laca. Nenhum cabelo se atrevia a sair do seu sítio.

—Eu —engoliu em seco—, acho que me vinha bem um copo com água, por favor —sussurrou ao tentar transmitir uma calma que não sentia.

—Agora mesmo.

Bebeu o copo com água devagar, perante o olhar preocupado da mulher.

—Receia que o sr. Harrington não a receba?

—Não, não, só que...

—Victoria, desculpa a minha demora! Nem vais acreditar... —Matt parou quando ela olhou para ele. Estava mortalmente pálida. Aproximou-se com rapidez e agarrou-a pelos ombros—: O que te passa, amor? —perguntou sem se importar se a secretária o ouvia, e surpreendido por a ter chamado assim.

Ela olhou para ele.

—Meu Deus, estás bem...—sussurrou ao pôr-lhe as mãos no rosto, antes de o abraçar.

Matthew torceu o nariz.

—Porque não havia de estar?

Ela separou-se do Matt e passou as mãos pelo casaco, tirando o pó invisível da roupa. Ele esperou pela resposta dela. Era a primeira vez que via a Victoria com essa expressão nervosa. Parecia-lhe mais plausível vê-la retadora e chateada, ou sensual e brincalhona do que nervosa.

—Eu —tossiu— eu pensei que...

—Você deve ser a famosa Victoria Marsden! —exclamou Paul Harrington ao chegar à antesala do seu gabinete e ao reparar nela, menos mal que já tinha recuperado a compostura. Matthew por seu lado, chateou-se por ficar sem ouvir o que a Victoria lhe ia dizer—. Matthew contou-me maravilhas do teu trabalho durante o almoço.

—Almoçaram juntos?

Paul ao sorrir mostrou uns dentes perfeitos. Alto, com o cabelo um pouco grisalho e com uma barriga considerável, tinha o aspecto brincalhão que contrastava com a fama de implacável nos negócios que abarcavam o nome dele.

—Eu bem digo que o mundo é pequeno. Acredita que nos encontramos no mesmo restaurante? Já sabe que o tempo é ouro, por isso ele aproveitou para me falar um pouco sobre os avanços, disse-me que a Victoria está por detrás de muitas das ideias e que a equipa tem trabalhado arduamente no que preciso. Matthew também me disse que será a pessoa com quem devo falar sobre qualquer necessidade que me surja durante o processo, a partir de agora. Primeiro queria conhecê-la. Sei que sabe que ver a cara da pessoa a quem vamos depositar os nossos assuntos é importante. —Victoria assentiu—. Desculpe que tenhamos chegado tarde e que tivesse estado à espera.

—Não se preocupe...

—Fabuloso —interrompeu ao abrir de par em par as portas de teca do seu gabinete—. Entrem, por favor. Vamos ajustar um par de pormenores. Eu quero ouvir a apresentação que o Matt disse que tem preparada para mim.

Ela sorriu-lhe.

—Claro —respondeu ao olhar para o Matt com surpresa. Ele piscou-lhe o olho e caminhou para o interior do suntuoso gabinete com vistas para a cidade.

Victoria sentiu-se muito confortável ao contar a Paul todas as projeções que tinham previstas, assim como os avanços com respeito aos pedidos dele sobre o conceito que queria. Mostrou-lhe o plano de relações públicas, concreto e directo, que oferecia como bónus quando a campanha comesse. Ela, em nenhum momento, perdeu de vista o modo com que o Matt a observava, admiração, desejo...? Ele dava opiniões de vez em quando, contribuindo com algumas luzes.

Paul era muito curioso. Aquele era um pormenor que ela apreciava, já que indicava que ele se envolvia pessoalmente nos negócios. Tinha experiência com empresários que preferiam delegar, e isso era um obstáculo, porque a burocracia de comunicar a um e a outro até que o chefe tomasse a decisão final, era uma perda de tempo. Mas neste caso, se o excêntrico Harrington pretendia vincular-se sem intermediários, então o nível de comunicação seria excelente.

Quarenta minutos depois de iniciar a apresentação, Victoria passou umas projeções da Coleen com os diamantes. O vídeo promocional estava nas primeiras etapas, ainda tinha de ser editado e a Coleen teria de rodar novamente umas cenas. A supervisão em conjunto com a empresa produtora estava a cargo de Gary e Wanda.

—Este moça tem o conceito que procuro! —exclamou o milionário, ajustando a gravata azul com um grande sorriso e apontando o dedo índice à projeção. —. Fizeram um bom *casting*. Já quero ver a proposta completa.

—Obrigada, sr. Harrington —respondeu a Victoria, apagando o portátil, satisfeita.

—Trata-me por Paul e por tu. Posso chamar-te Victoria, não?

—Claro.

—Muito bem. Muito obrigado por se terem reunido comigo. —Voltou-se para o Matt—: Espero vê-los na festa no próximo sábado.

Quando Paul se pôs de pé, Matt imitou-o.

—Conta com isso.

—Bem, bem. Sei que devem pensar que sou um velho extravagante —comentou a rir-se. Victoria não podia contradizê-lo—, mas a verdade é que a minha política de trabalho é que os meus empregados não sintam que é uma obrigação. Procuro o melhor, isso sim, mas não quero ver gente stressada nem abrumada. Isso não contribui para um bom ambiente de trabalho. Fazer uma festa para que haja alguma integração entre Spring & Marsden e Butler & Partners, por exemplo, vai criar um ambiente mais descontraído. Vocês são muito competitivos.

—A tua conta é importante, Paul. Tu sabes. Ter-te como cliente será um privilégio —respondeu Matt—. Somos os melhores, e trabalhamos com os melhores.

Paul deu-lhe uma palmada no ombro.

—Claro, rapaz. Entendo. —Olhou para a Victoria—: O meu filho, Michael, está na cidade —pisçou-lhe o olho e conseguiu arrancar-lhe um sorriso—, uma moça esperta como tu, de certeza de que é boa conversadora. — Matt não achou graça nenhuma ao comentário, mas ficou em silêncio—. Victoria, entrarei em contacto contigo caso tenha alguma ideia. E já sei que são competitivos —olhou para ambos—, entendo isso, por isso podem estar descansados que as nossas reuniões são confidenciais, tal como a que terei na segunda-feira com Brian Lewis e Tyler Mocht, para conhecer os avanços que eles prepararam.

—Muito bem —respondeu a Victoria—. Foi um prazer conhecê-lo, Paul. —Esticou a mão e o homem apertou-a energeticamente, tal como fez com o Matthew.

Durante o regresso ao escritório, Victoria limitou-se a ouvir a opinião do Matt sobre a reunião. Ela argumentou com um par de acotações e sentiu-se aliviada por ele não mencionar o inesperado ataque de pânico que teve. Antes de chegar ao parque de estacionamento da agência, Matthew recebeu uma chamada no telemóvel. «Quem quer que tenha sido do outro lado da linha, tinha tirado ao Matt a vontade de continuar a conversar», notou ela.

Chegaram ao andar do escritório. Ele não a tocou, nem a olhou de forma quente e preocupada como tinha feito no gabinete de Paul, ou com o interesse dos outros dias. Victoria queria perguntar-lhe o que se passava, mas não queria parecer ansiosa.

Esteve reunida com Simón durante algum tempo a explicar-lhe em pormenor a retroalimentação que obtiveram do dono da Harrington Jewelry Incorporated. Perto das oito da noite, terminaram o plano de relações públicas e a campanha. Agora só faltava a parte mais complicada: a apresentação final. Victoria enviou um mail à equipa. Na terça-feira começavam com a apresentação.

A apresentação não podia ser demasiado comprida, muito menos aborrecida, ao contrário do dossier informativo que iam entregar a Paul, o conteúdo tinha de ser concreto e sem rodeios. Tentar resumir era complicado, mas para isso tinham a Beatrice. Depois vinha a montagem criativa das dispositivas, os elementos gráficos em geral e a coordenação do vídeo. A parte da Claire ficava para o final, que era a entrega de números e estratégia de marketing; embora este tema estivesse encarregue a um especialista, em Spring & Marsden procuravam dar uma consultoria integral. O trabalho de Matt era verificar que a proposta fosse coerente, coordenar a equipa humana do trabalho, supervisionar cada etapa e ter o critério para aprovar e recusar gestões, para além de realizava a apresentação ao cliente, também atuava como director e executivo de publicidade. Victoria, como executiva da conta devia fazer com que os pontos estivessem claros e o cliente fixasse satisfeito.

—Acho que esta semana deixei os olhos nas páginas e no computador—expressou Simón pondo a cabeça para trás, contra o respaldo da cadeira que estava em frente da Victoria.

—Nos próximos dias tudo se vai acalmar. Ou pelo menos é isso que espero —sorriu ela—. Quero trabalhar com a equipa na próxima semana das duas às seis da tarde, todos os dias.

—Victoria, Claire tem-te uma cierta animosidade, sabes de isso, não é?

—Não acho que seja para tanto...

—No outro dia ouvi-a dizer à Kathy, a de cobranças, que ela merece ser promovida a

directora de algum departamento depois de tantos anos de sacrifício e que as comissões dela deviam aumentar um cinco por cento.

—O que tem isso a ver comigo?

—Se ela fala sobre ti significa que está atrás da tua cabeça... Desde que a conheço anda a tentar ter mais relevância do que aquela que já tem...

—Bom, eu não tenho medo de desafios. Se ela me enfrenta, eu respondo com o meu trabalho. Pelo que tenho visto, ela é uma profissional muito competente. Aqui valoriza-se mais isso do que as animosidades pessoais, claro, sempre e desde que não influenciam nos resultados. Até agora, ela realizou a parte dela com eficiência.

O rapaz assentiu.

— OK ...—respondeu antes de começar a recolher os papéis e voltar à mesa dele—. Precisas de mais alguma coisa?

Victoria sorriu-lhe.

—Não, não te preocupes, Simón. Encontramo-nos na segunda-feira.

Ele assentiu.

—Simón, espera um momento.

—Sim?

—Caso soubesses de algo que consideres... isto... que tu aches que eu deva saber, dizias-me, não é?

—Claro —sorriu—, feliz fim de semana, chefe. — Saiu a assobiar.

O céu de São Francisco estava estrelado. Victoria não tinha levado o carro dela, porque a Chloe ficou em ir busca-la à agência. Eram dez da noite e a melhor amiga não fazia ato de presença. Pelo menos no *lobby* estava acompanhada por Rubén Parker, o segurança.

Quando era pequena, o pai costumava levá-la à agência durante as férias escolares, ao regressar do acampamento de verão. John preferia tê-la por perto do que deixá-la sozinha em casa com uma *babysitter*. Por isso, quando se encontrava com os antigos colaboradores do pai, sentia uma alegria enorme. Tinham sido esses empregados quem a atenderam, davam corda às perguntas dela ou a entretinham até que o pai parasse de trabalhar. E apesar da sua relutância em trabalhar na agência, a verdade é que o ambiente e a sensação de pertença eram inegáveis, assim como as lembranças que tinha ali de pequena.

O telemóvel vibrou. Deslizou o dedo no ecrã tátil. Chloe. *Desculpa, Tori. Telefonou-me um cliente de São José. Uma festa e vem buscar-me daqui a pouco. Quer apresentar-me aos amigos, porque gostaram de um quadro que lhe fiz há um ano. Assuntos de trabalho. Desculpas-me?* Ela respondeu-lhe que ia chamar um táxi e que adiariam, pela segunda vez, a noite de chicas. *Obrigada, és um anjo. Não sei se durmo em casa ou se fico num hotel. Depende da hora. Adeus, Tori.* Guardou o telemóvel na mala. «Sem saldo.»

—Sr. Parker, por favor, podia charmar um UBER? Fiquei sem saldo para telefonar.

O segurança sorriu-lhe. Trabalhava na empresa há mais de 25 anos.

—Claro, menina Marsden.

Enquanto esperava as portas do elevador abriram-se.

—Victoria?

O coração dela bateu forte ao ver o Matthew. Não quis ir ao gabinete dele a comprovar se ele continuava ou não na agência, como parecia tão concentrado noutros assuntos não ia ser ela quem o ia interromper. Estava giríssimo. O cabelo ligeiramente despenteado, a sombra de uma barba com dois dias e o fato de executivo à medida tornavam-no mais apetecível para as suas fantasias pessoais. Dava-lhe vontade de correr para ele e beijá-lo. Sim. Estava a sofrer os efeitos do esgotamento... ou da falta de sexo, pensou para ela mesma. «Estás a acostumar-te demasiado e ele. Cuidado», sussurrou-lhe uma vizinha.

—Olá Matt.

Ele tirou o auricular do iPhone e guardou-o no bolso. Olhou para o relógio Jaeger-LeCoultre.

—Li o teu mail sobre os horários, parece-me bem. Temos tudo preparado, não? —Ela assentiu—. Se não vieste de carro, eu levo-te.

Claro, com essa indiferença, ela preferia ir de UBER.

—Só faltam as reuniões de trabalho em grupo na próxima semana e está tudo. E sobre a tua oferta, não te preocupes, o sr. Parker já me pediu um táxi.

—Nada disso. —Dirigiu-se ao sítio onde estava o segurança, trocou umas palavras com ele e depois disse a Victoria—. Cancelei o teu táxi. Vamos, eu levo-te a casa.

Ela não se levantou do sofá.

—Acho que não.

Matthew passou a mão pela cara.

—Tive um dia complicado, Victoria. —Aproximou-se dela e estendeu-lhe a mão—. Vamos, eu levo-te a casa. Está bem?

Contemplou a mão grande e elegante. Olhou-o nos olhos. O olhar habitual de Matt, o descontraído, não estava.

—Aconteceu alguma coisa...? —indagou, curiosa.

—Um dia intenso de trabalho. Acabei de te dizer —mentiu. Pensou em estar sozinho o resto da noite para digerir melhor a notícia que recebeu, mas ao ver a Victoria em frente dele, pensou melhor. —Tema vetado, pensou a Victoria, com o nariz torcido—. Estou cheio de fome —disse Matt a sorrir desta vez—, acompanhas-me primeiro a jantar?

Ela não conseguiu evitar devolver-lhe o sorriso. Agarrou a mão estendida. «Cansaço e fome são dois assuntos que conseguem irritar qualquer pessoa. Não sou paranóica. Está tudo bem», pensou.

—Está bem.

Durante o jantar, Matt foi tão agradável como sempre. Pôs as mãos dele entre as dela e em alguns momentos acariciou-lhe os nós das mãos com a ponta dos dedos, sem deixar de olhar para ela fixamente. O contacto do olhar dele dizia tudo.

Pagaram a conta e deslocaram-se em silêncio. Estavam numa rotunda. Ele olhou para ela, perguntando-lhe com os olhos verdes. Com um sorriso, Victoria tirou o cinto de segurança, inclinou-se sobre ele e beijou-o.

—Imagino que é muito coerente —comentou Matthew profundizando o beijo.

Chegaram à *penthouse* em 20 minutos. Mal as portas do elevador se fecharam, Matt empurrou-a contra a parede de metal e começou a beijá-la como se nunca o tivesse feito. Era um homem privado de água que acabava de encontrar o seu oásis no deserto. Ela deslizou as mãos pelos braços dele e acariciou-lhe as costas, enquanto que ele lhe devorava a boca e lhe tocava no traseiro para a levantar e pressionar pelvis contra pelvis. Ela enrolou as pernas à volta da cintura dele sem parar de gemer.

—Opps... —disse uma voz.

Victoria e Matt olharam um para o outro. Ambos a gemer e despenteados. Começaram-se a rir.

Obviamente a pessoa que tentou apanhar o elevador ainda se tinha divertido mais, porque as portas voltaram-se a fechar e eles continuaram em solitário. Matt agarrou-a pela mão quando chegaram ao andar. Abriu a porta com rapidez. Uma vez dentro, lançou as chaves para cima do sofá. Pegou na Victoria ao colo e levou-a para o quarto.

—Desejei-te todos estes malditos dias, porque é que estiveste tão ocupada? —perguntou ao tentar tirar-lhe o casaco. Ela ajudou-o e também começou a desabotoar a camisa masculina, ao mesmo tempo que se beijavam com frenesim.

—Tenho um chefe tirânico —respondeu a rir-se quando Matt lhe deu um açoite, antes de que ambos estivessem totalmente despidos.

Cairam na cama numa mistura de beijos, gemidos e carícias.

—É assim? —perguntou envolvendo os peitos de Victoria com as mãos e lambendo-lhe os mamilos. Ela levantou as ancas, pedindo-lhe que a enchesse com a sua virilidade, mas ele limitou-se a chupar e a morder até deixar os montes rosados sensíveis, e a sua dona, ao borde do desespero—. Esse chefe é tirânico em todos os aspectos? —perguntou aguentando um gemido, quando ela começou a acariciar o sexo dele.

—Às vezes sim —sussurrou. Com um movimento ágil, apanhando-o desprevenido, girou-se até pôr o Matt de costas. Ela colocou-se em cima dos músculos de aço.—. Às vezes, porque não... —murmurou ao beijá-lo, ao mesmo tempo que sentia como as mãos fortes lhe agarravam pelas ancas para a ajudar a encaixar no interior o portentoso sexo masculino. Com um suspiro, Victoria começou a balançar os movimentos das ancas ao compasso das penetrações coordenadas do Matt, quem a incitava a cavalga-lo mais depressa. Ela pôs a cabeça para trás, e Matthew teve a erótica visão do peito a mover-se ao ritmo dos embates. Era uma imagem tão sensual, que ele não conteve as mãos. Enquanto os corpos chocavam entre eles, unindo-se num maravilhosa e húmida profundidade, ele beliscava-lhe o peito, acariciava o ventre e as coxas de cetim que fixavam um corpo ao outro.

—Oh, Deus... nena, sim... mexe-te assim... —gemeu quando sentiu que o orgasmo estava pronto a arrasá-lo. Com um gemido levantou a anca e com uma penetração contundente e profunda, pronunciou o nome da Victoria antes de sentir como as paredes íntimas o apertavam, dando-se conta que ela também tinha atingido a libertação.

—Matt —sussurrou antes de cair em cima dele. As mãos de Matthew acariciaram-lhe as costas durante um longo momento até que as respirações se começaram a regularizar.

Mantiveram-se em silêncio. Ela aspirando o aroma masculino e deixando-se envolver pelo calor de Matt, e ele, sentindo o delicioso peso de Victoria. Gostava de a ter assim. Junto dele. Tão quente, suave e forte ao mesmo tempo.

—Parece-me que assustamos um dos teus vizinhos.

Matthew riu-se. Um riso grave e profundo. Ela sentiu como o coração lhe batia a mil à hora.

—Na próxima vez terei menos consideração —abraçou-a até que o rosto dela ficou colado ao dele—, e faço amor contigo no elevador.

—Uma das tuas fantasias? —perguntou ao acariciar-lhe o queixo com um sorriso.

—Contigo tenho muitas —respondeu a beijá-la. Saboreando o sabor, a essência tão especial e única que a diferenciava de qualquer outra mulher. Gostava do sabor dos beijos dela —Já te contei que tenho uma banheira que nunca partilhei com ninguém?

—Temos de mudar isso agora mesmo —comentou ela a levantar-se.

Ele olhou para ela aparvalhado. Esta mulher tinha um corpo que punha qualquer um de joelhos. Curvas sinuosas, pernas compridas e uma forma de se entregar ao prazer que...

Matthew não esperou ouvir isso duas vezes, abraçou-a pela cintura e entre risos entraram na banheira.

CAPÍTULO 11

Matthew aproveitou que a Victoria se estava a pentear para fazer a chamada que tinha adiado durante todo o dia. Já era um pouco tarde, mas tinha a certeza que ia ser mais que bem recebido. Debateu-se entre o ressentimento e a curiosidade, talvez por isso tenha atrasado a decisão de telefonar. A curiosidade saiu vencedora.

Olhou para o quarto. «As mulheres costumavam demorar-se com os temas da beleza. Sei disso, tenho uma irmã», pensou com um sorriso.

Caminhou até à varanda, abriu a porta de vidro e fechou-a, uma vez esteve à mercê do silêncio nocturno. Olhou para o telemóvel como se ele tivesse o poder de o empurrar a tomar uma decisão, ou a convidá-lo a ficar impávido. Procurou o número que tinha guardado à tarde.

Esteve a ponto de desligar, mas ao quinto toque responderam.

—Sim?

Era a segunda vez em menos de 14 horas que ouvia aquela voz. Uma voz que sabia de cor; a querer e a detestar. Uma voz que também tinha desejado ouvir de novo. E finalmente isso acontecia, após quatro anos de ausência.

—Olá Rosalyn.

—Matt... pensei... pensei que já não me ias telefonar —respondeu desde o outro lado da linha uma voz suave e melódica.

—Eu também pensei isso. —Não mentia. De facto, carecia de algo que lhe pudesse explicar porque raio lhe estava a telefonar, quando tinha a poucos passos uma mulher que era cem vezes melhor do que a Rosalyn Brewster.

—Sei que já se passou muito tempo, e depois do modo como te deixei nem devia pedir nada... nem telefonar-te —riu-se forçadamente—, eu...

—Quanto tempo vais ficar na cidade? —interrompeu. Perguntava-se se ela ainda tinha o cabelo comprido até ao meio das costas, e brilhante, numa espessa cortina negra que rivalizava com os olhos penetrantes com cor de café. Rosalyn era linda. Descendente de húngaros, com uma mente brillante e com um corpo de infarto. Conheceu-a durante uma campanha para a

Fundação PETA. Ela era uma estudante com tendência pro-cuidado animal e proteção de espécies em vias de extinção. Ela tinha sido enviada, junto com outras três pessoas, pela organização para que contassem as suas inquietações e o que consideravam necessário para ajudar a campanha de consciencialização em que trabalhava Spring & Marsden.

O carisma e o sorriso da Rosalyn cativaram-no completamente. Arranjou uma desculpa qualquer para a ver e marcar um encontro. Depressa começaram a sair juntos. Com o tempo, ele pensou que a Rosalyn era capaz de invalidar a sua ideia de que era impossível oferecer-lhe a outro ser humano, na qualidade de casal, amor e efeto incondicional. Junto a ela, pensou durante algum tempo, ele era capaz de oferecer algo, para além da parte sexual e económica de uma relação. Contudo, levou com um balde de água fria quando o optimismo sobre o amor começou a resquebrajar o seu escudo de indeferença e cinismo, no dia em que ela lhe disse, da noite para a manhã, que tinha aceitado uma oferta de trabalho em Brisbane. Nesse mesmo instante, as defesas voltaram a erguer-se com mais força.

Rosalyn devolveu-lhe o anel de noivado e ele sentiu-se impotente, magoado, decepcionado. Tinha sido suficientemente estúpido para confiar, mas tinha aprendido a lição. Depois da Rosalyn, manteve a política de não se atar a ninguém e de não prometer nada a nenhuma mulher para além do prazer entre lençóis.

—Ainda não sei. Tenho estado a trabalhar num projeto para o governo da Califórnia, e convidaram-me para fazer uma apresentação aqui em São Francisco. Se sai tudo bem, talvez me convidem para dirigir o projeto...

—E o teu trabalho na Austrália? —interrompeu.

—O projeto para o qual me contrataram já acabou. Depois, como bióloga, estive a dar aulas na universidade até que encontrei este concurso para a melhoria das condições de vida da fauna marina na Califórnia. A minha proposta é umas das escolhidas, e, bem... aqui estou.

—Sim...

—Matt, sei que me fui embora de forma abrupta, sem te dar tempo para nada...

—Não é o momento para pedir desculpas —respondeu friamente—. Só quero saber o que queres para me estares a contactar.

—Gostava de conversar contigo e explicar-te.

—Não vai fazer nenhuma diferença.

—Acho que mereces uma explicação. Nem tudo foi o que pareceu...

—Nunca é, Rosalyn.

—Janta comigo amanhã. Só te quero explicar, depois não voltas a saber mais de mim...

—Para tranquilizar a tua consciência?

—Por favor... —pediu com a voz cortada.

De repente, a porta da varanda abriu-se.

—Matt? —perguntou Victoria.

Ele virou-se. Fez-lhe um sinal com a mão para que esperasse um segundo.

—OK. Amanhã digo-te o sítio e a hora.

—Obrigada —expressou Rosalyn aliviada—. Obrigada, Matt. Até amanhã.

—Adeus. —Desligou.

Victoria estava super gira. Sem uma gota de maquilhagem. Com uma das camisas dele que lhe davam até aos joelhos. Tinha dobrado as mangas até ao cotovelo e estava descalça. Um sorriso apareceu no rosto dele. Aproximou-se dela, enterrou os dedos nos cabelos suaves, sem perder o sorriso, e atraiu a nuca até ele. Ela colocou as mãos nos ombros dele para se segurar.

—Matthew? —sussurrou ao terem os lábios muito próximos.

—Sim...

—Tens esse olhar —comentou com um sorriso.

—Que tipo de olhar? —Acariciou o carnosos lábio inferior com o pulgar, delineando-o. Ela mordeu-lhe a ponta do dedo e Matt riu-se. Um riso grave. Sexy.

—Esse que dizes que queres voltar a fazer amor comigo.

—Ah, esse...

—Sim...

—Então já sabes que te desejo, eh? —Ela sorriu—. Há muitas formas de fazer amor.

—Conhece-las todas? —perguntou ao dar-lhe um beijo rápido e fingindo-se surpreendido. Embora na sua cama não tivessem passado demasiados homens, sabia reconhecer um bom amante. E Matthew Talley definitivamente era um desses que nunca esquecias que tinham estado contigo.

Ele deu uma gargalhada.

—Algumas... Por exemplo, a que te vou mostrar neste momento é especial e diferente.

—Não me digas.

—Sim.

—E isso porquê?

A resposta de Matthew foi um beijo. Delicado ao princípio, mas depois converteu-se numa conquista intensa. Victoria entreabriu os lábios e removeu-se contra ele, enquanto era arrastada a uma doçura quase dolorosa. Matt abraçou-a e levou-a até ao sofá. Deitou-a e continuou a beijá-la. Ela enroscou as pernas às ancas dele, sussurando o que desejava, e ele respondeu às carícias da língua dela, possuindo a quente e doce boca. Beijaram-se durante um segundo, um minuto, ou talvez uma hora. Quando se tocavam o tempo deixava de existir.

Matt desabotoou os botões da camisa que a Victoria tinha vestido e introduziu os dedos debaixo do tecido para agarrar um peito e acariciar o mamilo.

—Matthew...

Ele abriu a camisa totalmente. Conteve um gemido. Estava completamente nua. Devorou-a com o olhar. Em lugar de continuar a beijá-la, agarrou-lhe nas pernas e abriu-a pouco a pouco, até a deixar totalmente exposta a ele.

—O que estás a fazer?

—Acabo de fazer amor à tua boca com a minha.

—Há bocado eu não me referia a isso. Refiro-me agora. É que eu nunca... —apoiou-se nos cotovelos. Matt estava com a cara perto do sexo húmido e palpitante por ele, ele olhava para ela desde essa posição—, não sei se...

—Sihhh —disse a sorrir, antes de a abrir e introduzir um dedo verificando como estava húmida. Victoria tombou para trás, quando ele lhe percorreu a vulva com pequenos toques suaves, que a acenderam—. Não sintas vergonha de mim. Deixa levar-te, pode ser?

—Se continuares a mover o dedo dessa maneira...

De seguida, o que fez foi substituir o dedo pela língua. Provou-a toda. Cada pequeno espaço suave e rosado à vista. Chupou-a, mordiscou-a com ternura e presteza, enquanto ela lhe dizia como se sentia com cada lambidela. Deleitou-se com o cheiro e com os ruídos que a Victoria emitia. Depois, os dedos acompanharam o trabalho da boca até que ela suplicou para ele não parar. Ele só queria dar-lhe prazer e também senti-lo. Deixou a palpitante zona sul.

Tirou as calças e baixou os bóxeres, para se pôr cómodo e penetrá-la lentamente.

—Maldição, odeio quando fazes isso! —resmungou perante a lentidão dos embates.

Ele limitou-se a rir. Começou a bombear com tortuosa parsimonia, enquanto a beijava, fazendo provar-se a si mesma. À medida que a penetrava, o peito da Victoria agitava-se, seguindo um ritmo cadencioso.

—Toca-te... —pediu contra a boca inchada pelos seus beijos—. Faz isso para mim e para ti.

Perdida num mar de sensações, a ter um prazer delicioso e com o amante a enchê-la profundamente, ela aceitou. Enquanto ele afirmava a ancas com a mãos e se introduzia no corpo, Victoria acariciou os mamilos com os dedos. Apertou-os como se fosse ele quem o estivesse a fazer. Acariciou os seios com as mãos, agarrou-os perante o olhar sensual de olhos verdes. Depois desceu a mão e friccionou o clítoris, simulando o ritmo dos embates do Matthew.

—Matas-me... —gemeu antes de alcançar o clímax e de a arrastar em simultâneo para o mesmo fogo delicioso, que consumia até à última partícula dos corpos deles.

Ofegante, Matt começou-se a rir. Ela deu-lhe um empurrão. Ele apoiou-se nos cotovelos sem se afastar do corpo da Victoria.

—Porque te ris? —increpou.

—De alegria. Porque há muito tempo que não me sentia tão livre com alguém —respondeu ao esfregar o nariz com o dela—. E esta foi outra forma de fazer amor: com a minha boca no teu doce sexo.

Ela corou. Algo que ele via como adorável.

—Tiveste muitas amantes, Matt, não acho que...

—Já falámos sobre os teus preconceitos.

Ela sorriu.

—Gosto que não tenham sido muitas.

—Não foi isso que quis dizer —respondeu—. Ouch! —exclamou a rir-se quando ela lhe mordeu o lábio inferior com força. Ambos se levantaram lentamente. Ela vestiu a camisa, que já estava para o lixo sem os botões. Matt abraçou-a e sentou-a ao colo.

—Quem era? —indagou, abraçada aos ombros dele. Ele segurava-a com firmeza pela

cintura.

—Quem, preciosa?

—A pessoa que te telefonou. —Isso tirou o sorriso da cara de Matthew. Ela sentiu como ele ficava tenso—. Matt?

—Alguém do meu passado.

Victoria torceu o nariz.

—Uma mulher?

—Sim.

—Vais encontrar-te com ela amanhã? —perguntou ao lembrar-se do final da conversa que tinha ouvido. Ao notar o olhar impenetrável de Matthew, ela desculpou-se—: Desculpa, sei que não me diz respeito...

—A minha relação com a Rosalyn foi diferente.

«Então ela tem um nome. Acho que não vou gostar do que vou ouvir em seguida», pensou.

—Entendo...

—Não, não entendes —acariciou-lhe a cara. Suponha que John não tinha contado nada à filha. A descrição dizia muito dele, pensou Matt—. Ela e eu estivemos noivos.

Isso ela não esperava. Casamento. Isso tinha sido antes ou depois dele ter decidido que não estava disposto a dar nada a nenhuma mulher? Aquela Rosalyn teria mudado isso? Que razão teria levado uma mulher a rejeitar um homem como Matthew Talley? Ele era... Ai, não. Não, não, não. Só a ideia de outra mulher ter estado tão perto de ter o Matt ao seu lado para sempre revolvía-lhe as entranhas. Tinha chamado o motivo de diferentes maneiras, mas não com a apropriada. Não quis aceitar com clareza. A verdade é que estava apaixonada por ele. Queria o Matt. Amava esse homem. Desde sempre. E talvez nunca o deixasse de amar. O único problema era que ele não lhe correspondia, salvo na parte sexual. Tinha um grande, grande problema entre mãos.

—Bem...—expressou mais para ela mesma.

—Deixou-me há quatro anos.

—Lamento —mentiu. Alegrava-se muito por isso—. Então, vais tentar analisar como estão os teus sentimentos?

—Ela quer conversar- Vou ouvi-la. É tudo.

—Oh. —«Essa não é uma resposta», queria dizer-lhe, mas ficou calada.

Ele sorriu. Ela evidente que a Victoria estava ciumenta. Tentava por todos os meios não mostrar, mas a forma inconsciente com que tinha os braços tensos à volta do pescoço era evidente. Gostou de a ver ciumenta, mas não era um momento de análise.

—Chateia-te que a veja?

Ele saiu do colo de Matthew para se pôr em pé. Fechou a camisa com as mãos e abraçou-se à cintura para não expor o corpo.

—A vida é tua, é o teu passado. Eu não tenho nada a ver com as decisões que tomaste ou que queres tomar agora em relação a isso.

Matt vestiu os bóxeres para a aproximar. Se não se tapava com algo, o mais provável era que terminassem, nesta ocasião, a fazer amor como possessos, em cima do tapete.

—Agora estás comigo. Temos confiança suficiente para falar. Quero saber a tua opinião. Ela suspirou.

—A minha opinião é que não tenho nenhum direito em censurar-te, exigir ou pedir, no que a ti te diga respeito, ainda que sejamos amantes. É a tua vida pessoal. Tiveste os teus motivos no passado para seres quem és agora. Imagino que me disseste que não fazes promessa por causa dela, não é? —Ele assentiu—. Então, talvez seja o momento de te enfrentares a este episódio do teu passado e saber que emoções tens ao vê-la depois de tanto tempo. E tiras as tuas próprias conclusões.

—Vou fazer isso —respondeu.

Essa resposta também semeou uma inquietação nela, o que se passaria se Matt se dava conta que ainda tinha sentimentos por essa mulher? Só a ideia atingiu-lhe o coração.

Ele colocou um dedo debaixo do queixo de Victoria, para lhe levantar o rosto e contactar com os lindos olhos azuis dela.

—Quero que me digas o que aconteceu no escritório do Paul.

Isso surpreendeu-a por completo. Uma mudança inesperada de tema. Achou que ele tinha passado esse tema por alto.

—O que queres dizer? —preferiu não perceber, mas o Matthew já a conhecia.

—O teu ataque de ansiedade. Porque é que aconteceu?

Mordeu o lábio inferior. Tentou afastar o rosto, mas ele não permitiu.

—Uma experiência do passado.

—O que pensaste que me tinha acontecido? —perguntou Matt, acariciando-lhe a cara.

—Que... que tinhas tido um acidente ou alguma coisa assim, porque não me respondias ao telemóvel.

—Fiquei sem bateria... —Baixou as mãos e colocou-as no braço da Victoria com uma carícia que não tinha nada de sexual—. Porque não confias em mim e me contas o que realmente motivou o teu ataque de pânico?

—Não te entregaria o meu corpo se não confiasse.

«E o teu coração?», ele quis perguntar-lhe, mas nem acreditava que aquela pergunta lhe tivesse passado pela cabeça.

—Sem expectativas nem...

—Para o diabo com isso, Victoria! —exclamou, largando-a—. Tiveste um ataque de ansiedade. Estavas pálida. Tremias... Se o Paul não estivesse no escritório, eu teria adiado a reunião.

—Eu... Matthew...

—Tu o quê?

Ela sorriu com tristeza.

—Já te contei que estive noiva. —Ele assentiu. Agarrou-a pela mão e voltaram para o sofá. Um ao lado do outro. Olhavam um para o outro—. Tu conheceste-lo... Devon Patroll.

—O teu melhor amigo? Aquele magricela que babava por ti?

Victoria teve de se rir com aquela descrição. Sim. Devon demonstrou sempre o interesse que tinha por ela, primeiro de um modo subtil, e depois, ao declarar-se tudo foi tomando forma. Com o tempo, esse jovem magricela que Matt descrevia, tinha-se convertido num homem bonito e maravilhoso que ela ia amar sempre. Infelizmente, ao estar com Matt deu-se conta que o seu amor era sincero, mas não profundo nem apaixonado como o que sentia pelo Matt.

—Esteve sempre presente para mim —respondeu em troca—. Uma noite tivemos uma

grande discussão, porque ele não apareceu a uma reunião da agência em que éramos sócios. Devon foi-se embora zangado. Não soube nada dele. O telemóvel estava apagado e eu estava cheia de ansiedade. Até que passado um bocado, depois do Devon se ter ido embora, me telefonaram do hospital. Teve um acidente de caminho a Los Angeles. Durante muito tempo senti-me culpada por o que lhe aconteceu... —expressou com tristeza—. Se não tivesse discutido, se não tivesse...—encolheu os ombros—. São demasiados “se não tivesse”, sabes?

Ele assentiu com pesar. Entendia o sentimento de impotência.

—Faleceu...? —atreveu-se a perguntar.

Os olhos de Victoria encheram-se de lágrimas.

—Não, Matthew. Devon está em coma há 11 meses no hospital.

Ele ficou impressionado. E ao vê-la chorar sentiu ciúmes ou raiva, porque estava a fazê-lo por outro, mas entendia-a. Puxou-a para os braços dele e deixou-a chorar.

Agora as peças encaixavam-se, pensou ele. Foi por isso que o John lhe pediu para lhe dar emprego. A pequena agência era da Victoria e do Devon. Ela não a voltaria a abrir. John mentiu-lhe para que ele não se negasse a dar-lhe um lugar na sua equipa de trabalho. Como é que o John achava que ele ia negar algo ao próprio dono da agência? Independentemente de John lhe ter dito ou não, depois de trabalhar lado a lado com a Victoria durante esses dias, podia dizer com sinceridade que estava contente por a ter contratado. Era muitíssimo eficiente, organizada e criativa. Agora já não era importante como acabou por formar parte da equipa da agência, que ao fim ao cabo lhe pertencia a ela por herança e direito.

—Lamento...Que prognóstico dão os médicos?

—Não está em estado vegetal, por isso pode acordar a qualquer momento... ou não.

—Nesse dia da briga cortaste o teu compromisso com ele?

Ela negou com a cabeça.

—Eu... não. Antes de estar contigo fui ao hospital despedir-me dele. Um disparate, não achas?

—Não, pelo contrário. Parece-me um gesto muito bonito por tua parte. Às vezes as pessoas em coma costumam ouvir, ao pelo menos é o que alguns médicos dizem em casos como os de Devon.

Victoria assentiu.

—Não podia continuar a manter a minha vida em suspenso. Já não. Chloe, a minha melhor amiga, tentou arranjar-me namorado —riu-me—, mas eu resistia-me. Foram meses de angústia, dor e um profundo sentimento de culpa, por isso não queria saber de ninguém. Até que decidi continuar com a minha vida. Cameron foi parte dessa experiência, um grande erro, claro... —passou a mão pelo cabelo—, bom, enfim, custou-me tomar a decisão de deixar o passado para trás, embora saiba que foi o melhor. Contudo, a situação do Devon não deixa de me afligir. Não é justo que esteja confinado a uma cama...

—É muito compreensível, Tori —acariciou-lhe o rosto—, mas a culpa não foi tua. Foi ele quem decidiu conduzir a toda a velocidade. O que disse John?

Victoria olhou para ele durante um longo momento, antes de lhe contar o motivo pelo qual ela e o pai tinha estado distanciados tantos meses. Então, a interrogante de Matt com respeito à relação pai-filha esclareceu-se.

—Porque querias ser independente do John? Porque não começaste em Spring & Marsden? Essa é uma curiosidade que tenho desde sempre.

—Porque gosto de saber que sou capaz de conseguir objectivos por mérito próprio. Não gostar de estar à sombra do meu pai no campo em que trabalhamos. Quero que se refiram a mim, porque fiz um grande trabalho sem o apoio de ninguém, para além da minha própria capacidade. Sinto-me orgulhosa disso. Ainda que sejam pequenos logros, são meus. Não os devo a ninguém. E isso é indispensável para mim. O meu mundo à minha volta pode cair, mas pelo menos tenho isso... Quero chegar longe e estou disposta a tudo para consegui-lo.

Isso gerou no Matthew uma sensação de culpa, mas tinha prometido ao John não dizer nada. Afinal, que risco havia em que ela soubesse? Nenhum. Por outro lado, ela já estava dentro da companhia, com uma equipa que gostava dela e a realizar um trabalho espectacular, que era tudo o que a Victoria queria.

—Anda cá, Tori —disse antes de a beijar—. O que achas se vamos comer alguma coisa?

Ela sorriu.

—Sim, tenho muita fome.

Ao amanhecer, Victoria e Matt fizeram amor de um modo pausado, silencioso e olhando-se nos olhos. Foi uma ligação diferente, mas nenhum fez comentários sobre isso. A

noite anterior tinha sido como nos velhos tempos. Cada um conversou sobre as suas vidas sem se preocuparem pelo que exteriorizavam ou por serem aceites.

Ela brincou com ele quando o viu sair da casa de banho com o uniforme de karate-do posto. Matthew falou-lhe um pouco sobre o maestro e as aulas aos sábados. Também lhe comentou como as aulas o tinham ajudado a moldar o carácter, mas omitir os pormenores sobre o verdadeiro motivo da sua chegada a Temple Ki.

—No dia em que te atacaram na rua descontrolei-me por completo —confesou, enquanto tomavam o pequeno-almoço—. Supõe-se que o karatecas temos de manter a disciplina e o auto-controlo, mas essa foi uma situação extrema.

—Desculpa ter-te colocado nessa posição.

—Não te desculpes, porque não foi culpa tua. Não costumo perder o controlo, salvo em certas ocasiões—pisçou-lhe o olho e ela riu-se. De seguida ficou sério e continuou—: Às vezes, não nos podemos lamentar por perder o controlo por coisas que valem a pena. Se não tivesse atuado como fiz, talvez aquele desgraçado tivesse continuado a atacar-te. Não podia permitir isso.

Ela dedicou-lhe um sorriso radiante, que acelerou o coração dele.

—Queres que te deixe na aula de francês? —perguntou ao mudar de tema.

—Não, não. Primeiro quero ir a casa mudar de roupa.

—OK.

—Olha, o que aconteceu com o Phillip?

Matt sorriu.

—Esse patife já está em casa da tia, e ela está a tratar dos papéis legais para o adoptar. A burocracia vai tornar o processo mais lento, mas vai sair bem e ele vai ficar muito bem com ela.

—Espero que tudo lhe vá bem.

—Eu também. Agora terminar de tomar o pequeno-almoço ou chegamos tarde aos nossos destinos.

—Bem, se não tivesses decidido que tens especial debilidade de manhãs para fazer... —assinalou-se a ela e depois a ele—, não teríamos...

Matthew desatou a rir, antes de se inclinar para a beijar.

—Anda, pequena provocadora, vai buscar a tua mala.

Apesar da Victoria ter pasado uma noite maravilhosa com o Matthew, não deixou de sentir um nó no estômago durante o resto do dia, principalmente quando caiu a noite. Ele não lhe telefonou nem lhe escreveu. Sabia que estava com a tal Rosalyn, e isso não a ajudou a melhorar o estado de espírito. De facto, a ideia contribuiu para que dormir fosse uma batalha titânica entre corpo e mente.

Rosalyn chegou à mesa reservada por Matt com um vestido verde escuro curto, que realçava a sua excelente figura. Ele levantou-se para cumprimentá-la.

Ela, apesar de ter cortado o cabelo pelo queixo e estar perfeitamente maquilhada como sempre, parecia um pouco esgotada. Isso pareceu estranho ao Matt.

—Olá Matthew —cumprimentou com um sorriso diáfano.

Os lábios pintados de vermelho luziam voluminosos e atrativos. Uns lábios, que há um tempo atrás, ele tinha devorado. Rosalyn era uma mulher cuja sexualidade era tão explosiva como generosa. Embora não devesse, mas ao compará-la com a Victoria não podia dizer que sentisse falta da ex-noiva de nenhuma maneira. Durante o caminho até ao restaurante, pensou que ao vê-la de novo os seus sentimentos iam despertar, mas isso não estava a acontecer. Só se dava conta que não sentia nenhuma emoção pela Rosalyn. Nem sequer desprezo nem ressentimento. Era como se ao vê-la novamente se tivesse ativado o ensalmo para desintegrar os fantasmas e a dor que lhe causou quando o deixou sem mais... «Interessante.»

—Custou-te encontrar este sítio? —perguntou enquanto lhe afastava a cadeira.

Estavam num restaurante muito cómodo e simpático perto da baía.

—Foi perfeito para mim, porque vivo apenas a umas ruas de aqui. Obrigada por teres aceitado ver-me. Estás muito bem—disse ao agarrar na mão dele em cima da mesa. Ele apertou-a, mas depois retirou-a. Rosalyn temeu este encontro, mas devia-lhe dizer a verdade.

O empregado de mesa aproximou-se e pediram algo ligeiro. Habitualmente ela costumava comer muitos condimentos, por isso o Matt surpreendeu-se quando a ouviu pedir que não lhe pusessem nada para além de uma pisca de sal.

—Tu também, embora tenhas cortado o teu idolatrado cabelo —expressou.

Isso fê-la rir. Um riso que não causou os estragos de outrora nele.

—Têm-se passado coisas complicadas ultimamente. Por isso, queria ver-te. Estou decidida a fechar os capítulos do meu passado, aclarar o presente e preparar-me para o que vier.

—Isso soa... interessante. Quase filosófico —respondeu ao beber a taça de vinho branco que acompanhava o peixe que tinha pedido.

Rosalyn deu voltas ao risotto com o garfo.

—Devo-te uma desculpa muito grande. Não... espera. Não me interrompas. Por favor, deixa-me falar. —Ele fechou a boca e assentiu—. O dia em que me pediste em casamento foi o dia mais feliz da minha vida. Comecei a planificar tudo com muita alegria. O meus pais adoravam-te... adoram-te. —Matthew apertou a mandíbula e continuou a ouvi-la—. Durante uma das tuas viagens de trabalho, fiz um desses exames médicos de rotina. Estava confiante que tudo estava bem, mas enganei-me.

—Rosalyn...

—A pequena bolinha que sentia no peito direito, e que eu acreditava ser fruto normal dos meus períodos menstruais, a verdade é que era um cancro na fase dois.

Em questão de segundos, Matthew ficou branco, antes de voltar a processar.

—Porque não me disseste quando voltei? Porque não falaste comigo sobre isso? —perguntou consternado. Foi ele, agora, quem agarrou na mão de Rosalyn.

—Não queria que ficasses comigo por obrigação ou pena.

—Eu amava-te, pedi-te em casamento antes de saber disto tudo! E se me tivesses contado, nada teria mudado, Rosalyn. Nada. —Não acreditava no que estava a ouvir. Era cínico, mas não estúpido. Uma pessoa nunca faria uma confissão deste calibre, depois de tantos anos, se não fosse verdade. De repente, tudo encaixava. A distância de Rosalyn quando lhe confesou que ia para a Austrália, a sua aparente apatia e a insistência em que não mantivessem contacto. E agora, ao vê-la tão perto, as mudanças em pormenores físicos eram bastante óbvias para alguém que a conheceu há anos. Como ele.

Ela sorriu com tristeza.

—Eras um homem muito vital e cheio de ambições. Achas que te podia atar a uma doente? Teria sido muito egoísta por minha parte.

—Disseste etapa dois. E a quimioterapia?

—Fui a Brisbane. —Tocou no cabelo. Não o cortei —sorriu—. Agora fazem cabeleiras de excelente qualidade, não achas?

Matthew não acreditava no que estava a ouvir. O brilho das lágrimas nos olhos de Rosalyn encolheram-lhe o coração.

—Então, a oportunidade de trabalho era uma mentira? —perguntou com suavidade.

—Desculpa, Matthew —sussurrou.

Ela pôs o mundo dele de avesso com essa confissão. Isso significava que... Meu Deus! Durante todos esses anos odiou-a, quando o que ela tinha tentado fazer foi poupar-lhe a pena. Embora na realidade o que conseguiu foi o efeito contrário.

—Não sei o que dizer... Deixaste-me parvo. Como...? —Não tinha palavras.

Rosalyn suspirou.

—Concentrei-me nos meus estudos, nos amigos que fiz na Austrália, projetos. Tentei dar uma oportunidade a outra pessoa, mas não eras tu. De qualquer forma, não se pode fazer muito. Lutei incansavelmente todos estes anos, mas tenho metástasis.

—Meu Deus... Rosie —expressou com o diminutivo com que costumava chamá-la—. Não devias ter tomado uma decisão sozinha, afastando-me. Eu teria estado ao teu lado. Durante todo este tempo eu...

—Odiaste-me —antecipou-se a dizer—. Eu sei. Se se invertessem os papéis, eu teria-me sentido da mesma maneira, mas a verdade é que escolhi lidar com o teu ódio em vez da pena. Amava-te demasiado... —baixou o olhar—, talvez ainda te ame.

Matthew engoliu em seco.

—Estava magoado e ressentido. —tocou no cabelo—. Não te vou mentir, mas de facto agora...

Rosalyn entendeu.

—Já não sentes nada por mim —completou a frase com uma nota de tristeza na expressão.

Com pesar, ele assentiu.

—É mais que compreensível, Matt. Não esperava nada diferente. De facto, não pretendo

mudar nada, agora. Não é a minha intenção. Queria ver-te, porque precisava de te dizer a verdade na cara, porque és um homem com um coração maravilhoso e sinto que, de algum modo, quando começaste a abrir-te mais emocionalmente, eu cortei-te as asas... falhei-te. Não imaginas o quanto o lamento...

Nesse momento, aproximou-se o empregado de mesa para retirar os pratos. Matthew pediu a conta. Sentia que o coração lhe batia a mil à hora e estava confuso.

Minutos depois saíram do restaurante. Começaram a andar pelas ruas iluminadas, respirando no aroma da noite a essência das estrelas e os suspiros do universo que se condensavam em São Francisco.

Em silêncio, chegaram a um banco e sentaram-se.

—Deram-me seis meses, Matthew —disse ao romper o silêncio que se tinha instalado entre eles. Matthew olhou para ela—. Por isso, queria ver-te e pedir-te desculpas por ter tomado uma decisão unilateral. Por te ter magoado —pôs as mãos no rosto dele—, e porque és um homem que merece ser amado e amar em plenitude. Esperava ver um anel no teu dedo —disse com um sorriso—. Espero que não julgues as outras mulheres pela forma como me comortei contigo. Não te troquei por outra situação, nem menosprezei o teu amor, eu só...

Ele negou com a cabeça e agarrou as mãos da Rosalyn, apertou-as contra a cara dela. Ela tinha as mãos suaves, ligeiramente frias.

—Teria cuidado de ti. Sem importar nada —afirmou ao olhá-la nos olhos—. Eu não me casei, porque não senti que merecesse a pena arriscar-me de novo. Quando te conheci sentia-me despedaçado, quando senti que estava a salvo contigo deixei de lado os meus medos, quando te foste embora foi como reviver esses medos que pensava ter enterrado, e...

Rosalyn acariciou-lhe a cara com ternura e lágrimas nos olhos.

—Matt, foram só barreiras que criaste para te proteger, e tendo em conta alguns episódios do teu passado, é compreensível. Mas já não existem perigos emocionais. —Com os dedos traçou-lhe as sobrancelhas grossas com uma carícia—. Cresceste, melhoraste e deste-me momentos maravilhosos que sempre estimei. Se tivesse continuado ao teu lado, terias sacrificado um futuro prometedo por um sentido de “dever”, e isso eria-me partido o coração. Não te queria tirar a possibilidade de crescer profissionalmente para estares a tomar conta de mim. Sei que a tua infância foi dura. Também foram etapas que te marcaram, e por isso não podia ser um impedimento para ti, e teria sido se tivesse ficado. —Tirou as mãos do rosto sem

deixar de olhar para ele, enquanto ele lhe acariciava o braço com movimentos automáticos e pensativo—. Não escolhi ir-me só por ti, a verdade é que também o fiz por mim. Para viver um sonho. Sempre quis ser bióloga, trabalhar na Grande Barreira de Corais e visitar Brisbane. Lembraste? —Matthew assentiu, perdido nas palavras de Rosalyn que lhe tocavam fundo—. Depois do diagnóstico, mais do que nunca, quis fazer isso tudo, mas sem atar ninguém à possibilidade de ter de cuidar de mim ao estar convalescente. No início os médicos pensaram que progredia no tratamento de vento em popa, eu pensava o mesmo... contudo, com o passar dos meses o pronóstico começou a complicar-se. Uns meses estava bem, depois piorava. Os meus pais encarregaram-se de tudo... Tive enfermeiras e uma equipa de cuidados. Parte da minha família é australiana, por isso tive sempre alguém conhecido ao meu lado.

Matthew abraçou-a com força e ela agarrou-se ao pescoço dele.

—Meu Deus, Rosie —sussurrou com a voz entrecortada—. Eu...

—Tenho de me ir embora —murmurou junto ao pescoço de Matt. Aspirou o cheiro dele. Sempre lhe pareceu tão masculino e atrativo. Tinha quebrado a barreira do passado e nos braços dele sentia-se a salvo. Como não se sentia há muito tempo—. Obrigada por te teres encontrado comigo... e ouvires-me.

—Diz-me o que posso fazer por ti —pediu, sem conseguir desfazer o nó que se tinha formado na garganta ao ouvir a confissão da linda mulher que tinha em frente dele.

Ela afastou-se, olhando-o no olhos.

—Perdoa-me.

Matthew assentiu.

—Já o fiz. —Era uma certeza que surgiu desde o mais profundo do seu ser. Talvez não só pela confissão dela, mas porque, de algum modo, a Rosalyn tinha deixado de existir nos seus sentimentos passionais para sempre. Não tinha sentido guardar rancor. Estando doente ou não.

—Então sê meu amigo até que...

Ele pôs-lhe um dedo nos lábios.

—Não, não digas isso. Preciso de assimilar o que me contaste, mas não te voltes a afastar. Telefona-me sempre que precisares, por favor. Está bem?

Ela assentiu.

—Eu levo-te a casa, Rosie.

Rosalyn agarrou o Matthew pelo braço e começaram a andar.

CAPÍTULO 12

Durante as horas de trabalho na agência, Matthew permaneceu num tipo de afastamento emocional, sem olhares libidinosos ou toques intencionais, nem piscar de olhos dissimulados à Victoria. Ela não se atrevia a indagar sobre a Rosalyn, mas sabia que o encontro do Matt com a ex-noiva o tinha afetado de alguma forma.

Victoria perguntava-se, se afinal, Matt se tinha dado conta que continuava a amar a antiga namorada. Só a ideia já a magoava. Muito. Fingia que não se passava nada, que não a afetava. Contudo, sentia falta de conversar com ele fora do escritório, de se abraçar a ele e de sentir o prazer das suas carícias. Com exceção de lhe perguntar se estava bem, se tinha vontade de comer alguma coisa ou algo do género, Matt não conversava sobre mais nada. Para além das noites em que tinha saudades de estar com ele, mantinha o pensamento concentrado no trabalho. Almoçava com o pai, que insistia em que ela utilizasse o dinheiro que ele continuava a depositar na conta dela, mesmo que fosse para comprar um carro. Ao notar que ele insistia, ela disse que pensaria sobre isso. A resposta pareceu acalmá-lo um pouco.

John contou à filha que estava um pouco adoentado, mas que não era nada de gravidade. Ela não acreditou, e por insistir tanto em que lhe desse mais informação, ele acabou por confessar que lhe tinham diagnosticado Parkinson.

—Ainda está nas primeiras etapas... —disse-lhe a sorrir ao beber água— com o tempo vou converter-me numa carga para ti. Por isso, é melhor que encontres a melhor equipa de enfermeiras da cidade. —brincou.

—Pai, promete-me que te vais cuidar e seguir as indicações do médico.

—Vivo para agradar os médicos —murmurou. Como ela não se riu da ironia, John aceitou seguir todas as instruções médicas e contar-lhe qualquer alteração que fosse acontecendo ao longo do tempo.

—Por mais pequeno que seja. Se o tremor na mão esquerda aumenta —apontou para a mão que nesse momento tremia imperceptivelmente— ou se achas que precisas de falar com um profissional. Um psiquiatra, por exemplo, ou qualquer coisa, quero que me digas. Estamos de acordo?

—Não preciso de um hospício, Tori. Estou velho, mas não decrépito.

—Pai...

—De acordo, de acordo.

Na quinta-feira à noite, Gary convidou todos para tomar um copo. Matthew deu como desculpa uma reunião. Victoria surpreendeu-se e perguntou-lhe com o olhar se essa noite também não iam estar juntos, mas ele reagiu como se não a entendesse. Matt despediu-se de todos e dirigiu-se para o elevador. Ela fingiu não ver quando ele atendeu uma chamada, e no lugar do rosto afável e distante que manteve com ela toda a semana, esboçou um sorriso. Um sorriso de verdade.

«Que o diabo o carregue», pensou Victoria, quando saiu com os colegas da agência. Até a bruxa da Claire estava simpática. Tanto, que ela até se surpreendeu por a loira dar tantas sugestões sobre o lugar mais apropriado para comerem bem e se divertirem. Simón recusou o convite, porque tinha a festa de aniversário do melhor amigo. Victoria estava satisfeita com o desenvolvimento do rapaz. Simón era esperto e atento aos pormenores que ela, devido ao volume de trabalho, passava por alto e não reclamava quando tinha de fazer horas extras na agência.

O resto da equipa não ficou surpreendido pela atitude afável da Claire, e Wanda, ao ver a Victoria surpreendida, disse-lhe que todos achavam que a mulher tinha um problema qualquer com as hormonas, um muito sério, porque esses arranques de amabilidade não eram habituais nela. Disse-lhe que a Claire costumava ser —ao contrário dos prognósticos habituais nestes casos — mais amável quando o resto lidava com o stress por uma apresentação ou quando estavam nas últimas fases de uma licitação.

—É melhor aproveitar antes que a Claire mostre as unhas de Maléfica —sussurrou Beatrice, Victoria e Wanda deram uma gargalhada.

Matthew sabia que se estava a comportar como um parvo com a Victoria, mas ainda não tinha assimilado a ideia de que a Rosalyn lhe tinha mentido sobre os verdadeiros motivos para romper o noivado e que também estava a morrer. As noites que tinha passado com a Victoria eram um remanso de placidez e calma. Contudo, estava confuso. Não queria deixar de estar com ela nesses dias, mas ao mesmo tempo sentia uns remorsos estúpidos por não deixar de pensar que enquanto ele vivia em pleno, com sucesso e tinha uma mulher maravilhosa na cama, uma vida apagava-se aos poucos. A vida de uma mulher que há algum tempo chegou a

amar.

Rosalyn pediu-lhe que fosse jantar com os pais dela na quinta-feira. Sempre se deu bem com Rudolph e Alanni, por isso não recusou. O convite da equipa de trabalho pareceu-lhe estupendo, mas como podia vê-los sempre recusou. À Rosalyn já lhe restava pouco tempo...

Na sexta-feira à noite, nem Victoria nem Matt tiveram a intenção de compreender que o corpo pedia a gritos que se tocassem, porque os cérebros rejeitavam claudicar ante o instinto do desejo. Um assunto de dignidade cerebral, pensou Victoria com sarcasmo enquanto acabava de enviar o documento com os dados recolhidos da reunião às cinco da tarde. A apresentação para Paul Harrington estava terminada. Cada dia que passava na agência sentia-se mais parte dela. O melhor de tudo? Tinha obtido tudo graças ao seu trabalho.

—Até segunda-feira, menina Marsden —disse Rubén Parker com o seu habitual bom humor.

Ela sorriu-lhe e assentiu antes de sair do escritório.

Victoria conduziu pelas ruas de São Francisco. Chegou a casa e telefonou à Chloe para lhe dizer que estava à espera dela fora. John convidou-as para jantar. A amiga disse-lhe que estava contente por ela ter decidido retomar a relação com o pai. E a Victoria também estava contente por isso, principalmente agora que sabia que o pai ia precisar mais dela do que nunca. Talvez ele não tenha estado com ela num momento crítico do passado, mas não podia viver atada a essa lembrança; era o pai dela. Era sangue do seu sangue.

—Conseguiste algum bom contacto em São José? —perguntou à Chloe, virando numa curva quando já estavam a caminho do outro lado da cidade.

—Como quase não dormes em casa, ainda não te atualizei as notícias —respondeu a pintora, rindo-se.

—Ya – ya.

—Diverti-me mais do que fiz contactos —disse a Chloe com um sorriso—, conheci um tipo muito giro. Brandon. Ele dedica-se à construção de projetos hidroeléctricos por todo o país.

—E essa conversa chegou muito longe? —perguntou Victoria a picá-la. Se a Chloe gostava de um rapaz, e se este lhe desse os sinais indicados, não tinha problemas em passar a noite com ele. Mas quando a Chloe se apaixonava a história era outra. Totalmente absorta na

relação, perdia-se do mundo e defendia com firmeza a fidelidade. Um balde de água fria, porque os homens que ela escolhia não a levavam a sério. A última vez que viu a amiga realmente interessada em alguém tinha sido há quase seis meses—. Quer dizer...

Chloe riu-se.

—Eu sei o que queres dizer, mas desta vez foi diferente. Fui para a casa dele, estivemos a beber um pouco e falámos até amanhecer.

—Nada de nada?

—Tu vais contar-me como é ter sexo com o Matthew?

—Vá lá! Esse foi um golpe baixo —respondeu a rir-se.

—É verdade —manifestou Chloe—. Acho que o Brandon é diferente... Nem te atrevas a dizer que digo sempre o mesmo!

—Não ia dizer isso...—murmurou ao conter o riso.

A morena cruzou os braços.

—Então, ele diz que me quer conhecer melhor... Não quero ter sexo com Brandon até que saiba que as intenções dele são mais do que ter relações comigo durante um tempo e depois deixar-me à minha sorte. E se isto de nos conhecermos não resulta, digamos de um modo diferente ao bíblico, pardais ao ninho. Estou farta de tantos imbecies..., ainda que sejam giros— olhou para a Victoria—. O que se passa que tens cara de quem ganhou a lotaria mas depois não recebeu o dinheiro?

—É uma história estranha —respondeu a sorrir.

—Oh, bem, acho que finalmente temos tempo para pôr a conversa em dia. Por isso começa, sou toda ouvidos —disse ao ligar a rádio na estação Blues.

Victoria suspirou.

—Então é assim... —disse, antes de começar a contar as últimas situações que tinha vivido até ao capítulo de Rosalyn.

A casa da Rosalyn era preciosa, tão delicada como ela, que nesse momento estava na cama junto a ele. Tinha-lhe pedido que a abraçasse. Embora se sentisse um pouco estranho, apesar do passado em comum, por abraçar outra mulher que não fosse a Victoria, aproximou-se da cama e deitou-se por cima do edredón. Ver os aparelhos médicos à volta e saber que a

enfermeira estava ali fora, era uma lembrança ácida de porquê, quatro anos depois daquela amarga noite em que acabaram o relacionamento, se encontravam.

Rosalyn levava um vestido azul que dava um toque especial à sua pele branca. Agora notava as olheiras, a fragilidade dela. Ele não deixava de admirar a valentia com que ela enfrentava a doença.

Conversar com os Brewster tinha sido bom. Ambos já grisalhos, mas sem perder o sorriso, apesar da sentença que pesava sobre a única filha deles. Os dois, arquitectos de profissão, agradeceram ao Matt, antes de se despedir, por ter aceitado o convite para jantar com eles.

—No que estás a pensar? —perguntou ela ao vê-lo silencioso.

Ele tocou-lhe no braço com carinho.

—No tempo que perdi —respondeu ao olhar para o tecto.

—Não entendo.

Suspirou.

—A afastaste-te a pensar que tudo o que me importava era a minha profissão. —Ela olhou para ele curiosa—. Perdi aspectos importantes da vida por acreditar que crescer profissionalmente era tudo... —expressou com um matiz amargo, aludindo ao abandono da mulher que tinha ao lado.

—Afastei-me, Matthew, porque não queria ser um obstáculo para ti. De qualquer forma, não te terias dado conta do que se estava a passar comigo. Não foi culpa tua. Percebo que as pessoas tenham prioridades diferentes a cada etapa das suas vidas, e tu estavas numa importante. Além disso, tal como te disse, eu prefiro ter-te agora aqui, em lugar de te ter arrastado estes anos de hospital em hospital a suportar a minha doença ou a sentir pena de mim, terias perdido as oportunidades que tanto merecias pelo teu esforço. Não era justo, e eu não me ia sentir bem com isso.

Rosalyn tinha as pernas encolhidas, a mão no peito do Matt e a cabeça no ombro dele.

—Às vezes os momentos de felicidade que duram dois segundos contam mais e apreciam-se melhor quando se viveu uma temporada de vicissitudes. Pelo menos, devias ter-me dado a oportunidade de decidir. Podias ter confiado em mim, devias ter-me dito. Sei que tens uma alma generosa, mas também não me tentes vender a ideia de um altruísmo desmedido.

Ela acariciou-lhe o cabelo com tristeza. Depois voltou a apoiar a mão nos peitorais masculinos tapados com uma camisa de Hermès.

—Eu fiz uma escolha e isso magoou-te. Fui egoísta desde esse ponto de vista. Pus as minhas decisões à frente das tuas, quando devia ter posto o assunto em cima da mesa para chegarmos a um consenso. Mas era a minha doença, a minha sentença. E eu escolhi o modo de a viver.

—Os casais dialogam, não tomam decisões unilaterais em momentos cruciais que possam pôr à prova o caminho percorrido juntos! —exclamou.

—Sei que foi o melhor...

—Para ti? —interrompeu Matt. Depois fez uma careta e acrescentou—: Desculpa. Isto esteve fora de lugar. Não tem sentido dar voltas ao passado.

—Não te preocupes —disse com suavidade—. Afinal, cada um viveu à sua maneira longe um do outro. Além disso, como podia negar a essas moças tão giras o prazer de te conhecerem? —respondeu a sorrir, tentando diminuir a tensão.

—Quando te foste embora passei por uma temporada complicada. Desde aí eu...

—Não fazes promessas do tipo sentimental —completou. Como o conhecia bastante bem. Ele confirmou—. Talvez agora que já ouviste a minha versão, possas entender porque abandonei os nosso planos em comum.

—Eu sei. Agora já sei —disse ao conter um palavrão. «Se ela tivesse dito...». Os “ses” não teriam o mesmo peso—. Obrigada por me teres telefonado. Vou tentar recuperar o tempo perdido.

—A que te referes?

Rosalyn conservava esse brilho especial e compreensivo no olhar. Como se fosse capaz de ler os pensamentos mais profundos do Matthew.

—Visitar a minha irmã e o meu cunhado. Passar mais tempo com o meu sobrinho, Peter, para ter lembranças com ele.

Ela assentiu olhando para ele com doçura.

—Como está Lilly?

Matthew sorriu. A irmã tinha uma personalidade de mil demónios, mas sim, era doce e encantadora quando queria.

—Grávida do segundo filho —comentou com orgulho. Estava contente por a Lilly e o Dermont serem um casal sólido. E agora que sabia a verdade sobre a Rosalyn, talvez a sua reticência ao compromisso diminuísse. Talvez...

—Isso é maravilhoso, Matt! Vais ser tio pela segunda vez.

—Estou muito contente.

—Mudaste de opinião sobre a ideia de ser pai?

—Não voltei a pensar nisso. —Ohou para as horas. Não queria falar sobre esse tema—. São quase as 11 da noite. Acho que a tua enfermeira já me quer ver pelas costas —riu ao pôr-se de pé, antes de dar um beijo na testa de Rosalyn.

Ela agarrou-lhe na mão. Ele parou-se e apoiou um joelho na cama para manter o equilíbrio.

—Obrigada, Matt. —Ele assentiu. Rosalyn corou um pouco antes de acrescentar—: Só por curiosidade... A mulher que estava contigo na noite que te telefonei significa algo para ti? —Ele levantou a sobrancelha—. Durante a última parte da chamada alguém falou contigo —explicou.

—Victoria Marsden.

O sorriso de Rosalyn ampliou-se

—A famosa Victoria. Afinal, terias sido feliz comigo estando interessado e intrigado por ela?

Matthew soltou uma gargalhada.

—Nunca te teria pedido em casamento se não fosse esse o caso.

Ela não deu importância ao comentário com um gesto.

—Esteve aí sempre —apontou para o lado do peito onde estava o coração—, mas negaste isso durante tanto tempo que acabaste por acreditar nessa mentira. Fazias sempre algum comentário do passado sobre ela, ou sobre qualquer coisa que o John contasse sobre a filha. Só não entendo porque nunca foste ter com ela, ou porque não tentastes restabelecer o contacto e te limitaste a vê-la desde longe; ou porque deixaste passar tantos anos. Ela podia ter casado com outro. O que terias feito nesse caso?

«Ser miserável.»

—Esta conversa é um pouco incómoda —respondeu Matthew, soltando a mão

suavemente.

—Não, Matt. Esta conversa é o mais sincera possível —disse ao piscar-lhe o olho—. Já não tenho nada a perder. Para quê calar? E acho que também é justo dizer que ela foi o outro motivo pelo qual me decidi afastar. —Matt abriu e fechou a boca, mas não a interrompeu—. Teria sido uma agonia saber que, apesar de dizeres que me amavas, e sabia que o sentias à tua maneira, uma parte tua sentia essa fascinação e curiosidade não satisfeita por ela.

Ele pôs as mãos nos bolsos. Não podia rebater a Rosalyn. Era verdade. Embora a Victoria naquela altura fosse uma miúda, sempre o fascinou. Mas tinha como objetivo construir uma carreira e isso impediu-o de se aproximar dela. Agora compreendia porque renunciava a cumprimentá-la nas raras vezes que coincidiam em algum evento. Não tinha sido consciente que esses breves comentrios sobre a Victoria, tinham levado a Rosalyn a tirar conclusões. Nenhuma errada.

—Não sei o que te dizer...

Rosalyn fechou os olhos com um sorriso.

—Não deixes que os teus medos te inibam de viver experiências maravilhosas. —Ela era uma das poucas pessoas a quem Matt contou o que tinha vivido com Heath e a falta que sentia de uma figura paterna positiva e constante. Nunca lhe contou o que tinha acontecido com a Sabriina—. Estou com sono. Vou mudar de roupa para descansar... —Ele ajudou-a a elevar-se, e Rosalyn chamou a enfermeira. Olhou para o Matt—: Vem visitar-me em breve, e pensa no que te disse.

—Sim. —Saiu do quarto com uma estranha sensação no peito. De alguma maneira, Rosalyn acabou por libertá-lo dos preconceitos pessoais sobre o futuro. E também aumentou os níveis de alerta que tinha com respeito à Victoria. Só que era demasiada informação para digerir em tão pouco tempo.

Talvez já fosse um pouco tarde, mas como o maestro Tanaka lhe tinha dado uma cópia da chave de Temple Ki, decidiu fazer o que melhor sabia quando tinha a mente paralizada. Treinar e treinar até que o corpo estivesse totalmente esgotado, e as respostas comesçassem a cair uma a uma. Ou pelo menos, esperava que nesta ocasião funcionasse tão bem como nas anteriores. Não se tratava só da mente, o coração também já estava envolvido e precisava de saber até que ponto. Entrou no carro e pô-lo em andamento.

CAPÍTULO 13

A festa de Paul estava esplendorosa. De um lado a comida do outro a bebida, empregados de mesa eficientes que atendiam por todo o lado. A música, com banda ao vivo em conjunto com um DJ, que iam alternando, deliciavam o encontro. Um grupo seletivo de 250 pessoas dançavam e espalhavam-se pelo jardim da mansão do milionário. A decoração em tons lilás, brancos e malva, era de bom gosto e elegância. Victoria começou a entrar pouco a pouco nesse ambiente que não lhe era de todo desconhecido, porque em muitas ocasiões tinha acompanhado o pai a eventos pomposos e com gente influente.

Para essa noite tinha escolhido um lindo vestido vermelho de Valentino, sentava-lhe como uma luva, comprado numa das lojas de luxo de *Union Square*. O fato simples, mas provocante, era um sonho. Tinha um decote redondo de encaixe igual às mangas três quartos. A saia do vestido tinha linhas combinados com o tule e os bordos da bainha que chegavam até ao joelho, tinha um delicado e subtil estampado de flores. O mais difícil para a Victoria foi ajustar o fecho invisível das costas, mas contou com a ajuda da Chole, quem a propósito do evento lhe emprestou uns fabulosos Jimmy Choo pretos. No cabelo fez um penteado informal e domou os caracóis com um alisador, embora alguns cabelos mais rebeldes se tenham resistido. Victoria aceitou ser maquilhada por uma amiga da Chloe. O toque era tão natural como sensual.

Nessa noite, Paul Harrington ia fazer um anúncio importante que podia afectar as duas agências que competiam pelo projeto. Victoria não imaginava do que se tratava. A melhor forma de diminuir a inquietação era conversar. Por isso, quando encontrou a Beatrice pôs-se de conversa com ela e com o marido desta. Pouco a pouco o resto da equipa e acompanhantes começaram a reunir-se à volta de uma mesa, riam e partilhavam, todos, excepto Matthew que não se via por lado nenhum. Simón estava mais calado do que o habitual, mas ao ver uma moça bonita que lhe fazia “olhinhos”, o estado de ânimo dele melhorou, os colegas riram-se e começaram a gozar com ele.

—Victoria —cumprimentou uma voz conhecida atrás dela.

Virou-se.

—Brian! —exclamou e deu-lhe um abraço. Voltou a prestar atenção nos colegas, que apesar de estarem a sorrir, olhavam para o Brian de forma receosa. —: Imagino que conhecem o Brian Lewis, não é? —Todos disseram que sim. Por educação cumprimentaram-se e trocaram algumas palavras e piadas, até que o executivo da concorrência agarrou a Victoria pelo cotovelo.

—Desculpem um momento, não posso ouvir a banda a tocar uma canção John Legend e não dançá-la —disse Brian—. Dás-me a honra?

Ante tanta cerimónia, nada habitual no Brian, ela riu-se.

—Claro —respondeu, com um gesto disse aos colegas de trabalho que num momento voltava para o pé deles. Wanda torceu o nariz ao vê-la ir, mas rapidamente o Gary chamou a atenção de todos ao anunciar que a ele e a mulher estavam à espera do terceiro filho.

Brian y Victoria aproximaram-se da pista de dança que estava meio cheia. Nessa noite, o vento fresco acompanhava um céu cheio de estrelas.

—Estás tão bonita, já te disseram isso? —perguntou Brian a sorrir, enquanto a agarrava pela cintura e dançavam ao ritmo da música.

—És o primeiro, por isso obrigada —respondeu a rir-se. Era curioso, porque apesar do Brian ser atractivo de um modo visualmente impactante, a ela punha-a um pouco fria. Cega não era. Isso de certeza. Mas não a punha inquieta nem nervosa. Não da maneira que sentia com o Matthew... O idiota do Matthew—. Agora diz-me, o que queres? Há bocado vi-te chegar com essa beleza ruiva. Não me enganas.

Brian desatou-se a rir.

—Bah! É a Jud, a melhor amiga da Daisy, a minha irmã mais nova. Soube que o Michael ia estar na festa e, bem, quem é que achas que quer conquistar o filho do grande Harrington? Estou a dar-lhe a oportunidade perfeita de estar sozinha e fazer-se à vida.

—Muito generoso da tua parte —disse com ironia.

Deram uma volta.

—Egoísmo puro, é isso. A verdade é que queria dançar e conversar contigo. Sabes que te tenho apreço, mas tenho os sentidos a trabalhar. Como é que ia perder a oportunidade de dançar com uma mulher sexy e inteligente?

Victoria negou com um sorriso.

—Deixa-te de brincadeiras, Brian. —Ele encolheu os ombros como se tivesse ficado ofendido. A Victoria riu-se. —. Por certo, Paul apresentou-me o filho dele há bocado — continuou, mudando de tema—, pareceu-me muito simpático, embora tenha 28 anos, não acho que a amiga da tua irmã possa ter algo com ele. Ele parece mais muito interessado em falar com os executivos que estão perto dele do que a flirtear—disse, enquanto olhava para o bonito herdeiro em questão.

—Ahhh, tu não sabes como é a Jud —sorriu—. Quando pensou que estava apaixonada por mim, fez-me uma perseguição digna dos serviços secretos. —Victoria deu uma gargalhada—. De todas as formas, conta-me, como te vão as coisas na agência?

—Não me estás a oferecer trabalho de novo, pois não?

—Jamais —disse ao piscar-lhe o olho—. Pergunto sinceramente.

—Bem, já que o dizes assim, a verdade é que adoro o meu trabalho. Espero ganhar o respeito de todos e, se me derem uma oportunidade, quero ascender pouco a pouco. —Talvez Brian soubesse do acidente do Devon, mas era demasiado educado para perguntar.

—Queres ser directora de projetos?

—Quem é que não quer?

Deram outra volta. Agora a banda tocava algo mais animado; desta vez separaram-se para seguir o ritmo. Um pouco da magia de Maroon 5.

—É verdade, mas neste caso a empresa pertence à tua família. Devias exigir que te deem o cargo que mereces por direito, Tori. Entendo que sempre tenhas ido por tua conta, mas a companhia é tua... ou pelo menos será num futuro próximo. Não importa o que faças, o império vai ser teu.

Ela negou.

—Quero conseguir por mim mesma. —Decidiu mudar de tema—: Conta-me, na tua agência como levam a conta de Paul?

—Segredo de Estado —disse ao tocar-lhe no nariz com uma carícia subtil.

—Que engraçado. Não te pedi pormenores.

—Eu sei, Tori, eu sei. Ainda nos falta ultimar umas coisinhas, mas nada que uma reunião de ajuste não consiga —sorriu—. Obrigada por esta dança. Acho que tenho de ir resgatar a Jud, antes de que ela diga algo vergonhoso. Caso contrário, a Daisy mata-se se sabe

que deixei a sua melhor amiga expor-se ao ridículo..., embora não entenda porquê, já que a Jud é especialista nisso —disse ao beijar Victoria na face.

Victoria notou pela canto do olho que os colegas da agência seguiam-lhe o rasto. Ela torceu o nariz. Talvez pensassem que Brian não era boa pessoa, mas enganavam-se. Ela já o conhecia há muito tempo. Agradeceu a dança ao Brian e foi ter com os colegas.

—Olha Tori, acho que o chefe não vai gostar que estejas a falar tão animadamente com a concorrência —expressou Wanda com alguma timidez—. Já sabes que é meio paranóico com essas coisas...

Sentou-se na cadeira.

—Eu que o conheço bastante bem —disse a «loira plástica» da Claire—, posso dizer-te que não só não lhe vai gostar, como lhe vai parecer um acto de deslealdade que te divirtas tanto com eles, quando na realidade somos conscientes de que não viemos aqui precisamente para nos divertir.

Gary ficou com os olhos em branco.

—Claire, isto é uma festa —respondeu Victoria—, se te queres amargar a pensar no Matthew e nas conspirações dele, certas ou erradas, então o problema é teu. Brian é boa pessoa. Só vamos saber o que o Paul tem planeado quando ele decidir fazer o anúncio. Entretanto, pelo menos eu, penso divertir-me um pouco. Já tivemos dias bastante difíceis. Baixa o escudo, sim?

O resto da equipa assentiu em silêncio, contentes por a Tory ter respondido assim à chata da Claire.

—Concordo contigo —disse a voz de Matthew atrás da Victoria. Uma voz que lhe percorreu toda a coluna, revivendo as marcas na pele de noites pasadas.

Lentamente, virou-se.

Vestido com um fato azul escuro, Matt irradiava virilidade e força. O cabelo perfeitamente penteado para trás, ainda destacava mais o bonito rosto. Não estava sozinho. Não. Ao lado dele resplandecia uma mulher magra e elegante com um vestido verde musgo cintado, que parecia borbulhar à sua volta. Tinha uns olhos café preciosos e as maçãs do rosto altas. O cabelo curto dava um ar bastante audaz aos traços. Vê-lo com outra mulher só aumentou o desassossego que sentia. « Já estava com outra para além de...? »

—Apresento-vos a Rosalyn Brewster, uma grande amiga —expressou Matt,

interrompendo os pensamentos da Victoria. Na mesa todos a cumprimentaram sorridentes. Excepto Claire, claro. A loira esmerou-se em fingir um sorriso, depois desculpou-se a dizer que ia ao WC. Wanda e Beatrice reviraram os olhos e convidaram a Rosalyn para se sentar.

Victoria não pôde evitar olhar para a ex-noiva do Matt, breves segundos. Estariam esses dois em conversas para retomar as coisas...? Essa dúvida foi como se lhe tivessem vertido uma gota de ácido no estômago. Para cúmulo de males, quem estava sentado ao lado dela a roçar a perna nua com o tecido do fato feito à medida era Matt. Porque raio tinha trazido aquela mulher? O que lhe tentava dizer? Que o que fosse que tivessem tido já tinha acabado? Não precisava de fazê-lo, porque ela já tinha isso mais do que claro desde que ele a começou a tratar com indiferença durante essa semana.

—Victoria —disse Rosalyn com uma voz suave e alegre—, tenho muito gosto em conhecer-te. Matthew fala muito bem de ti.

«Pois, claro.» Nessa momento a voz de Rihanna soou com *Only Girl*, enchendo o ambiente com a melodia. «Bonita canção», pensou a Victoria, sarcástica.

—Ah, sim? —respondeu a sorrir, embora tivesse tido vontade de sair dali. Matt olhava para ela com aquela intensidade que lhe fazia tremer parte do seu corpo. Mas estava com outra. Na cara dela, e ainda por cima era a mulher de quem tinha estado noivo—. Olha, é sempre bom que o chefe conheça a capacidade de gestão dos seus colaboradores. Há quanto tempo saís com o Matt?

A mesa ficou em silêncio. O som da banda, que voltava à carga para dar descanso ao DJ, misturava-se com as conversas. Na pista havia vários casais que se divertiam ao som da música, alheios à vergonha da Victoria. Pelo menos a Claire não estava presente, nesse caso teria sido um desastre extra.

«Ela perguntou isso? Que a terra se abra, por favoor!»

Tossiu.

—Refiro-me a se se trata a um assunto de negócios... —murmurou envergonhada numa tentativa de sair da situação—. Desculpa, acho que me afetou dançar tanto com o Brian —salientou este dado e alegrou-se ao ver o Matt fazer má cara, mas afinal o que é que isso lhe importava? Hipócrita—. Vou cumprimentar uns amigos —disse com a maior dignidade que pôde, ante o olhar com um inegável matiz de humor que tinham os olhos verdes de Matthew. Levantou-se e dirigiu-se lentamente até ao interior da mansão. Teria gostado de se esconder

debaixo da mesa mais próxima.

—Dançar é tão divertido como esgotante —comentou Rosalyn para quebrar o gelo.

Todos sorriram.

—Conta-nos, Rosalyn, o que fazes? —perguntou Beatrice. E assim retomaram a conversa, enquanto o Simón voltava —de onde quer que tenha estado— e apresentava uma moça giríssima com uns grande olhos castanhos e cabelo ondulado. Ninguém fez comentários sobre a tendencia de Don Juan dele, e acolheram a Ingrid, segundo disse que se chamava, no grupo.

Matthew tinha decidido fazer algo para que a Rosalyn se divertisse um pouco. Estar em casa o tempo todo não lhe parecia o melhor. Por isso, aproveitou que o Paul dava uma festa para convidá-la. Ao principio ela recusou, explicou-lhe que ultimamente se cansava muito rápido e preferia ficar a descansar. Ele respondeu que ia estar ao lado dela e mal ela necessitasse descansar iam-se embora. Tanto argumentou que ela acabou por aceitar. Matt gostou de a ver sorrir e arranjar-se com esmero. O ânimo de Rosalyn era louvável, apesar do prognóstico delicado.

Ao entrar na mansão de Paul, Matt procurou o olhar da Victoria. Precisava de falar com ela e explicar-lhe o porquê do seu comportamento durante a semana.. Sabia, porque a conhecia, que estava mais do que zangado com ele. A zanga estava justificada, aceitava isso. Quando avançou até ao jardim, ao vê-la rir-se com o Brian toda a vontade que tinha de falar com ela esfumou-se. Se não tivesse sido pela Rosalyn, que lhe apertou no braço, provavelmente teria cometido a estupidez de partir a cara ao Brian. A duras penas esperou que a Victoria se sentasse, para ele aparecer com a acompanhante e cumprimentar. A ideia era surpreendê-la, e conseguiu. Também notou que tinha ciúmes da Rosalyn. Espectacular, assim sentia o que ele sentiu ao vê-la com o Lewis.

—Matthew —sussurrou-lhe Rosalyn ao ouvido—. Regressa à terra.

Só nesse momento é que se deu conta que tinha o olhar fixo no caminho que há vários minutos a Victoria tinha feito para se afastar. Estava linda com aquele vestido vermelho. O maldito tecido marcava-lhe as curvas, e como era curto deixava-lhe as pernas à vista. Porque tinha ela de usar aqueles saltos e caminhar daquela maneira que o fazia quase babar por ela? Pelos vistos, as sessões nocturnas no Temple Ki não estavam a ter efeito.

—Eh, olha... —respondeu a sorrir-lhe—. Queres alguma coisa, Rosie? Apetece-te

dançar?

Ela colocou a mão em cima da dele.

—Porque não vais ter com ela? Acho que ficou com uma ideia errada dos motivos pelos quais estou aqui... —suspirou—, e tenho a certeza de que a mantiveste à distância toda a semana a tentar ajustar os pensamentos depois do que te contei. Não é?

Matthew terminou de beber o vinho.

—Conheces-me demasiado bem.

Rosalyn piscou-lhe o olho. Não era justo que ele ficasse ao lado dela, quando ainda mantinha aquele sentimento pela Victoria Marsden, e menos agora que ela achava que ele estava a jogar a duas bandas. Não negava que se sentia um pouco triste por ter renunciado ao Matthew, mas preferia saber que por fim o que tinha acontecido no passado estava claro entre eles. Não tinha alma caritativa, nem nada disso. Contudo, durante esses anos aprendeu a aceitar e a deixar ir. Neste último grupo estava Matthew Talley.

—Isto deve servir-nos de algo, não?

Matthew inclinou-se e deu-lhe um beijo na cara.

—Sinto tanto que...

—Siihhh —pôs-lhe os dedos nos lábios num movimento rápido e delicado—. O que achas se me levas a casa e depois tentas resolver as coisas com a Victoria?

—És minha convidada e acabámos de chegar —respondeu com um gesto sério—. Quero que te divirtas. Bora lá, Rosie, vamos dançar.

Ela aceitou.

Quatro canções mais tarde, ele levou-a a tomar um sumo de frutas. Voltaram para a mesa e conversaram.

—Matthew, já são quase as 22:30 —disse Rosalyn baixinho—. Diverti-me muito. Os teus colegas de trabalho —assinalou com um gesto com o queixo o grupo que nesse momento se ria a gargalhadas—, são realmente sensacionais. —Ele assentiu, ainda que não falasse da opinião que tinha sobre a Claire—. De qualquer forma, preciso de descansar. Foi uma noite espectacular... até tive a oportunidade de vestir um vestido de festa e de me maquilhar —sorriu daquela forma tão franca que partiu o coração de Matthew, porque ele sabia que dentro de pouco tempo não a ia voltar a ver nunca mais—. Quero ir para casa, por favor. Mas gostava

que solucionasses o mal entendido com a Victoria.

Ele disse um palavrão.

—Se ela dança com outro, para que me vou importar com o que ela pensa? —disse mais por ciúmes do que por convicção.

Rosalyn negou com a cabeça.

—Tu é que sabes —disse com humor—. Vamos, leva-me.

Contrariado, Matthew saiu da festa com ela, mas antes disse ao Gary que voltaria o antes possível. Queria acompanhar a Rosalyn e falar com a enfermeira para se assegurar que ela estava bem antes de ele regressar à festa do Paul. Rosalyn repreendeu-o, disse-lhe que ele não se tinha de sentir responsável e que só o tinha contactado porque precisava de lhe explicar as suas razões, que queria estar em paz com ele, que não estava à procura de um guardião todos os dias, embora apreciasse de coração a preocupação dele. Matt entendeu a mensagem, e antes de voltar para a festa, abraçou-a durante um longo momento.

Victoria viu o Matt a sair com a *namoradina*. «De certeza que iam terminar num sítio privado o que não podiam fazer em público.» Tinham-se tocado com tanta intimidade como se ninguém se desse conta. Ela *sim* que se tinha dado conta. Matt estava a comportar-se como um irresponsável que se ia embora para fazer maravilhas quando o Paul podia dizer qualquer coisa de um momento para o outro.

Estava a terminar um delicioso canapé de gambas, quando Michael Harrington apareceu ao lado dela. Ela sorriu. Afinal era o filho do possível cliente, e para além disso pareceu-lhe simpático quando foram apresentados momentos antes. Mike, como gostava que o tratassem, tinha o cabelo da cor do trigo, os olhos azeitona mais impressionantes que ela tinha visto e um riso varonil. O nariz um pouco torcido, certamente devido a alguma briga juvenil, longe de tornar o rosto feio, dava-lhe um ar decidido e impulsivo. Talvez fosse isso que deixava a amiga de Brian tão deslumbrada... ou se calhar a conta bancária, claro.

—Uma moça de vermelho tão gira e não está a dançar.

—Já sabes que não vim apenas para me divertir —disse, e depois limpou com um guardanapo os dedos do canapé.

—Certo, o meu pai é bastante extravagante —disse com humor—. Esta linha de luxo que encomendou às agências é a preferida dele. Há uns dois anos que a está a redesenhar, e quer reconquistar os mercados do país e expandir-se à Europa. Mas isso já tu sabes.

Ela assentiu.

—Tens ideia de que se trata o anúncio de esta noite? —fingiu que era uma pergunta inocente.

Um meio sorriso apareceu na boca masculina.

—A verdade é que sim, mas se te contasse, o meu pai perderia a oportunidade de deixar a todos um bocadinho inquietos.

—Que mau —respondeu a Victoria com um falso tom de ofendida.

—Gostava de compensar a minha ofensa, então —disse com um brilho simpático no olhar—. Vamos dançar, Victoria?

Como é que podia dizer que não se ele era tão amável?

—Claro.

A conversa com o Michael era agradável e vibrante. Contou-lhe um pouco sobre os seus estudos em Oxford, também da viagem sabática pela Europa durante seis meses e do modo em que pouco a pouco, desde pequeno, o pai lhe transmitiu a paixão pelo negócio familiar. Dançaram e ele apresentou-a a vários empresários, muito simpáticos. Victoria aproveitou para mencionar a agência e fazer alguma publicidade. Porque não? O pai teria aplaudido.

Com algumas dores nos pés abandonou o jardim e foi à procura de um pouco de silêncio no interior da mansão. O jantar estava a ser servido, mas ela tinha estado a comer daqui e dali, por isso não tinha fome. Imaginava que depois do jantar o Paul Harrington fizesse o feliz anúncio. Mike era um bom tipo, embora tenha tentado, não lhe conseguiu arrancar nem uma palavra sobre o que o pai dele ia dizer.

Entrou no primeiro corredor que encontrou. As luzes ténues permitiram-lhe ver as três portas em cada lado. «Talvez dentro de uma delas haja uma sala ou uma biblioteca.» Assim podia sentar-se por um bocado. Escolheu a segunda porta. Abriu com cuidado. Tocou na parede até encontrar o interruptor.

Estava na sala do piano. Uma maravilha. O chão de madeira. O único que havia na sala era um magnífico Steinway de cauda branco em cima de um tapete persa. As paredes estavam

decoradas com quadros renascentistas e numa esquina havia um sofá vermelho. Era uma decoração bastante espartana, mas atingia o seu objectivo: destacar o piano. Quando era pequena, ela aprendeu noções básicas durante os três anos que teve aulas de música. Depois deixou o piano, porque este instrumento nunca a chegou a seduzir de todo, mas quando tinha oportunidade de tocar não se continha.

Sentou-se ao piano.

A primeira peça que lhe veio à cabeça era a favorita dela; adorava-a. Claro de Luna de Beethoven. Considerava-se uma obra clássica triste, mas a ela transmitia-lhe muitos sentimentos ao mesmo tempo. Parecia-lhe quase mágica. Tentava dissipar os pensamentos, como costumava acontecer quando era pequena ao tocar Claro de Luna. Respirou profundamente e tocou com brio até que pouco a pouco o mundo se desvaneceu à volta dela. Deixou que os dedos tomassem vida.

Quando Matthew regressou à festa já tinha perdido o jantar. Perguntou ao Gary pela Victoria. A essa altura imaginava que todos se tivessem dado conta que entre eles havia algo mais do que um vínculo profissional devido ao deslize dela ao perguntar a Rosalyn que tipo de relação tinha com ele. Perguntava-se se Victoria era consciente do que tinha feito. Ele não se importava, desde que não afetasse o ambiente laboral, mas ela estava tão preocupada que não pensassem que ela estava na empresa por cunha, que de certeza que ia ficar incomodada.

Gary disse que a tinha perdido de vista.

—A última vez que a vi, pareceu-me que estava a dançar com o filho do Paul, Michael. Depois —encolheu os ombros— não tenho ideia.

Ele assentiu e fez um espaço entre os convidados para ir procurá-la. A visão dela a dançar com outro chateou-o soberanamente. Não porque tenha sido o Brian, ou quem quer que fosse, limitava-se ao facto de *outro* a tocar-lhe. Só ele é que tinha direito a fazer isso, raios! Só ele é que tinha direito de a ter perto do corpo, de beijá-la, de tê-la ao lado para dar-lhe prazer, para picá-la, para rir ou para conversar horas intermináveis sobre tudo e nada.

Disse um palavrão. Estava a transformar-se num estúpido apaixonado.

«Apaixonado.»

Quase dá um empurrão num empregado de mesa. Pediu-lhe desculpas e entrou na mansão. Assustava-lhe a ideia de gostar tanto de alguém. Contudo, a possibilidade de não a

amar ou de não estar apaixonado como um louco por ela, agora parecia totalmente inconcebível. Mas como tinha desenvolvido pensamentos de fobia ao compromisso, precisava de digirir isso pouco a pouco. Não se sentia preso, só algo assustado, apesar dela, de alguma maneira, lhe dar liberdade de ser ele mesmo. Nenhuma mulher o comovia ou gerava uma sensação natural de querer protegê-la e amá-la, como acontecia com a Victoria.

Essa maneira que ela tinha de lhe sorrir e de pôr o mundo aos pés dele; a forma como o desafiava intelectualmente; cada vez que estava perto dela, sentia que o coração sofria uma arritmia cardíaca; como o punha a mil só a ideia de a beijar e seduzir. Mas se era sincero, o que o excitava mais era quando ela o seduzia... e às vezes sem o pensar. Havia sintomas por todos os lados. Tinha-os ignorado, porque era um covarde e também porque ela não lhe correspondia. De quem foi a ideia genial de *analisar o terreno* para ver onde levava a atração mútua? Que pena que não tenham dado prémios à estupidez. Pior ainda, como ia conseguir que ela *sentisse* algo por ele que não fosse só desejo? Porque, pelo menos nesse âmbito, os dois estavam mais que esclarecidos. Onde é que ela estava? Se o estúpido do Brian tentou alguma coisa com a Victoria...

Música. Do corredor que estava à direita ouvia-se uma melodia triste, mas tocada com firmeza. A música silenciou os pensamentos dele. Caminhou com cautela. Não queria que o músico se sentisse invadido. Encostou a orelha na porta e deleitou-se com a música. Colocou a mão na maçaneta e abriu com cuidado para não interromper.

Só havia uma luz muito ténue que saía das duas esquinas da sala. Um sítio bastante austero, mas ao mesmo tempo ostentoso. Paralizou-se quando viu a pessoa que estava atrás do piano de cauda. Com suavidade fechou a porta. A música continuou. Com aquele vestido vermelho e completamente concentrada nas teclas do piano branco, Victoria criava um contraste fulminante. Parecia uma visão intocável. O coração disparou. Meu Deus, estava maluco por aquela mulher.

Minutos depois, o som do piano abrandou lentamente. A última nota foi acompanhada por um suspiro sonoro e um sorriso. Esse sorriso que lhe dava voltas aos neurónios.

Victoria levantou a cabeça e ficou estática.

Com o cabelo ligeiramente despenteado e um olhar penetrante, Matthew olhava para ela.

—Foi lindíssimo, não sabia que tocavas piano —expressou com cuidado. Ela não parecia chateada. O ambiente silencioso e a luz ténue criavam uma atmosfera apaziguadora—.

Não quis invadir um momento tão pessoal... ao ouvir as notas no corredor, tive de me aproximar e bisbilhotar a identidade do artista.

Ela assentiu.

—É a primeira vez que toco desde muitos anos —confessou. Tinha abandonado o encontro para se escapar e procura-la? Não sabia como interpretar aquilo. A música ajudou-a a diminuir os ciúmes e também a raiva que sentia.

Matt aproximou-se até ficar ao lado do piano. Victoria não se queria sentir em desvantagem física, por isso fechou a tampa que protegia as teclas e levantou-se. Alisou o vestido. De repente pensou que era demasiado curto. A pele ardia pela necessidade que sentia das mãos dele, tinha um formigueiro nos lábios como se reconhecessem o homem capaz de submetê-los a deliciosas carícias húmidas. O corpo atraicionava-a. A mente controla a matéria? No caso dela não. Primeiro viu-o com outra, e agora a sentia estas reações, o que era isto? Ridículo, claro.

—Porque te afastaste da festa? Pensei que ias estar pendente do que pudesse acontecer. Ao fim e ao cabo, viemos para isso —disse Matt com suavidade. Não era uma crítica, mas ela não o entendeu assim.

—Descontraí ao tocar piano, mas já que falas sobre isso, tenho de te lembrar que não és a pessoa mais indicada para me falar sobre responsabilidade ou trabalho —respondeu à defensiva. Teve o impulso de sair, mas ele agarrou-lhe na mão, retendo-a, e puxou-a até que ficaram colados um ao outro.

Ela levantou o olhar.

—Larga-me.

—Antes de largar-te, quero que me ouças —disse, e com um jogo de mãos ágil agarrou-a ao colo e pô-la em cima do piano. Desta maneira, os rostos ficavam quase à mesma altura. Matthew meteu-se entre as pernas de Victoria sem lhe dar oportunidade de impedi-lo. Outra das coisas que amava nela? Não era submissa nem tinha medo de enfrentá-lo.

Victoria fechou um pouco os olhos. Não tinha apenas conseguido diminuir a alegria que lhe causou tocar Beethoven, como também a tinha acabado de chatear. De novo. E desta vez com brio.

—Não tenho que fazê-lo, e estás a agarrar-me contra a minha vontade.

—Sim, mas isso não é importante —disse antes de se inclinar, apoiando as mãos na

madeira branca, uma a cada lado das ancas da Victoria. Os narizes ficaram muito próximos—. Não gostei de te ver coquetear com outros homens.

Ela abriu e fechou a boca. Como é que ele se atrevia?

—Por favor! Tiveste o descaramento de trazer a tua *namoradita* e para além disso foste embora sabe-se lá para onde com ela. Não sejas cínico.

A resposta de Matthew foi uma sonora gargalhada. Rouca. Grave. Dessas que põe a pele de galinha, mas não precisamente por medo. O perigo era diferente, e muito letal para o seu equilíbrio.

—É por causa da Rosalyn que estás tão zangada?

Ela cruzou os braços. Já que não podia descer do piano porque o tinha entre as pernas e a um palmo de distância, os braços eram o escudo defensivo dela.

—Durante toda a semana trataste-me com indiferença. Entendi a mensagem, sabias? Não tenho nada de parva —disse com acidez girando a cabeça—. Agora, deixa-me descer.

Matt sorriu. Era adorável quando se chateava.

—Nunca pensei que fosses parva. De facto, és das mulheres mais brilhantes que conheço. E não te vou descer daí até que falemos.

—Enão, vais falar sozinho, porque dentro de nada acaba o bufet e temos de ouvir o que o Paul tem a dizer —comentou irritada—. Eu quero estar ali.

—Não me fui embora por ser irresponsável. Rosalyn sentia-se mal e levei-a a casa —interrompeu-a sem perder a amabilidade.

Ela soprou de um modo pouco elegante.

—Bem, seja aquilo que for, os colegas estão lá fora. Agora mesmo devem estar a jantar. Por isso...

—Só te perguntei porque não estavas com eles, porque tu és a executiva da conta e encarregada do vínculo directo com o Paul. Só por isso. Só pensei que te tinhas...

—Escapado com o Brian, talvez?

Matthew fulminou-a com o olhar.

—Não entres por aí.

Ela pôs o cabelo atrás da orelha. Levantou uma sobrancelha com beligerância. Se

movesse as pernas, era provável que ele entendesse isso como um convite, não como uma tentativa de se afastar. Era perigoso mover-se, e também tentador. Ele estava demasiado perto, e ela era muito consciente da corrente sexual que vibrava entre ambos.

—Já te disse que entendí a tua mensagem sobre o quer que seja que tínhamos. Por isso, sou livre para fazer o que quiser com quem quiser, assim como tu.

Matt respirou.

—Qual foi a mensagem que entendeste? —perguntou ao ignorar o comentário.

Ela disse um palavrão baixinho.

—Que terminou o que tínhamos. Não precisavas de trazer o teu amor perdido para demonstrá-lo nem tratar-me durante a semana como se nunca tivéssemos tido relações, por isso...

—Suficiente, Victoria —disse antes de lhe agarrar o rosto e selar a boca dela com um beijo ardente e sedutor. Ela tentou livrar-se dos braços dele, mas pouco ou nada podia fazer face à firmeza dos músculos que lhe davam calor e a agarravam. O seu corpo traiçoeiro rendeu-se ao sabor, ao aroma e à proximidade de Matt—. Não estou com a Rosalyn —murmurou contra os lábios suaves. Ela ia responder, mas ele impediu-a quando lhe tocou no peito e começou a esfregar os mamilos em cima do vestido—. A sério, desculpa ter sido um idiota esta semana... —sussurrou ao saborear o sabor da boca dela.

Aquele condenado beijo foi uma invasão a todos os sentidos da Victoria. Desarmou-a por completo, mas encarregou-se de lhe dizer com os lábios que estava tão furiosa como excitada. Ele gemeu e encostou a cabeça para aprofundar a carícia, sem lhe dar trégua. Era fogo, ardor e desejo. Enquanto que com uma mão lhe tocava num peito, com a outra agarrava-a pela cintura. Aproximou-a mais ao borde da tampa do piano e ele moveu-se de tal maneira que com as ancas e as pernas separou as de Victoria o suficiente para ter fácil acesso ao ponto onde ela explodia em partículas de prazer quando faziam amor. Não tentou tocá-la intimamente. Só deixou que o silêncio e a expectativa a atingisse como uma onda de irreprimível desejo. Ela tremeu. Se a Victoria sentia desejo, ele estava a ponto de explodir.

—Odeio-te...—disse a Victoria quando sentiu a mão que a rodeava na cintura deslizar para debaixo de vestido e começava a subi-lo. Foi a carícia do suave tecido e os dedos da pele quente de Matthew, o que lhe enviou centenas de pequenas descargas de antecipação por todo o corpo. Apesar de ter as cuequinhas, o frio do ar-condicionado e o calor da excitação,

agitaram-lhe a respiração. Estava mais que pronta. «Corpo traidor.»

—Siiihhh —sussurrou ele quando chegou com a mão à zona mais íntima de Victoria. Ela emanava calor, e ele estava a ponto de se despir e penetrá-la. Mas isso não ia acontecer. Não agora. Queria que o prazer fosse só dela. Não porque fosse uma desculpa, mas porque o prazer existia para se sentir, exigir e partilhar. Neste caso, era mais uma demonstração, com as mãos e com a boca, da necessidade que sentia por ela, sem se submeter à vulnerabilidade de lhe expressar os sentimentos. Sabia que estava chateada, e por Deus, esperava que esses ciúmes tivessem um fundo mais profundo do que apenas o facto de não querer partilhar um amante numa relação que só o facto de não querer, estupidamente, tinha sido pensada “sem prisões”.

Rendida às carícias dele, as mãos da Victoria começaram a vagar pelo rosto de Matthew, memorizando com os dedos, rodeou-lhe as ancas com as pernas e contorsionou-se quando os dedos de Matt puseram de lado o tecido de seda das cuequinhas, para chegar ao sexo. Devagarinho entreabriu os lábios íntimos, apalpando a humidade. Começou a lubrificá-la de cima a baixo; acariciando-la com deliberada lentidão. Victoria não parou de beijá-lo, de lhe tocar, nem de lhe assaltar os sentidos com a boca.

—Ah...—gemeu Victoria quando ele a penetrou com um dedo até ao mais fundo que pôde. Mal conseguia respirar. Estava ao borde do precipício. Ele sabia isso, porque quando estava a ponto de atingir o climax, Matt abandonou a boca dela para se inclinar e, por cima do vestido, mordeu-lhe um mamilo com força suficiente para lhe provocar um ardor delicioso, enquanto um dedo, e depois dois, a penetravam sucesivamente—. Matt... —soluçou ao fechar os olhos, antes de se perder numa bruma deliciosa, o sexo palpitava à volta dos dedos masculinos que não paravam de lhe tocar, até que, vários segundos depois, ela regressou aos poucos de essa viagem libertadora.

Matthew sentia-se a ponto de explodir, mas controlou-se. Vê-la assim, tão exposta, ruborizada, com os lábios ligeiramente inchados, a gemer, mais o orgasmo, que ele quase que também sentiu mesmo sem que ela o tocasse. Como era forte o efeito que ela lhe causava.

Envergonhada. Assim é que se devia sentir por ter permitido este desliz. Um delicioso desliz sexual. Não o negava. Abriu os olhos, lentamente. Viu que ele olhava para ela com aqueles incríveis olhos verdes. Umas gemas verdes que desprendiam contenção, sexualidade, inteligência e paixão.

Numa tentativa de recuperar a compostura, e temendo que as pernas não agentassem,

empurrou-o com as mãos. Ele não ofereceu resistência e ajudou-a a descer do piano. Com toda a altivez que conseguiu, arranhou o vestido. Olhou para o peito. Onde a mordeu várias vezes, por encima do vestido, não havia rastros de humidade. Sentia o rosto a arder. Sim, estava corada. Apertou a mandíbula e cruzou os braços.

—Victoria —disse Matt suavemente. Não a tocou. Meteu as mãos nos bolsos.

—Foi...

—Fantástico? —perguntou ao sorrir-lhe. «O ego masculino no seu esplendor», pensou Victoria revirando os olhos—. Teria adorado tirar-te o vestido e beijar a tua pele nua. Percorrê-la com a boca e com as mãos, mas não acho que o público da festa entendesse isso.

Ela torceu a boca, embora as palavras de Matt lhe tivessem provocado cócegas na pele. Era débil com os estratagemas de sedução que ela tinha, como se o seu corpo se tivesse sensibilizado a um nível demasiado profundo perante o único homem que tinha sido capaz de enloquecê-la sexual e emocionalmente, como se se tratasse de um furacão. O Matt dava-se conta disso? Era por isso que a torturava?

—Foi uma estupidez —respondeu. Matthew negou—. Agora temos de ir ter com os outros.

—Não me podes evitar para sempre. Trabalhamos juntos, deitamo-nos...

—Que me tenha deixado tocar por ti, não significa que ponha de lado o que me fizeste durante a semana. E estás com outra! Como podes ser tão descarado?

Matthew negou com a cabeça.

—Não, Victoria. Se fosse essa situação não te teria tocado. Antes de te contar o caso da Rosalyn...

—Ah, não quero saber nada, é assim tão importante que é um *caso* —interrompeu irónica.

—...quero desculpar-me novamente pela maneira como me comportei contigo estes dias —continuou—, foi uma semana complicada, e não tinhas que pagar o pato. Também não devia ter atuado como se os teus desejos não me importassem. Se vale de algo, não houve um minuto em que não estivesse a ponto de te tirar do escritório ou raptar-te da tua casa para te seduzir. Desejei-te loucamente e senti falta de falar contigo.

Matthew a desculpar-se era como um terramoto que sacudia a determinação que tinha

por ignorá-lo, porque o pior de tudo é que ela sabia que ele estava a ser sincero.

Suspirou.

—Desejaste-me tanto e sentiste tanto a minha falta que preferiste ignorar-me? Ou o que estás a fazer é um género de experiência de auto-controlo comigo, mas não com a tua ex?

Ele fez de tudo para não se rir. Sim. Estava ciumenta.

—A situação com a Rosalyn não tem nada a ver com sexo —disse com calma.

«Ah, pois não.»

—Não quero saber. Acabou, Matt. Não quero dar voltas à cabeça.

—Victoria...

—Não sou o teu brinquedo. Entendes? Sim, há química sexual entre nós. Gosto de ter relações contigo. —«Porque te amo», queria dizer-lhe, mas fez com que essas palavras não se cruzassem na conversa—. Não gosto que me tratem como um objeto que se usa e se deita fora. Cada vez que tenhas uma semana complicada sou eu quem as paga? Não. Olha, aceito as tuas desculpas —disse quando ele a ia a interromper—, mas acabou-se. Não ter nada a ver contigo é o mais saudável para os dois.

Matt aproximou-se dela. Pôs-lhe as mãos nos ombros. Sem a pressionar.

—Tory, fui deixar a Rosalyn em casa, porque não se sentia bem. —Viu como ela se sentia tensa—. Não há nada entre ela e eu. Acreditas em mim?

—Não.

Ele baixou os olhos e largou-a.

—Victoria, Rosalyn está doente. Era sobre isso que queria falar contigo e explicar-te que ...

—Não me interessa a saúde dela —irrumpeu com azedume—. Não te dás conta da norma básica, mesmo que seja só um *affaire*, é não falar de outras mulheres com a tua amante? És bom a convencer as pessoas. Isso garanto-te, mas eu retiro-me desta equação. Onde há dois não devem existir três.

—Não é nada disso! —exclamou com veemência—. Rosalyn está a morrer. Tem cancro. Está perdida —gritou com pesar na voz.

Isto deixou-a paralisada. Abriu e fechou a boca. Perdida? Foi por essa razão que Matt

tinha estado preocupado e distante? Ou talvez porque a amava e agora dava-se conta disso ao vê-la novamente, não sabia como atuar?

—Convidei-a porque me pareceu bem que saísse de casa. Está fechada o tempo todo ou sai para dar pequenos passeios, mas não se agita demasiado. Prefere guardar as forças. Pareceu-me uma boa oportunidade para que se sentisse alegre num ambiente diferente — continuou com dureza.

Victoria tentou pôr-lhe uma mão no braço, mas ele afastou-se. Victoria deixou cair a mão. Abraçou-se a ela mesma.

—Eu...

—Tu tens o maldito costume de fugir quando achas que te estão a magoar. Queria contar-te isto de outra maneira, não soltar assim...

Ela sentiu-se uma lagartixa de pouca andadura. Havia lagartixas de melhor categoria?

—Oh..., desculpa. Desculpa, Matt. Dá-me pena saber isso —disse sinceramente—. E tu...

—Eu estou consternado, porque embora as coisas entre nós tivessem acabado há muito tempo, foi sem dúvida uma pessoa com quem partilhei uma etapa da minha vida. —Contou-lhe com breves detalhes a conversa que teve no sábado com a Rosalyn, quando esclareceram as coisas entre eles.

—Então, se ela te disse que ainda te ama —engoliu em seco—, tu pensaste em voltar com ela durante o tempo que lhe resta...? —perguntou com um fio de voz. Continuas a amá-la?, quis perguntar, mas as seguintes palavras de Matt serviram de resposta.

—Se isso acontecesse, importavas-te? —perguntou. Queria saber se ela, para além do desejo sentia mais alguma coisa por ele.

Para Victoria só a ideia de ele estar com outra mulher doía, como se lhe estivessem a cortar o coração. Mas se ele lhe estava a perguntar isso, era evidente que não era mais do que apenas uma possibilidade. Meu Deus. Como doía. Precisava de se proteger.

—Eu... não. Não. —Nesse momento ouviu-se Paul a falar ao microfone. Um eco ao longe. Ficaram a olhar um para o outro—. É melhor ir para lá —disse ela rompendo o silêncio, antes de sair ou antes de ser ridícula por dizer que o amava e perguntar-lhe se havia alguma parte dele a sentir um bocadinho de amor por ela. Não voltaria a ser essa Victoria de há anos, que confessava os seus sentimentos, enquanto ele pensava sair com outra. Nunca mais.

Matthew seguiu-a, mas era consciente de que não tinha controlado a situação ao fazer-lhe essa estúpida pergunta no lugar de lhe confessar o que sentia. Ao menos agora já sabia com o que contava. Ela não o amava. Que noite! Mas não ia deixar que as coisas ficassem assim com ela. Ia insistir e esclarecer tudo num sítio diferente, onde não houvesse o perigo de serem interrompidos. De momento, restava valer-se da única pista para não a deixar escapar. Os ciúmes. De certeza de que significavam mais do que paixão... Esperava que fosse assim.

Antes de chegarem ao jardim, chamou-a. Victoria olhou para ele.

—Temos uma conversa pendente —disse sério.

Ela suspirou.

—Não penso deixar passar o tempo. Já sabes da minha experiência de quase 11 meses com o Devon, por isso não vou fazer o mesmo. Não alarguemos as coisas. Se a amas a ela, não sou ninguém para te impedir que a acompanhes agora que precisa tanto de ti. Seria egoísta da minha parte fazê-lo.

—Não é a ela quem ...

—Atenção publicitários da festa! —interrompeu a voz forte e alegre de Paul.

Matthew disse um palavrão.

—Não temos mais nada a dizer —resumiu a Victoria, encolhendo os ombros.

Saíram da sala de música. De certeza de que nenhum dos dois se ia esquecer daquela sala.

—Isto não vai ficar assim —expressou Matthew com energia, antes de se dirigir até à mesa onde estavam os colegas de trabalho. Victoria ignorou-o intencionalmente, enquanto ouviam o discurso do magnata. Duas mesas mais afastadas estavam alguns membros da equipa de Brian Lewis.

Paul Harrington anunciou formalmente que se retirava a nível profissional, perante o assombro dos convidados, na maioria amigos muito próximos. Apresentou o filho, Michael, como sucessor da companhia familiar. Expressou que Michael estaria a cargo das empresas nos próximos nove meses, e que ele ia continuar a assessorar o filho, mas desde fora.

—Para as equipas das duas agências que esta noite participam da festa, e a quem agradeço que tolerem as minhas extravagâncias, o turno da licitação final será decidido entre vocês. Dois representantes de cada agência devem procurar a cópia do diamante Hope que está

escondida por este jardim. O primeiro a encontrá-la será o primeiro a apresentar.

Como director da agência, Matthew delegou na Victoria e Gary a busca do feliz diamante, cuja versão original repousava no Museu Nacional de História Natural, Smithsonian, de Washington D.C.

—Porque é que não vais tu à procura? —perguntou a Victoria a sussurrar, para que só ele a ouvisse. Depois do que tinha acontecido entre eles, por mais profissionais que fossem, não lhe apetecia estar sob o escrutínio de estranhos. E se era essa a maneira do Matt para a manter longe, evitando uma confrontação pública, era uma cobardia.

—Porque eu sou o chefe, lembraste? Por isso a relação que tu e eu temos aqui na festa é puramente profissional, tens de acatar o que eu diga. A menos, claro, que tenhas vontade de terminar a conversa que deixámos pendente —disse-lhe ao ouvido com o mesmo tom baixo e discreto. Estava frustrado e zangado. Tinha vontade de tirar a Victoria da festa e acabar com as malditas palavras não ditas e os mal entendidos que se tinham instalado entre eles.

Ela ia responder algo engenhoso quando Butler & Partners apresentou os seus representantes. Brian Lewis e Tamara Young.

—Fantástico, vou gostar de jogar a isto com o Brian —expressou Victoria com voz melosa. Antes de que o Matt pudesse responder, ela levantou-se e o Gary também.

A caça ao diamante foi cheia de risos. Risos da Victoria e do Brian, segundo notou Matthew com um sabor amargo de boca. A culpa era dele. Devia ter previsto que o Brian alinharia nisto.

Os convidados juntaram-se ao acontecimento inaudito de Paul e animaram os quatro publicitários. Quince minutos mais tarde, Brian saiu de uma esquina com a cópia do diamante Hope na mão. Victoria, no lugar de estar frustrada, riu-se quando Brian lhe sussurrou algo ao ouvido. Matt pôs-se em alerta. Apertou e apertou a mandíbula. Ia ficar sem dentes. Mas ela não devia estar chateada por ter perdido?

—Não te preocupes, Tori, a nossa apresentação vai ser melhor do que a deles —disse Wanda quando a Victoria regressou à mesa—. É bom ter espírito desportivo e não fazer inimigos por disparates.

—No lugar de te rires e de flirtear com a concorrência, devias ter-te esforçado mais —disse Matthew com dureza como se ela tivesse cometido um pecado imperdoável—. Se estivesses estado mais atenta terias conseguido a maldita cópia do diamante.

Victoria ignorou-o. Estava chateado? Cada um tem o que merece.

—Estou de acordo com o Matthew —opinou Claire, quem tinha passado a noite um pouco estranha, entre idas e vindas. Geralmente, quando tinha ocasião, gostava de se gabar da roupa e do sucesso obtido diante dos colegas. Algo que esta noite não tinha acontecido. Para a equipa foi um alívio não ter de aguentar com as pretensões da Claire.

Victoria contou até dez para responder, mas não teve oportunidade de o fazer, porque Paul Harrington e Michael aproximaram-se para agradecer o bom humor e a colaboração. Paul também lhes disse que gostavam de contar com pessoas capazes de se adaptar a processos pouco convencionais, porque a empresa que eles tinham era diferente de todas as outras e isso tinha de estar claro sempre. Michael ficou mais um pouco a falar com o Matthew, e Claire não hesitou em soltar encanto, até que o herdeiro se foi embora.

A festa continuava, mas o Matthew estava com um péssimo mau humor.

—Turminha, estou cansada. Vemo-nos na segunda-feira no escritório —disse Victoria ao levantar-se para se ir embora.

—Bom fim de semana —disseram Beatrice e Simón em unísono.

—Precisas de boleia? —perguntou Brian quando captou as últimas palavras dela ao aproximar-se da mesa para se despedir. Mais do que por cordialidade, fazia isto para chatear o Matthew, porque tinha notado que não gostava nada de perder. Gostava de atirar à cara desse idiota os seus fracassos, por mais minúsculos que fossem.

Matt ficou a olhar para Brian com cara de poucos amigos. Era óbvio que a Victoria não aceitaria ir com Lewis. Por isso, muito comedidamente, pôs a mão no ombro feminino.

—Eu posso levá-la.

Victoria dedicou-lhe um falso sorriso.

—Não, obrigada, Matthew. Não quero incomodar. Diverte-te aqui, porque de certeza que durante o fim de semana terás de trabalhar bastante nas contas pendentes —disse com uma segunda intenção que só ele entendia. Ela teria gostado de ter levado o próprio carro, mas preferiu ir de táxi. Agora arrependia-se, porque se tivesse trazido o carro não teria de ter outro confronto com o Matt. Sentia a garganta irritada pela vontade de chorar e pelos nervos que lhe causava esta situação. Pela segunda vez, com o mesmo homem, tinha o coração partido. Como era possível?

—A menina é quem sabe, boa noite —disse Brian, levando a Victoria diante do olhar

iracundo de Matt. O resto da equipa fingiu não se dar conta.

Claire fez um dos seus típicos comentários, dizendo que ela sim, ela aceitaria com gosto que o Matt a levasse a casa. Irritou-se ao notar a expressão turva dos colegas. Porque tinham de olhar sempre para ela de forma crítica? Ela era uma das melhores publicitárias da empresa. A classe, o talento e a ambição dela tinham levado vários clientes a Spring & Marsden. Trabalhava sem descanso e mal reconheciam o seu esforço. Com um suspiro acabou o copo de vino. A parva da Victoria nem conseguia encontrar com êxito uma simples cópia de um diamante. Levantou a cara e encontrou-se com os olhos azuis de Vladimir Dubrojev, um ruso com quem tinha dançado antes. Com um sorriso abandonou a mesa onde estava com os colegas. O destino já estava traçado para as agências, por isso agora só tinha como objetivo aproveitar a festa. E pensava fazê-lo com o bonitão do construtor imobiliário de São Petersburgo.

CAPÍTULO 14

Durante a manhã de segunda-feira, Victoria esteve fechada no gabinete a trabalhar lado a lado com o Simón. A empresa encarregue da produção do vídeo estava atrasada, por isso foi ela quem foi buscar a gravação, comeu algo num *Subway* e voltou ao trabalho. Quando regressou tinha um mail de Paul Harrington a anunciar a data de licitação. Quinta-feira às cinco e meia da tarde.

—Já tenho a data para o grande dia —disse Simón, enquanto bebia um café no gabinete da Victoria.

—Vamos ganhar!

—De certeza —respondeu com um sorriso.

Quando o assistente saiu, ela decidiu ir ter com o Matthew. Tinha de coordenar com ele quem dos dois faria a apresentação para Harrington. Deixar os temas pessoais de lado era primordial, e ela não tinha dificuldades em separar uma coisa da outra. Menos quando tinha trabalhado tão duro e queria ganhar esse cliente tanto como Matt.

Ajustou a saia lilás. Verificou que a camisa de seda branca de decote redondo estivesse bem colocada. Se as suas emoções estavam contrariadas, pelo menos pretendia dar-lhes boa cara. Não se caracterizava por ser cobarde, e durante o fim de semana teve tempo para digerir que o Matt queria estar com a ex.

Começou a avançar pelo corredor.

—Victoria —chamou a Claire.

Fingiu um sorriso.

—Olá Claire, leste o mail?

—Claro. Comos nos vamos a organizar? Geralmente quando há apresentações, o Matthew encarrega-se de fazê-las, mas nos últimos meses delegou-me isso a mim.

—Eu sou a coordenadora desta conta, não te preocupes.

—Não me preocupo, mas acho que seria conveniente que soubesses que o Matthew não está no escritório. Vi-o sair muito apressado há umas três horas mais ou menos. —Inclinou-se

e baixu a voz—: Ouvi rumores de que tu e ele são mais do que colegas de trabalho. Sei ler muito bem os olhares, sabias? —sorriu e acrescentou: Espero que a queca tenha valido a pena. Matthew na cama é...

Victoria deu-lhe uma bofetada. Ressoou em toda a sala principal, onde se tinham encontrado. Os murmúrios começaram-se a ouvir de imediato, mas brevemente terminaram e o silêncio foi bastante eloquente. Esperavam pela reação da Claire.

—Será melhor que te dediques a trabalhar se não queres que os dias que passas nesta empresa estejam contados. —sentenciou a Victoria, antes de dar a volta e começar a afastar-se. Era a primeira vez que deixava claro que ela era a herdeira da empresa. Detestou fazê-lo, mas não podia permitir que a bruxa da Claire lhe faltasse ao respeito daquela maneira.

Claire olhou para ela furiosa, mas ao reperar que Andrew Spring estava a entrar na sala, preferiu guardar a sua resposta. Ela era mais astuta do que a rameira da Victoria. E acabava de lhe dar uma razão suficiente para pôr em prática uma ideia que tinha em mente há dois meses.

—Vocês, o quê? Ponham-se a trabalhar —disse chateada a alguns dos colegas que tinham ficado a olhar para ela, enquanto ela tocava na cara—. Medíocres —murmurou e foi até ao WC das mulheres.

Victoria estava desejosa de chegar ao gabinete para ruminar a coragem, mas antes tinha de coordenar com o Matt a apresentação. Não entendia como a Claire podia ser tão volátil. Num momento trabalhava estupendamente, até conversava, mas de um momento para o outro saia alguma estupidez. Até quando tinha de se topar com as mulheres do passado do Matt? Esgotou-se a paciência. Dirigiu-se até ao gabinete do pupilo do pai e abriu a porta sem bater primeiro, uma vez que a Marla disse que ele estava lá.

Entrou com brio, mas poucos segundos depois deteve-se em seco.

Encontrou-o com o rosto pálido, falava ao telefone e caminhava de um lado para o outro. Ele nem sequer se deu conta que havia outra pessoa no gabinete. Respondia com monossílabos, passando as mãos pelo cabelo. Tinha tirado o casaco e a camisa azul ajustava-se como uma segunda pele. O cinto de couro ficava perfeito nas calças à medida. Um executivo perfeito. Elegante e com classe. Não foi essa a imagem que lhe contraiu o coração, mas a de ver o rosto de Matt abatido e contrito. O que se estava a passar? Aconteceu alguma coisa à irmã ou ao sobrinho?

Depois do que a Victoria estimou serem 10 minutos, em que o esteve a contemplar ir e vir de um lado para o outro, Matt terminou o telefonema. Depois olhou para ela. Como se fosse a primeira vez que o fazia.

—Tori..., não, não te ouvi.

Ela torceu o nariz. No escritório ele dificilmente a chamava dessa maneira. O tom de voz dele pareceu-lhe apagado e resignado. Deixou o ressentimento de lado, fechou a porta com o trinco e aproximou-se dele. Queria ajudá-lo com o quer que fosse que estivesse a acontecer naquele momento.

—O que se passa? —perguntou com suavidade.

Ele ficou em silêncio a olhar para ela.

—Matt?

—Anda cá—pediu-lhe ao abrir os braços. Ela não hesitou e abraçou-o. Sentiu que ele a aprisionava com força, como se temesse não voltar a vê-la.

—O que tens? O que se passou? —disse contra o peito dele. Aspirando o aroma dele. Sentindo-se abrigada e tentando que ele se sentisse como ela.

—Rosalyn...—sentiu que ela ficava tensa e que se queria afastar—, não, não te afastes. Não é o que imaginas.

—Então explica-me, por favor, porque estes dias tens me deixado confusa.

Ele suspirou. Abraçou-a com mais força, se é que era possível.

—Acabou de morrer, Tori. Rosalyn acabou de morrer —disse com a voz carregada de dor—. Estava ao telefone a falar com a mãe dela.

Ela afastou-se um pouco, deixando as mãos suaves e pequenas em cima dos braços de Matthew. Olhou para ele, impactada pela notícia. Há só 48 horas, tinha-a visto a rir e falar como se tudo estivesse perfeito. «Rosalyn era tão jovem. Que desgraça.»

—Como?

—Naquele sábado que jantei com ela pela primeira vez, eu... eu não quis falar logo contigo sobre este tema. Nem sobre as visitas que lhe fazia durante a semana... eu... Meu Deus...

—Estás em choque e confuso com as emoções que sentias por ela e tinhas começado a redescobrir. —De onde tirava forças para consolá-lo quando sofria por outra? Só podia atribuí-

lo ao amor que sentia por ele. Talvez fosse uma idiota... talvez não. Mas acima de tudo tratava-se da morte de uma pessoa, e independentemente da relação dessa pessoa com o Matthew, se ele estava contrariado e angustiado, ela não o podia deixar sozinho.

Victoria agarrou-lhe na mão e levou-o até ao sofá de couro. Sentaram-se e ela aninhou-o ao seu lado, com as pernas recolhidas na confortável superfície.

Ele começou a contar-lhe a luta de vários anos de Rosalyn contra um cancro da mama, que desaparecia e reaparecia. Depois as metástasis. Também lhe contou que na noite em que não foi jantar com os outros, a ex-noiva o tinha convidado a jantar com os pais.

—Nós, os homens, costumamos enfrentar estes tipos de furacões de outra maneira. Neste sentido não sou diferente do resto —respirou profundamente antes de continuar—, geri esta situação muito mal contigo. Precisava de espaço...

Victoria levantou o rosto.

—Matt... sinto muito o que se passou com a Rosalyn —sussurrou—. Sei que não me deves explicações, mas agradeço-te porque agora posso entender...

Ele assentiu.

—Tinham-lhe dado seis meses. Mas parece que o corpo não resistiu mais tempo. Esta manhã teve uma paragem cardíaca —disse com um nó na garganta—. Não se quis casar comigo, disse-me que a minha carreira era o mais importante para mim, e que não me queria tirar isso. Afastou-se quando mais me necessitava, acreditas nisto? E eu passei todos estes anos a despreciá-la...

—Pelo menos tiveste a oportunidade de te despedir. Ela foi-se embora feliz de ter falado contigo, tenho a certeza.

Ele olhou para ela.

—Desculpa ter sido um imbecil —murmurou ao beijá-la na testa.

Detestava vê-lo abatido.

—Fomos sempre amigos..., apesar de terem passado muitos anos sem que nos vissemos. Eu teria gostado de saber como estavas, mas entendo-te.

—Quando se trata de emoções, eu não sou o melhor em geri-las —negou—. Meu Deus, estou muito confuso. Tinha um prognóstico de vida de seis meses, e da manhã à noite, pum! Já não está...

Victoria colocou-se no colo de Matt e abraçou-o, ele estava calado. Depois passou-lhe as mãos pelos ombros para manter o equilíbrio. Cruzou o olhar azul com aqueles preciosos olhos verdes que estavam tristes.

—Obrigada por me ouvires agora —disse rompendo o silêncio. Agarrou-lhe no rosto com ternura. Diminuiu a distância e beijou-a. Um beijo longo, profundo e sentido. Ela deixou-se levar, compartilhando com ele a paixão e o consolo. Matt afastou os lábios e disse—: O meus sentimentos pela Rosalyn morreram há muito tempo. Acho que confundiste tudo... —colocou-lhe um troço de cabelo atrás da orelha—, e a culpa é minha.

—Agora acho que não é o melhor momento para falar sobre o que aconteceu entre os dois, Matt —suspirou—. Não quero lidar com as confusões emocionais de ninguém, Matthew. Essa é a verdade. No sábado disse-te que estar separados talvez seja o mais aconselhado para ambos.

—Disseste isso porque pensaste que eu continuava interessado na Rosalyn. E acabei de te dizer que não. Não me afastes de ti, não sem antes ouvires o que te tenho para dizer, Victoria. Mas não aqui, não agora. Realmente faz falta dar alguma perspectiva às coisas. —Colocou-lhe as mãos na cintura. O olhar dela era compreensivo e dava-lhe uma sensação de sossego. Nessa manhã tinha pensado compensar o que tinha acontecido com a Tori na festa do Paul, convidando-a para jantar, dizer que a amava e perguntar-lhe se ao menos podia tentar descobrir juntos se lhe podia corresponder. Mas foi tudo ao garete, quando chegou ao escritório, vindo de um pequeno-almoço corporativo, recebeu o telefonema da mãe de Rosalyn, consternando-o com a notícia do falecimento—. De acordo?

—De acordo...—disse sem muita convicção.

Com cuidado, Victoria afastou-se das pernas de Matt, e ele levantou-se.

—Tori, sei que é pedir-te muito, mas... Não tens nenhuma obrigação e... —passou as mãos pelo cabelo, despenteando-se ainda mais—, achas que...?

—Eu vou contigo ao funeral —disse ao intuir o que ele lhe ia pedir.

Ele sorriu com tristeza e acariciou-lhe o rosto com doçura.

—Obrigado, querida.

Aí estava essa palavra. E mais que a palavra em si, era o modo como a dizia. Com esse tom ligeiramente grave, com piscas de profundidade e força. Infelizmente, Victoria sabia que não significava nada mais do que desejo.

Victoria e Matt tinham estabelecido um tipo de trégua depois do emotivo funeral da Rosalyn. Na terça-feira, ele convidou-a para jantar como tinha planeado, mas quando a Marla o recordou que tinha de dar uma conferência numa universidade de Los Angeles com que se tinha comprometido há três meses, teve de cancelar com ela. Durante esse lapso de ausência mal falaram, porque a Victoria também estava ocupada com a organização de tudo para a licitação e porque o pai lhe pediu que o acompanhasse a jantar com alguns amigos empresários na quarta-feira.

Na quinta-feira de manhã, houve uma reunião com toda a equipa. Matt decidiu que só ele e a Victoria iriam ao escritório de Paul para apresentar a licitação.

—É um pouco injusto, Matthew —queixou-se Claire, olhando para o chefe com ressentimento.

—Victoria é a executiva da conta e o Matt é o director de todos os clientes VIP. Onde é que está a injustiça? —perguntou a Beatrice, enquanto movia o lápis entre os dedos. Já todos sabiam da cena de segunda-feira, da bofetada na Claire. Todos, menos Matt. Ninguém sabia o motivo, mas todos se alegravam de que alguém tivesse posto a loira no seu sítio.

—Deveria ser mais participativo.

Victoria manteve-se calada. Já tinha ansiedade suficiente para demonstrar que valia como profissional, quanto mais aguentar a Claire. Se os colegas sabiam o que se passava entre ela e o Matthew, nenhum fazia comentários ou conversava pelos corredores. Com exceção da Claire, o resto continuava a comportar-se da mesma forma cordial e colaboradora como desde o início.

—Não é um pedido de opinião, Claire —respondeu Matt—. É uma ordem. Aqui o chefe sou eu.

Há quase uma meia hora que Brian e Tamara estavam na sala principal de Harrington Jewelry Incorporated. Entretanto, sentados numa linda antesala com vistas para a cidade, Matthew e Victoria aguardavam que os colegas da concorrência saíssem da luxuosa sala de reuniões para finalmente fazer a apresentação que com esmero tinham trabalhado.

—Não te preocupes —disse Matt a olhar para a Victoria.

Ela voltou o rosto para ele.

—Porque é que achas que estou?

—Lembro-me que quando eras adolescente ficavas em absoluto silêncio quando algo te punha nervosa ou te preocupava mais do que o habitual—sorriu.

Victoria encolheu os ombros, sem evitar sentir satisfação pela ideia de ele se lembrar daqueles pequenos detalhes.

—Eu gosto deste projeto, mas também é uma grande responsabilidade.

—Sim, mas tu foste competente, e não me arrependo de ter encontrado um espaço para ti na minha equipa de trabalho.

Ela sorriu.

—Uau. Obrigada...

Ficaram a olhar um para o outro, e pouco a pouco foram diminuindo a distância que os separava.

Estavam a ponto de se beijar quando a porta se abriu, sobresaltando-os. Victoria riu-se e ele negou com a cabeça e com um sorriso. Sentiram-se como dois adolescentes a ponto de serem apanhados.

Paul e o filho, Michael, acompanhados da equipa de Butler & Partners, apareceram na porta. Brian, ao ver a Victoria, aproximou-se dando-lhe um efusivo abraço. Não só a elogiou por estar bonita, como também lhe desejou sorte para a apresentação. Tamara, uma mulher negra bastante parecida a Oprah Winfrey, ofereceu-lhes um sorriso. Victoria sabia que era uma executiva de contas implacável. Matt cumprimentou o Brian com reticência.

Quando a porta da sala de reuniões se fechou, Victoria fez a introdução e depois Matt realizou a exposição. Paul ouvia atento, enquanto que o filho, de vez em quando, fazia perguntas. Perguntas que foram respondidas eficientemente. O relógio corria, e Victoria sentia-se cada vez mais aliviada ao notar a cara de interesse do cliente.

—Foi uma apresentação excelente. Gostei muito —disse Paul quando a apresentação terminou—. Qualidade impecável. Escolheram exactamente os pontos que precisava de ver. As tácticas, os textos e os meios onde pensam trabalhar o conteúdo são os idóneos. A vossa abordagem é mais que coerente —disse com um tom cauto que fez a Victoria duvidar.

—Obrigado —respondeu Matt.

Michael e o pai trocaram um olhar um pouco preocupado.

—Passa-se alguma coisa? —atreveu-se a perguntar ela.

—Não sei como vos dizer isto, jovens —começou Paul—. O que me acabam de apresentar é outra versão da proposta que me fez a equipa de Butler & Partners, só com algumas modificações...

—Como é que isso é possível? —reagiu Matthew sem conter o espanto.

—Desculpem. Não sei o que se passou, mas a conta é de Brian Lewis.

Matthew acreditou ver tudo vermelho. Voltou-se para olhar para a Victoria, ela estava tão chocada como ele. «Mas que raio?»

—Impossível —acrescentou ela—. Tu sabes a apresentação que te fizemos, Paul. Já tinhas uma ideia do que podias receber de Spring & Marsden. Não tem sentido...

—Uma ideia do que podia ser, tens razão. Não o suficiente para aprofundar e conhecer todo o plano —cruzou os braços—os de Butler & Partners fizeram uma apresentação mais concisa do que a vossa ao princípio, mas o que vi hoje impressionou-me. Para ser sincero, espero que possam descobrir a razão porque as ideias de ambos são tão semelhantes. Não posso despedi-los e fazer um processo novo desde o princípio, porque o meu tempo é dinheiro, e eu não desperdiço recursos. —levantou as mãos num gesto de resignação— De qualquer forma, uma vez que o Brian apresentou primeiro, não tenho outra hipótese que não seja contratá-lo. —Pôs-se de pé. Matthew apertou com tanta força a pluma que tinha na mão que pensou que a partia—. Obrigado pelo vosso tempo e por terem acedido ao processo. Estou francamente desconcertado, mas tenho de avançar. O problema agora é entre agências. Como cliente, só me interessa o resultado.

Victoria não podia acreditar no que estava a acontecer. Alguém tinha passado a informação à concorrência. Começou a recolher os documentos e a guardá-los na pasta como uma autómata, perante o olhar de desculpa de Michael, quem se despediu de seguida, porque ele o pai tinham uma reunião do outro lado da cidade. Victoria sentia a garganta seca e uma grande tristeza.

No meio de um silêncio incómodo, Matthew acabou de colocar o portátil no forro e depois colocou-o na pasta. Estava a costar-lhe imenso conter-se. Tinham roubado o projeto. A resposta sobre quem tinha passado a informação era tão óbvia, que não percebia como raio tinha deixado que lhe perturbasse o juízo.

—Matt... —disse ela com calma ao vê-lo tão zangado e contido. Ela, talvez mais que furiosa, sentia-se decepcionada.

—Agora não —respondeu brusco. E sem dizer mais nada saiu da sala.

No corredor estava o Brian a conversar com um amigo. Ao vê-lo, e sem pensar duas vezes, Matthew aproximou-se e espetou-lhe um murro que o atirou ao chão.

—Matthew! —gritou a Victoria enquanto o Matt se dirigia até ao elevador. Ela aproximou-se a correr até ao Brian, quem nesse momento limpava um fiozinho de sangue que saía pelo nariz.

—Fogo, ele tem um bom punho —disse Brian ao levantar-se com a ajuda de Victoria e do outro executivo com quem segundos antes estava a conversar.

À volta elevaram-se os murmúrios e algumas secretárias aproximaram-se para ver o que se estava a passar. Victoria não podia acreditar que o Matthew fosse tão mau perdedor, mas também era consciente de que Brian tinha conseguido o plano de trabalho da Spring & Marsden de alguma maneira. Pouco honesta, claro. Justificava-se que estivesse zangado, mas não a agressão física.

—Como é que conseguiste o nosso projeto? —perguntou Victoria, quando o Brian limpou o sangue com um lenço—. Cometeste um acto lamentável ao roubar propriedade intelectual.

Olhou para ela, enquanto ajeitava o fato. Disse às outras pessoas que estavam perto deles que não se passava nada, e estas afastaram-se.

—Oh, Tori, por favor! Eu não fiz isso. “Roubar” é um verbo muito muito feio. O que te posso dizer é que a informação chegou até mim. Isso não é roubar.

—Não me trates como se fosse parva! —respondeu farta.

—É melhor que vás ver o embecil do Talley, se não queres ficar sem trabalho —disse, ignorando o comentário anterior dela.

—Pensei que eras uma pessoa melhor —disse com desprezo.

—E eu que a tua empresa sabia contratar pessoal honrado. Um ponto para ti. Acho que devias trabalhar na melhoria dos incentivos da tua agência. Não todos estão tão contentes como esperas. De facto —disse em voz baixa—, são bastante sobornáveis —sorriu, sarcástico.

—Vou descobrir tudo. Vai arrepender-te, Brian.

Como resposta, ele riu-se.

—A conta é nossa. Ao *meu cliente* o que lhe importa é que obteve o que procurava. A melhor proposta. E essa, fê-la Butler & Partners.

—Imbecil. —Agora já sabia que tipo de pessoa era o Brian. Pensava que só se tratava de ciúmes profissionais do Matthew. Finalmente via tudo muito claro. Para piorar tudo, já era tarde.

Ele encolheu os ombros.

—Foste sempre demasiado ingénua.

—Esquece-me, Lewis —disse com desprezo antes de se dirigir até ao elevador. Uma vez que Matt e ela tinham ido juntos de carro, teria de aguentar o mau humor dele.

Matt tinha perdido a cabeça. E isso fazia-o sentir tanta raiva que queria descarregá-la de alguma maneira. Fez o possível para acalmar a respiração ao sair da sala de reuniões, mas quando viu a Victoria avançar até ao Brian perdeu a determinação. Esse gesto da Victoria confirmou as suspeitas que tinha. Para além de ela quem é que podia ter passado a informação à concorrência? Era tão óbvio, que o facto de não se ter dado conta parecia patético.

—Matthew, estás bem? —perguntou Victoria, pondo o cinto de segurança.

O céu começava a escurecer-se.

Ele não respondeu. Começou a conduzir como um louco pelas ruas. Voltar ao escritório não era uma opção. Que raio! Acabava de perder a sua tão desejada promoção por culpa da mulher que estava sentada ao seu lado e que se fingia preocupada por ele. Impostora!

—Podes dizer-me o que se passou no corredor? —continuou Victoria.

Matt parou-se num semáforo e olhou para ela. Apertou os dedos no volante, até que os nós ficaram brancos.

—Dei ao Brian o que ele merecia. E como sou um cavalheiro, não faço o mesmo contigo. Satisfeita?

Ela olhou para ele espantada.

—O que significa isso? Achas...? —Tapou a boca com a mão, depois baixou-a—.

Achas que fui eu quem deu a cópia do nosso projeto ao Brian? —grutou.

—Poupa-te da surpresa.

—És um estúpido. Eu saio aqui —disse com os dedos no puxador da porta a ferver de raiva. Mas nesse momento o semáforo mudou para verde e Matthew arrancou, impedindo-a de abrir a porta do Cadillac Escalade.

—A menos que queiras que me acusem de homicídio ou de condução imprudente, faz-nos um favor e tenta manter os teus instintos suicidas de lado —disse sarcástico.

—Estás a acusar-me injustamente —gritou. Como é que se atrevia a acusá-la de algo assim?

Ele limitou-se a ligar o rádio numa estação de rock a alto volume.

—Muito maduro da tua parte —gritou Victoria ao cruzar os braços e atenta às ruas onde iam passando com uma rapidez vertiginosa à direita.

Matthew conduziu até ao norte pela *Golden Gate*. Ao finalizar a ponte virou na saída para Alexander Avenue e subiu a colina. Continuou um pouco mais para cima, longe dos primeiros miradouros, onde centenas de turistas costumavam ir todos os dias para ter uma panorâmica de São Francisco. O que menos lhe apetecia era ter contacto com outras pessoas. A carreira profissional dele acabava de receber um pontapé.

Estacionou com má vontade o carro perto de uma árvore. Saiu e fechou a porta com estrondo e dirigiu-se até ao borde de um miradouro afastado. Um lençol de luzes levantava-se à frente dele, iluminando a linda cidade que recebia tantos visitantes de vários pontos do globo. São Francisco era um destino para românticos, pagãos, aventureiros e cosmopolitas no geral.

Matt pôs as mãos nos bolsos das calças e tentou atenuar a raiva e também a decepção. Sentia-se um parvo, como tinha perdido de vista o seu objetivo principal? A conta de Harrington era o que lhe faltava para ser sócio da Spring & Marsden. E agora essa possibilidade tinha-se esfumado. «Por não manter as calças no seu devido sítio», pensou, zangado.

No assento do carro, Victoria contemplava o Matt. Com o fundo do céu laranja em declive, mais do que um homem zangado, Matthew parecia um desses modelos de roupa de estilista. Suspirou. Como podia sequer ter pensado que ela roubaria ao próprio pai a possibilidade de fechar um contrato milionário? O que era mais importante, como podia pensar que ela, esforçando-se para demonstrar a sua mais valia profissional, ia cometer semelhante

idiotice? Quem quer que tivesse passado a informação ao Brian, ia pagar por isso nos tribunais.

Cansada de esperar para esclarecer tudo, Victoria abriu a porta e saiu do carro. Andou com passo decidido até chegar ao miradouro, onde o Matt contemplava a cidade. Ficou na mesma linha, mas a vários passos de distância. Durante longos segundos nenhum dos dois disse nada. Estavam absorvidos pela vista esplendorosa e feiticeira, mas sem deixar de estar conscientes da presença do outro.

O vento soprava com força, despenteou a Victoria e agitou a roupa de ambos.

—Porque fizeste isso? —perguntou Matt ao romper o silêncio com um tom suspeitamente suave, mantendo a vista para a frente. Balançava para a frente e para trás com o sapato esquerdo em cima de uma base de cimento de apenas 15 cm que protegia o contorno da borda do miradouro.

—Pensa melhor na pergunta. Porque não me perguntas se tenho suspeitas de quem pôde ter feito isso? —respondeu, zangada. Estava a tentar controlar o temperamento. Não era em absoluto simples e sabia que a qualquer momento ia explodir.

Virou-se para ela.

—Imagino que atuaste por ressentimento.

—Do que é que estás a falar? Eu não tenho nada a ver com isto —respondeu.

—Foi uma maneira de te vingares de mim por te ter deixado de lado, talvez uma parte tua continue ressentida comigo. Aquela parte que ficou nos 17 anos.

Ela olhou para ele surpreendida.

—Mas tu estás maluco ou quê? A única coisa que a moça dos 17 anos, que um dia pensou apreciar-te mais do que devia, se pergunta neste momento é porque raio gostava desse cretino?

—...E essas palavras todas de aflição e consolo. O que foram? Eram para eu não suspeitar de nada? Desde quando te deitas com o Brian? —perguntou implacável e como se ela não tivesse falado—. Disse-te que esse projeto era sumamente importante para mim. O que fazes para te vingares? Tiras-mo do caminho. Agora já estás contente? O que ganhas com isto? Porque de certeza que sabes que o teu pai nunca te levará a tribunal por roubo de informação. Embora não possa dizer o mesmo de Andrew Spring, ele não terá problemas. Não és filha dele.

«Respira, Victoria. Respira.» E os pulmões não era precisamente a parte do corpo que

lhe estava a doer. Cada acusação do Matt parecia uma adaga certa que a ia desgarrando pouco e pouco. Não se dava conta que a feria com a desconfiança? Não. Não se dava conta, porque ele ignorava o que ela sentia. Mais uma razão para nunca lhe dizer. Nem louca.

—Parece-me que estás confuso —respondeu quase a cuspir as palavras—. E eu não tenho que continuar a ouvir os disparates que saem da tua boca —acrescentou, engolindo o ardor que sentia na garganta pelas lágrimas que não queria deixar sair—. E mesmo que não acredites em mim, eu nunca tive relações com o Brian. Só o vi em duas ocasiões. Em ambas estavas comigo. E para mim, o meu pai está em primeiro lugar em todo este assunto. Como podia roubar-lhe a possibilidade de conseguir um cliente com tantos milhões anuais em lucro? Por mais ambiciosa que fosse, não te parece estúpido querer prejudicar um negócio que com o tempo será meu? Pensa um pouco!

—Porque estás ressentida. Essa é a resposta. —De onde tirava tanta estupidez?, pensava Matthew à medida que falava. O pior é que não se podia conter. «Maldita semana.»—. Porque às vezes as pessoas actuam movidas pela vingança. E acho que foi nisso que estiveste a fraguar neste últimos dias.

Ficou a olhar para ele. Parecia uma cena de alguma dimensão desconhecida. Era a sério? Maldição. Secou uma lágrima. Era o pior momento. Pior à frente dele. Mas a raiva e a impotência não entendiam isso. Menos a dor.

—Sabes o que é que acho, Matthew Talley?

Ao ver as lágrimas de Victoria, algo dentro de Matt lhe disse que estava enganado. Mas outra parte dentro dele, gritava-lhe que não se voltasse a enganar. O ego. O maldito ego. O único problema era que nesta ocasião parecia não querer fechar-se, pelo contrário, parecia ferido, como se o tivessem incitado até o fazer saltar à superfície. O maestro Tanaka estaria muito decepcionado, mas estava a carreira do maestro suspensa por um fio? Estava a carreira do maestro parada pelas ações de de terceiros? Não.

—Ilumina-me—respondeu ao cruzar os braços.

—Não só me acabas de perder como amiga, como também acabas de deitar por terra qualquer possibilidade de continuarmos juntos. Do modo que seja. Nunca tenho relações com alguém que tenha um conceito tão baixo de mim. Se no sábado te disse que tínhamos terminado, pois acredita que é mesmo isso. Não há mais nada para falar. —Ajustou o casaco preto como se o gesto pudesse proteger-lhe o coração—. Agora, leva-me a casa.

Os olhos verdes brilharam com um inequívoco matiz que pressagiava uma discussão mais longa, que ela, claro, não tinha vontade de participar. Ignorou-o e voltou para o carro. Sentou-se e esperou que ele voltasse. Estava decepcionada, mas sentia mais raiva pela pessoa que tinha traído a equipa. Tinham trabalhado de forma incansável. Inclusive madrugadas para ter tudo a tempo. Ela sabia claramente quem era a responsável. No dia seguinte, enfrentaria a Claire. Como é que ele não se dava conta que tinha sido a Claire?!

Matthew sentou-se ao volante poucos segundos depois. O interior cheirava a couro, misturado com o perfume da Victoria e com adrenalina. Uma combinação bastante explosiva. Colocou o braço no apoio do assento do copiloto. Ela continuou a ignorá-lo.

Ele fez precisamente o que não devia: seguir os seus instintos básicos. Ela parecia ter deitado por terra o auto controlo. Era a única mulher capaz de deixá-lo maluco. Em todos os sentidos possíveis da expressão. Matt pôs para trás o banco, tirou o cinto de segurança que ela já tinha posto e surpreendeu-a dando-lhe um abraço e colocando-a ao colo. Victoria empurrou-o, mas no meio dos empurrões ele conseguiu pô-la em cima das pernas dele. Agarrou-lhe as mãos e apertou-as até que os rostos ficaram praticamente juntos um ao outro. Ela respirava de forma agitada. Ele sorria.

—Então, não tiveste relações com ele? —perguntou com uma voz que não deixava dúvidas ao tom possessivo. Exactamente como atuava ou sentia com tudo aquilo que considerava seu. E embora estivesse muito zangado, a Victoria continuava a ser dele.

—Acredita no que quiseses —respondeu ao virar a cara.

—Acho que me desejas tanto como eu a ti.

—Estás doente —espetou com raiva—. És bipolar ou quê?

Ignorou o comentário.

—Se te largo as mãos, prometes que não vais fazer nenhum disparate como bater-me?

—Acho que não é nenhum disparate. De facto, seria brilhante. Porque mereces.

—Resposta errada—disse, antes de a beijar vorazmente.

Ela tentou protestar para descarregar a fúria que sentia por ele. Mal ele lhe largou as mãos, bateu-lhe com os punhos enquanto as lágrimas começavam a escorrer pela cara. Através da camisa arranhou-lhe o peito, ao mesmo tempo que ele seduzia os lábios dela, fazendo com que se abrissem e assim conquistá-la com a sua língua pecaminosa. Com um gemido, metade de raiva e outra de ânsia, Victoria igualou a fúria com que Matt a beijava, com tal ímpeto que

até os dentes chocaram. Lutaram com as bocas durante um longo momento até que a Victoria sentiu que a tensão e a dor da dúvida de Matthew a abandonavam. Em vez de continuar a resistir, apertou os dedos, agarrando-lhe com força as abas do casaco preto. Pouco a pouco foi soltando-o e subiu as mãos até enterrar os dedos no denso cabelo preto.

Matthew suspirou contra a boca dela, enquanto sentia o sabor salgado das lágrimas da Victoria a misturar-se com os gemidos de paixão e mordidelas de raiva, numa montagem pouco comum borrifada de desejo, decepção, fúria e amor. Ele agarrou-lhe na cara com as duas mãos, grandes, habilidosas e quentes, e afastou-a para a observar. A forma como olharam um para o outro fê-los tremer. Victoria, aturdida, confusa e a respirar agitadamente, fechou os olhos e apoiou a cabeça no peito do Matthew.

—Victoria...—disse num tom contraído e agitado.

Ela soluçou e bateu-lhe no peito devagar.

—Leva... leva-me a casa —sussurrou. Balbuciou de forma cortada, arrependida e doída—. Leva-me —insistiu ao afastar-se em silêncio e pondo o cinto de segurança, como se isso a pudesse proteger dela mesma. E dele.

Ele não entendia o que tinha acontecido. Respirou profundamente.

—Eu...

—Cala-te. A sério, Matthew. Já não quero saber mais das tuas acusações nem das tuas reflexões. Não quero saber nada de ti. —Limpou o rasto de lágrimas—. Já aguentei demasiado para continuar a levar com os teus disparates.

—Mas não chores. Não aguento ver-te chorar—pediu arrependido. Como é que tinha perdido o auto controlo até este ponto?

Ela olhou para ele como se tivesse chegado de um planeta distante.

—E nem penses que choro por ti, idiota. Podes continuar no teu mundinho onde o teu ego é rei —disse entre dentes, engolindo um soluço. Vai para o diabo.

Matthew conduziu em silêncio. Victoria não chorava por ele. Isso já ele sabia. Ela era uma mulher dura, e só chorava quando sentia raiva ou impotência. Era um osso duro de roer. Por isso, sentia-se um canalha. Será que alguma vez se ia comportar bem com ela? Uma parte do cérebro, um 99%, dizia-lhe que para além da Victoria ser inocente, tinha acabado de perder qualquer oportunidade de ficarem juntos. O restante 1% significava que ele era um burro.

Se pensava honestamente, sentia que perder a conta de Harrington não significava nada comparado com perdê-la. Essa era uma certeza que mudava totalmente a forma como via a realidade a que se tinha acostumado há tantos anos. Victoria para além de ter virado o mundo de cabeça para baixo, também o tinha preso em redes hipnóticas; ele sentia-se incapaz de sair delas..., de facto, nem sequer queria tentar, porque sabia que era inútil. «Quando mais procuramos colocar um tema na categoria errada, com o passar do tempo a fatura que nos passa a auto-indulgência aumenta e afunda-nos.» Mais uma vez, as palavras do maestro Tanaka faziam sentido. E mais uma vez isto acontecia quando ele já estava no fundo. «Que situação.»

CAPÍTULO 15

A tensão que se respirava na sala de reuniões da agência era asfixiante. Apesar de Matthew ter enviado um mail à equipa na noite anterior a notificar que Butler & Partners tinha ganho a conta, isso não tinha o mesmo efeito que ouvir uma explicação ampla da Victoria de que alguém tinha passado o projeto à concorrência e que por isso a linha *The Dolphine Shine* não era deles. De alguma maneira, toda a equipa esperava que se tratasse de um mal entendido e que de um momento para o outro o cliente rectificasse a decisão.

—Quando comecei a trabalhar nesta companhia e a relacionar-me com vocês, nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer —disse Victoria sem ocultar a decepção na voz; andava de um lado para o outro ao mesmo tempo que falava a olhar para cada um—. Neste momento, a equipa de informática está a rever os vossos computadores. Não me importa passar duas ou três horas mais aqui à espera dos resultados dos técnicos. Embora vocês possam confessar quem é o culpado... ou culpados.

Beatrice, Simón, Gary e Wanda olharam contraídos para o Matthew, quem não escondia o seu mal humor, e também olhavam a dureza com que a Victoria se tinha revestido para falar com eles. Claire, ao contrário do resto, olhava para a filha de John Marsden com tédio, e a Matthew com um sorriso sardónico.

—Espero que encontrem o responsável —disse Beatrice—. Nunca aconteceu nada com esta magnitude. —Gary torceu o nariz.

Matthew limitava-se a fazer breves comentários. Não só tinha dormido mal, como a insónia lhe tinha servido para aclarar o juízo e reafirmar que a Victoria era inocente. Agora, ela tratava-o como se fosse uma pedra no sapato. Pior que isso, tratava-o com a mesma frieza e estoicismo com que se apresentou na entrevista de trabalho. Os olhos azuis tinham um claro brilho de indiferença. O culpado? Ele, claro! Teria sorte se o ouvisse depois de acabar a confusão com Harrington Jewelry Incorporated.

Um silêncio incómodo apropriou-se da sala durante vários minutos. Embora ninguém expressasse verbalmente as suas suspeitas, todos lançavam olhares de receio à Claire. Foram quase 15 minutos de olhares furtivos e incómodos, beber café, mudar de cadeira, murmurar.

—Ninguém vai dizer nada então? —perguntou Victoria sem ocultar como a chateava o

silêncio de todos. Não estava à espera que Matt falasse, ao fim e ao cabo, não era culpa dele que houvesse um ladrão na equipa. A reunião tinha sido convocada por ela, tinha de ser ela a liderá-la—. Perfeito, então serei eu a aclarar este enredo até que venham os tipos de sistemas. —Olhou para a Claire—: Porque fizeste isto?

Ninguém se alterou pela súbita arremetida.

A loira fechou levemente os olhos. Levantou-se com parcimónia. Apoiou as mãos na mesa e olhou para ela com desdém. Victoria levantou uma sobrancelha e cruzou os braços. Matthew pensou em intervir, mas já tinha posto o pé na poça o suficiente, por isso deixou falar a Victoria.

—Estás a acusar-me? Porque se o estás a fazer, tenho testemunhas que de certeza vão gostar muito de declarar a meu favor quando apresente uma queixa por difamação e assédio moral.

Victoria riu-se.

À mesa todos continham a respiração e olhavam para as duas.

—Não me digas —disse com um tom perigosamente suave e evitando responder-lhe directamente—. O que te faz pensar que alguém quer declarar *algo* a teu favor, Claire?

A loira sorriu com pretensão.

—É mais do que evidente de que o meu trabalho fala por mim.

—Também as tuas ações. Por isso, embora não goste de repetir-me, responde. Porque fizeste isto?

—Acho que te subiu o ego. Lá por seres a filha de um dos donos não penses que tens o direito de interrogar quando te dá na gana e...

—Cala-te! —grutou—. Estou aqui porque, ao contrário de ti, tenho integridade. Nunca venderia a minha companhia por sabe-se lá o quê.

—Victoria... —disse Matt com suavidade.

Ela lançou-lhe um olhar gelado. «Por acaso ele pensava defender a Claire?», perguntou-se, colérica.

—Não te metas.

—Sou o director...

—E eu sou a dona, por isso calas-te!

Os rostos de espanto espalharam-se por toda a sala. Claire incluída, e já não sorria. Nunca ninguém se tinha atrevido a falar assim com o Matthew. Nunca.

Matt e Victoria ficaram a olhar um para o outro com uma intensidade que cortava o ar. Ele estava prestes a responder-lhe quando o Simón se pôs de pé.

—Por favor, acalmem-se...—Wanda agarrou-o pela manga do casaco para que se voltasse a sentar. Ele ignorou—. Não podemos continuar nisto.

—Senta-te —ordenou o Matt sem desviar a atenção da Victoria.

Simón negou com a cabeça e começou a tremer.

—Eu... fui eu... eu entreguei o projeto ao Brian Lewis. De acordo? Fui eu!

Os olhares fixaram-se no jovem. As expressões de espanto foram alterando-se até se converterem em máscaras de fúria e descontentamento.

—Não tens de te culpar para terminar esta reunião, Simón —disse Victoria.

—Estou a dizer a verdade —respondeu com uma voz estrangulada e com tom de arrependimento. Matthew e Victoria estavam confusos, atónitos. Claire e os outros também estavam espantados—. Brian telefonou um dia para falar com a Victoria, mas ela não estava no escritório, por isso fui eu quem atendeu a chamada —começou a explicar—, disse-lhe que era o assistente e braço direito. Perguntou-me sobre as minhas condições de trabalho e disse-lhe que era um estagiário, que estava aqui há um ano e meio... Ficámos em falar. Não vi nada de mau nisso.

—Meu Deus... —gemeu a Victoria, sentou-se e tapou a cara com as mãos. Matthew, apesar de estar zangado pelo modo como tinha falado com ele diante da equipa, pôs-lhe a mão no ombro. A raiva era tanta que Victoria nem notou—. Não posso acreditar nisto.

—Que filme —murmurou a Claire. Ninguém lhe prestou atenção.

—Continua —expressou Matthew. Era decepcionante aceitar que esse rapaz, em quem tinha confiado, tivesse cometido semelhante canalhada.

Simón engoliu em seco.

—Disse... disse que me pagava o equivalente ao salário de um publicitário sénior, uma bolsa completa para fazer o mestrado e prometeu-me estabilidade laboral em Butler & Partners. Ele só queria dar uma olhadela ao plano, não lho dei em papel nem em formato digital... Só

lhe mostrei, ele leu... foi só isso...

«Claro, por isso é que os técnicos estão há horas a tentar encontrar emails comprometedores, sem êxito», pensou Gary. Nunca pensou que o Simón fosse capaz de uma coisa destas. Sempre tão colaborador, tão correcto. Agora podia juntar cabos soltos. As suas ausências na festa. Quando o viu conversar com Brian mais tempo do que o normal em vez de um cumprimento de meros conhecidos como se suponha que eram. Pequenos pormenores que tinham passado por alto a todos.

—Por acaso não te tratámos como mais um do grupo?! Por acaso não te demos a oportunidade de aprender, relacionar-te com clientes de alto perfil? Pagamos-te o que alguém do teu nível de formação merece, de acordo com o estabelecido na lei, ao teu *status*, à tua situação—gritou-lhe a Victoria—. Desde o primeiro dia que te disse que o mais importante para mim é a lealdade, mas olha o resultado...

—Des...desculpa... —balbuciou com pesar.

—Desculpa? —perguntou Matthew cansado. Rodeou a mesa e aproximou-se do Simón. Pôs-se direito, intimidando-o com a sua altura—. Maldito desgraçado, sabes o que fizeste perder a esta empresa?

—Eu... eu...

—Estás mais do que despedido, Simón. E enquanto eu trabalhe na indústria publicitária, acredita em mim, vais lembrar-te do que fizeste. Por isso é melhor que procures outro percurso profissional, porque devido à tua ambição queimaste todos os teus charutos. Uma ambição estúpida, porque tinhas um grande futuro connosco. Nunca te ensinaram que o que chega facilmente, também que vai facilmente?

—Brian ofereceu-me um emprego com um salário melhor do que este... só disse que queria dar uma olhadela...—insistiu na fraca desculpa.

Claire olhou para ele como se tivesse cinco cabeças.

—És estúpido ou fazeste? Piraste? *Obviamente*, que se um homem como o Brian, que é da concorrência e que para além disso luta pelo mesmo objetivo que nós, quer “ver” algo, significa que basta uma pequena leitura para ficar com a ideia. É um dos melhores publicitários —olhou para o Matthew—: sem ofensa.

Matt ignorou-a.

—O que vai acontecer comigo...? —quis saber Simón. Estava pálido. Nervoso. Sabia

que a fatura lhe ia sair muito cara.

—Vais assumir a tua culpa. Vais buscar todas as provas que confirmem a tua história e depois apresentas-te na sala privada de John e Andrew. Hoje. Por isso, sai já e começa a procurar —ordenou Matt com firmeza.

—Eu... lamento. Lamento muito —murmurou, antes de olhar arrependido para os colegas e sair da sala.

Victoria sentia-se muito mal. Era horrível querer chegar longe pisando ou prejudicando os outros. Mas o pior não era isso, ela estava convencida que Simón tinha muito talento... e tinha deitado por terra um futuro brilhante. Tinha a certeza de que o Matthew, se o encontrava pelo caminho, não o ia deixar respirar.

—Bem... Isto foi... —disse a Beatriz sem ocultar o espanto—. Nem posso acreditar...

—Não me devem todos um pedido de desculpas? —perguntou Claire ao pôr-se de pé—. Imagino que esta reunião ou inquisição já terminou.

—A reunião terminou —confirmou Matt, sem prestar atenção aos comentário da Claire.

—Sei reconhecer quando me engano —interrompeu Victoria a olhar para a loira com curvas sinuosas—. Desculpa ter-te acusado.

—Bem —disse a torcer o nariz—. Sou ambiciosa, mas não estúpida para fazer uma fraude ou gerar a desconfiança numa profissão que gosto. Quanto à queixa legal...

—Já chega, Claire! Continua por esse caminho e acredita que antes de terminar o dia, não só está despedido o Simón como tu também—disse-lhe o Matthew. Olhou para a sua equipa—: Eu soluciono este assunto. Podem sair. Desculpem se se sentiram ofendidos por esta situação.

—Não interessa, Matt. Nós entendemos —disse Beatrice.

—Está tudo bem —respondeu o Gary—. Compreende-se...

—Espero que fique tudo esclarecido com o Paul —disse a Wanda.

Claire olhou para todos por cima do ombro e foi a primeira a sair. Parecia que com este espinhoso tema do Simón, os planos dela para apresentar uma queixa contra Victoria pela bofetada ou qualquer outra coisa que lhe ocorresse estava descartada. O próximo passo seria pedir um aumento de 30% de salário. Se não o conseguisse ia à procura de uma nova agência. Ou abrir uma própria. Estava farta de não ser líder da própria equipa como merecia ser. E

como o Matthew encontrou um interesse sexual com muita influência na agência, ela não lhe ia implorar. Além disso, o russo que conheceu na festa de Harrington estava como um caramelo, e era mais que óbvio que ambos podiam dar-se bem nos âmbitos que lhe interessavam a ela.

Uma vez sozinhos, Matt encarou a Victoria.

—Nunca mais me voltes a desautorizar-me como acabaste de fazer aqui diante da minha equipa de trabalho.

—Aceito que estive fora de lugar.

—Essa é a tua desculpa?

—Entende como quiseses, Matt.

Ele não queria prolongar a discussão, por isso significava aumentar o fosso que existia entre os dois. Já tinha deixado claro o seu ponto de vista.

—Vou falar com John e Andrew. Telefono-te daqui a pouco, assim que o Simón encontre o que lhe pedi.

Victoria assentiu.

—E sobre o que aconteceu ontem...—começou Matt, mas ela calou-o com um subtil gesto da mão.

—Disse que já não me interessa —expressiu a olhar para ele—, e continuo a pensar assim. Fico à espera do teu mail ou da tua chamada para me reunir no escritório dos sócios mais tarde. —Dito isso afastou-se, com Matt atrás dela, mas sem vontade de seguir com o diálogo. Cada um foi para o seu gabinete.

Cabizbaixo, Simón entregou a cópia dos mails trocados com o Brian, que incluíam conversas breves mas reveladoras, como também uma declaração assinada do ocorrido. Disse que se sentia mal e que apesar de saber que podia ter um advogado, ele preferia resolver a situação directamente com os sócios. Aquele era um bom sintoma da emenda da conduta, segundo Andrew Spring, quem, com um tom severo, disse-lhe que era uma verdadeira decepção para a equipa.

Victoria limitou-se a ouvir as intervenções do pai, do Matthew e do Andrew. Uma pequenina parte no seu interior, sentiu pena pelo grave procedimento do seu agora ex-

assistente. Mas a parte prática e profissional estava de acordo com a sanção.

—Acho que perder este posto e o facto das grandes agências terem muitas dúvidas para te escolherem, serão um bom exemplo para ti —disse John—. Recolhe as tuas coisas. Reza para que possamos solucionar a situação, ou caso contrário enfrentas-te a um processo legal.

O coração do Simón saltou até às nuvens e o ar ficou preso nos pulmões. Meu Deus, se Spring & Marsden não conseguir recuperar a conta, os seus dias de liberdade estavam contados. Só pedia que desta vez, o universo não conspirasse contra ele. Estava realmente muito arrependido de ter sido tão estúpido.

—Sim, senhor... desculpe, lamento... a sério —murmurou o rapaz antes de abandonar o gabinete, implorando mentalmente para que o sócios conseguissem a conta de Paul Harrington.

—Victoria —disse Andrew. Desde que a filha do sócio era pequena que lhe tinha carinho. Lamentava que o filho tivesse preferido dedicar-se ao ramo hoteleiro, em vez da publicidade—. Em nenhum momento o viste atuar de forma estranha?

Ela negou.

—Trabalhávamos em conjunto. A verdade é que me deixou totalmente surpreendida.

—Temos de analisar a nossa política com os estagiários —sugiriu Andrew, e John assentiu—. Antes de vir à reunião telefonei ao Paul. É um bom amigo da família, apesar de nunca termos feitos negócios juntos. Expliquei-lhe brevemente a situação, tal como tu nos contaste Matthew. —O aludido assentiu—. Disse-me que bastava com que encontrássemos uma única prova de que o Brian esteve envolvido nesta situação e podia reconsiderar a decisão de ter dado a conta a Butler & Partners.

—Isso seria fantástico —disse John.

—Se seria —interveio Victoria aliviada. Em nenhum momento olhou para o Matt. Ele percebeu isso, mas estavam numa reunião de trabalho e não tinha sentido lançar olhares admonitórios ou mensagens cifradas levantando as sobrancelhas ou desafiando com olhares.

—Matthew, gostava que falasses pessoalmente com o Paul e que negocies —pediu Andrew.

—Conta com isso —respondeu Matt, aliviado. Isso significava que se o Paul lhes dava a conta conseguiria a promoção?

John pareceu ler-lhe o pensamento.

—Se nos trazes a boa notícia de que temos este cliente na nossa carteira, já sabes qual é a tua recompensa.

—Absolutamente —respondeu com um sorriso resplandecente. «Afinal nem tudo tinha ido ao garete. Ia ser sócio de Spring & Marsden.» Era uma sensação agri-doce, devido à situação com a Victoria.

—Qual é a recompensa? —perguntou Victoria.

John sorriu.

—Será sócio da empresa.

—Boa... —expressiu ela. Desta vez olhou para o Matthew—: Agora já entendo a tua absoluta dedicação a esta conta. Parabéns.

Assentiu bruscamente com a cabeça.

—Obrigada.

Andrew pôs-se de pé.

—Senhores, menina, retiro-me. Tenho de fazer a mala para a viagem a Chicago —disse antes de sair da pequena, mas ostentosa sala de reuniões que partilhavam os dois sócios.

Matthew levantou-se ao mesmo tempo do que a Victoria.

—Matt, fica. Quero conversar contigo sobre uma coisa —pediu John.

—Vejo que estou a mais —disse a Victoria—. Vou tomar um pouco de ar fresco. Foi um dia demasiado complicado.

—Nunca estás a mais, filha —respondeu John, enquanto o Matt se voltou a sentar—. Sair do escritório vai fazer-te bem.

Quando a viu afastar-se, John suspirou. Ao longo dos anos que trabalhava na empresa tinha conhecido diversos tipos de empregados. O caso de Simón dava-lhe pena. Uma má decisão terminou com o seu futuro numa empresa importante. Uma empresa que por mês recebe mais de dois mil CV para estágios. O rapaz optou pelo caminho mais fácil e pior. Prejudicar os outros para obter um lucro.

—Imagino que estejas decepcionado porque escolhi um mau candidato —disse Matt.

—Tu estavas aferrado à ideia da promoção e perdeste de vista um elemento importante. A escolha de Simón como estagiário foi boa. Infelizmente não podemos prever o

comportamento das pessoas. A ideia que o Andrew teve de reforçar as nossas políticas de contratação de estagiários é acertada, e vai servir-nos para melhorar, mas não ajuda para saber a 100% como se vai comportar quem escolhemos para fazer parte da equipa, mesmo que passem nos testes psicológicos que todas as empresas realizam. —Matt assentiu—. Por outro lado, talvez, no caso específico deste rapaz, devias ter-lhe dedicado a mesma atenção que dás aos que têm mais experiência. Não só como forma de controlo, porque sei que és muito exigente, mas para entender as expectativas dele. Bem sabes que o talento, o bom, não se encontra com facilidade, e São Francisco é a cidade mais competitiva de todas.

—Tens razão. Devia estar mais em cima nesse sentido. Aprendemos uma lição todos os dias. Já tenho a minha.

—Mas que fique claro que a culpa não foi de ninguém, só do Simón. Harrington é um bom empresário e verá quem merece a conta. Tenho pena que isto tenha acontecido, mas sei que não perdemos dinheiro, e tu encarregaste-te disso. Convince o Paul. Esse é o teu trabalho.

—Entendo perfeitamente —respondeu determinado.

John agarrou no copo de água e começou a beber. A mão tremeu ligeiramente. Quase imperceptível, mas Matt notou.

—A Victoria sabe disso? —perguntou John, quando terminou de beber.

—Não lhe disse que tens Parkinson, se é que pensas isso...

O chefe de Matt negou.

—Não me referia a isso. Já lhe falei da minha doença há vários dias. Imagino que com o carácter obstinado que a minha filha tem, igual ao da mãe, vou estar muito vigiado.

—Tu gostas da ideia, tiveste imensas saudades dela nos meses que estive distanciada de ti, e saber que a tens ao teu lado de novo alivia-te um pouco a culpa do passado, não é?

John deixou escapar uma lufada de ar.

—Ela contou-te porque nos distanciámos durante quase um ano?

—Sim, contou.

—Estou a ver... Voltaram a ser amigos como antes, não?

—Algo do género —disse, cauteloso. Naquele momento não estava a falar com o chefe, mas sim com um amigo e também pai da Victoria—. Querias que eu ficasse aqui para esta conversa? Queres perguntar-me algo directamente? Sabes que podes fazê-lo, John.

O empresário entrelaçou os dedos e apoiou os cotovelos em cima da mesa de mogno. Inclinou-se para a frente, ligeiramente.

—Sempre soube que entre vocês existe um tipo de... vamos chamar-lhe química. Acho que és tão obstinado como ela e mutuamente levam-se ao limite. —Matt sentou-se melhor, incómodo. Era estranho falar com o John sobre isso—. Não é necessário ser um génio para se dar conta que tu e ela estão muito chateados. Quero saber porquê.

—Perguntas-me isso como chefe ou como amigo?

—Oh, Matthew, não me venhas com jogos de perguntas parvas. O que se está a passar contigo e com a minha filha?

O bonito publicitário de olhos verdes passou a mão pelo cabelo. Que conversa mais embaraçosa.

—Acho que não te deve interessar o contexto. Quanto à tua última pergunta, só te respondo porque te devo muito. Ela e eu temos uma relação —disse parco em palavras. Amantes ou namorados, qualquer dos dois vínculos com Victoria significavam uma relação. Omitiu comentar que ela já tinha dado a relação por terminada, e claro, não mencionou que era por culpa dele, não da Victoria.

—Imagino que a hostilidade é...

—Um mal entendido —interrompeu Matt, cada segundo mais aborrecido. Odiava os interrogatórios, mas agora era com o John. A pessoa que para além de lhe ter aberto o caminho no mundo profissional, também lhe tinha aberto as portas de casa, onde conheceu a mulher que amava. Uma mulher bastante obcecada, mas alguém era perfeito?

—A conta Harrington —deduziu John.

Matt assentiu.

—Ouve, filho, Victoria passou por uns meses muito maus antes de vir trabalhar para aqui. Não te vou perguntar o que sentes por ela, porque sempre o soube. Sei que a amas. Já sou velho, mas tenho os olhos bem abertos —comentou com convicção. Matt limitou-se a ouvir—. Sabes uma coisa? Até quando me apresentaste a Rosalyn, há anos, soube que estavas a cometer um erro. Não. Não me interrompas. Não estou a criticar as tuas decisões, não tenho direito para isso, só te estou a dizer o meu ponto de vista... desde fora. —Matt resignou-se a ficar calado—. O Devon é filho de um dos meus melhores amigos, mas nunca acreditei que ela pudesse ser feliz com ele. Não te dás conta, Matt? Entre a minha filha e tu há uma ligação que pertence a

esses amores únicos na vida —expressou com nostalgia. Depois pareceu recuperar da lembrança e olhou duramente nos olhos do ex-aluno—: Se a magoas vais conhecer um lado meu que nunca te mostrei. —Sorriu. Como se apenas tivesse dito que o céu é azul e a água do mar salgada.

—Bem... eu estava a ficar sentimental —respondeu sarcástico—. Sabes que te tenho muitíssimo apreço, mas não penso discutir este tema contigo.

John sabia quando estar a passar dos limites. Deu uma volta ao rumo das opiniões, mas não deixou de falar da filha.

—Adaptou-se bem à tua equipa? Não é que tenha dúvidas, mas a opinião de um pai orgulhoso é sempre nublada.

—É uma profissional de primeira.

John sorriu.

—Eu sabia que não podia ser de outra maneira. Sei que nunca me darias uma opinião falsa ou comprometida —disse sorridente. Matt correspondeu ao gesto—. Suspeita de alguma coisa sobre a contratação?

—Não, nada. E a verdade é que acho que não vai gostar de saber que o pai telefonou para pedir que a pusessem na empresa com um processo de seleção inexistente e um telefonema “casual” depois de tantos anos sem nos vermos. Não. Eu disse-te que não lhe contava e pretendo manter a promessa.

Victoria com a mão na maçaneta da porta, que estava entreaberta, ficou em choque ao ouvir isso. Tinha ido comprar um café e ao voltar ao escritório lembrou-se que tinha de pedir uma autorização ao pai para contratar outro estagiário. Era optimista. Sabia que Paul, ao saber da verdade, lhes ia dar a conta. Agora havia muita coisa para fazer.

Não teve intenção de ouvir atrás da porta, minutos antes com a pressa para sair tinha-a deixado entreaberta. Ao aproximar-se, ouviu o pai perguntar ao Matt como era o seu trabalho e não se conseguiu afastar. Como é que o Matt e o pai tinham chegado a este ponto da conversa?

Nunca pensou ouvir que só estava na Spring & Marsden porque o pai tinha pedido ao Matt que a metesse na sua equipa e não conseguia tirar da cabeça que ele era capaz de qualquer coisa para obter aquela maldita conta Harrington. Qualquer coisa como mentir-lhe. Ele que se gabava de ser honesto e directo. Podia desculpar o pai, porque também não tinha vontade de se chatear com ele, mas o Matt... A zanga do dia anterior não se comparava em absoluto com o

sentimento de traição que sentia nesse momento. Ele sabia como era importante para ela valer-se de méritos próprios. Depois do que tinham vivido nas últimas semanas, Matthew foi incapaz de ser sincero num aspecto que era importante para ela. Entendia que não fizesse promessas, nem compromissos, mas teria agradecido o mínimo de consideração mais que não fosse pelos anos que se conheciam.

—Olha, já não tens de te preocupar-te com a tua consciência nem mais um segundo, porque agora já sei —disse Victoria com um tom gelado ao abrir completamente a porta, surpreendendo os dois—. Da próxima vez, certifico-me de fechar bem as portas. Ainda que, espera... Como é que podia saber que vocês os dois me têm estado a mentir ao mesmo tempo que eu faço o ridículo ao apregoar aos quatro ventos que estou aqui por méritos próprios e não porque o meu pai é sócio desta agência publicitária?

John pôs-se de pé, tal como o Matthew. Ambos se aproximaram dela a falar ao mesmo tempo. As expressões dos dois eram de angústia e arrependimento.

—Poupa todas as palavras que quiserem sair dessa boca mentirosa que tens, Matthew Talley. Olha, explica-me. Porque me escondeste a verdade durante todo este tempo? —perguntou furiosa e com a voz agitada—. Porque me escondeste isso quando sabias o importante que era para mim valer-me pelos meus próprios esforços? Porquê? —gritou.

Matthew abriu a boca para responder, mas John adiantou-se.

—Filha, pensei que era o melhor para ti. Não te queria ver angustiada, sem emprego, triste pelo Devon. A culpa não é do Matt, fui eu quem lhe pedi que te telefonasse... —explicou com suavidade, enquanto se aproximava dela—. Sou chefe dele, não tinha como me recusar o favor.

Victoria negou com a cabeça. Os cabelos agitaram-se levemente.

—Não estou zangada contigo, pai. Afinal, acho que tentavas fazer o melhor para mim. E por favor, não o justifiques a ele. Sempre que o Matthew te quis desafiar publicamente, fê-lo. Foi sempre assim desde que o conheço. Por isso, imagino que isto tem muito a ver com a sua ambição profissional. —Virou-se para o Matt—: Suponho que a ideia era não contrariar o chefe e seguir com o jogo até obter a conta. E quando soubeste que me oponho ferreamente a aceitar favores que me beneficiam por ser filha ou amiga de alguém, não te importou. Porque para ti, mais uma vez, só contas tu e tu, não é? O que achavas? Pensavas despedir-me quando conseguisses a conta? Ascender a Claire, talvez?

—Não, não pensava despedir-te. Eu gosto do teu trabalho. Isso não é uma mentira — respondeu Matt—. E não digas que não me importou, porque...

—Vamos! —disse ao sorrir com cinismo—. Hoje vais falar com o Paul. Ele vai ler a declaração assinada pelo Simón a assumir a culpa, os mails e *voilà!* A conta é tua. O posto de sócio também é teu, conseguiste a tua maior ambição profissional

—Victoria, acho que é melhor que falemos noutro lugar... —disse Matt ao tentar manter a serenidade. Não tinha outra saída. Estava tudo acabado com ela. Deus, como lhe doia essa ideia—. Por favor?

John olhou para um e para outro.

—Será melhor que falem sobre isto quando estejam os dois mais calmos —sugiriu John.

Victoria ignorou o pai. Sentia que o coração se partia aos bocadinhos. Definitivamente, o que tinha com o Matt não tinha nem pés nem cabeça. Ele não tinha respeito pelos valores dela e tinha mentido. Não conseguia aguentar isso.

—Sabes o que fizeste, Matthew? —perguntou com tom de dor.

Não era preciso que lhe dissesse que tinha destruído qualquer possibilidade de algo entre eles. Romântica ou sexual. Ele não se considerava um homem que deixava de lutar pelo que queria, mas nesse momento dizer que a amava seria o mesmo que lançar um diamante ao mar. Ia perder-se na imensidão; ia cair no esquecimento. «Em que momento se começaram as coisas a torcer?», perguntou para si mesmo, frustrado, olhando para ela com uma mistura de emoções nos olhos.

—Eu sei. —«Perdi-te.» A frase que ficou a boiar no imaginário. Um imaginário que a Victoria compreendia na perfeição.

Ela apertou os punhos. Não havia nada pior do que a dor da traição.

—Ainda bem, então. Depois passo pelo teu gabinete a deixar a carta de demissão.

—Não o faças — quando ela pretendia sair da sala, Matt deteve-a. Ela olhou para a mão que tantas vezes a tinha acariciado com paixão e doçura. Uma mão que já não queria que a tocasse—. Tu és capaz de separar uma coisa da outra. Mereces estar nesta agência. Não é por seres uma Marsden, mas porque o teu trabalho é impecável. —Largou-a.

—Gosto de trabalhar num ambiente honesto, principalmente a nível profissional. Pensei que por sermos amigos isso significava mais respeito e seria uma mais valia no trabalho.

Cometi um enorme erro de discernimento contigo. Em todos os sentidos. —Ele apertou os punhos e sentiu como se lhe estivessem a drenar o sangue nas veias—. Mentiste-me num tema fundamental para mim... —suspirou cansada—, eu não quero nem posso continuar a ter-te como chefe. Vou enviar formalmente a minha carta de demissão à empresa.

—Será uma grande perda para a empresa —disse. Não ia argumentar dizendo-lhe que era a herança dela, e que mais cedo do que tarde teria que pensar em voltar. Isso só ia aumentar o rancor que ela lhe tinha.

Em resposta, Victoria encolheu os ombros. Se continuasse atenta ao olhar do Matt carregado de arrependimento, corria o risco de o perdoar. E não queria perdoá-lo. Já tinha sido demasiado estúpida com ele. Duas vezes. Não era possível que o Matthew tivesse dado cabo de todos os sistemas de raciocínio dela. Que chatice!

Olhou para o pai.

—Depois de tudo entendo a natureza protectora dos pais, embora agora me sinta decepcionada, não vou voltar a afastar-me de ti como antes. —John respirou, aliviado—. Vou procurar outro emprego. Não te preocupes comigo, e por favor, pede que enviem o meu último cheque à minha conta de Wells Fargo. —John assentiu, resignado—. Até breve.

Matthew ficou a olhar para a porta com um desgosto calcinante, mesmo quando ela já tinha saído da sala.

—Lamento, rapaz, nunca pensei...—disse John segundos depois—. Lamento —insistiu, pesaroso.

—Acho que tarde ou cedo tudo vem ao de cima —disse a esboçar um sorriso que não chegou a ser completo—. Sei que o Paul nos vai dar a conta. Vou combinar um encontro com ele —encolheu os ombros—, afinal consegui o que queria.

John olhou para ele com tristeza.

—É isso, Matt?

Matthew não respondeu. Não era necessário. Ambos sabiam a resposta.

CAPÍTULO 16

Três semanas se passaram desde a demissão da Victoria. Três semanas em que Matt a tentou ver, mas ela não respondeu aos telefonemas nem às mensagens, e nas duas ocasiões em que se apresentou na casa dela, Chloe, com um sorriso de desculpa disse que a amiga estava ocupada e não o podia atender. Frustrado, descarregou toda a impotência no escritório. Os membros da equipa praticamente fugiam dele, salvo quando tinham uma reunião obrigatória.

Uma tarde, Claire foi ao gabinete dele para se queixar de que o departamento de desenho não prestava atenção aos pormenores de correção que ela pedia e que lhe parecia justo que ele os multasse.

—Sabes o que me parece mais justo? —perguntou. Na noite anterior não tinha dormido. Embora isso já se estivesse a tornar num hábito. As extenuantes jornadas de treino que fazia no Temple Ki não conseguiam fazer com que o seu cérebro deixasse de pensar e pensar. Ter a conta Harrington e todo o processo que exigia começar a pôr em funcionamento o plano, também não dava a satisfação que tinha esperado. Gary comentou-lhe que Brian Lewis dependia do comité de Butler & Partners. Isto aconteceu quando Paul se queixou do tempo que o tinham feito perder mudando de uma agência para outra, e também pela falta de profissionalismo do Brian. Por isso, o mais provável é que despedissem aquele imbecil. Sim. Isso satisfazia a necessidade de justiça que sentia.

—Diz —sorriu Claire, inclinando a cabeça com uma pose angelical. Como se ele não conhecesse os aborrecidos truques dela.

—Despedir-te. Neste momento acaba o teu contrato com Spring & Marsden.

O rosto afável da mulher converteu-se numa expressão ácida e furiosa.

—Não podes fazer isso! —gritou com raiva. Há anos que dava o melhor do seu talento à empresa e Matt despedia-a—. Sou uma das tuas melhores colaboradoras!

—Pretérito perfeito, Claire. *Eras*. —Telefonou para para o departamento de recursos humanos a informar que a Claire deixava de trabalhar para Spring & Marsden devido ao seu comportamento hostil e pediu que telefonassem aos advogados. Dito isto, voltou-se para a loira e disse-lhe—: Devia ter feito isto há mais tempo. A equipa está cansada das tuas exigências

sem sentido e da forma desdenhosa como os trata. Ninguém é indispensável. Nem sequer uma executiva de contas com talento nos ramos da economia e marketing. Se quiseses podes queixar-te de como atuas com o Andrew, mas agora eu também sou sócio. E não preciso de autorização para te despedir.

—Essa mulher deu-te cabo da cabeça —disse a referir-se a Victoria—. Desde que se foi embora que estás irascível. Os meus advogados vão exprimir até ao último centavo com a queixa que vos vou apresentar por despedimento improcedente intempestivo!

—Faz o que quiseses, mas sai do meu gabinete. —Não era novidade para ninguém, que desde que a Victoria abandonou a empresa, ele parecia um jaguar enjaulado. Mas chateou-o que a Claire se referisse à relação dele com a Victoria.

—Idiota.

—F-o-r-a —expressou com lendidão.

Claire saiu batendo com a porta.

Com um suspiro cansado, Matt tocou nos cabelos. Claire era eficiente, mas a energia dela era tóxica. Era um grande alívio saber que ela já não ia dar volta às coisas ou maltratar os outros com comentários pretenciosos. Há mais tempo que a devia ter despedido.

Victoria tinha decidido dar-se dois meses de férias. O dinheiro que ganhou na empresa do pai e o cheque da liquidação permitiram-lhe pagar a renda à Chloe e também todas as pequenas dívidas que tinha. Financeiramente era mais livre do que nunca.

Nas três semanas que se passaram desde que saiu de Spring & Marsden, dedicou-se a percorrer os mercados da cidade, assistir a conferências de qualquer coisa que não tivessem a ver com a sua profissão, sair ao fim de semana com a Chloe e amigos, e também fez um esforço descomunal para não responder às mensagens do Matthew. O som dessa voz profunda e grave, enquanto ele falava com a Chloe a ver se ela o deixava entrar, quase que acabou com a determinação que tinha de o ignorar nas duas vezes que se apresentou em casa. Sentia falta dele, mas estava muito zangada, porque para ela tinha sido uma traição à sua confiança. Odiava que ele lhe tivesse ocultado a natureza da sua contratação na empresa.

A ideia da Chloe para saírem mais vezes pareceu-lhe muito boa. A amiga apresentava-lhe homens, ou estes aproximavam-se dela nos bares. Mas quando as coisas se punham mais

“sérias”, e eles tentavam beijá-la, Victoria afastava-os. A possibilidade de que outro a beijasse ou tocasse parecia pouco digerível. Por isso, terminava a noite com imensas dores nos pés de tanto dançar, saía da pista descontraída das suas frutuações, mas o coração maltratado continuava no mesmo estado: sem salvação.

—Pronta? —perguntou Chloe, aproximando-se do espelho para confirmar o seu aspecto. Nessa noite também iam sair.

Victoria alisou o vestido curto azul com as mãos. Tinha um corte em A e era *strapless*. O decote dava a ilusão de que de um momento para o outro os seios podiam ficar à vista. Era um estilo arriscado, que de algum modo tentava mostrar a vontade de se sentir despreocupada. Levava o cabelo solto, com o alisador tinha domado as ondas. O risco preto do delineador, para dar aos olhos uma forma amendoada, criava um efeito impactante nos olhos azuis. Os saltos altos davam vertigens. Nessa noite sentia-se ousada. Não queria saber do que dissesse a sua consciência ou o seu estúpido coração, se conhecesse alguém nesse bar que lhe parecesse giro, ia beijá-lo, pensava beijá-lo e se acontecesse mais alguma coisa, então...

—Olá? A Tori está na terra ou no planeta Talley? —perguntou a Chloe ao cruzar os braços com um sorriso burlão.

—Muito engraçada —disse com um olhar severo—. Vamos embora. —Começou a beijar as escadas com a amiga atrás. Quando chegaram ao patamar, Chloe tocou-lhe no ombro e a Victoria virou-se—. Sim?

—Por favor, se um homem giro se meter contigo não lhe comeces a contar a história do chefe que não sabe respeitar os princípios dos seus colaboradores e que se considera um presente dos céus, e depois soltares que tens namorado e que por essa razão não o podes beijar ou ir para casa com ele, terminando a noite a queixar-te do Matt. Este é o terceiro sábado que saímos. Tenta, OK?

Victoria soprou de maneira pouco elegante.

—Eu não...

—Por favor? —insistiu num tom que não admitia resposta—. Pelo menos beija. Não te estou a dizeres que vás para a cama com o primeiro homem giro que vejas como justificação para não queres saber do Matt nem ouvir as tentativas dele para explicar o seu ponto de vista. Faz um favor a ti mesma e beija alguém. Fá-lo por despeito, por prazer ou pelo que tu quiseses, mas não podes continuar a pensar que se não é com o Matthew não é com ninguém, e ao

mesmo tempo não o queres ver. Não achas que isso é uma contradição ridícula?

Victoria assentiu.

—Um beijo...

—OK. Agora apressa-te que o táxi está ali fora à nossa espera.

No bar ouvia-se a música de Calvin Harris. Os corpos moviam-se ao ritmo de *Feel so close*. O sítio era exclusivo e tinha uma decoração estrambólica, com cores berrantes e os goles rodavam como água da fonte. A maior parte dos clientes faziam parte do círculo de Chloe: artistas, investidores ou amantes da arte em geral. Victoria tinha aprendido a apreciar o lado excêntrico da amiga e a paixão pela pintura; não podia negar que a Chloe conhecia os melhores sítios para se divertirem.

Enquanto Chloe dançava com o Brandon, ao parecer o homem estava a somar pontos, Victoria entretinha-se com um moreno giríssimo. Jordi Ballester. Um espanhol, que entre um gole e outro, contava-lhe que estava de férias em São Francisco, mas como *freelance* da área cultural de um famoso diário com sede em Madrid, aproveitava para conhecer as tendências das pessoas desta cidade. O homem valia um vinte. Alto, com uma barba muito sexy, o cabelo penteado para trás, olhos pretos e umas sobrancelhas que lhe davam um aspecto de *bad boy*. Mas o que dava cabo dela era o sotaque. Cada vez que ele dizia o nome dela sentia uma vontade louca de o beijar. Ou isso já tinha a ver com a quantidade de álcool que levava dentro? Oito tequilas e três coquetéis? Ou seriam 13 tequilas...? Já devia ter aprendido a lição. O álcool e ela eram amigos há muito tempo, mas com resultados pouco idóneos.

—Vieste sozinha? —perguntou Jordi, enquanto a agarrava pelas ancas e ela se mexia ao ritmo da música.

—Com a minha melhor amiga —respondeu e apontou para a Chloe que se ria com o Brandon a poucos passos de onde eles estavam a dançar.

Time of my life dos Black Eyed Peas ainda animou mais o ambiente com o seu ritmo contagiante, numa mistura de luzes e corpos a roçarem-se dispostos à diversão. Sorrisos, toques discretos, e outros descarados, eram a fórmula da noite. Todos se queriam divertir.

Jordi aproximou-a dele pelas ancas até que ficaram com os rostos quase pegados. Abrandaram o ritmo dos movimentos. Com a respiração agitada, Victoria olhou para ele, e o espanhol sorriu. Começou a inclinar-se, mas antes de chegar à boca dela, Victoria sentiu vontade de vomitar. Ele pareceu dar-se conta disso e afastou-se como se lhe tivessem posto

repelente.

—Acho que bebeste demasiado, *guapa* —disse com cuidado.

Ela pôs a mão na boca e sem dizer nada foi ter com a Chloe. A amiga primeiro fez má cara, mas logo a seguir, ao ver a cara de desgosto da Victoria, levou-a de rastos até à saída. Jordi e Brandon foram atrás delas.

O ar da noite bateu no rosto da Victoria. Sentou-se num banco e fechou os olhos. Pouco a pouco a vontade de vomitar terminou e teve um ataque de riso.

—Victoria —disse Jordi com as mãos nos bolsos. Hoje ele tinha todas as intenções de sair com alguém, e se esta beleza não podia ir para a cama com ele, tendo em conta que era a uma da manhã, ainda teria tempo para encontrar outra—. É melhor que te deixe aqui com os teus amigos. Eu... —encolheu os ombros—, prazer em conhecer-te.

Tori lembrou-se de uma das poucas palavras que aprendeu na viagem que fez a Barcelona.

—*Capullo* —gritou quando o viu desaparecer pela porta.

—Victoria Marsden! —disse Chloe morta de riso—. O que lhe chamaste?

—Não sei, acho que é uma palavra que significa imbecil... ou algo pior —sorriu com os olhos fechados e com a cabeça ainda para trás. Deus, andava tudo as voltas. Era patética. Tinha estado a ponto de beijar esse bonitão, e o que tinha acontecido? Foi sabotada pelo próprio corpo.

Brandon disse à Chloe que ia para o carro.

Quando ficaram sozinhas, a pintora sentou-se ao lado da Victoria.

—Olha —disse suavemente—. Porque bebeste tanto? A ideia não era que morresses afogada em álcool. Só uns goles como noutras ocasiões. Um sábado divertido. Amanhã, com a ressaca, vais dizer mal ao mundo.

Por fim, a Victoria abriu os olhos. Com os braços no colo suspirou, antes de girar lentamente a cabeça, para não se sentir tonta.

—Matthew... —sussurrou e os olhos encheram-se de lágrimas.

—Ele quis falar contigo, amiga. Não podes continuar a fazer isto a ti mesma. Porque não falas com ele?

—Porque duvidou de mim, porque não me ama e porque me mentiu —respondeu com

alguma dificuldade em pronunciar as palavras—. Matt sabia que para mim era importante não depender do meu pai. Não depender de ninguém—disse a ferver.

Chloe deu-lhe uma pastilha, que Victoria meteu na boca.

—Eu acho que ele te ama. Os olhos de cordeiro mal morto que tinha, enquanto me pedia o favor de o deixar entrar para falar contigo, deram-me outra ideia.

—É um manipuladorrr!

—Vá lá, aceita falar com ele.

—É obstinaaaaado.

—Como tu.

—Massss eu amo-o! —gritou. O som da música, sufocada pela porta do bar, chegava até elas. Esta zona era muito concorrida, ninguém reparava num bêbedo a mais ou a menos. Cada um vivia a sua vida.

—Então, faz alguma coisa.

—Nãoooo! —voltou a gritar e começou a rir-se e, depois, a chorar.

—Da próxima vez, lembra-me que és uma bêbeda gritona —disse Chloe a rir-se. Olhou para a esquerda, o Brandon vinha aí. Voltou a prestar atenção na Victoria—. Olha, aí vem...— Não fazia sentido continuar a falar, ela estava a dormir.

Chloe levantou-se e tomou uma decisão. Estava cansada de ver a Tori desolada, enquanto aparentava estar bem e numa zona de conforto sem dor. Tirou-lhe a mala e remexeu no interior. «Ainda bem que não tem *password* no iPhone», pensou quando encontrou a lista de chamadas. Fez sinal ao Brandon para que se sentasse ao seu lado, enquanto ela fazia um telefonema.

Vinte minutos depois, à frente deles apareceu um elegante Cadillac Escalade. Matthew saiu do carro e cumprimentou a Chloe e o Brandon.

—O que se passou? —perguntou a olhar para a Victoria, que dormia placidamente no ombro da Chloe. Apesar da posição da Tori ser pouco elegante, não pôde deixar de notar nas esbeltas pernas com saltos altos. Desde quando usava saltos tão altos?, perguntou a si mesmo. Reparou no decote do vestido. O telefonema da Chloe tirou-o da cama. Disse um palavrão, despiu o casaco que tinha vestido à pressa e tapou a Victoria. Ela nem se mexeu.

Chloe sorriu.

—Digamos que se estava a divertir e se esqueceu do efeito que causa a tequila ou o que quer que seja que esteve a beber. É melhor que tomes tu conta dela.

—Veio com quem? —perguntou num tom que não deixava dúvidas de que a ideia de que a Victoria tivesse estado com outro homem agradava-lhe tanto como lançar-se nu ao Ártico.

—Comigo e com o Brandon. Só dançou... —encolheu os ombros— e coqueteou um pouco. Tu conhece-la, sabes que não costuma sair com outros se tem namorado —comentou a piscar o olho ao ver a cara de surpresa do publicitário.

—Namorado, claro —disse Mat ao pensar que isso era tudo o que Victoria não lhe chamava—. Obrigado por me teres telefonado.

—De nada. Leva-a para a tua casa, porque, bem —olhou para o Brandon—, eu tenho de fazer umas coisas. Faz com que a bronca que vou ouvir da Victoria por te ter telefonado valha a pena —disse Chloe, antes de dar o braço ao Brandon.

Matthew agarrou a Victoria ao colo. Ela não acordou, nem quando a pôs no assento do co-piloto, nem quando lhe pôs o cinto de segurança. Bêbeda, zangada, doce, sexy ou a trabalhar, ela só tinha de mexer um dedo para tê-lo aos seus pés. «Ainda bem que não sabia o efeito que tinha nele. Pelo menos, até agora.» Se os amigos dele soubessem até que ponto tinha mudado de ideias sobre promessas e compromissos, seria motivo de piada durante algum tempo.

Conduziu em silêncio, em cada semáforo assegurava-se que a Victoria estivesse bem e que o cinto de segurança não a incomodava. Embora no estado dela tudo lhe fosse indiferente, para ele não.

Victoria não era parva. Sabia quem era a pessoa que tinha ao lado e quem a tinha levado ao colo, mas temia abrir os olhos e voltar a sentir vontade de vomitar. Só não entendia em que momento a amiga tinha telefonado ao Matthew. Embora a cabeça andasse às voltas e tivesse o estômago revoltado, os neurónios funcionavam muito bem e sabia que o Matt não as ia encontrar, a menos que alguém lhe dissesse onde estavam, e ela, obviamente, não tinha sido. Mais tarde ajustava contas com a Chloe.

Deixou que o Matt a levasse ao colo até o elevador. Sentir-se tão perto dele confortava-a, e como em teoria tinha bebido demais, podia convercer-se a ela mesma de que o facto de não reclamar ou pedir que a pusesse no chão era porque lhe doíam os pés. Quando entraram na

penthouse, Matthew deitou-a no sofá e foi até à cozinha. Ela sentiu-se tão confortável, que tentar estar alerta se tornou num objetivo a esquecer.

—Tori, bebe um bocadinho de café —disse Matt suavemente a tentar animá-la. Moveu com a mão livre o ombro nu. Depois, tocou-lhe na face; era tão suave...—. Anda lá, abre os olhos.

A verdade é que a Victoria morria de vontade de tomar um café. Pouco a pouco abriu os olhos. Meu Deus, será que este homem não podia ser um pouco mais feio? O coração deu um salto olímpico e aterrou na situação precária em que ela se encontrava. Entrar em contacto com o olhar verde, cauteloso e preocupado foi como ligar-se à única fonte de calor que lhe podia aquecer todo o corpo.

—Olá...

—Olá Tori —sussurrou, agachado ao lado dela. O vestido azul estava subido mais do que o normal. Tentava não se fixar nas deliciosas pernas—. Gostas de sair aos fins de semana, humm? —perguntou sem se conter.

—Por causa de ti não beijei ao giraço do essspanholll —disse e depois riu-se.

Matthew pôs-se sério.

—Victoria, entendo que tenhas bebido muito, mas não me dá graça nenhuma saber que andaste a coquetear por aí.

—Não sou propriedade tua...

Ele decidiu não continuar com o assunto. Era inútil discutir com ela naquele estado, ao menos estava descansado que não tinha que ir atrás de nenhum imbecil para lhe partir a cara.

—Queres beber café?

—Obrigado. —Levantou-se devagar. Porque seria que tudo dava voltas como se estivessem na curva de uma montanha russa? —. Acho que perdi a conta...— Essa voz horrível que sussurava e prolongava as palavras era sua? —. Do... do que bebi.

Matthew sorriu.

—Nota-se. Toma, bebe —disse ao levar-se a chávena aos lábios. Ela obedeceu.

Entre ambos instalou-se um silêncio confortável.

—Matt? —disse quando terminou o café. Ele pôs a chávena no centro da mesa. Afastou-lhe o cabelo da cara com suavidade e depois tirou-lhe os sapatos.

—Não devias ter ido ter comigo, estava a divertir-me bastante...

«Sim, claro.» A possibilidade de ela ter estado a coquetear com outros já o chateava bastante e punha-o ciumento. Estava em dívida com a amiga de Victoria, por ela ter telefonado.

—Preocupou-me que te tivesse acontecido alguma coisa. Como daquela vez no bar mexicano.

Ela encolheu os ombros.

—Chloe e Brandon chatearam-se, sabias? Mas hoje já estão bem... é isso... foi hoje — disse como se fosse importante.

—Ainda bem por eles.

—Matt? Acho... Oh, não... — pôs a mão na boca e meio cambaleante dirigiu-se à casa de banho do primeiro quarto que encontrou. À do Matthew.

Para uma vergonha ainda maior, Matt apanhou-lhe o cabelo enquanto ela deixava esta vida e a próxima na sanita. Ele, com paciência, passou-lhe uma toalha húmida para ela limpar a boca.

—Maldição... — sussurrou Tori, enquanto se inclinava no lavatório para molhar o rosto com água fria. Ele passou-lhe uma escova dos dentes nova. Victoria lavou bem os dentes e usou um enxaguante bucal. Sentia-se um bocadinho melhor, mas a cabeça continuava a andar às voltas. Ou era o mundo que andava às volta e ela estava quieta? «Não bebo mais tequila.» Depois lembrou-se porque se tinha embebedado. Matt. O culpado era ele. Nem sequer pôde beijar o... Juan? Jorge? «Que raio!.» Até a memória lhe faltava. O Matt também era culpado disso. Olhou para ele furiosa. Passava-se alguma coisa nos seus olhos, porque estavam embaçados. Ele não ia começar a chorar, pois não? Era só o que faltava! Parecia tão triste...

—Do que é que tens vontade? — ouviu o Matt a perguntar-lhe.

Ela deixou a um lado a toalha que ele lhe deu para limpar o rosto. Olhou para ele.

—De odiar-te — respondeu-lhe. Quando sentiu que as lágrimas iam começar a descer pela cara, limpou-as com um movimento rápido. Olhou para ele com rancor—: Como pudeste duvidar de mim? Porque me mentiste? Porquê?

Matthew apertou os lábios ao sentir-se culpado.

—Não, meu amor, não chores — pediu-lhe ao aproximar-se, mas ela afastou-se e dirigiu-

se até ao centro do quarto. Abraçou-se a ela mesmo, rodeando a cintura.

—Não sou o teu amor!

—Victoria... Tori... desculpa. Desculpa-me, a sério. Acho que me engano sempre contigo...

—Porque éssss um idiota —respondeu. Mas ela não sabe dizer a letra “s”?

—Parece que sim. A verdade é que quando te vi com o Brian tudo pareceu fazer tanto sentido que não consegui evitar...

—O quê? Disse-te que ele era meu amigo! Bom, ex-amigo agora. Uma pessoa desprezível, mas não partilharia nada com outro homem que não fosses tu. Nem sequer pude beijar o... —fez um gesto com a cabeça—, já nem me lembro.

Ele ficou a olhar para ela. Parecia tão vulnerável no meio do seu quarto... e muito chateada.

—Não partilharias nada com outro homem que não fosse eu, dizes... e isso porquê? —atreveu-se a perguntar com o pulso acelerado.

—Porque sou uma idiota... —expressou com cansaço ao passar a mão na pálpebra esborratando o rímel no contorno do olho.

Matthew aproximou-se e colocou o rosto dela entre as mãos dele. Ela tentou fugir, mas ele não permitiu.

—Responde à pergunta que te fiz. Porquê?

Ela fulminou-o com o olhar. Como se fosse possível “fulminar” com o álcool que levava em cima. O mais provável é que estivesse com estrabismo.

—Não sabes perguntar outra coisa? Tonto... Porque te amo! Por isso! E trataste-me tão mal que agora só penso em odiar-te e esquecer-te... —gritou ao engolir as lágrimas. Podia ser mais patética?

Matthew, apesar da situação ser ridícula, sentiu um alívio indescritível e o coração bateu cheio de alegria. Abraçou-a e sentou-se na borda do colchão *king size*. Abraçou-a com força. Ela encostou-se no ombro dele. Ele sentiu caírem-lhe duas lágrimas na mão. Suspirou.

—Eu também te amo, Tori. Amo-te com loucura e assusta-me sentir deste modo tão intenso, tão descontrolado, porque sempre tentei conter-me, mas não consigo nem quero evitar contigo... —Ela permanecia em silêncio. Tinha-a apanhado de surpresa—. Victoria? —

Afastou-a para olhar para ela.

Tinha adormecido.

Parpadeou. A cabeça doí-lhe tanto como se tivesse caído contra o chão. Pelo menos não tinha náuseas. Pouco a pouco sentou-se. Virou a cabeça para um lado e viu o espaço vazio. Atirou para um lado o lençol. Estava de cuequinhas e sutiã.

As imagens da noite anterior chegaram bastante nítidas. Demasiado nítidas para o seu gosto. Os diálogos? Oh, sim, lembrava-se exactamente de ter dito ao Matt que o amava, e segundos depois, tudo se tornou escuro e o sono venceu-a.

Na mesinha de cabeceira estavam dois comprimidos, um copo de água e várias fatias de laranja. Sabia quem tinha deixado aquilo ali. O coração quase lhe saltou da boca. Quando o Matt tinha esse tipo de atitude, odiava-o, principalmente porque estava zangada com ele.

Tomou tudo. Não encontrava o vestido em lado nenhum, nem os sapatos. Enrolou-se num lençol e saiu do quarto. Avançou até à sala. Matthew estava no sofá entretido com o portátil.

—Não devias estar a fazer exercícios de karaté-do ou algo assim? —perguntou ao lembrar-se do relato do Matt sobre as artes marciais. Não era a forma mais cordial de cumprimentar a pessoa que esteve a cuidar dela na noite anterior.

Ele parou de olhar para o ecrã e sorriu-lhe. Ela fez-lhe uma cara feia.

—Como te sentes? —respondeu ao ignorar a pergunta.

—Como se um camião me tivesse passado por cima. E de certeza que pareço isso —queixou-se.

—Para mim estás muito bonita.

—Então é porque não tomaste a tua dose de cafeína.

Matthew riu-se.

«Matt tinha o direito de se rir assim desfazendo-a por dentro?», perguntou-se ao conter um gemido de frustração.

—A tua amiga, Chloe, passou por aqui há umas duas horas. —Victoria olhou para o relógio da parede. Era meio-dia—. Disse que às nove tinha de ir com Brandon a São José e que talvez precisasses de roupa —apontou para uma bolsa pequena ao lado dele—, toda tua.

Victoria aproximou-se para agarrar na bolsa ao mesmo tempo que tentava não deixar

deslizar o lençol. Uma estupidez, porque Matt já tinha feito muito mais do que só a ver nua.

—Obrigada... —murmurou contrariada.

—Não tens de agradecer. Olha, por certo, lembraste do que me disseste ontem à noite antes de adormeceres?

—Que te odio.

Ele teve a ousadia de se rir.

«Será que se deu conta que estava a fingir não entender ao que ele se referia?», pensou Victoria um pouco inquieta.

—Só isso? —perguntou com um sorriso a dançar naquela boca tentadora.

Ela decidiu manter o caminho mais fácil. Fingir que não se lembrava de nada.

—Mais nada... —suspirou. Ao reparar no modo com que o Matt a observava, sentiu que estava a ser totalmente injusta. Mudou de tom, para um mais suave antes de agregar—: Obrigada por teres cuidado de mim ontem à noite, não tinhas porque fazê-lo... O que deixaste na mesinha de cabeceira ajudou-me muito. Pouco a pouco vai fazendo efeito.

Ele assentiu com um sorriso.

—De nada.

—O que não te agradeço é que me tenhas tirado o vestido.

—Isso fizeste tu sozinha —respondeu Matt a rir-se.

Ela corou. Seria possível não se lembrar de uma noite de sexo com Matthew? Para ser sincera parecia-lhe impossível, porque cada vez que esteve nos braços dele pareceu-lhe inesquecível.

—Isto... Tu e eu...? —apontou para ela e depois para ele—. Quero dizer... Nós, ontem à noite...?

—Tenho de terminar este relatório —respondeu voltando a concentrar-se no ecrã. Doía-lhe que ela fingisse que não se lembrava de lhe ter dito que o amava, por isso, em compensação ia deixá-la com a dúvida sobre o que tinha acontecido.

Victoria olhou para ele aborrecida e foi tomar um merecido banho. A sua cota de parvoíces estava completa. Cada vez que bebia demais cometia um disparate. Primeiro, a virgindade. Agora, dizer ao homem que a desejava, mas não a amava, que estava louca por ele.

Para cúmulo, estes dois “momentos célebres”, tinham sido gerados pelas emoções que Matthew Talley causava nela. «Lindo panorama», pensou com sarcasmo, antes de abrir a torneira.

Quarenta minutos mais tarde, Victoria podia dizer que já se sentia outra pessoa. Com uns jeans azuis, camisa amarela e com uns ténis que faziam conjunto com a camisa, estava mais que confortável. «Pelo menos a Chloe, escolheu bem as cores.»

—Queres comer alguma coisa? —disse Matt à porta do quarto, surpreendendo-a—. Posso preparar um prato simples.

—Acho que já te causei um desconforto suficiente aqui. Gostava de chamar um táxi...

Matthew avançou um pouco mais e ela evitou retroceder. Não tinha sentido fazê-lo porque tinha duas opções: encostar-se à parede ou à estante de livros de colecionista. Preferia ficar na zona neutral.

—Já se passaram três semanas desde que me andas a evitar. Acho que chegou a hora de falarmos. Independentemente de que continues ou não magoada ou chateada comigo.

Victoria suspirou.

—Foi uma noite bastante... inusual. A sério, Matthew, não temos nada para falar. Tu deixaste bem claro que não confias em mim e que não podes ser sincero porque para ti, primeiro do que tudo, está o teu sucesso profissional—Ele ia interromper, mas ela não deixou, pedindo-lhe que a deixasse continuar—. E eu entendo, a sério. Sabes? Pensei que podia lidar...

—Do que estás a falar? —perguntou

—Tu não podes criar expectativas, nem eu, é absurdo, porque não conheço outra maneira para me relacionar e foi um erro pensar que o podia fazer... A culpa é minha —suspirou—. De qualquer forma, não tenho mais nada para falar contigo. Tu tens uma relação laboral com o meu pai, e uma amizade de muitos anos que não quero estragar mais, por favor... —pediu ao olhar para o brilho decidido dos olhos verdes—, deixa estar.

Matt diminuiu a distância entre ambos. Não gostou nada de ver nos olhos dela essa frieza resignada. Agora entendia o motivo. Achava que não era correspondida. Pôs-lhe uma mão na face e sorriu-lhe. Ela surpreendeu-se.

—Queres pôr de lado a nossa relação?

—Não temos...

—Amantes, namorados, esposos, amigos, qualquer um desses títulos significam uma relação. Chama isso pelo nome que tem. Relação.

Ela colocou as mãos em cima das do Matt, que agora sustentavam a cara dela, e afastou-as com suavidade. O comportamento dele foi como um idiota ao acusá-la e desconfiar dela, mas depois tinha esses malditos e adoráveis gestos de a cuidar e envolver com a profunda cadência da sua voz. Como podia ela ser implacável ou continuar ressentida?

—Deixa estar. Tu não te queres comprometer com ninguém. E eu preciso de encontrar uma maneira de voltar ao mundo profissional dentro de duas semanas. Por agora, tirei umas férias e, acredita, não quero complicar as coisas. O que vivemos foi maravilhoso, mas prefiro...

—Como podes saber o que quero e o que não quero se ainda não falámos sobre isto antes? —interrompeu ao olhar para ela furioso.

—Tivemos. Decidimos que sem criar expectativas.

O porteiro automático da *penthouse* do Matthew começou a soar.

—Victoria, as coisas mudaram. O nosso vínculo vai mais além dos lençóis...

—Claro, o terreno profissional —completou.

—Victoria...

—Vai ver quem é, eu tenho de me ir embora. Se calhar podemos falar amanhã —disse sem grande intenção de o fazer, só para se safar do Matt. A verdade é que pensava apanhar um avião no dia seguinte e ir até Santa Bárbara. Claudia, uma amiga da universidade, costumava convidá-la, mas como geralmente estava ocupada com alguma coisa, via-se obrigada a declinar o convite. Mas agora estava de férias, por isso podia passar uma semana fora de São Francisco.

—Sabes que não te vou deixar escapar sem esclarecer isto, não sabes? —perguntou como se lhe lesse o pensamento.

O porteiro automático voltou a soar.

—Podes ver quem é de uma vez? —Odiava sentir-se encurralada.

Ele fez-lhe um sinal para ela esperar. Foi atender. O porteiro anunciou que o Roger estava à espera dele. «Maldita a hora em que não me lembrei de cancelar a sessão de remos de este domingo.»

Quando terminou de falar, encontrou a Victoria na sala, com a mala ao ombro e o cabelo

preso num rabo de cavalo.

—É o meu amigo Roger —anunciou-lhe—, veio aqui ter para irmos remar juntos. Depois a esposa dele convidou-me para jantar. Também te convidava, mas tenho a certeza que vais dizer que não, ou estou enganado? —Ela negou—. OK. Vou fingir que estás cansada e que não és covarde. —Victoria olhou-o com tédio—. Se amanhã não me abrires a porta da tua casa, quando sair do escritório e te for buscar, acredita que vou encontrar outra forma de te ver. E se tentares dificultar as coisas, com a Chloe a dar-me desculpas, então pode ser que os teus vizinhos tenham de chamar a polícia.

—Estás a ameaçar-me?

—Totalmente —disse ao conter a vontade de a deitar no sofá e devorá-la com beijos, dizer que a amava, assegurando-se que desta vez o ouvia, mas Roger já estava a subir no elevador. Não queria ter pressas com algo tão importante. Se na noite anterior ela não tivesse adormecido...

Victoria encolheu os ombros.

—Às vezes és muito do tempo das cavernas.

Matthew diminuiu o que restava de distância, estava tão perto, que ela sentiu o aroma masculino como também a força contida num homem capaz de a enloquecer.

—Amanhã falamos —disse entre dentes. Não resistiu em agarrá-la pela cintura e apertá-la contra ele. Ela soprou—. Há uma coisa importante que não ouviste ontem à noite, porque adormeceste. Queria dizer-te agora, porque quero muito que saibas, tal como tenho vontade de te tirar esse ar ressentido do rosto com beijos até te arrancar gemidos de desejo, mas para este tema em especial não quero pressas nem interrupções.

Ela tremeu de forma imperceptível perante a ideia de Matthew a tocar. Era fraca, sim. Morria de vontade de o beijar e sentir como ele lhe percorria o corpo, cada cantinho, com as suas mãos hábeis, a sua boca tentadora, até que a penetrasse na sua parte mais íntima, fazendo-a explodir de prazer.

—Então diz-me agora —exigiu ao tentar mostrar-se indiferente, enquanto que os dedos de Matt lhe queimavam a parte mais baixa das costas. Viu-se obrigada a segurar-se nos ombros masculinos.

O sorriso ladino de Matthew acelerou-lhe a respiração.

—Disseste amanhã. Aceito a tua palavra. Será amanhã.

—Sabes que sou curiosa, assim deixas-me intrigada, isso é um truque sujo.

Ele piscou-lhe o olho. Inclinou-se e mordeu-lhe o lóbulo da orelha. Depois, pôs a mão livre mesmo por baixo do peito direito da Victoria, e pressionou um pouco. Estava a tentá-la, mas sem fazer nada na verdade.

—Chama-se estratégia, Tori —sussurrou, antes de subir a mão para enchê-la com o seio generoso, enquanto que com a boca devorava a dela. Com um gemido, ao sentir-se irremediavelmente embruxada por ele, aceitou. Ambos se perderam num beijo apaixonado. As mãos de Matt acariciaram-lhe o peito, beliscaram-lhe os mamilos erectos e desceram pela cintura e pousaram no traseiro, enquanto a aproximava mais dele para que fosse consciente de como estava excitado. Ela mordeu-lhe a boca, metade por castigo e outra por prazer. Tocavam-se por todos os lados, como se o tempo fosse terminar de um momento para o outro.

E foi exactamente isso que aconteceu quando a campainha da porta principal soou de forma insistente, interrompendo-os. Olharam um para o outros, ofegantes, excitados e com as mãos onde estavam. Os dedos do Matt no botão das jeans da Victoria, e as mãos delas no rabosque dele. Ele sorriu satisfeito.

—Acho que os nossos corpos sabem conversar de forma estupenda —disse Matthew, satisfeito por a ver corar.

Victoria, zangada com ela mesma, arranjou o rabo de cavalo com má vontade. Sentiu o centro do corpo quente e húmido, a bater à espera de um alívio que não ia chegar. Os peitos pesavam-lhe e os mamilos empurravam contra o tecido de seda do sutiã, como se estivessem a implorar ao Matthew que lhes fizesse a vontade e os libertasse do confinamento; como se quisessem que a boca dele os acalmasse. A pele ardia. Achava que ele era perfeitamente consciente do efeito que lhe causava. Só bastava com que a tocasse para que qualquer decisão firme de o deixar e esquecer-se dele, se esfumasse.

—Os nossos corpos devem separar-se agora mesmo—respondeu—. Foi um erro ter feito isto.

—Teu ou meu? Porque aqui neste departamento —apontou para o vulto evidente que se encontrava atrás do fecho das calças— não estamos de acordo em que te tocar seja um erro.

—Idiota —disso, dirigindo-se até à porta.

Ele agarrou-a pelo pulso e virou-a para ele.

—O mesmo efeito que causo em ti, tu causas em mim—confessou ao olhar para ela—.

Não tens de te sentir vulnerável —disse com suavidade.

—Quem te disse que me sinto assim? —O olhar de Matthew disse-lhe que a conhecia, e não só no sentido bíblico da palavra—. Que tenhamos uma química física não significa que... —Ele levantou uma sobrancelha à espera que ela continuasse, a ver se ela se atrevia a falar de amor—. Não significa que nos deixemos levar quando sabemos que não há por onde continuar —disse ao tentar mostrar-se alheia à situação, quando a pele do pulso parecia queimar-se pelo toque dos dedos masculinos.

—Mesmo que quisesse fazer amor contigo agora, Roger está atrás dessa porta. —E como se o tivessem chamado, a campainha voltou a soar—. Não penses em fugir de mim.

Cansada desse braço de ferro, ela assentiu. Matt fechou levemente os olhos e ao ver desta vez a sinceridade no olhar da Victoria, largou-lhe a mão.

Victoria sabia que podia passar o resto do ano a esquivar-se dele, mas Matthew era um homem persuasivo e com recursos. Não se ia livrar dele até que lhe desse a oportunidade de o ouvir. Não tinha saída. A menos que, claro, no dia seguinte fosse para Santa Bárbara, sem dizer nada a ninguém. Estava a adiar o inevitável. Tinha vontade de continuar zangada e ressentida. O seu lado dramático agradecia jogar ao braço de ferro indefinidamente, mas o coração sofria com a ansiedade. Não queria mais isso.

—Não sou cobarde. Só não vejo sentido a... Não importa. Já que acedi a falar contigo amanhã, faz a tua parte e chama um táxi.

—Amanhã —insistiu Matt, antes de abrir a porta e deixar entrar o Roger. —Apresentaram-se rapidamente, e enquanto Matt chamava um táxi, Roger dedicou-se a contar a Tori o tempo que levava a praticar remo e mostrou-lhe fotografias dos filhos. Quando Matthew estava prestes a regressar à sala, Roger disse à Victoria que gostava de saber que estava a sair com o amigo e que sabia que ela tinha sido sempre um interesse romântico que Matt nunca se tinha atrevido a explorar. Quando a Victoria lhe ia perguntar mais, Matthew aproximou-se e disse que a acompanhava ao elevador.

Quando o amigo voltou com o rosto cheio de frustração, Roger deixou escapar um assobio de apreciação masculina.

—Uau! Então essa é a famosa Victoria Anne Marsden —disse, já dentro do apartamento—. Não é que não aprove que tenhas decidido retomar a tua vida sentimental, de facto, se queres saber a minha opinião...

—Cala-te —respondeu o publicitário de mau humor—. Se não tivesses interrompido...

—Ui! Acho que vai ser uma longa jornada de remo —disse Roger com um sorriso, quando Matt lhe dirigiu um olhar de advertência—. Da próxima vez, se estiveres a meio de alguma coisa, telefona-me a cancelar. Não custa muito, pois não? A menos que o teu cérebro se tenha eclipsado por uma mulher tão bonita que...

—Deixa de dizer parvoíces. Vamos embora.

Efectivamente, Matt meteu-se a fundo no exercício, e uma vez que Roger não era partidário de deixar passar um desafio aberto de resistência física envolveu-se no exercício a 100%. Não remaram uma hora como esperavam, mas sim quatro.

Terminaram mortos de cansaço.

À hora de jantar estava muito mais descontraído. Matthew pediu desculpas ao Roger, quem não deu importância ao assunto. Ele detestava comportar-se como um idiota, por isso, como compensação levou sobremesas para os meninos dos Murdock e um licor delicioso para beber com os adultos durante o jantar.

A primeira coisa que fez a Victoria ao chegar a coisa foi marcar o número da melhor amiga. Chloe disse que estaria de regresso às nove da noite e que esperava que ela e o Matt tivessem solucionado as coisas. Também se desculpou por ter tomado uma decisão sem o seu consentimento, mas Victoria disse-lhe que não tinha importância.

A verdade era que o Matthew se tinha comportado de forma maravilhosa. Cuidou dela, aguentou o seu alvoroço de bêbada sem experiência e suportou o seu mau humor de manhã. Amava-o demasiado para não se dar conta de que era uma grande oferta de paz e uma clara intenção de lhe demonstrar que realmente era importante para ele ter uma conversa com ela. Também não queria ser escrava do orgulho. Por isso, tinha de pôr de lado a ideia de ir a Santa Bárbara.

Foi até ao quarto. Fechou as cortinas para que a luz do dia não entrasse. Ligou o ar-condicionado e meteu-se debaixo dos lençóis. Estava prestes a fechar os olhos, quando o telemóvel começou a vibrar. No meio do silêncio, o aparelhinho gerava um som incómodo contra a madeira da mesinha de cabeceira.

Contrariada, atendeu.

—Estou.

—Menina Marsden? —perguntou uma voz desconhecida.

—Sim, sou eu. Quem fala?

—Chamo-me Felicia Wintley, sou enfermeira no hospital onde se encontra internado o sr. Devon Joseph Patroll.

Victoria engoliu em seco. Sentou-se.

—Aconteceu... aconteceu alguma coisa. O Devon está...? —perguntou ansiosa.

—Tenha calma, por favor, menina. São boas notícias. —Victoria pôs a mão no coração —. O sr. Patroll acordou do coma há duas horas. Está em observação. As primeiras palavras que disse foram o seu nome. Uma vez que estava na lista de familiares a contactar, telefonei-lhe.

O mundo da Victoria deu uma volta de 360 graus.

—Vou agora mesmo para o hospital, obrigada por me ter telefonado —respondeu num estado de atordimento absoluto. Saiu de entre os lençóis, mudou de roupa e correu pelas escadas a baixo para apanhar as chaves do carro. Estava tão nervosa que as mãos tremiam. Pensou melhor e preferiu, por segurança, chamar um táxi.

CAPÍTULO 17

A presença da Julianne no hospital só fazia com que toda culpa do acidente, da qual Victoria custou muito a livra-se, voltasse de súbito. Os pais do Devon estavam de viagem em Kansas, onde tinham uns amigos que costumavam visitar por negócios.

—Finalmente decidiste vir até aqui —disse-lhe Jules quando a encontrou no corredor. O tom ácido deixava claro que não gostava da presença dela ali—. As enfermeiras disseram-me que nos últimos meses mal passaste por aqui. De certeza que já encontraste alguém para te aquecer cama, não é?

Victoria, com todas as emoções a fervilharem por dentro, tirou não sabia de onde a prudência para olhar para ela. Estava num hospital e tinha de se conter. «Paciência, paciência.»

—Olá Jules —cumprimentou com uma amabilidade forçada, chamando-a pela nome com que a costumavam tratar—. Dentro de 15 minutos vão me deixar entrar para o ver. —Prefiriu não responder à provocação.

O olhar altivo da irmã de Devon não deu tréguas.

—Por acaso esperas que o meu irmão volte contigo quando recuperar os sentidos a 100% e se lembre de que por causa de uma estupidez tua esteve quase um ano em coma?

—Não entendo a tua aversão a mim. Costumávamos levar-nos bem... —Gostava de lhe ter recalcado que tentou ser sua amiga, mas que ela recusou porque detestava partilhar a atenção do irmão. Julianne era demasiado mimada. Algumas brigas com o Devon, antes de serem namorados e durante o noivado, deveram-se ao facto de ele justificar as exigências absurdas da irmã para ficar na empresa dos pais mais tempo do que podia. E quando a Julianne cometia algum erro, Devon apressava-se a defendê-la por mais culpada que fosse a gémea. A briga maior foi quando a Victoria se esmerou um ano a organizar uma festa surpresa para o aniversário do Devon. A Julianne telefonou expressamente ao irmão para dizer que lhe parecia injusto que a excluíssem como homenageada da surpresa, arruinando todo o trabalho que a Victoria teve para organizar em segredo a festa. Jules foi uma bruxa, contudo o irmão gémeo defendeu-a. Essa foi uma das brigas mais feias entre Victoria e Devon; esteve chateada com ele duas longas semanas.

—Até te ocorreu apaixonares-te pelo meu irmão!

—Por acaso isso é um crime? A tua atitude parece-me muito fora de lugar.

—Tu sempre foste muito impulsiva, deixando à tua volta um pequeno caos, és uma devoradora de homens...

Isso fez com que a Victoria perdesse toda a intenção de ser condescendente.

—Se te estás a referir ao estúpido francês que dizias estar apaixonado por ti e tu por ele, deixa-me que te abra os olhos, Julianne —disse com uma voz muito séria—, Avenel estava casado. Era 15 anos mais velho do que tu e só te queria levar para a cama.

O olhar furioso da loira acendeu-se.

—Então preferiste sacrificar-te no meu lugar e desfrutar com ele?

Victoria apertou a mandíbula.

—Nunca tive nada com ele. Nunca tive um romance com ele —apontou com o dedo indicador para enfatizar as palavras—, o que viste na festa de aniversário da Trisha foi Avenel a tentar pôr-me as mãos em cima. Dei-lhe o que merecia, mas acho que dessa parte não te lembras. Por acaso não perguntaste ao Devon?

Julianne soltou uma gargalhada.

—Claro, e foi tempo perdido. Devon sempre te defendeu e nunca falaria mal de ti. No que te dizia respeito esteve cego toda a vida.

Victoria respirou.

—Parece-me infantil que passado três anos ainda continues a guardar rancor por uma coisa que nunca aconteceu. Era só um homem que estava de passagem.

—Não foi só por Avenel! Cada homem que eu gostava, apesar de estares com o meu irmão, babavam sempre por ti.

—A sério, Julianne? Amadurece um pouco. Não estou para aguentar os teus disparates. Se a tua auto-estima é tão baixa para acreditar que não mereces a atenção de um homem, porque vão fixar-se sempre noutras e não em ti, então debes procurar ajuda. Estou cansada de receber os teus dardos envenenados e fingir que está tudo bem por consideração ao teu irmão. Se achas que és feia. Bem. És feia. Mas se alguma vez decidires olhar para o espelho e deixares de sentir pena de ti, então, nesse dia, podes ver o erro que estás a cometer comigo e com qualquer moça que consideres um impedimento para que outros se fixem em ti. De

quantas amigas já te afastaste por acreditar que te vão arrebatam um namorado ou um possível curte, ou também o afeto do teu irmão e dos teus pais? Pensa. —Surpreendentemente Julianne ficou calada. De facto, quando a Victoria ia a casa de Devon e estavam vários amigos, estes costumavam prestar-lhe atenção, mas não a coqueteavam ou faziam insinuações, porque todos sabiam que mais cedo ou mais tarde Devon e Tori iam acabar juntos. Infelizmente, os pais do Devon tinham mimado demasiado a Julianne, convertendo-a numa parva necessitada de atenção. Quando a Victoria iniciou o romance com o Devon, Jules deixou de ser o centro das atenções do adorado irmão, e quando se encontravam em família, as indirectas e as frases incómodas tinham presença assídua. Victoria simpatizava com ela, mas estava cansada de tolerar os seus ciúmes sem razão—. Estou farta das tuas recriminações a cada duas por três, e não as mereço. Já tenho muito com que aguentar.

—Menina Marsden? —interrompeu uma voz atrás dela.

As duas jovens calaram-se para prestarem atenção numa enfermeira muito alta e loira de aproximadamente uns 60 anos.

—Sou eu—respondeu a Victoria.

A mulher sorriu.

—Chamo-me Felicia Wintley, telefonei-lhe antes.

—Oh, claro. Como está o Devon?

Julianne revirou os olhos.

—Começou a responder muito bem. —A enfermeira olhou para a Jules—: Quer entrar agora ou prefer fazê-lo quando cheguem os seus pais tal como me disse antes?

—Prefiro esperar pelos meus pais, obrigada.

Victoria sentiu-se aliviada por se livrar da Julianne. Disse-lhe o que levava guardado há demasiado tempo. Se lhe parecia bem, melhor, se não, pois pior para a Jules.

Com um vazio no estômago e o pulsação a mil, seguiu a enfermeira pelo corredor. Há várias semanas que não ia ao hospital. A enfermeira começou a contar-lhe que os pacientes que acordam do coma costumam demorar um tempo em recuperarem-se, e quando havia um traumatismo craneoencefálico, como no caso do Devon, às vezes a recuperação não costumava ser completa. Garantiu-lhe que o Devon estava e continuaria mais dias sob vigilância até se saber o nível do dano causado pelo acidente.

Quando chegaram à porta do quarto, Victoria colocou a mão no ombro de Felicia.

—Podia dar-me um segundo antes de abrir a porta?

—Claro —disse ao vê-la nervosa e fingiu anotar algo no seu livro médico.

Victoria respirou profundamente várias vezes. Sentia que uma vez entrasse no quarto, a sua vida ia mudar radicalmente. Dar esse passo significava uma renúncia. Esquecer o Matthew. Só a ideia de não o voltar a tocar, a beijar, a desafiarem-se mutuamente e gozar da companhia dele, fazia-a arrepender de não ter esclarecido as coisas com ele de manhã. Teria-lhe dito o quanto o amava, sóbria com os cinco sentidos, apesar de saber que não era correspondida. O seu amor por ele não contemplava a passagem dos anos, estava convencida de que não poderia amar outro. Devia ter arriscado, por Matt. E se a tivesse rejeitado novamente, desta vez não teria fugido, ao contrário, teria insistido até o convencer de que estar juntos era o melhor. Afinal, embora a mentira do Matt lhe tenha magoado muito, era consciente de que a palavra desse homem era intocável; manter em segredo a sua contratação foi um compromisso com o seu pai e Matt nunca denunciaria um amigo que lhe tivesse feito uma confidência. Isso dizia muito da lealdade de que era capaz. Depois de tudo, primeiro fez a promessa ao pai dela, muito antes de saber o quão era importante para ela ganhar um espaço por ela mesma. Agora tinha o coração dividido e era doloroso.

—Entendo que seja difícil para si depois de tanto tempo. Gostava de ficar aqui mais um bocadinho mas tenho de fazer rondas, menina Marsden —disse a enfermeira com tom de desculpa, tirando-a da reflexão triste.

—Sim..., sim. Desculpe.

—Tente não demorar mais de 10 minutos, por favor. —A enfermeira comprovou os sinais vitais e depois saiu sigilosamente.

Victoria ficou, silenciosa, perto da porta. Devon tinha os olhos fechados. Não seria justo mostrar-lhe a tempestade que ia dentro dela, por isso decidiu continuar e mostrar a sua melhor atitude. Ele merecia isso. Ambos mereciam.

Caminhou, sigilosa, até perto da cama.

—Olá... —disse com suavidade, expectante.

Pouco a pouco, os olhos de Devon abriram-se. Victoria não conseguiu evitar rir-se de alegria, a isso também se juntaram as lágrimas. Agarrou-lhe nas mãos. Aqueles olhos tão familiares olharam para ela. Ali estava a pessoa que nunca a tinha abandonado quando mais

necessitou. O amante considerado e o cúmplice das suas loucuras juvenis. O seu melhor amigo.

O aspecto do Devon continuava a ser frágil, mas pelo menos estava acordado. Acordado!

—Tori... —respondeu com voz rouca—. Olá bonita...

—Devon —sorriu.

—Acho que perdi a Super Bowl deste ano —brincou. Uau, como se sentia bem por ver uma cara conhecida. A enfermeira disse-lhe que os pais estavam de caminho e que a gêmea esperava fora. Mas ele, a única pessoa que queria ver era a Victoria.

—Achas bem —respondeu—. Fizeste-me muita falta —dijo. Era sincera. Talvez não como casal, mas tinha sentido muito a falta dos seus conselhos e companhia. Esticou a mão e acariciou-lhe a face.

—Podes contar-me os pormenores do acidente? A enfermeira disse-me para não ter pressa, que as respostas vêm com o tempo. —Ela olhou para ele com um olhar triste—. Por favor... Tenho necessidade de saber os pormenores que me escapam. Tento lembrar-me de muitas coisas, mas em algumas partes tenho vazios.

—Ah Devon, podemos deixar isso para mais tarde? —pediu com doçura—. Pouco a pouco.

—Tori...

Ela suspirou, aproximou a cadeira e inclinou-se para ele. Agarrou-lhe a mão esquerda. Apoiou os cotovelos no colchão e beijou os nós dos dedos do Devon. Sorriu. Fez-lhe um pequeno resumo, evitando fazê-lo sentir mal ou culpado pela perda do cliente. Foi o mais sincera possível, mas não entrou em pormenores que lhe pareceram desnecessários.

—Uau. Se tivesse sido mais responsável com a gestão do tempo não nos teríamos brigado e...

—Foi culpa minha —interrompeu. Olhou para ele nos olhos—. Lamento tanto.

—Claro que não foi culpa tua, tesouro —respondeu—. Foi uma estupidez ir de carro até Los Angeles. São mais de 500 km desde São Francisco. Tenho a certeza de que teria regressado, sem importar as horas na auto-estrada, para me desculpar contigo e tentar de alguma maneira recuperar esse cliente... Foi um impulso muito estúpido ter ido assim...

—Estás acordado e isso é o que importa agora —disse—. Sabes? —sorriu— vim ver-te

todos os dias. Falava contigo, porque acreditei nisso que dizem que as pessoas em coma às vezes podem responder aos estímulos dos familiares ou seres queridos... Imagino que todos os casos são diferentes.

—Gostava de te ter ouvido para acordar mais rápido. Então, ontem também me vieste visitar? Encontrei algum indício de que fosse acordar do coma ou algo diferente das outras vezes que vieste aqui?

Ela sentiu-se tão mal. Tinha decidido avançar sem ele. E ele olhava para ela com tanta doçura e ânsia que lhe partia o coração, ao mesmo tempo que lhe aumentava o sentimento de culpa. Porque não esperou um pouco mais...? Talvez desse modo não tivesse o coração despedaçado, nem as emoções divididas entre dois homens. «Porque precisavas de voltar a viver».

—Não, Devon... Eu...

Ele pareceu compreender, mas ao modo dele.

—Um ano em coma, tu a trabalhar... Não tens de me explicar. Há que trabalhar para preservar a agência. Vir com tanta frequência como fazias ao início teria descuido o trabalho. Está bem teres deixado de vir todos os dias. Imagina esse desassossego sem saber se algum dia ia acordar ou não...

«Porque tens de ser tão compreensivo? Deixei de vir porque amo outro.»

—Devon... a agência... —suspirou— tive de fechá-la. Desculpa.

—Porquê?

Ela explicou-lhe de um modo muito suave para que o Devon não sentisse que ela o estava a acusar, porque não era isso. Explicou-lhe a falta de liquidez, os gastos, os empregados, a falta de clientes e a falta de atenção por estar a cuidar dele.

—Oh...

—Julianne está ali fora.

Devon sorriu.

—Continua a meter-se contigo? —perguntou sem perder o tom de brincadeira.

Para Victoria era tão agradável ouvi-lo de novo e sentir como a voz dele lhe transmitia calor. Mas partia-lhe a alma reconhecer que na realidade não amou o Devon e que não o podia amar como ele merecia. Ele foi um amor cauteloso, calmo e afetuoso. Não tinha nada a ver

com o furacão de emoções, a paixão desenfreada e o bater louco do coração que sentia quando estava com o Matthew. Como ia contar ao Devon? Quando se recuperasse totalmente, devia confessar-lhe o que tinha acontecido com o Matt durante esses meses?

—Acho que antes de entrar aqui a ver-te, deixei claro a minha posição com a Jules. Já devia ter sido há mais tempo, fi-lo com gosto.

Devon esboçou um meio sorriso.

—Também lhe explicaste o que se passou com o Avenel?

Victoria abriu e fechou a boca. Que ela soubesse nunca tinham falado sobre esse tema. E sabendo como era a víbora da Jules, deve ter sido um golpe para orgulho dela confessar ao irmão que um rapaz não se sentia atraído por ela.

—Sabias...?

—É a minha irmã gémea. Costumamos ter uma certa ligação —riu-se. Tentou mexer-se e fez uma careta—. Sinto-me tonto... mas ver-te... anima-me.

Ela sorriu.

—A enfermeira disse que vai levar um tempo até que tudo entre nos eixos. Podem ser seis meses ou mais... ou menos. De momento, precisas de estar uns dias em observação e depois verificam os cuidados a ter de acordo com a tua evolução.

Devon assentiu ligeiramente.

—Faremos isso juntos —disse com uma voz carregada de esperança e doçura. Torceu o nariz ao acariciar a mão de Victoria, fixando-se nos seus dedos delicados—. Sempre pensei que somos o casal perfeito... —murmurou—, foi muito estúpido da minha parte esquecer-me de te pedir em casamento antes do acidente?

—Imagino que não vais necessitar de terapia da fala —respondeu com um nó na garganta. Devon riu-se, mas manteve o olhar expectante. Para a Victoria, falar daquele tema, naquele preciso momento, era difícil. Embora, afinal, o que estava à espera? Era evidente que o tema do casamento, mais cedo ou mais tarde, viria à baila—. O anel está guardado num cofre. Está bem guardado.

—Temos data?

—Não, não... No dia em que tiveste o acidente, suponha-se que íamos falar sobre os pormenores. Mas agora não é o momento de tratar disso, primeiro recupera-te totalmente e...

—Quero estar contigo —disse com firmeza ao interrompê-la—. A menos que consideres que sou uma carga para ti. Tenho a certeza de que vou precisar de fazer reabilitação às pernas... um ano sem me mexer... os meus braços... Eu entendo. Foste mais do que maravilhosa por estar aqui a cuidar de mim todo este tempo.

Ela apertou-lhe a mão. «Se tu soubesses...»

—Vou estar ao teu lado —afirmou. Devia-lhe isso. Embora lhe tenga dito que o acidente não tinha sido culpa dela, a verdade é que continuava a sentir-se responsável.

—Bom... —sorriu—. Isso faz-me feliz... Tu sempre me fizeste feliz. —suspirou— Preciso de dormir um bocadinho agora. E da próxima vez que vieres deixa-me ver o anel. Assim, quando algum médico passar por aqui ou me venha ver, saberás que és linda e tens dono —pisçou-lhe o olho.

«Ai meu Deus, o verdadeiro dono do meu coração nunca vai estar comigo. Já não.»

—Claro —disse ao devolver-lhe o sorriso. Não tinha ideia de onde ia buscar a voz firme e optimista. Tinha uma vontade enorme de sair dali e correr para longe. De escapar. A opressão no peito era boa para a contenção—. Vou chamar a enfermeira.

—Não faz falta. Ela já vem —olhou para ela com ternura—. Vens em breve?

Ela assentiu. Soltou-lhe as mãos e levantou-se.

—Amanhã.

—Victoria —chamou-a.

—Sim?

—Continuas a viver na nossa casa?

—Não... Estou a viver com a Chloe Reynolds.

—Chloe! A pintora —sorriu—. Diz-lhe para passar por aqui quando tiver tempo.

—Eu digo-lhe. Noutra visita conto-te a história da minha mudança. —Olhou para o relógio. A enfermeira tinha-lhe dito não mais de 10 minutos e já estavam a falar há 15—. Pouco a pouco pomos a conversa em dia. OK?

Ele assentiu.

—Amo-te, Tori.

«Meu Deus.»

Ela sorri-lhe. Sempre que pudesse ia evitar responder a essa declaração, porque era a única frase que não estava disposta a dizer a outro homem que não fosse aquele que lhe causava verdadeiramente esses sentimentos tão fortes e enraizados na alma. Não era por não gostar do Devon. De facto, adorava-o. Mas o sentimento de amor era diferente. O que sentia pelo Devon era sincero, mas só como um grande amigo da alma; não havia mais nada... na realidade nunca houve. Há um ano atrás pensava que esse carinho era suficiente, mas depois do Matt...

—Descansa —murmurou antes de sair do quarto.

Quando a Victoria saiu, Devon abriu os olhos. Suspirou ao olhar para o tecto do quarto. Sentia-se como um *alien* dentro do próprio corpo e muito ansioso por acordar de todo fisicamente. Havia um factor importante que se lhe estava a escapar da briga com a Victoria. Não se conseguia lembrar. Algo dentro dele lhe dizia que ele era o único responsável pelo acidente, e que não tinha nada a ver com a imprudência com que tinha saído disparado como um carro de F1. Se ao menos se conseguisse lembrar...

—Está bem, senhor? —perguntou a enfermeira.

—Sim... sim. As lacunas de memória são irreversíveis?

—Não lhe posso dizer com total segurança. Muitos pacientes recuperam as lembranças aos poucos e poucos. Às vezes os eventos que se esqueceram... ficam para sempre no limbo. Noutras ocasiões, há circunstâncias ou pessoas que podem desencadear as lembranças que faltam. A sua amnésia não é total, o que é muito positivo. Mais tarde fale com o seu médico e apresente-lhe as suas dúvidas, mas da minha experiência com quase 35 anos de serviço, é o que lhe posso dizer. —Mediu-lhe a pressão—. A jovem que saiu daqui estava muito preocupada por si. Eu sou nova neste andar, mas as minhas colegas disseram-me que a viam sempre por aqui.

—É a minha noiva —disse a sorrir.

—Parabéns, jovem. Olhe, a sua irmã quer entrar...

—E os meus pais?

—Ainda não chegaram.

—Então, espero que estejam todos juntos. A minha irmã às vezes é um bocadinho intensa.

A enfermeira sorriu.

—Eu entendo. Agora, tente dormir. Já se agitou bastante.

Matthew dedicou a manhã de segunda-feira a trabalhar no escritório. Teve uma reunião com John e Andrew, onde lhes explicou a razão do despedimento da Claire. Ambos os sócios se mostraram um pouco surpreendidos, não por a Claire ser uma pessoa inesquecível, mas porque profissionalmente era muito competente. Andrew disse-lhe que era preciso contratar imediatamente alguém para a substituir. E aí estava Matt a entrevistar candidatos. Cada um pior do que o outro. Onde estavam os bons profissionais?, perguntou para si mesmo quase ao final da tarde.

—Marla —chamou a secretária através do intercomunicador—, telefone a recursos humanos. Lanus Higgins é o profissional que preciso para o lugar da Claire. Tome conta de tudo, por favor.

—Oh, espere Matt. Estava ocupado quando lhe telefonou um senhor... —leu o papel onde tinha anotado o nome—, Tanaka Shudan. Disse-me textualmente que precisa de falar consigo ainda esta tarde.

—OK. Obrigado. Hoje saio mais cedo. Vá para casa, Marla —respondeu ao desligar o intercomunicador.

Que curioso. O maestro nunca lhe tinha telefonado para o escritório. Será que lhe aconteceu alguma coisa? Olhou para o relógio do computador. Seis da tarde. Encerrou a sessão do Mac. Agarrou no casaco e saiu do escritório com rumo ao Temple Ki.

Abriu a porta principal com pressa e dirigiu-se com agilidade ao interior da academia. O maestro encontrava-se no jardim traseiro. Estava sentado na posição de flor de loto numa pedra muito grande onde costumava meditar. Para chegar ao jardim, primeiro tinha de atravessar um corredor de paredes de vidro, através das quais se podiam ver alguns rapazes a treinar nos colchões; a maioria do grupo que estava a trabalhar nesse momento era cinturão amarelo.

Matthew abriu a cerca e entrou no jardim zen. A mudança de energia foi imediata. Como uma pancada brutal na sua mente agitada. Bastava ver o maestro a meditar que isso já o sossegava. Não precisava de falar, ele sabia que Tanaka se tinha dado conta da sua presença.

—Nunca te telefono, a menos que seja importante —disse Tanaka como se soubesse o que o Matt ia perguntar.

—Boa tarde, maestro. Sim, eu sei —respondeu ao descalçar-se. Sentou-se a um metro de distância do maestro. Ao seu lado direito, uma fonte pequena dava música ao bater com a água nas pequenas rochas à sua volta. O resto era silêncio. Como se o barulho de São Francisco não existisse nesse lugar. Este era o seu sítio favorito quando acabava de treinar e queria meditar. O modo como foi construído era extraordinário. Um oásis no meio da loucura de uma cidade buliciosa e com barulho por todos os sítios—. Fiquei preocupado.

—Ah, um dos erros da juventude e do mundo. Ficar inquieto por coisas ou situações que não se podem alterar, pensando que por se preocuparem podem contribuir com algo. Grande erro —respondeu serenamente sem olhar para Matt.

—Imagino..., sim. Porque queria ver-me?

—Nestas últimas três semanas vieste mais vezes do que o habitual. Tal como acontecia quando começámos a trabalhar juntos, rapaz.

Matthew respirou fundo. Não lhe ia perguntar como sabia que tinha treinado como um maluco todas as noites desde que a Victoria não queria saber dele. Tanaka lhe responderia com um sorriso enigmático e depois mudaria de assunto.

—Foram dias complicados.

—Suponho que têm a ver com aquela “pessoa” com quem saias e que não era “nada”.

—Sim. Muito.

—Agora vais dar-me a razão?

—Costumo dá-la sempre... —respondeu ao encolher os ombros. Pôs-se de pé e começou a andar com lentidão bordeando um caminho de pedras brancas e pretas. O maestro continuava sem se mexer—. Estou apaixonado por ela. Amo-a.

—A menina Marsden.

—Como sabe...?

—És fácil de ler. Quando vieste aqui pela primeira vez, nunca me falaste dela. Mas no único momento em que o fizeste o brilho do teu olhar fui diferente. Então, soube. Lamento que te tenhas dado conta demasiado tarde.

—Não acho que tenha sido...

—Se o destino não tivesse intervindo, talvez ela estivesse casada. O que terias feito nesse caso?

—Como sabe...? Não. Esqueça. —Tanaka não era só um homem com preparação ao nível mais elevado em karate-do, também era maestro Reiki e a sua energia vital era muito forte e restabelecadora. Por isso, só com a presença dele já gerava de modo quase automático uma sensação de calma. Os conhecimentos espirituais de Tanaka Shudan eram muito profundos, a um nível que Matthew nunca chegaria sequer a compreender. Agradecia profundamente ao maestro por lhe ter ensinado a controlar a mente, a converter a raiva e o ressentimento com o mundo numa energia produtiva capaz de levar a tomar decisões assertivas. Mas nunca se preparou para o impacto de se apaixonar a tal ponto que o auto-controlo parecia uma palavra impronunciável e um exercício inviável. Todo o férreo controlo que trabalhou tão duramente não funcionava com a Victoria.

—És um bom homem, rapaz. O orgulho e o ego são dois vermes da mesma família disfarçados sob o conceito de dignidade.

—Eu...

—Toma medidas porque o tempo passa.

—Não sei a que...

—Também me queria despedir —disse interrompendo-o. Matt terminou de se calçar.

Levantou o olhar para se encontrar com os olhos sábios de Tanaka que olhavam para ele muito fixamente.

—Amanhã volto para o meu país. O meu tempo nos Estados Unidos chegou ao fim. A academia será dirigida por outro maestro; é a hora dele.

—Bem —disse impactado.

—Sei que para ti é importante o tema do auto-controlo —disse ao levantar-se com lentidão. Caminhou devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo (e tinha), até chegar perto de Matthew. Pôs-lhe uma mão no ombro. A sua pequena estatura, a aura de fortaleza e vitalidade de espírito faziam com que os outros o vissem como um gigante—. Matthew, ensina os outros a controlar a mente e o corpo com as artes marciais, a defenderem-se sob os princípios da nossa escola e a levar uma vida melhor, mas não tentes controlar o coração. Amar não tem barreiras, se as ergues deixas de amar. O amor é expansão. Não o restrinjas. Foi um prazer conhecer-te.

—Voltarei a vê-lo? —conseguiu perguntar, quando o impacto das palavras de Tanaka se processou no seu sistema.

O homemzinho só sorriu.

—Cumprimenta a essa jovem, Matt. Desejo-te muitas felicidades. Ainda estás a tempo. Desta vez não a percas.

Matthew fez algo que Tanaka não permitia a nenhum aluno. Deu um abraço ao ansião. Este devolveu-lhe o gesto, surpreendendo-o. Uma vez mais.

—Muito obrigada por tudo, maestro. Vou sentir muito a sua falta.

Tanaka esboço o seu sorriso enigmático.

—Não sintas falta de mim, rapaz. Guarda só a aprendizagem. —Antes de sair deu-lhe uma palmada nas costas.

Chloe olhou para ela como se tivesse duas cabeças.

—Tori, não podes fazer isso —disse incrédula, ao mesmo tempo que via como a amiga guardava vários pertences seus dentro de caixas—. O Devon acordou ontem e hoje de manhã decides que vais viver com ele de novo, que vais mudar a tua vida, quando as duas sabemos que isso é um grande erro. E agora estás aqui, quase às sete da noite, com esas caixas todas.

Victoria parou de empacotar ao casacos. Estava agachada no chão. Olhou para a amiga.

—Não é justo que ele se recupere sozinho, quando quem começou a briga fui eu.

—Isso não é verdade! Devon foi um irresponsável. Ele decidiu por conta própria agarrar nas chaves do carro e sair a correr. Eu discuti muitas vezes com todos os namorados malucos que tive, mas alguma vez vez me comportei como uma louca para cometer uma estupidez? Nunca!

Victoria ficou calada consciente de que a Chloe não ia dar tréguas. Ela também não.

—A decisão está tomada.

—Meu Deus. —Passou a mão pela cara—. Tori... nem sequer tens para onde ir.

—O meu pai já sabe que o Devon acordou...

—Pensas ir viver para casa do teu pai com o Devon? Mas será que perdestes a cabeça de todo?

—Não. Há algum tempo o meu pai ofereceu-me um apartamento. Como não quis ir para

lá, ele aquilou-o a um casal. Ele disse-me que eles saíram há umas duas semanas, por isso está livre.

—Bem, então, agora vais abandonar-me —comentou com tristeza.

Esgotada. Victoria sentou-se no chão relutante. Abraçou-se aos joelhos e olhou para a Chloe.

—Sabes que não é isso —sorriu, mas a alegria não se refletiu no rosto.

A morena aproximou-se e agachou-se ao lado dela.

—Tori, tu sabes que és importante para mim. Apoiei-te sempre em tudo, mas acho que desta vez estás a cometer um grande erro. Tu não amas o Devon da mesma maneira que amas o Matthew.

—Já não há nenhum Matthew. No momento em que entrei naquele quarto do hospital, estes dois meses com o Matt, deixaram de existir. Não posso fazer isso ao Devon.

—O que é isto? Um melodrama?

—Chloe...

A moça pôs-se de pé. Sacudiu o pó visível dos jeans desgastados. Contemplou a sala da sua casa. Cheia de caixas. Umas fechadas, outras por fechar. Victoria tinha uma camisola lilás, uns calções descoloridos e o cabelo apanhado em forma de cebola. No lugar de parecer uma mulher que ia enfrentar uma aventura feliz de reencontro romântico, parecia uma condenada à morte, resignada a suportar uma sentença que não merecia. Porque raios era a amiga dela tão insensata?

—Desculpa. Não apoio o que estás a fazer. Dá-te um banho e depois baixa para comer alguma coisa. Hoje quem faz o jantar sou eu.

—Matthew vem aqui quando sair do escritório...

Chloe olhou para ela em silêncio. Negou com a cabeça.

—Vou fazer massa —disse sem fazer comentários respeito à decisão dela sobre o Matt e o Devon. Essa não era a luta dela, mas sim da Victoria—. Vou ter saudades de viver contigo.

—Chloe...

—Sim?

—É o melhor que posso fazer pelo Devon.

—Estás a tentar convencer a mim ou a ti? —suspirou—. Espero que quando te dês conta da dor que te estás a causar injustamente não seja demasiado tarde. —Lançou as chaves de uma mão para a outra—. Olha, não há molho à bolonhesa. Vou ao *Whole Foods* comprar. Volto daqui a pouco. E por favor —olhou para ela muito séria—tenta voltar a pensar no que estás a fazer. —Dito isto saiu de casa.

CAPÍTULO 18

A água fria do banho relaxou os músculos. Estar de um lado para o outro a descer caixas e a embalá-las era um trabalho cansativo. Pensava doar uma quantidade considerável de coisas. Havia pessoas que precisavam mais do que ela.

Victoria aplicou um creme hidratante na pele, depois de se depilar. Vestiu uma saia azul curta e uma blusa de alças finas branca. O mais confortável para estar em casa. Calçou umas sandálias douradas e desceu para jantar com a Chloe.

A amiga tentou evitar falar novamente da relação com o Devon e começou a falar sobre o Brandon. Como ele era atento e que até a tinha surpreendido ao dizer-lhe que, aos seus 33 anos, a ideia de casamento não lhe parecia inconveniente. Mentira ou não, Chloe assegurou que, pelo menos, era uma boa tentativa por parte do Brandon, para lhe dar a entender que estava disposto a comprometer-se numa relação.

Tiraram os restos dos pratos e puseram a máquina da lavar a funcionar. Beberam um chávena de café.

—A sala está cheia de caixas e papéis. De certeza que não queres contratar uma camião de mudanças? Olha, o Brandon e eu ajudamos-te, não duvides disso, mas parece-me mais prático fazer só uma viagem.

—Sim —sorriu—. Vou pensar nisso.

A campainha da porta soou.

—Já pensaste no que vais dizer ao Matthew?

—Já não trabalho para ele, nem com ele; também não temos nenhum tipo de relação...

—E eu que pensava que a cafeína te ia fazer bem aos neurónios—disse Chloe com sarcasmo. Tirou-lhe a chávena e pousou-a na mesa—. É melhor que vás abrir. Eu combinei ir dar uma volta com o Brandon.

—Sorte.

—Acho que hoje te cedo a minha ração de sorte para o dia. Vais precisar mais dela do que eu.

Victoria estava na sala, quando ouviu terminar os cumprimentos entre o Matthew e a Chloe, abriu a porta corrediça da cozinha e saiu.

Matthew, depois de sair de Temple Ki, foi a casa tomar banho e mudar de roupa. Um dos rapazes que estava a treinar e que o conhecia, pediu-lhe que desse uma aula demonstrativa sobre um par de movimentos. Ele não se importou. Tirou os sapatos, foi buscar um uniforme que costumava guardar de substituição no cacifo. Quando se tratava de karate-do, Matthew usava os cinco sentidos completamente. Os 20 minutos iniciais converteram-se numa hora. E ao finalizar os exercícios estava totalmente suado. Tinha o uniforme de substituição, mas não roupa de emergência.

—Olá Tori —disse com um grande sorriso. Torceu um pouco o nariz ao reparar no caos em que a sala estava, mas isso não lhe dizia respeito—. Suponho que tive sorte por a Chloe ter saído, assim não tenho de a meter debaixo da porta, não é? —perguntou com tom de brincadeira. Compreendia que Victoria estivesse um pouco reticente. De todas as maneiras, não lhe tinha dado outra opção. Ela sabia como ele era, sabia que não lhe ia dar tréguas até que falassem.

Ela devolveu-lhe o sorriso. Matthew tinha feito a barba de dois dias que costumava ter. Parecia imponente. O cabelo húmido penteado para trás era apenas um dos pormenores que o caracterizava. Com bermudas, com calças de escritório, ou até despido, ele era uma fantasia feminina andante. «A *minha* fantasia particular», pensou possessiva... apesar de já não o puder ter...

—Sim, acho que tiveste sorte.

Matthew percorreu-a com o seu olhar ardente desde a ponta dos pés que tinham uma pedicure perfeita vermelha, até ao cabelo tão húmido como o dele. Morria de vontade de a tocar. Fazer amor com ela. Três semanas sem ela e estava a dar em maluco. Ela era a culpada da sua insónia, da sede do corpo dele pelo dela e que o seu cérebro estivesse mais pendente a pensar nela do que na empresa. Algo que nunca acontecia.

—Anda cá —pediu com suavidade esticando uma mão.

Victoria olhou para ele com receio.

—Continuas chateada comigo? —perguntou ao notar que a Victoria não se mexeu de atrás de umas caixas bastante grandes que pareciam pesadas.

—Eu... não —murmurou

—Então, anda cá. A menos, claro, que tenhas medo que salte para cima de ti... ou tu de mim, depende de como se veja. Queres que comece desde já a ser sincero? —perguntou ao caminhar para ela sem esperar pela resposta. Empurrou, sem dificuldade, as caixas que a impediam de se aproximar. Victoria não se moveu, não podia, estava hipnotizada pela paixão e pela convicção que via naqueles lindos olhos verdes—. Vejamos —sussurrou ao estar de pé em frente dela. Olhou para a direita. O sofá estava livre. «Menos mal», pensou Matt antes olhar para ela nos olhos—. Tenho desejado-te durantes estas três malditas semanas. Fui todas as noites treinar até à exaustão na academia de karate-do para tentar que a vontade de te possuir diminuísse. Sempre que me lembrava do teu corpo nu debaixo do meu tinha uma ereção. Desejaste-me tanto como eu a ti?

—Matt... não faças isso. Não aceitei ver-te para...

—Deixar-te seduzir? Ou tentar seduzir-me?

—Eu não tento seduzir-te —protestou.

O riso rouco do Matthew brotou como a água da nascente. Fresca e estimulante que percorria a coluna vertebral da Victoria. Estava presa na magia da voz dele, no aroma do seu perfume e na força da sua presença.

—Não precisas de o fazer. Nunca precisaste. —Sem anunciar, inclinou-se, abraçou-a e encostou-a no sofá. Prendeu-a com o seu corpo bem delineado à base de exercícios e disciplina. Ela não o rejeitou e para Matt isso foi um bom sinal—. Agora —disse praticamente contra os lábios dela—, conta-me. Desejaste-me tanto como eu a ti?

—Matthew...

—Responde, Tori.

Batalha perdida. Podia protestar, empurrar e retorcer-se o que quisesse, mas isso não tinha sentido porque o corpo dela gritava pelo dele, como uma pessoa com sede no meio do deserto. Era a última vez que ia estar com o Matt. Depois... Depois só ia estar com o Devon.

—Muito mais do que o desejo —respondeu com ardor quando sentiu a mão do Matt a subir pela borda da saia. Acariciou-lhe com firmeza as coxas e quando chegou ao vértice onde se escondiam os seus segredos mais íntimos, só roçou a seda que tapava a pubis; desviou a carícia para os lados. Ela estremeceu.

—Mmm. Vê como é fácil sermos sinceros? Entendo muito bem o teu corpo —disse antes de pousar a boca esfomeada na dela. Meu Deus, como sabia bem. Esse sabor tão único

que lhe fervia o sangue. Devorou-a e ela conterceu-se debaixo do corpo dele, enquanto enterrava os dedos nos cabelos espessos e curtos. Matt delineou a sensual boca com a língua. Iniciaram uma dança descarnada com as bocas. Como se competissem por decidir qual estava mais ávida de prazer. Com um movimento ágil, as mãos do Matt tiraram-lhe a blusa pela cabeça. Ela não se opôs e conteve a respiração quando os olhos verdes brilharam com um claro desejo ardente ao contemplar o peito tapado pelo sutiã branco de encaixes delicados. Os mamilos pugnavam por sair. Com um meio sorriso e uma lentidão deliberada, em vez de abrir o fecho da frente do sutiã, ele deslizou as mãos por debaixo das copas que tapavam os deliciosos mamilos rosados; primeiro destapou um peito, depois o outro. À medida que levava a cabo a sensual tarefa, ouvia satisfeito como a Victoria tinha dificuldade para conter os gemidos e controlar a respiração. Com o pulgar traçou em cada peito o contorno da aréola e depois agarrou cada mamilo entre dois dedos e apertou com celeridade, fazendo-a soluçar de prazer. Apertou, seduziu e atormentou até que ela curvou as costas, elevando assim os preciosos peitos até à boca dele.

—Matthew...

—Sim? —perguntou com a boca encostada à dela ao mesmo tempo que movia as ancas para que ela sentisse a firmeza do sexo dele contra o dela encima das cuequinhas. Os peitos firmes e os mamilos erectos apontavam para ele, em conjunto com a seda das cuequinhas e a saia subida até à cintura, era uma visão muito erótica. Os olhos da Victoria olhavam para ele com mais intensidade e pareciam mais azuis do que o costume.

—Chupa-os.

—O quê? —insistiu ao fingir não entender; não só se excitava a si mesmo ao privar-se de desfrutar com a boca desses dois montículos deliciosos coroados com dois botões rosados, como também sabia que essa antecipação também excitava a Victoria, provocando que esse desejo se transformasse em mais do que aquela humidade quente que se nidificava entre as coxas sedosas onde ele tinha saudades de se perder. Continuou a mover a pelvis, a tentá-la, e ela, elevando as ancas para seguir o ritmo dele e receber a fricção em cima da roupa interior.

—És... Ah! —gemeu quando o Matthew apertou de novo os dedos à volta dos mamilos. Uma mão em cada peito—. Chupa-me os peitos..., *agora!*

Ele sorriu com picardia antes de abandonar os doces lábios.

—Os teus desejos são ordens. —Fez gala da sua rapidez com a língua, fazendo círculos,

chupando, lambendo e mamando os seios. Após mimá-los o suficiente, ou pelo menos durante esse momento, dedicou-se a beijar os contornos. Deslizou a mão direita até à púbis, pressionou e fez um movimento circular—. Mmm... parece-me que estas cuequinhas estão a mais. Verdade?

—Provocador...—sussurrou, enquanto sentia como ele as arrancava com uma facilidade impressionante; rapidamente, a única coisa que tapava o sexo eram os dedos especialista de Matthew—. Oh, sim...

—Desejo-te demasiado.

—Não quero que se passe o mesmo que aconteceu na casa do Harrington... —conseguiu dizer ela, enquanto a boca de Matthew a beijava no peito e depois na boca, no pescoço, nas pálpebras, na face, e os dedos dele continuavam a fazer magia na zona sul...— Não quero ser só eu a ter prazer...

Matthew sorriu ao percorrer a língua desde o delicado canalzinho que separava os generosos seios da Victoria até ao umbigo. Mordiscou-lhe com delicadeza um lado da cintura, depois o outro, absorvendo o perfume da sua pele suave; beijou-lhe o abdómen macio e plano; mordiscou aquele ponto sensível que unia a coxa direita com a anca, lambeu-a e beijou-a como se fosse o doce mais requintado que tinha provado. Ela era isso para ele.

—Não tenho problemas com isso. —Acto seguido tirou um preservativo do bolso de trás das calças. Perante o olhar ativo da Victoria, explicou-lhe—: Eu pensava falar contigo primeiro e só depois tentar seduzir-te. Mas acho que os nossos corpos preferiram começar a conversa de outra maneira. Eu não pensei que... —murmurou antes de se levantar com rapidez e despir as calças, os bóxeres e colocar o preservativo para voltar a juntar-se a ela.

—Pretencioso...

—Não sou. O que se passa é que me cegas o juízo, enlouqueces-me e prefiro estar preparado —confessou antes de a penetrar com uma embestida potente que a fez ofegar. Ela atraiu-o mais profundamente ao colocar as pernas à volta da cintura dele. Matthew **emuló** na boca da Victoria, o que fazia ao mesmo tempo com o seu impressionante membro—. Estás empapada... —gemeu ao sair dela, para voltar de imediato a fundir-se completamente no seu calor. Começou a marcar o ritmo. Lento e depois rápido, alternando com carícias por todo o corpo curvilíneo da Victoria, enquanto ela saía ao encontro dos efeitos sexuais com as ancas, acariciava-o nos ombros, nos braços musculados, percorrendo com as unhas os abdominais

definidos. Matt era grande, forte e viril; ao lado dele sentia-se especialmente feminina. Adorava a maneira como essa força a abrigava e a fazia voar em mil partículas de prazer. Com o Matt sentia-se protegida; sentia-se especial.

—És tão bonito... —disse com um suspiro, quando ele se apoiou à frente dela. Os movimentos do Matthew eram rítmicos, sedutores e hábeis; Ao mesmo tempo que a beijava e lhe embestia com paixão, esfregava o clítoris com os dedos de maneira reverencial. «É sempre assim com o Matt.» Tudo fogo, paixão e galopante, pensou ela ao sentir-se repleta. Ambos desejavam tudo em cada beijo e em cada carícia. O vaivém das ancas do Matt, enquanto a possuía, e o som dos corpos a chocarem em consonância com as respirações agitadas, criavam uma melodia que só os corpos dos dois podiam reproduzir cada vez que se encontravam.

Durante um bom bocado nenhum dos dois falou. Dedicaram-se a sentir, a tocar-se, a morder-se, a beijar-se. Matt soube, nesse preciso instante, que a Victoria estava disposta a deixar-se levar, a entregar-se a ele. Como tinha sido sempre, como devia de ser sempre.

—Mais... mais rápido —pediu ela quando o orgasmo estava a ponto de envolvê-la numa onda furiosa, potente e demencial.

—Dás comigo em maluco... —conseguiu dizer o Matthew entre suspiros. Beijou-a com ansiedade e amor; com ternura e reverência; descarnada e apaixonadamente, enquanto sentia como as paredes íntimas da Victoria lhe apertavam o membro arrancando-lhe um rugido de prazer quando ambos alcançaram o climax. Gritou o nome da Victoria, e logo a seguir ouviu-a a pronunciar o dele.

Permaneceram longos segundos colados um ao outro. Ele tão dentro dela como possível. Victoria satisfeita e saciada. Quando o Matthew saía de dentro dela, ela sentiu a perda do calor do contacto.

Ele moveu-se e meteu a Victoria em cima dele. Sorriu-lhe com toda a doçura que era capaz. Como é que podia ter passado tantos anos sem se aproximar dela, evitando-a, quando a via em algum lado ao longe? Como podia ter sido tão imbecil por ter pensado casar-se com outra, quando sentia que uma parte sua precisava de saber se o que sentia pela Victoria era um capricho estúpido ou algo mais profundo? Como pôde pensar que ela não era também uma prioridade na vida dele? Ela quebrou todas as barreiras dele, completamente.

—Adoro a forma como suspiras o meu nome —disse Matt ao acariciar-lhe o cabelo.

Ela sorriu. Gostava de sentir a pele do Matt quente encostada à dela.

—Deve ser porque és o único homem capaz de criar magia no meu corpo. Não acho que seja especialmente boa na cama, tu tens mais experiência do que eu.

—Queres elogios?

Victoria deixou escapar uma gargalhada.

—Nada disso. Sou bastante justa nesse sentido. Só realço um facto.

Ele piscou-lhe o olho.

—Bom, mesmo que não estejas à procura, deixa-me que te diga que nunca me senti tão ligado e pleno com uma mulher que não fosse contigo. Isso também é um facto —disse e deu-lhe um açoite suave no traseiro nu. Ela não se incomodou em arranjar a saia que estava à volta da fina cintura. Sentir o peito em contacto com os músculos do Matt era demasiado agradável para se privar disso, vestindo-se.

—Nem sequer...? Não. Esquece o que eu disse...

—Não, nem sequer com ela —expressou, pensando que se referia à Rosalyn—. Tori, acho que a Chloe não tem hora de regresso, mas não gostava que ela nos encontrasse de brincadeira na sala, porque não me vou deter se tenho outro orgasmo como o anterior.

Victoria arregalou os olhos.

—Chloe! Sim, é verdade —riu-se. Tinha a certeza de que a amiga se faria de desentendida, mas ela morria de vergonha. Indicou ao Matthew onde era a casa de banho, quando ele lhe perguntou, mas antes de se afastar deixou com fervor a marcas dos beijos nos lábios que ainda batiam por ele.

Victoria arranjou a roupa em silêncio. Tinha o peito e a pele sensíveis, e o sexo empapado. Enquanto o Matthew estava na casa de banho, ela foi até ao quarto para vestir umas cuequinhas; as outras estavam estragadas e lançou-as ao caixote do lixo.

Nem ia perguntar o que tinha acabado de acontecer.

Desceu à sala e encontrou o Matthew confortavelmente sentado. Como se não tivesse acontecido nada entre eles há uns cinco minutos. A única coisa que o denunciava era o olhar felino que tinha e lhe dedicou. Parecia um leão saciado a descansar no seu território.

Ele sorriu para ela e ela aproximou-se. Matthew agarrou-a pelo pulso com suavidade para que ela se sentasse ao lado dele.

—Acho que agora estamos um bocadinho menos tensos do que antes —disse ao beijar-

lhe os lábios—. Estás bem? —perguntou ao vê-la ligeiramente tensa.

—Sim... —sussurrou ao olhar para ele nos olhos.

—Tori, tu dás-me cabo do juízo. Foi sempre assim.

—Desde adolescente? —perguntou com um sorriso a dançar no olhar.

—Talvez. Eras a única miúda que se atrevia a contradizer-me e a defender apaixonadamente os seus pontos de vista sem se importar se me ia chatear ou não.

—Só me importava que se fizesse notar a minha opinião. Continuo a fazer isso.

—Uma das coisas que mais gosto em ti.

Ela riu-se.

—Agora que temos os cinco sentidos a trabalhar, quero pedir-te desculpas pelo que aconteceu na empresa. Estava obcecado pela conta Harrington e fiquei cego de ciúmes quando te vi com o Brian. Em geral, a ideia de te ver com outro deixa-me muito mal. —Ela engoliu em seco, mas não o interrompeu—. Cometi um erro ao não confiar em ti e pela forma como te tratei. —Victoria assentiu—. Desculpa, Tori. Quanto à tua contratação...

Victoria pôs-lhe os dedos nos lábios.

—Eu entendi as razões que levaram o meu pai a pedir-te isso, mas agora já não interessa. Ele acudiu primeiro a ti, e passaram-se muitos anos sem que nos vissemos. Imagino que nunca traísse a confiança de um segredo. Agora que já se passaram algumas semanas, sei que não me mentiste deliberadamente, mas naquele momento custou-me que me tivesses ocultado isso. —O mais importante era que o amava e por isso tentar encontrar razões tinha sido muito difícil, porque o amava.

—Tenho pena que esse assunto te tenha magoado, mas como disseste: eu nunca trairia a a confiança de uma pessoa ao revelar algo que não me compete. Além disso, neste caso não senti que te pudesse magoar assim tanto mais do que o teu orgulho ou o que consideravas algo intocável.

—Sim... Eu sei disso —murmurou.

—Sabes? —agarrou-lhe no queixo e levantou o rosto para ele—. Senti a tua falta. Não tem só a ver com a questão física.

—Matt...

—Na outra noite não aconteceu nada.

—Eu sei.

—Sim?

—Não acho que uma noite contigo seja fácil de esquecer —disse—. Mas não quero que o ego te suba à cabeça —apressou-se a acrescentar.

Matthew riu-se.

—Tori, também nenhuma noite contigo é fácil de esquecer. Assim que nesse aspecto estamos bastante empatados. —Acariciou-lhe a face com doçura e ela estremeceu. Matthew tinha uma imagem pública de um homem auto-suficiente e duro de roer, mas com ela as mãos, o corpo e os olhos dele transmitiam-lhe uma doçura que a comovia. Sabia que de alguma maneira era especial para ele. Gostava disso. Muito. Por outro lado, o coração batia com inquietação. Sabia que tinha de contar ao Matt, mais cedo ou mais tarde, a situação do Devon, mas a ideia de ele a odiar era como morrer mil vezes. Embora pudesse ter detido os avances de sedução dele nessa noite, afinal teria-se rendido a ele de todas as maneiras, porque não podia evitá-lo, porque o amava e não havia consciência no mundo que a tivesse conseguido afastar dele. Precisava dele como de ar para respirar. Por isso, renunciar a ele era devastador. Neste momento já nem lhe importava ser só a amante, se isso lhe permitisse estar ao lado dele e contentar o seu próprio coração. Não queria saber de mais nada que não fosse continuar a ouvir a sua voz, as suas conversas, a sua paixão e tudo o quanto ele era. Estava muito contente por o Devon ter saído do coma, mas era uma situação que a punha entre a espada e a parede. Não podia deixar o melhor amigo à deriva.

—Disseste-me que perdi uma parte da conversa porque me deixei dormir. O que foi?

Ele dedicou-lhe um meio sorriso e os olhos verdes brilharam com uma emoção que ultimamente ela via muito no olhar dele, mas que não conseguia decifrar. Matt agarrou-lhe no rosto num gesto cheio de sinceridade e olhou-a nos olhos.

—Confessei que te amo e que estou muito apaixonado por ti. —«Meu Deus, quando ouviu as palavras que há tanto tempo precisava dos lábios do Matt, tudo mudou», pensou angustiada—. Amo-te —repetiu com firmeza—, e ainda não tinha encontrado o momento certo para te dizer. Pensei que ontem... —sorriu—. Não tinha intenção de me atar a ninguém de nenhuma maneira, mas contigo foi inevitável. Quando eras adolescente rejeitei-te, porque não me sentia capaz de dar nada em troca e por assuntos profissionais. O tempo passou, cresci e aprendi. Gosto de ter tido as experiências que tive, porque agora posso dizer-te com certeza

que te amo, sem medo de pensar se me estou a enganar ou que não tenho nada para te oferecer. Não estou estragado por dentro, como achei durante muito tempo. Chegar a ti significou preencher aqueles vazios que achei que não existiam. Quando estou contigo sinto que posso ser um homem melhor. Tu completas-me e dás luz aos sítios escuros da minha alma.

«Como era possível que este homem tivesse a capacidade de lhe derreter o coração dessa maneira?» Ao mesmo sentia-se num ponto de ruptura. A vida gozava com ela. Estava a dar-lhe o que sempre desejou ao mesmo tempo que lhe tirava, sentia-se culpada por causa do Devon.

—Oh... Matt... eu...

—Tu? —perguntou. Estava a seguir o conselho do Tanaka. Não estava a permitir que o orgulho ou qualquer outro aspecto do ego o inibisse de expressar algo tão importante para ele. Aquela palavra: *amo-te*, tinha-as dito durante o noivado com a Rosalyn; tinha-lhe saído com facilidade e supôs que era lógico dizê-lo; mas agora dava-se conta de que na realidade não sentia isso. Gostou muito dela, mas não a amou. Contudo, demorou muito tempo para confessar esse sentimento à Victoria. Isso só tinha uma explicação. Quando algo tem um nível verdadeiramente alto de valor sentimental era muitíssimo mais difícil expressá-lo. Confessar à Victoria os seus sentimentos era algo que a alma lhe gritava para fazer.

Ela pôs-se de pé, desconcertando-o. Ele levantou-se com lentidão. A Victoria ficou a poucos passos de distância.

—Isto tudo —apontou para o espaço invadido por coisas e papéis— é meu.

Ele não entendia como tinham mudado de tema tão bruscamente, e sentia que a ansiedade era enorme.

—Redecorações? —aventurou-se a perguntar com um meio sorriso. Ela amava-o, confessou-lhe na noite anterior, mas não devia estar com um sorriso na cara em vez dessa expressão contraída? O que se estava a passar?

Victoria olhou impotente para ele.

Um mau pressentimento apoderou-se do Matt. Não se tinha como uma pessoa fatalista, mas nesta ocasião, algo não ia no rumo normal depois de uma declaração como a que tinha acabado de fazer. Não quando sabia que era correspondido.

—Ontem o Devon acordou do coma —disse com uma voz carregada de tensão e com os olhos cheios de angústia. Ele nem se mexeu. Entendia que ela estivesse surpreendida por

Devon ter acordado do coma, pelo menos depois de tudo o que ela lhe contou sobre esse episódio, mas não conseguia encaixar a expressão ansiosa da Victoria sobre isso com os sentimentos que ele acabava de lhe confessar.

—E...—disse, incentivando-a a continuar.

—Eu... eu vou mudar-me com ele para um apartamento.

O sorriso do Matthew desapareceu.

—Victoria. —Aproximou-se, agarrou-a pelos ombros para que ela olhasse para ele. Ela estava a tremer. «Que raios?»—. Olha para mim.

Ela fê-lo. Tinha os olhos cheios de lágrimas sem derramar.

Ele disse um palavrão baixinho.

—O que sentes por mim?

—Matthew, não...

—Diz-me! Repete o que me disseste ontem à noite!

—Se já ouviste ontem, porque queres ouvir outra vez? —sussurrou.

Matt abanou-a com suavidade pelos ombros.

—Preciso que sejas sincera —exigiu com uma voz perigosamente suave—, e que me digas na cara sem nenhum efeito que não seja só o dos teus sentimento e não o de uma noite de copos. Aqui estamos, tu e eu. Sem máscaras.

Ela olhou para ele.

—Amo-te...—confessou por fim—. Adoro-te e foi sempre assim... Nunca foi um capricho de adolescente. Nem é um capricho agora...

Matthew olhou para ela fixamente. O ardor que lhe corria nas veias converteu-se em gelo e uma fúria cega apoderou-se dele com uma força que o estremeceu. Amava-o, então porque raios queria ir viver com outro?

—Victoria —disse com uma voz mortífera—, o que foi que fizemos neste sofá? Aliviámo-nos? Demos uma queca antes de te ires embora com esse traste?

—Tu sabes que não... —respondeu com a voz partida.

Ele apertou a mandíbula.

—O que achas que penso agora mesmo ao saber que estás apaixonada por mim mas que

pensas ir viver com outro que não sou eu?

—Matt, não é assim tão simples —expressou nervosa.

—Então, explica-me! —gritou desesperado. Passou a mão pelo cabelo. A veia do pescoço batia. Tinha dificuldades em concentrar-se e em filtrar a fúria por outro canal que não fossem as palavras. Não queria dizer nada que viesse a arrepender-se—. Explica-me, porque agora mesmo os meus neurónios estão em conflito para entender.

—Porque devo isso ao Devon —disse num sussurro.

—Deves-lhe? Deves-lhe isso?! Esse tipo acabou de acordar. Disseste-me que te tinhas ido despedir dele quando começaste a sair comigo. O que se passa?

—Eu...

Nunca tinha sentido um medo tão grande como o de ficar sem ela. Não podia perdê-la. Não queria.

—Casa comigo, Tori —pediu com os olhos cheios de sinceridade. Talvez fosse o pior momento para pedi-la em casamento, mas quando esse pedido lhe saiu da boca soube que era o correcto—. Não nos faças isto. Não quando demorámos tantos anos a chegar até aqui. Casa-te comigo.

Ela olhou para ele boquiaberta.

—O que...? O que disseste? —perguntou como não tivesse ouvido as palavras que sonhava ouvir desde adolescente do homem que amava. Porquê? Porquê agora? Sentia-se tão feliz como miserável. Não podia deixar o Devon à deriva. Não depois daquele terrível acidente. Ele foi sempre leal com ela. Não o podia abandonar. Não desta vez.

—O meu corpo tem a marca do teu. Não nos leves a um ponto sem retorno. Leva o meu anel e o meu nome, faz-me essa honra. E mesmo tendo uns ciúmes de mil demónios, vou respeitar se quiseres ajudar o idiota do Patroll. Tori, por favor, sê minha esposa —disse com o coração a bater a mil à hora e mais nervoso do que nunca, mas com a firme convicção de que acordar ao lado da Victoria o resto da vida era tudo o que precisava para que as suas sombras já não existissem mais.

—Matthew...—sussurrou quando ele se inclinou para a beijar. Não foi um contacto de desejo. A boca do Matt soube deixar um rasto de amor e ternura que ela devolveu. Abraçou-o a temer que ele desaparecesse de um momento para o outro. Ia perdê-lo. Sabia disso. Doía como se lhe estivessem a pôr um ferro ardente na pele.

Quando a Victoria se separou, Matthew agarrou as mãos delicadas entre as dele e apoiou a testa contra a dela.

—Amor?

Ela afastou-se.

—Não me posso casar contigo —sussurrou como se alguém lhe estivesse a cortar o peito com um punhal.

—Porquê? —perguntou ao afastar-se.

—Porque dei a minha palavra ao Devon.

—Mas se nem passaram 24 horas desde que ele voltou ao mundo dos conscientes, o que lhe prometeste? —perguntou com sarcasmo e raiva—. Será que não ouviste nem uma palavra do que te disse? Não queres saber? Diz-me! O que lhe prometeste? —implorou sem se conter.

—Que me casava com ele —disse com a voz partida.

—Apesar de que amares a mim? —perguntou apertando a mandíbula.

—Não se trata...

Ele fez um sorriso amargo.

—Não abri o meu coração a *nenhuma* mulher como acabei de fazer contigo. —Com dois passos avançou até ela, agarrou-a pela cintura e colou-a ao corpo sem contemplação. Ela respirou. Matt pressionou as costas da Victoria para a frente, por isso ela não teve outro remédio que apoiar as mãos no peito masculino e levantar o olhar. Os olhos verdes estavam muito escuros, como se lá dentro se estivesse a formar uma tempestade. Inclinou a cabeça até que a respiração dos dois se misturou—. Achei que eras uma mulher valente. —Victoria olhava para ele com angústia e pesar—. Enganei-me.

—Eu também não te deixava se fosses meu amigo e precisasses de mim —respondeu com a voz a tremer—. Não quando estivemos comprometido e essa fosse a única lembrança imediata que lhe dá esperança. Não quando...

—Eu não sou o teu maldito amigo, eu sou o homem que amas e que te ama, raios! —gritou interrompendo-a. Não aguentou mais e largou-a. Ela quase caíu para trás, mas conseguiu manter o equilíbrio. Ele passou a mão pelo cabelo. Deu um pontapé numa das caixas e todo o conteúdo caíu ao chão.

—Quero que entendas que há uma pessoa que acabou de sair de um estado de coma e

que perdeu um ano de vida metido numa cama. A última coisa de que se lembra é de uma briga que teve comigo; estávamos comprometidos. Como negas ao teu melhor amigo, ao homem que esteve contigo quando mais precisaste desde a infância, a única coisa que sabe e que o pode ajudar a recuperar? —perguntou furiosa.

—Casar-te com ele é a resposta? Estás disposta a estar com alguém por compaixão?

Ela fechou os olhos com força e esfregou as têmporas.

—Não se trata de compaixão —disse ao olhar para ele—. O meu mundo pôs-se de pés para o ar em menos de dois dias. Tenho de colocar em ordem o meu passado, Matt. Entende... eu...— Como tinham chegado a esse ponto de viragem?, pensou desconsolada—. Preciso de tempo.

—O que esperas? —perguntou Matthew com os braços cruzados. Parecia um gladiador com fato, disposto a sitiar, rodear e conquistar se ela permitisse novamente, mas se calhava à Victoria outra vez faria uma estupidez. Era capaz de a agarrar de qualquer maneira; de atrás, contra a parede, no chão só para lhe demonstrar como reagia o corpo dele em contacto com o dela. Não lhe podia fazer isso; não podia sujar o modo em que se amavam atuando só com os instintos. Merda. Tinha seguido o conselho de Tanaka; não tinha tentado controlar o amor. Estúpida ironia. Esse amor foi-se pelas mãos a tal ponto de sentir que se estava a partir em dois —. Pretendes que pare a minha vida à espera que em algum momento a tua mente se ilumine e decidas esquecer essa ideia estúpida de te casares com outro por compaixão? Por acaso queres que eu espere a ver se depois de um tempo de casada com outro, talvez, te divorcies e vejas que cometeste um erro e tentes voltar para mim? Queres que esteja à vontade da recuperação de outro homem? —disse com um tom de ferro e soltava cada palavra como se disparasse uma metralhadora—. Por quem me tomas, Victoria? Não sou um peralta infantil.

Ela tentou aproximar-se novamente, mas desta vez foi Matt quem a rejeitou. Isso magoou-a.

—Eu... preciso de tempo —insistiu—, pelo menos até que o Devon possa assimilar tudo outra vez, e então entenda a minha necessidade de...

—Victoria, contigo quero tudo ou nada. Este é o nível da minha aposta. Não se ama a meia medida. Podes estar em igualdade de condições?

—Sinto-me entre a espada e a parede, eu... não posso... o Devon e tu são importantes para mim, de uma maneira diferente cada um, mas...

Ele riu-se sem alegria. Aproximou-se da mesa onde tinha deixado as chaves do carro. Agarrou nelas e começou a balançar-las entre os dedos. Apertou com força a peça de metal. Ela era a única pessoa capaz de feri-lo com uma estacada certa. Nunca tinha sentido uma dor tão lacerante como ter de a deixar ir, mas não podia viver das aprendizagens da Victoria, mesmo que quisesse.

Matthew aproximou-se da Victoria como um jaguar a estudar a sua presa. A única diferença é que, nesta ocasião, não pensava fazer mais nada, só observá-la.

—Faz uma pequena concessão, *princesa* —disse a brincar. Ela engoliu em seco. Nunca tinha visto esse lado do Matthew... tinha-o magoado. Victoria sentia um nó na garganta e um mal estar terrível, mas não podia abandonar o Devon quando o que aconteceu em grande parte era culpa dela. Tinha de reparar isso... mesmo que isso lhe custasse mais do que queria—. Não me ponhas na mesma oração que esse imbecil.

—Matt...—disse com a voz partida.

—Eu estou disposto a seguir em frente —disse sem rodeios—. Tu acabaste de fazer a tua escolha e preferiste o teu passado. Então, vive-o! Adeus, Victoria Anne. —Afastou-se e saiu de casa.

CAPÍTULO 19

Nove semanas depois...

O vestido de noiva da Victoria resplandecia com a luz do meio dia. Era um vestido simples com corte de sereia, que lhe marcava as curvas de um modo delicado e sofisticado. Tinha o cabelo apanhado num tocado que dava para pôr um lindo alfinete de diamantes, prenda da mãe do Devon. Era o dia mais feliz da sua vida? Francamente, sentia-se uma fraude.

Ia marcar o seu destino por uma promessa que não a fazia feliz. Todos os dias foram um tormento, porque não conseguia tirar da cabeça a última noite com o Matthew. Aquela expressão no rosto dele; primeiro ilusionada e quente, depois fria, furiosa e decepcionada. Esteve a ponto, por várias vezes, de marcar o número de telemóvel do Matt; esteve a ponto de agarrar nas chaves do carro e ir ao encontro dele, mas acabava sempre por desistir. Que sentido tinha se foi ela quem decidiu afastar-se dele? Matthew era encantador e tinha um sentido de humor especial, e ela sabia bem que mais de que uma mulher babava por ter algo com ele. Só a ideia doía. E se ele já tinha passado a página, não o podia culpar... ela incentivou-o ao rejeitá-lo.

Apesar de estar triste pelo Matthew, estava alegre pelo melhor amigo. Devon mostrava-se agradável e divertido desde que saiu do hospital, mas ela sentia que alguma coisa não estava bem. Achava que se devia ao processo de recuperação física com as terapias entediantes que ele fazia para recuperar a mobilidade das pernas, por isso não tinha outra desculpa para o que sentia. Os exercícios tinham feito efeito. Contudo, teria que continuar a ir ao médico para avaliar o processo. O médico de família informou-os que o caso do Devon era um dos poucos que depois de tanto tempo em coma, a recuperação da memória era completa, e a reinserção do paciente na sua vida diária se dava com passos acelerados.

Por outro lado, Julianne gritou e insistiu para que o irmão fosse viver na mansão da família, argumentando que o golpe emocional para todos só se podia superar com a convivência. Devon, na ânsia de voltar à sua vida com normalidade, não colocou nenhuma objeção, porque o que mais desejava era sair daquele hospital. Victoria não se opôs à Jules.

Mesmo adorando os Patroll, Jules era um problema, por isso viver sozinha no apartamento não estava mal. Victoria insistiu em pagar a renda ao pai e este aceitou. Chloe, quando soube da birra da Julianne, disse à Victoria para desfazer as caixas e ficar em casa. Tori sentia-me mais do que agradecida à amiga, mas nesse momento parecia-lhe vital viver no próprio apartamento.

Tinha começado a trabalhar a *part-time* como consultora publicitária independente. Com Devon tinha estabelecida um tipo de rotina. Ele absorveu-se em voltar à sua vida profissional e ela, durante o tempo livre, ajudava-o a pôr em ordem as formalidades administrativas. Aos fins de semana saíam juntos para jantar ou iam ao beisebol ou a algum jogo de hóquei. Para além de de lhe dar a mão ou um beijo rápido, Devon não tentou nenhum avanço físico e nem lhe sugeriu passar uma noite com ela. Dos dois, ele era quem costumava estar sempre mais entusiasmado com a ideia de fazer amor, por isso a forma como atuava agora parecia-lhe estranha.

Duas semanas depois do Devon sair do hospital começaram as organizar o casamento. Lauren Patroll disse que ver a Victoria e o Devon juntos era algo que não podia continuar a adiar, já que depois desses meses negros, eles precisavam de ser felizes. Ao contrário do que a Victoria esperou, o pai do Devon, que costumava ser bastante moderado ou calado, interveio a dizer que não podia apressar as coisas, que deixasse os jovens em paz. Lauren não deu trégua. A Victoria pensou que não era importante se casavam antes ou depois, casar-se com o Devon era algo que ia acontecer de todos os modos. Pois ali estava ela. No dia do seu casamento. Mais triste do que nunca. A única que se sentia aliviada nesta ocasião era a sua consciência.

—Filha —disse John do outro lado da porta do pequeno quarto que o sacerdote tinha dado à Victoria para esperar pelo noivo, que estava um bocadinho atrasado. A igreja era lindíssima. Todos os convidados já tinham chegado e estavam sentados à espera dos noivos. Chloe era a dama de honor e tinha ido buscar uma garrafa de água fresca para a Victoria—. Posso entrar?

—Claro, pai. Entra.

Vestido com *smoking*, John luzia os seus anos com estilo.

—Vicky, amor, estás maravilhosa. Como teria gostado que a tua mãe estivesse contigo neste dia tão importante —expressou emocionado ao ver a sua única filha—. És a noiva mais bonita do mundo —disse com um nó na garganta. Mesmo que a Victoria tivesse vinte, trinta ou quarenta anos, para ele seria sempre a sua menina pequena.

Ela sorriu como se lesse a emoção nos olhos do pai, tão azuis como os dela.

—Obrigada, pai —Aceitou o abraço que o dono de Spring & Marsden lhe deu. E sem nenhuma razão, quando o pai se ia a afastar, ela reteve-o. Ficou abraçada a ele. Com força. Como se não o quisesse deixar ir nunca.

—Vicky? —murmurou encostado ao cabelo da filha. Era um bocadinho mais baixa do que ele. Passou-lhe a mão pelas costas, como lhe costumava fazer quando era pequena e tinha pesadelos—. Princesa, o que se passa?

Victoria não disse uma única palavra e continuou agarrada ao pai.

John entendeu-a. Na realidade, ela pensou que continuar com o jogo de casar-se com o Devon era o melhor. Ele estava contente por os Patroll terem de volta o filho, mas via que a teimosa da Vicky estava a cometer um grande erro.

—Se não te queres casar com ele, a mim não me importa anunciar que decidiste outra coisa —disse com suavidade—. Não te preocupes com o que os outros dizem ou opinem. Esta é uma decisão crucial para a tua vida pessoal, assim que só te cabe a ti saber o que queres ou necessitas.

—Eu... —respondeu ao afastar-se do pai, mas sem se afastar de todo. Sentia um nó na garganta—. Eu prometi...

John suspirou.

—Victoria, há uma coisa que deves saber, filha. Lembraste de quando eras pequena e te contava como a tua mãe e eu nos conhecemos? —perguntou interrompendo-a.

—Sim...

—Omiti um pormenor muito importante —confessou ao colocar as mãos nos ombros da filha, para que ela olhasse para ele—. E precisas de sabe-lo.

Victoria tinha os olhos cheios de lágrimas sem derramar. Ela conseguia ouvir os murmúrios das pessoas a conversar na igreja. A Chloe disse-lhe que o Devon estava um pouco atrasado devido ao trânsito, por isso é que ela agudava naquela sala pequena e agradável. Afinal, o noivo não devia de ver a noiva antes da cerimónia. Dava azar.

—A tua mãe esteve a ponto de não se casar comigo. Os pais dela tinham-lhe imposto um casamento de conveniência com o dono de umas adegas de vinho de Itália que tinha pensado investir nos Estados Unidos, e também tinha um negócio discográfico. Um partido,

segundo a tua avó, muito conveniente.

—A avó nunca me pareceu uma pessoa desse estilo. O que disse a mãe?

—Ela pensava que era importante seguir os conselhos da família, embora me amasse.

—Como lidaste com isso...? —quis saber, intrigada.

John sorriu ao recordar aqueles anos.

—Fi-la escolher entre uma vida cheia de dinheiro, onde tudo era socialmente correcto. Ou uma vida com altos e baixos com um homem como eu, que a amava demasiado e estava disposto a comer o mundo com o objetivo de o pôr aos pés dela. Uma semana antes, ela cancelou o casamento com o italiano, quando todos os convites já tinham sido enviados. Após o nosso casamento, a família não falou com ela durante dois anos. Até que nasceste tu. Mas a tua mãe sempre disse, que ter-se enfrentado aos pais por algo que o coração lhe pedia, foi a melhor decisão da vida dela, porque te teve a ti e porque fomos felizes juntos.

«E que eu pensei que era valente. Não sou nem uma sombra de isso», pensou a Victoria decepcionada dela mesma.

—Há um mês o Matthew foi ter comigo ao escritório. Disse-me que te ama e que te pediu em casamento —continuou John, sem se conter. Conhecia o Matthew muito bem, o olhar de frustração e desassossego que tinha quando foi falar com ele foi muito revelador, porque particamente tinha assistido à sua evolução como profissional e pessoa desde os tempos universitários. Falaram durante um longo momento de tudo um pouco. Finalmente, agora podia apresentar à filha factos. Não o fazia só porque fosse justo, mas porque não suportava vê-la cometer um erro dessa magnitude sem antes tentar abrir-lhe os olhos—. Também soube que recusaste o pedido. O rapaz é pouco expressivo, mas acho que não precisava de me dizer mais nada para que entendesse.

O coração da Victoria disparou. Começou a andar de um lado para o outro. Matt era um homem sumamente reservado. Claro que conversava com o pai dela, mas saber que lhe tinha contado o que sentia por ela...

—Sinto-me tão desesperada, pai. Por um lado está o Devon, meu amigo de toda a vida e a recuperação dele do acidente. E por outro, Matthew que é...

—O amor da tua vida —completou John com um sorriso compassivo—. Eu soube sempre disso, filha. Por alguma razão sou teu pai.

—Nunca me disseste nada... Nem quando me comprometi com o Devon...

—O mais provável é que tivesses seguido o caminho contrário ao que te dissesse. Mais tarde ou mais cedo ias dar-te conta por ti mesma. —Encolheu os ombros.

—Foi por isso que pediste ao Matthew para me contratar?

John sorriu sentido-se culpado.

—Há uns anos, quando ele me contou que a Rosalyn o tinha abandonado, que Deus me perdoe, fiquei contente, senti que ainda havia esperança para fazer alguma coisa. Nunca te falei sobre a vida do Matthew, pelo menos nada de especial sobre esse capítulo, porque tu estavas a viver outra etapa e eu não sou bisbilhoteiro... acho. —Victoria riu-se—. Sabes? Quando te comprometeste com o Devon não me preocupei muito, ele é bom rapaz, mas sabia que teria sido um casamento muito entediante. Demasiado plano, sem objetivos, sem a emoção que sei que existe quando uma pessoa te desafia a ser melhor.

—E quando fiquei sem emprego, sabias que o caminho era tão fértil profissionalmente nesses meses... interviste —expressou a rir-se—. Ai, pai.

—Oportunidade e destino —disse John com um sorriso—. Só forcei um bocadinho.

Victoria negou com um sorriso.

—Amo-te, pai —disse com lágrimas nos olhos, enquanto o John a abraçava e consolava—. Desculpa-me por me ter zangado contigo, por me ter distanciado todos esses meses...

—Tu és tudo o que eu tenho e amo-te mais do que tudo no mundo, filha. Não te preocupes, princesa, enganei-me e magoei-te. Agora está tudo bem. Não chores, Vicky, não chores. Vais dar cabo da maquilhagem e ninguém quer uma noiva chorona nas fotos —disse com um sorriso, enquanto ela agarrava no lenço que o pai lhe oferecia para limpar a cara.

—Obrigado...

—Eu vou respeitar a decisão que tomes. Se te quiseres casar com o Devon, não importam as tuas razões, porque são muito tuas, vou acompanhar-te até ao altar. Se decidires cancelar o casamento, também vou estar ao teu lado.

—Acho que a decisão mais difícil que tomei foi deixar o Matt...

—Eu ensinei-te o valor da lealdade e de uma promessa feita aos outros, mas não te ensinei a viver e a decidir com base num sentimento de culpa. Isso não. Filha, a maior lealdade é a promessa de ser fiel a nós mesmos e ao nosso coração.

—Oh ... —disse com a voz entrecortada—. Matthew disse-me que eu escolhi o passado.

Na realidade, o que escolhi foi não ser fiel a mim mesma... —soluçou a olhar para o pai—, para além de o ter magoado, também o afastei de mim para sempre. —Tapou a cara com as mãos—. Ele não é o tipo de homem, que depois de abrir o coração e ser rejeitado, dê segundas oportunidades ...

—Pensas dar-te por vencida antes de ter começado a fazer algo a respeito?

Ela negou.

—Claro que não —afirmou—. Amanhã vou ter com ele ao escritório e vou persegui-lo até que me ouça.

—O Matt deixou a empresa há um mês, Vicky —disse com um tom de pesar na voz.

Olhou para ele boquiaberta.

—O que estás a dizer, pai! A empresa e a promoção eram tudo o que ele sempre procurou. O que sempre quis...

—Parece que a vida deu voltas importantes na vida de ambos. Decidas o que decidires, estou ali fora, tesouro —comentou antes de sair.

Segundos depois entrou a Chloe com o seu sorriso característico e com o cabelo preto a mover-se ao compasso dos gestos. Com um vestido curto verde água, Chloe estava linda. Tão exótica como as pinturas dela. Quando viu que a Victoria começava a procurar na pequena mala o telemóvel, como se fosse o objeto mais importante do mundo, aproximou-se.

—O que estás a fazer? O Devon está a sair do carro. Tens de sair. Anda...

Victoria pôs a mala de lado.

—Ia telefonar-lhe —agarrou nas mãos da amiga—, ainda bem que chegou. Tenho de cancelar o casamento.

—Tens febre? —perguntou a morena surpreendida—. Imagino que estejas nervosa, mas os todos os convidados já estão dentro, o sacerdote já fez um sinal ao teu pai a dizer que está tudo em ordem para a cerimónia e, o mais importante, o noivo está a segundos de entrar na igreja.

—Não me posso casar com o Devon —disse ao abrir a garrafa de água que a Chloe lhe levou. Bebeu três goles seguidos, aliviando a sede—. Chloe, gostas do papel de dama de honor?

—Victoria? O que estás a dizer? Gastaste tanta energia para organizar isto à perfeição,

há pessoas de alto nível à espera lá fora e quase toda a equipa da agência. Sabes que o teu pai convidou muitos colegas e amigos... —soprou ao lembrar-se da pergunta—. Sim, gosto deste papel, e pude desenhar o meu próprio vestido. Também não é a primeira vez que se casa uma amiga minha e faço de dama de honor. Acho que vocês todas pensam que por ser artista tenho uma paciência infinita.

Victoria abraçou-a a rir-se.

—És única e é por isso que te adoro. Agora vai ter com o Devon e diz-lhe que preciso de falar com ele.

—Mas diz-me porque queres cancelar o casamento.

—Porque o meu melhor amigo não é o homem que move o meu mundo nem o que amo. Agora foi a vez da Chloe sorrir.

—Pufff, ainda bem que voltaste à razão —disse—. Estavas tão obcecada com o teu sentimento de culpa ridículo que nem me ouvias, por isso não tive outra opção que apoiar-te até que te desses conta...

—Acabei de ter uma conversa com o meu pai. Uma dessas que não tinha há muitíssimos anos. Ele é o melhor.

Chloe sorriu.

—Vamos solucionar este enredo juntas. Temos de encontrar o Devon na entrada, antes de ele entrar no corredor. Caso contrário, a tua querida amiga Julianne vai começar a gritar. A estas alturas, o meu papel de dama de honor não é um sonho.

Estavam prestes a sair, quando a porta se abriu de repente. Entrou o Devon e também a mulher que a Victoria tinha visto no hospital, quando se foi despedir do melhor amigo.

—Bem, oh, olá —disse a Victoria um pouco confusa—. Tu és a mulher que estava no hospital... Amelia, certo?

A bonita moça assentiu.

—Sim...

A mulher dos preciosos olhos em forma de amêndoa parecia nervosa. Levava vestido um conjunto simples, mas realçava os traços exóticos que tinha. A Victoria não se lembrava de ela estar incluída na sua lista de convidados. Nem na lista do Devon.

—Tori —começou o Devon para evitar que elas iniciassem um diálogo. Aproximou-se e

agarrou nas mãos da amiga de toda a vida. Olhou para ela com preocupação —. Fui um imbecil e não te mereço —expressou.

—Do que estás a falar? —disse ao levantar as sobrancelhas.

Chloe ficou em silêncio numa esquina, a fingir-se invisível depois de fechar a porta. «Esta está boa.»

—Eu... —respirou—, eu não fui sincero. No dia do acidente atrasei-me, porque recebi uma notícia que mudou totalmente a minha vida. Por essa razão é que não foi à reunião com o cliente. Só me lembrei disto há umas semanas, mas não me sentia capaz de falar contigo. Eu...

—Por favor, diz-me já, o que se passa? —pediu inquieta.

—Sei que isto te vai magoar muito, eu sinto-me um verdadeiro burro. Tu foste uma amiga infalível e...

—Não quero rodeios. Se me vais dizer alguma coisa que deva saber, diz-me já, Devon. Ele assentiu. Deixou cair os ombros.

—Uma noite, há mais de dois anos, tu e eu tivemos uma briga muito feia. Lembro-me que bebi muito e fui sair com uns amigos. Conheci a Amelia e... —negou com a cabeça—. Essa noite teve consequências. Poucos meses antes do acidente soube que era pai. Tentei pensar que não era verdade, porque foi só uma vez, com uma desconhecida que pôde ter estado com muitos antes ou depois e ... —mexeu nos cabelos—, até que aceitei fazer os testes de ADN, depois de ela não parar de insitir para que os fizesse. No dia do acidente, o meu pai, por engano, abriu parte da minha correspondência, uma que tinha deixado na empresa. Eram os resultados do laboratório. Tivemos uma discussão muito feia. Eu estava mesmo muito zangado, porque nesse dia tu e eu íamos definir os pormenores do nosso casamento, e também tínhamos a reunião com esse cliente. A Amelia disse-me que se não desse o apelido ao meu filho, se não o reconhecesse, nunca mais o voltaria a ver. Quando me lembrei da primeira vez que vi o Leo... Meu Deus. Não podia fingir que não era do meu próprio sangue. —Passou as mãos pelo cabelo—. O acidente foi culpa minha. Toda a dor que causei foi devido à minha falta de sinceridade contigo, com a minha família, com a Amelia, com o meu próprio filho... Por tentar parecer que estava tudo bem, quando não era assim.

Isto não pode ser verdade, pensou a Victoria. Não podia acreditar. Devon. O amigo que acreditou ser fiel e leal. O amigo por quem se dispôs a cumprir uma promessa, quando ele, há dois anos, já tinha quebrado a dele. Enganou-a. Contudo, a sensação de traição e dor não se

podia assemelhar nunca, se, por exemplo, quem lhe estivesse a contar tudo isto fosse o Matt. Para ela era mais uma prova de que não amava o Devon. Mais uma prova do grave erro que teria cometido ao casar-se com ele.

Como se a mão da Victoria tivesse ganho vida própria, enfiou-lhe uma bofetada.

—Sabes o que fizeste, Devon? —perguntou com os olhos a chipear de coragem.

Devon não se zangou. Sabia que merecia. Isso e muito mais.

Amelia afastou-se da porta e aproximou-se da Victoria, com algum recelo de como reagiria ao tê-la tão perto, agora que já sabia porque razão uma desconhecida ia visitar o Devon acompanhada de um menino pequeno.

—Victoria, lamento muito... Lamento a dor que te está a causar saber de tudo isto precisamente hoje... Não podia deixar que o Devon se casasse contigo sem que soubesses isto, principalmente porque temos um filho —disse a Amelia com angústia na voz—. Se eu tivesse no teu lugar, gostava de saber. Não podia falar sobre isto no hospital, eu... lamento muitíssimo.

—Imagino que na noite que tiveste relações com ele não sabias, mas depois, ao retomar o contacto deduziste, ou vais negar isso? —Amelia baixou os olhos—. Também não entendo o que fazes aqui —explodiu a Victoria—. Enquanto ele e eu estávamos comprometidos, quanto tempo estiveram juntos?

—Quando soube que estava grávida, já me tinha mudado a outro estado por razões de trabalho. Foi-me impossível localizar o Devon, porque ele era só era um conhecido de um amigo em comum. Quando o Leo fez um ano, decidi recomeçar a procura-lo. Sou órfã e nunca soube quem eram os meus pais, por isso queria que, pelo menos, o meu filho fosse reconhecido. Talvez tenha exagerado ao exigir ao Devon o apelido... —ao ver a expressão de fúria da Victoria decidiu resumir o relato—, a verdade é que voltei à Califórnia. Ele e eu encontrávamo-nos de vez em quando por causa do Leo. O Devon insistia que não era filho dele, mas eu sabia que ele estava com medo. Porque o Leo tinha aparecido de surpresa na vida dele. O meu filho foi o melhor que me aconteceu e só lamento que esta situação, directa ou indirectamente, só tenha criado sofrimento. E respondendo à tua pergunta... sete meses antes do acidente começámos a... O Devon começou a ir a casa para estar com o Leo... Não preciso de te dizer mais... eu...

Tori deixou de prestar atenção na Amelia e olhou para o Devon.

—Ah, então foram amantes sete meses e, mesmo assim, ainda tinhas o descaramento de estar comigo, Devon. Finalmente compreendo a tua irresponsabilidade na nossa agência, as brigas, os atrasos. Fui uma cega contigo. —Victoria tirou de má vontade o alfinete de diamante e atirou-o ao chão. Tirou o véu mais curto que tinha colocado para trás e deixou-o cair—. Como não estavas contente com isso, no hospital mentiste-me a dizer que querias estar comigo. Fizeste-me prometer que continuaríamos com o tema do casamento. E nestas semanas, quando já sabias a causa exacta do teu maldito acidente, não me disseste nada. Tens ideia do que me fizeste? —disse com uma voz letal—. És um completo imbecil. Carguei uma culpa que não tinha de assumir, quando é evidente que a parte ofendida fui sempre eu, sem sabê-lo. Estive vários meses a lamentar-me por ti, parei a minha vida —cruzou os braços—, até que a Chloe me convenceu que estava mal fazer isso. Tive de refazer tudo *sozinha* quando a maldita responsabilidade era tua, Devon! —gritou.

—Falhei-te. Lamento muitíssimo... Tori, a sério, desculpa... —respondeu com dificuldade ao vê-la tão furiosa—. E agora já sei que não me posso casar contigo... Todas estas pessoas... Tu também não me aceitarias depois do que te acabei de contar e...

Então a Victoria estourou em gargalhadas. Deu-lhe um tal ataque de riso, que as lágrimas começaram a sair. Chloe aproximou-se imediatamente, mas quando o Devon tentou consola-la, ela empurrou-o.

—Primeiro, quero que saibas que sim, dói-me que me tenhas mentido —conseguiu dizer a Victoria quando se acalmou—, porque és o meu melhor amigo. Sempre o foste. O meu cúmplice nas parvoíces e nos acertos. Mas dói-me que não tenhas tido tomates para te enfrentar a mim. —Depois olhou para a Amelia—: Um filho é um filho, Amelia. Acredita que não sinto rancor por ti. Afinal, como é que ias saber que este idiota estava comprometido com alguém? —respirou fundo e deixou escapar o ar—. De qualquer forma, amas o Devon?

Amelia olhou para ela como se estivesse a cantar uma canção ao contrário.

—O quê?

—Quero saber se o amas.

—Eu... —voltou a cabeça para o Devon—. Sim, amo-o —confessou.

Victoria agarrou no braço do Devon e puxou-o para perto da Amelia, que, perante o ataque de riso da Victoria, se tinha afastado muito.

—Tu ama-la?

—Victoria...

—Responde, maldição!

Chloe não entendia que raios estava a Tori a fazer.

—Sim, Victoria. Amo a Amelia e também o Leo.

A reação mais estranha para todos que estavam na sala foi a reação da Victoria. Sorriu. Um sorriso verdadeiro.

—Estupendo. Agora, Devon, vou responder-te à pergunta que não soubeste responder. *O que fizeste* não foi só trair a minha confiança, criar-me uma culpa dos infernos e levar-me a fazer uma promessa que me roubou a possibilidade de ser feliz. Fizeste muito mais do que magoar-me, Devon. Conseguiu que o único homem que amei se afastasse de mim, porque eu preferi ser leal a ti. A uma promessa. Mas que saibas que, antes de entrares por essa porta com a Amelia, eu ia à tua procura para cancelar o casamento. Se me tivesses contado a verdade, tinha-se poupado todo este estúpido processo. Podíamos ter feito isto em privado... noutro momento —soprou ao sentir que o vestido a sufocava—. De qualquer maneira, ao menos tenho claro que tu e eu não nos amamos, e que nos detivemos antes de nos precipitar num engano épico. Só é uma pena que tenha arruinado a nossa amizade desta maneira tao feia, Devon.

—O homem que amas? Mas tu também tiveste uma aventura? —atreveu-se a perguntar, ignorando o mais importante que era estar a ser excluído definitivamente da vida dos Marsden.

Victoria revirou os olhos. Voltou-se para a Chloe que parecia estar muito interessada numa viga de um armário onde parecia que se guardavam os hábitos dos sacerdotes.

—Devon, és um idiota, lembras-te do Matthew Talley?

—Eu... sim... Sim, claro. Conheci-o, e tu comentaste-me algo...

—Bem. Perfeito. A minha dama de honor vai contar-te brevemente uma pequena história que te fará entender a razão porque a partir de agora não quero saber absolutamente nada mais sobre ti. Não temos mais nada para conversar.

—O casamento, os convidados...

Victoria sorriu de um modo misterioso a Devon e Amelia.

—Esclarecido o assunto é melhor que se preparem.

—Para quê? —perguntou a Amelia ao torcer o nariz.

A resposta da Victoria foi encolher os ombros, depois saiu da pequena sala. Andou

decida até onde estava o sacerdote, levantando um murmúrio incrédulo por onde passava. Agarrou no microfone e anunciou que ia fazer uma ligeira mudança na cerimónia. O nome da noiva era Amelia Parks e o noivo continuava a ser Devon Patroll. Colocou o microfone no lugar, perante um sacerdote boquiaberto e convidados que não percebiam nada do que se estava a passar. Fez o caminho do corredor a sentir-se leve, livre e sem nenhum remorso pelo passado.

Encontrou-se com o pai à porta da igreja.

John abriu a porta da limusine e antes de a fechar ouviram a marcha nupcial ao fundo.

—Estou orgulhoso de ti, filha.

Com um sorriso, Victoria fechou os olhos. Precisava de desenhar o futuro que sempre imaginou. Só havia uma maneira: enfrentar-se ao seu presente.

CAPÍTULO 20

Quando pensou ter tudo, o seu mundo colapsou como se fosse um baralho de cartas deitado ar. A única mulher que conseguia dar vida ao seu coração como nenhuma outra, tinha-o rejeitado. Trabalhar, ganhar e promover-se profissionalmente deixou de ser aliciante, uma motivação. Tantos anos dedicados à publicidade, horários matadores, salários exorbitantes e uma reputação de ouro, já não eram suficientes. Quando comunicou a rescisão de contrato ao John, depois de informar o Andrew, o seu antigo professor disse-lhe que perde-lo como colaborador ia sair caro à empresa, mas que respeitava a decisão dele; John também aproveitou a ocasião para dizer que lamentava que a situação com a Victoria tivesse terminado, porque gostava muito que ele fosse seu genro. Matt respondeu apenas assentindo com a cabeça.

No último dia de trabalho, Marla entrou no seu gabinete.

—Quer dizer que vai deixar esta pobre velha à sua sorte —disse-lhe com um sorriso.

Matt riu-se.

—O meu ciclo terminou, Marla.

A mulher pousou na mesa de Matthew um convite.

—Talvez ainda esteja a tempo de recuperá-la. —Matt surpreendeu-se. Agarrou no convite e leu-o. Disse um palavrão e pôs o convite de lado.

—Tenho um grande apreço por si, mas acho que se está a intrometer demasiado. —O que menos lhe apetecia era saber a data do casamento da Victoria. Supunha que, por respeito ao pai dela, muitos colaboradores antigos da empresa estavam convidados para a cerimónia. Ele não esperava receber nenhum convite, e se tivesse recebido não sabia como teria reagido. Imaginava que, quem estivesse a cargo da distribuição dos convites, tinha sido perfeitamente avisado para que nenhum chegasse às suas mãos. De certeza que quem organizava não contava com a bisbilhoteira da Marla.

—Ai, rapaz —disse com as mãos nas ancas. «Os rapazes de agora»—. Talvez não conheça a história, mas com a família de loucos que tenho, aprendi a ler muitos rostos e

olhares. Quando vocês os dois estavam no mesmo espaço... —secou um suor invisível da testa—, bom, filho, o ambiente aquecia e não precisamente pelas altas temperaturas atmosféricas. —Isso fez com que o Matt desse uma gargalhada. «Sim, com a Victoria era sempre assim. Até quando ele não o queria admitir»—. Essa moça é uma mulher feita só para um homem. E acho que não é para esse Patroll.

Matthew agarrou no casaco que estava no cabide e vesti-o.

—O John comentou-me que ia encontrar outro chefe para ti, espero que seja alguém suportável —disse ao mudar de assunto—. Marla, é a melhor. Obrigado por tantos anos de trabalho. —Dito isto, deu-lhe um abraço que a mulher grisalha correspondeu—. Adeus, Marla.

Marla assentiu com uma grande tristeza. Apagou a luz e começou a organizar tudo, porque no dia seguinte ia começar a trabalhar como assistente de Sam Ferguson, o substituto do Matthew. Ia precisar de muita sorte. Ferguson tinha fama de ser irascível.

Para Matthew, sair da empresa não foi uma decisão tão dura como ele esperava. Trabalhou arduamente durante anos, pondo de lado assuntos pessoais para se impor à cicatriz de um passado caracterizado por carências e maus tratos. E tinha conseguido; tinha conseguido deixar atrás o fantasma da pobreza, da insegurança e do medo subjacente de não conseguir amar nem ser amado. Infelizmente, a vida parecia que ia um passo mais à frente.

Conforme se foram passando os dias, a fúria que sentiu ao sair da casa da Victoria foi dissipando-se. Mas não podia lembrar-se dela sem sentir uma ferida profunda e aberta onde lhe deitavam álcool. Doía. E essa dor percorria-lhe o corpo todo. As imagens da Victoria com outro davam-lhe vontade de vomitar. Era um momento amargo e corrosivo.

À parte desse episódio ácido com a Victoria, sentia que pela primeira vez em anos não tinha agenda, reuniões ou festas com os clientes. De alguma maneira isso era tão refrescante como desconcertante. A adrenalina, tão treinada para o estremecer perante novos desafios, parecia ter deixado de funcionar. Não estava habituado a ter tempo livre, pelo menos não demasiado. Mas tinha tomado uma decisão e ele estava acostumado a lidar com as consequências das suas decisões.

Era quarta-feira à noite e ele estava de bóxeres em frente da televisão a ver desporto. Algo que gostava muitíssimo. Estava rodeado do silêncio, salvo da voz do comentador. O telemóvel continuava sem vibrar e o ecrã do iPhone, apagado. Quando acabou o programa no canal ESPN, apagou a televisão prestes para ir dormir. No dia seguinte tinha pensado ir

conhecer o maestro que ia substituir o Tanaka. Durante esse tempo tinha substituído, momentaneamente, o Temple Ki pelo remo. Todas as manhãs, ao amanhecer, agarrava no equipamento e ia remar durante uma hora, já que manter na sua rotina diária só a corrida já não eliminava toda a frustração que levava dentro.

Desde que renunciou ao posto, tinha estado a investigar para fazer investimentos em negócios tecnológicos. Não era por acaso que tinha por perto a Silicon Valley, a terra dos génios. Havia vários projetos que lhe chamavam à atenção, por isso dedicava-se a falar com os criadores de cada um, analisava um pouco os assuntos financeiros com assessores e ia aprendendo pelo caminho a tomar a melhor decisão com o dinheiro e as receitas no futuro. Descobriu que o investimento tecnológico e o mundo das finanças eram bastante interessantes.

Estava a chegar ao quarto, quando começou a tocar o telefone fixo. Levantou uma sobrancelha, mas não deixou que a chamada entrasse para *voice mail*, como costumava acontecer.

—Estou.

—Uau, irmãozinho! Atendes mesmo tu e ao primeiro toque. Por acaso é Natal?

Matthew riu-se ao ouvir o sarcasmo.

—Olá Lilly. Ia deitar-me. Como estás?

—Ias deitar-te uma quarta-feira às dez da noite? Quem és tu? O que fizeste com o meu irmão mau feitio e viciado no trabalho?

—Deixei o trabalho. Assim que, tecnicamente, estou de férias... indefinidas.

Durante vários segundos não se ouviu nenhum barulho do outro lado do telefone. Matthew sabia que a irmã estava a assimilar a informação.

—Há muito tempo que não me deixavas sem palavras. Podia gritar contigo, mas o Peter está a dormir e, desta vez, custei a adormece-lo. Agora, conta-me, o que se está a passar? — perguntou inquieta.

—Acabou-se o meu ciclo na empresa.

—Mas se há pouco tempo me mandaste uma mensagem a dizer que eras sócio! —Matt suspirou—. Passa-se algo sério. Desde que éramos adolescentes, o teu maior desejo era escalar e escalar. E não posso acreditar que, agora que conseguiste, decidas renunciar a tudo o que ser sócio de uma agência tão grande como Spring & Marsden implica. Já sabes que te vou chatear,

por isso ou falas de uma vez ou vais levar com mensagens de voz a atormentar-te. Qual é o verdadeiro motivo que está por detrás desta decisão?

Matt revirou os olhos. «Desta não me escapo», pensou resignado. Arrependeu-se de não ter deixado a chamada ir para *voice mail*.

—Estava a sair com alguém. As coisas não resultaram como esperava, e essa relação fez com que pensasse um pouco na minha vida.

—Sair, *sair*, a sério?

—Sim, bisbilhoteira.

—E quem é a coitada mulher que tem de te aguentar?

—Falei no passado...

—Oh, oh... Nesse caso, o assunto é quem era essa coitada mulher?

Ele riu-se sem alegria.

—Victoria...

—Marsden?! A *nossa* Victoria? —indagou ao apertar o auricular com a mão sem conter um sorriso. Gostou da Victoria desde que a conheceu. Sabia que algumas amigas estavam apaixonadas pelo irmão, tinha de reconhecer que aquele teimoso era muito giro, mas o Matt não costumava ter tanta paciência para lidar com outras adolescentes que olhavam para ele com adoração, como tinha com a Victoria. Ela não era parva e em duas ocasiões apanhou a Victoria a observar o Matthew como se não houvesse outro homem na face da terra. E, embora o irmão soubesse dissimular muito bem, a forma como tratava a filha do John Marsden era mais subtil e atenta do que com as amigas dela—. Afinal deste-te conta que ela é perfeita para ti?

—Não sei de onde tiras essas ideias de que “afinal me dei conta”...

—Não tentes dar-me a volta, Matthew. Era óbvio que entre vocês havia um tipo de química diferente à que costumavas ter com essas tuas amigas parvas. Imagino que a Victoria cauta e elocuente de há uns anos te fez ver as estrelas.

Matthew resmungou um palavrão.

—É mais complicado do que isso...

—Ainda não entendi a razão porque te comprometeste com a Rosalyn, que descansa em paz, e não foste capaz de lutar pela Victoria —continuou sem ouvir o irmão—. A sério, os

homens são mesmo muito parvos.

—Lilly... Que tal a gravidez?

—Ah não, querido. Não vais mudar de assunto. —OuvIU-se um grito. Peter estava a chamar pela mãe—. O diabinho do teu sonbrinho acordou. Por esta estás salvo, por agora. Se não tens nada para fazer, porque não me vens visitar a Boston? Dadas as circunstâncias podes converter esta visita em férias ou por um tempo para mudar de ares. Prometes-me tantas vezes que vens aqui e nunca cumpres a promessa. Dermont também precisa de sair um pouco com os amigos. Amamos o Peter, mas é sempre bom mudar de rotina. Vai fazer-lhe bem ver-te e estar juntos como nos velhos tempos.

—Tens o homem fechado numa masmorra? Coitado do Dermont, eu bem que o avisei que casar-se contigo era uma péssima ideia.

—Pois, pois. Tonto. Estou grávida de sete meses e nem tenho uma fota da barriga contigo —disse com voz de pena—. Isso é justo? Não posso viajar, doem-me as costas e o meu único irmão é incapaz...

—Sim, sim —interrompeu-a—, olha lá como és melodramática.

Lilly riu-se. Desta vez, ao chamá-la, a voz do Peter soou mais forte.

—Dermont foi à farmácia comprar-me um calmante para a dor nas costas, e tenho de ir ver do teu sobrinho. Ponho para ti um sofá de couro verde confortável na linda suite que tenho sem usar e à disposição?

Matt suspirou. Era o melhor momento para se afastar de tudo. Não queria estar na cidade quando a Victoria se casasse com o outro. Mas o mais importante era que desejava ver o pequeno Peter, mimar um pouco a irmã e falar de homem para homem com o Dermont.

—Sim..., acho que é tempo de te fazer entender quem é que faz as perguntas aqui —disse a sorrir. A verdade é que era a ocasião perfeita para retomar aquilo que tinha estado a adiar: a família—. Vou comprar um bilhete para amanhã à noite para Boston.

—Fabuloso! Anota a minha nova morada —disse. Ela ditou e Matthew apontou num papelinho—. Mudámo-nos para um bairro clássico. Queremos ter uma família grande, por isso comprámos uma casa senhorial. Comparado com o apartamento, em Bay Village, que nos custava uns três mil dólares ao mês, isto é mais que fantástico. Decidimos que era melhor endividarmo-nos com uma casa do que estar a pagar todos os meses aos outros... —suspirou—, acho que com a gravidez falo pelos cotovelos. —«Mais do que o costume», pensou Matt

—. Sabes que comprámos a casa com uma suite pequena independente na parte traseira? Terás toda a privacidade do mundo. Na semana passada, acabei de a decorar! Vem estreá-la. Mas há um pequeno problema.

—Qual é se já tens a casa perfeita? —perguntou irónico, mas sem perder o sorriso. Sentia-se feliz pela irmã. Não podia ter encontrado melhor marido do que o amigo dele. A única coisa que lhe dava pena é que se tinham mudado para o outro lado do país devido ao trabalho do Dermont, como advogado numa firma muito prestigiada. Mudaram-se da Califórnia para Massachusetts com o triplo do salário. Não se podiam negar.

Lilly riu-se.

—Não tem cozinha. Se te der fome tens de levar provisões ou vir à parte principal da casa. Há muito silêncio, a menos que o Peter grite por tudo...

—Vai tomar conta do Peter! Vemo-nos amanhã —interrompeu.

—Perfeito. Amanhã vamos buscar-te ao aeroporto. Quero saber tudo sobre ti e a Victoria!

«Espera sentada, irmãzinha.»

—Adeus, Lilly. —Cortou a comunicação justo quando o pequeno Peter lançava outro grito ensurdecedor.

A viagem directa de cinco horas e trinta minutos de São Francisco ao Aeroporto Internacional Logan de Boston, valia sempre a pena. A cidade onde a Lilly vivia tinha de um tudo um pouco à volta. Por alguma razão era uma das cidades mais antigas dos Estados Unidos e com muita história.

Beacon Hill resultou ser uma área que parecia de outra época. Veredas de tijolo, árvores com sombra e amplas residências. Muitas daquelas casas foram construídas entre os anos 1800 e 1850. Mesmo sendo a primeira vez que deambulava por ali, o ambiente do bairro conquistou-o. Emocionou-se ao encontrar uma loja de antiguidades espectacular na rua Chesnut. Nessa zona havia várias, mas a do sr. Miles Theroux fê-lo voltar várias vezes durante as semanas que estava a viver na suite que a irmã arranjou para ele.

—O teu sobrinho teve saudades tuas —disse Lilly, quando ele chegou das compras.

Como estava na casa da irmã durante uma temporada, era mais do que justo contribuir com os gastos, apesar de nem ela nem o Dermont quererem aceitar nada.

Matthew sorriu e pegou no menino ao colo. Era giríssimo. Tinha os olhos cor de mel do cunhado e o cabelo loiro da irmã. Sem dúvida que ia ser um quebra-corações. Às vezes, até chegar a *babysitter*, era ele quem, durante umas horas, tomava conta do Peter. Ao princípio sentiu pavor por não saber como lidar com o pequeno, mas pouco a pouco, e com a paciência da irmã, foi perdendo o receio.

—Bom, agora que o tio Matt vai estar mais duas semanas por aqui, não se vai esquecer de que tem um pequenino tão lindo —comentou, sorrindo para o sobrinho.

—Já estás há três semanas com ele —disse Dermont. Mantinha-se em plena forma e continuava a olhar para a Lilly com os mesmos olhos de cordeiro mal morto que tinha quando disse ao Matt que se ia casar com ela porque a amava—. Mais vale que venhas mais vezes, Talley. Não gosto de ver a Lilly preocupada por ti.

Matthew sorriu e assentiu.

—Dá-me esse boneco —pediu a Lilly ao pôr o filho ao colo—. Em breve vai ter um irmãozinho, mas a mamã vai gostar dele da mesma maneira. —Beijou as bochechas rechonchodas do menino.

—Não queres que te ajude, princesa? —perguntou Dermont a sorrir.

Lilly negou e começou a dirigir-se para uma pequena sala com uma cadeira de balanço no rés de chão, onde costumava embalar o filho até que Dermont o ia buscar e deitar no quarto no segundo andar. Parou-se a meio do caminho e virou-se para o Matt.

—Vocês os dois precisam de ter uma conversa de homem para homem. Não é, irmãozinho?

—Não.

Lilly riu-se.

—Anda lá. Já que não me queres contar a mim, porque não contas ao teu melhor amigo o que se passa com essa moça que te leva pelas ruas da amargura?

—Lillian Marie, não te estiques —advirtiu Matt ao chamá-la pelo nome completo. Lilly sorriu e desapareceu pelo corredor, perante o olhar curioso de Dermont.

—Uma cerveja depois de um jogo de basquete?

Nos tempos da universidade, aquela era a pergunta que se costumavam fazer quando queriam sentar-se para falar.

Matthew encolheu os ombros.

—Acho que sim.

O jogo de 40 minutos foi ganho pelo Matthew. Deixaram a bola a um lado e sentaram-se em silêncio. Beberam duas cervejas, enquanto o Matt contou em breves detalhes porque tinha deixado a empresa e história com a Victoria. Fez-lhe bem falar com alguém que o conhecia de toda a vida.

—O que tu vês como rejeição, talvez não seja assim tanto, nisto tudo há um ponto positivo —disse Dermont ao atirar a garrafa para o caixote do lixo.

Estavam sentados no passeio do pátio traseiro, a um metro de distância da suite ocupada pelo Matt.

—Não vejo nada de positivo —respondeu ao secar o suor da testa com a manga da camisa—. Preferiu casar-se com outro e continuar com ese sentimento estúpido de dívida a esse idiota.

—Isso demonstra que é uma mulher com um grande sentido de honra, que realmente se importa com as pessoas que gosta, ainda que à custa da própria felicidade.

—Disse que me amava! —exclamou ao olhá-lo irritado.

—Ouve, Matt —repôs com calma—. Se é um erro, ela vai dar-se conta. Se tu achas que deixaste tudo...

—Disse-lhe que queria casar-me com ela e deixei-lhe claro o que sentia por ela, tal como te acabei de contar. O que posso fazer mais? Tu conheces-me e sabes que falar das minhas emoções não é o meu prato favorito.

Dermont assentiu.

—Quando se casa?

Matthew inclinou-se para a frente, colocou os cotovelos nos joelhos e deixou cair as mãos, olhando para a frente. Um ponto vazio.

—Já se casou. No maldito sábado passado —disse sem esconder o desgosto.

—Bem... —deu-lhe uma palmada no ombro—. Lamento, Matt.

—Eu também.

—Conheço-te, sei que não faz parte da tua pessoa ir até à igreja para a raptar...

—A Victoria é teimosa. Pus-lhe todas as cartas na mesa e ela escolheu. —Encolheu os ombros—. Agora já está casada, por isso não tem sentido falar sobre o que poderia ter feito ou não...

Dermont assentiu. Era a primeira vez que via o Matthew como se tivesse perdido uma batalha monumental. Embora tentasse mostrar que tinha tudo tão controlado como sempre, a decepção e a fúria no olhar eram evidentes.

—Que planos tens? Espero que não te vás embora antes do parto da tua irmã. Ele mata-te. Há dias que não fala de outra coisa.

Matthew sorriu. A irmã andava com as hormonas aos saltos. Num dia à tarde, sem querer, tinha ouvido ela a gritar com o Dermont porque ele se tinha esquecido de deitar no lixo a casca do limão. O amigo, com paciência, explicou-lhe que não era falta de consideração, mas que estava com muita pressa e passou-lhe por alto. Estiveram num braço de ferro até que a Lilly começou a chorar e o Dermont consolou-a dizendo que a amava e que para a próxima vez ia ter em conta o que a pudesse magoar. Depois, Matthew ouviu-a dizer alguma coisa e começar-se a rir. Após um momento, os dois desapareceram escadas acima.

Matthew invejava a compenetração que este casal tinha. Já tinha sentido essa sensação e sabia como era maravilhoso contar com alguém em todos os sentidos. Mas agora estava sozinho. «Talvez num futuro... »

—Vou tentar ficar aqui até que a Lilly dê à luz, mas não garanto nada. De repente pode ser que vá a São Francisco e volto a Boston uns dias antes do parto. —Girou a cabeça para relaxar um pouco o pescoço—. Sabes, Dermont? Talvez seja boa ideia começar por conta própria na Califórnia. Também estive a analisar um pouco os investimentos e o panorama pinta interessante. É altura de refazer a minha vida. Por certo, conheces algum sítio onde vão mulheres bonitas e solteiras? —perguntou isto ao mudar de tema.

Dermont mostrou-se surpreendido.

—Desde que estou casado...

—Tens amigos que conhecem Boston melhor do que tu. A hipocrisia não te fica bem. Mas uma coisa é certa, se te atreves a ser infiel à Lilly corto-te os tomates.

Dermont riu-se.

—Tens a certeza de que queres passar para outra mulher quando...?

Perante o olhar de advertência de Matt, Dermont mencionou-lhe um sítio que estava na berra.

—Às vezes, aos sábados costumam dar uma festa *rave* com espuma e mais não sei que outras parvoíces. O pessoal mais jovem da minha empresa costuma ir, é exclusivo. Dizem que por volta da uma da manhã é a loucura. Embora, talvez, o sítio na realidade não seja o que tu...

—Isso é precisamente o que necessito: uma mulher quente na minha cama e que não espere nada de mim. Uma mulher tira do sistema outra mulher, e já demorei muito tempo em fazê-lo —apontou para ele mesmo— por um tempo. Victoria passou a página. Assim que vou fazer o mesmo sem nenhum remorso. —Apontou para a entrada da suite—. Agradeço o meu espaço privado de solteiro. Vou tentar não fazer barulho. De qualquer forma estamos muito longe da casa —disse a rir-se.

Dermont negou com a cabeça, sorrindo. A quem é que o Matt queria enganar? Nunca o tinha visto tão magoado.

—Lilly mata-me se sabe que te falei deste bar. Tem essa veia romântica incurável que acredita nos finais felizes...—pôs-se de pé e o Matt imitou-o.

—Desculpa, mas a esta altura já não aceito devoluções por defeito de chip. —Patilharam uma gargalhada, saíram da quadra de basquete e cada um foi para o seu lado.

Passado um bocado, Dermont deitou o Peter e depois foi para o quarto. Lilly tinha o candeeiro da mesa de cabeceira acendido, estava à espera dele. Sorriu-lhe daquela maneira que lhe acelerava o coração.

—E?

Ele meteu-se debaixo dos lençóis do outro lado da cama. Inclinou-se e beijou longa e apaixonadamente a esposa. Depois beijou o ventre avultado e disse ao filho que estava ansioso por o ver. Lilly queria chamar-lhe Joe. Não a ia contradizer.

—Eu também te amo —disse Dermont a rir-se quando Lilly olhou para ele aborrecida, mas não menos corada pelo beijo.

—Dermont...

—Eu falei-lhe do maldito bar. Que mais queres? Conheces o teu irmão de cor. Reagiu tal como me disseste que ia fazer.

—Claro, como é que não ia conhecer? Jennifer vai estar lá.

—Lilly, vais meter-te numa grande embrulhada.

—Há coisas que as irmãs têm de fazer pela felicidade dos irmãos.

—Ou porque te cai bem certa pessoa com o apelido Marsden?

—Os meus filhos têm de ter uma tia inteligente e creativa. E que gosto muito do teu Matt, isso soma pontos, sem dúvida. Se a Victoria conseguiu fazer com que o meu irmão repense toda a sua vida é porque tem nas mãos a felicidade do Matt, por isso não vou permitir que se afaste dele sem solucionar esta confusão. Além disso, quando me telefonou, a voz dela não parecia, precisamente, com grandes expectativas. Escapou-lhe um comentário de que provavelmente o Matt já pudesse estar a sair com outra, ainda que não fosse nada sério.

—E tu não respondeste a essa pergunta implícita? Deixaste-a com a dúvida?

Lilly encolheu os ombros e Dermont riu-se. Antes de tudo, a sua mulher era leal ao Matthew.

—Talvez lhe devesses ter dito.

—Talvez precise de aprender com os próprios erros —respondeu convicta.

Dermont suspirou. «Batalha perdida.»

—Quando vamos buscar a Victoria ao aeroporto? —perguntou em troca.

—Amanhã à noite.

—Mas amanhã é sábado, o Matt vai estar nesse...

—A Jennifer sabe que se deve atirar ao Matt e afastá-lo das mulheres que se cruzam com ele amanhã à noite. Não faz parte do acordo ter relações com ele —disse interrompendo-o.

—É uma prosti...!

—Siiihhhh. Não grites. Jennifer é uma *acompanhante*. Não tem sexo com os clientes. Está a fazer-me um favor especial.

Dermont revirou os olhos.

—És impossível, Lilly.

—Ah, mas gostas de mim assim.

Dermont acariciou-lhe o rosto.

—Sim, princesa. Olha, para a próxima vez não me faças mentir ao Matthew.

—Foi uma mentirinha sem maldade.

—Esconder-lhe que a mulher que ama não se casou no sábado passado, e que a irmã está a conspirar para que dita mulher fique a dormir aqui em vez de ficar num hotel como tinha previsto, pois não me parece muito honesto. Para além de teres contratado a essa prosti... a essa acompanhante! Definitivamente, esta gravidez fez das suas na tua cabecinha.

Lilly riu-se. Nessa tarde, quando o irmão estava a fazer as compras no supermercado, a Victoria telefonou-lhe a saber se por acaso o Matt estava em casa dela ou num hotel. Victoria garantiu-lhe que era muito importante para ela falar com o Matt, mas mais importante ainda era que ele não soubesse que estava a caminho de Boston. E foi então quando ocorreu à Lilly um plano maravilhoso. Disse à Victoria que podia ficar em casa deles durante o fim de semana e que quando o Matt regressasse no domingo à noite de um tour nas redondezas podiam falar sem interrupções. Também lhe disse que tinha um quarto livre e que não a perdoava, se depois de tantos anos, ela preferisse ficar num hotel em vez de na sua casa recém estreada. Com tanta insistência, a Victoria aceitou.

—Anda, vem aqui. Não sejas queixinhas —sussurrou antes de agarrar o rosto do marido com doçura e beijá-lo—. A história do tour fora de Boston foi uma grande desculpa, não achas?

—Acho que você, sra. Jackson merece um castigo severo —disse antes de começar a tirar a roupa da esposa. Não tinha importância como ia mudando o corpo da Lilly, ele sabia que a vida que crescia dentro da sua mulher era a consequência do amor que sentiam. Era perfeito.

CAPÍTULO 21

Depois de tratar da devolução dos presentes do casamento falhado junto com a Chloe, Victoria encontrou-se com Lauren e Darrel. Agradeceu a ambos por todo o carinho, desculpou-se pela sua abrupta saída da igreja e pela intervenção para que a Amelia e Devon se casassem. Os Patroll disseram-lhe que iam gostar sempre dela como de uma filha, lamentavam que o filho não tivesse sido honesto e que ela não tinha nada de pedir desculpas. Afinal, pensou a Victoria, Devon estava com a pessoa que amava e tinham um filho. Os Patroll não tiveram perdas na equação. Com ela a história era diferente. Tinha perdido o melhor amigo para sempre e corria o risco do Matt já não querer mais nada com ela...

Quando sentiu que tinha deixado tudo resolvido e com a mente mais sossegada foi à casa do Matthew. Tinha ensaiado um discurso para lhe pedir desculpas pela dor que lhe tinha causado. Realmente, ela ia tentar reparar os danos se ele lhe desse uma oportunidade de lutar por eles. Nesse momento, o espelho era o melhor amigo dela. Pelo menos não se cansava de mostrar o rosto de uma mulher desesperada, apaixonada e preocupada, ensaiando as mesmas palavras como um gravador.

Pensou que a melhor opção seria surpreendê-lo e assim não lhe dava tempo para recusar recebê-la. Ela investigou todos os sítios possíveis. Foi à zona de remo no domingo. Só estava o Roger, quem lhe disse que não tinha visto o Matt nas últimas semanas. Isso pareceu-lhe estranho. Depois de pesquisar a morada do Temple Ki dirigiu-se lá; ficou espantada pela beleza arquitectónica do espaço no meio da loucura que era São Francisco. O director da academia disse-lhe que Matt não aparecia por ali já há umas semanas. «O que será que mudou tanto a sua rotina que nem os amigos mais próximos sabiam do seu paradeiro?» Durante o caminho até à *penthouse*, os nervos não a abandonaram.

Com passo firme desceu do carro e falou com o recepcionista do luxuoso conjunto de apartamentos. Pediu-lhe que dissesse que ela estava ali.

—Podia dizer novamente o apelido?

—Talley.

O homem procurou no livro de anotações.

—Desculpe, menina. O sr. Talley saiu da cidade há pouco mais de três semanas.

Engoliu em seco.

—Desculpe?

—Não está cá. —Ao ver o rosto pálido da Victoria, agregou—: Espere um momento. —Procurou novamente no livro—. Deixou um número para emergências, mas...

—Oh, isto é uma emergência.

O homem olhou para ela com dúvidas.

—Compreenda, menina, eu não costumo...

—Por favor, a sério, é uma emergência, tenho de falar com ele. Sabe onde foi?

—Não, desculpe. —Anotou o número de telefone numa folha do livrinho e arrancou-a—. Aqui tem —entregou-a—, a pessoa de contacto é a sra. Lilly Jackson.

«Boston. Matt estava em Boston.»

—Obrigado! —Sorriu ao olhar para o papel como se fosse uma peça de ouro.

Esperou umas duas horas até telefonar à Lilly. Desta vez, o espelho ouviu-a a ensaiar, uma e outra vez, o que podia dizer à antiga amiga. Como se fazia para ocultar o fosso incómodo de anos sem contacto e agora telefonar para pedir informação sobre o irmão? Nem tinha ideia, se por acaso, o Matt teria contado à irmã o que aconteceu entre eles, e também não tinha vontade de falar sobre isso com terceiros. Afinal, uma irmã ia estar sempre do lado da família.

Marcou o número por volta das seis da tarde dessa sexta-feira. As palavras engasgaram-se quando a voz da Lilly atendeu ao terceiro toque de chamada. Ao identificar-se, a antiga amiga lançou um grito de alegria e começou a falar sem parar, dando-lhe tempo para se acalmar.

Para além de falarem brevemente sobre as suas respectivas vidas, Lilly convidou-a para ficar em casa dela. Victoria disse-lhe que já tinha uma reserva para o fim de semana no hotel InterContinental Boston. Lilly não cedeu e disse-lhe que se a preocupação dela era ficar alojada no mesmo sítio do que o Matt sem falar antes com ele, não havia problemas, porque ele estava a fazer um tour fora de Boston e só regressava no domingo ao final da tarde.

—Lilly, eu não quero incomodar. Só de te telefonar já me sinto...

—Disparates! O meu irmão agora está no supermercado, por isso podemos conversar

com calma. Por favor, fica aqui em casa connosco. Quero que conheças o meu bebé. Peter é uma delícia de dois anos, e não digo isto por ser mãe dele.

Victoria riu-se.

—Deve ser um bebé muito bonito, não duvido.

—Vá lá, diz que sim. O Matt está numa suite fora da casa principal, por isso, se não te quiseres cruzar com ele, acredita, que não o farás, pelo menos até que o decidas.

—Eu... OK. Obrigada, Lilly.

—Envia-me os dados do teu voo para te ir buscar ao aeroporto.

—Eu apanho um táxi.

—Nada disso. O meu marido e eu vamos buscar-te.

—É muito generoso da tua parte. Obrigada mais uma vez.

—Não me agradeças. O teu pai fez muito pelo meu irmão e, conseqüentemente, por mim. O Matt foi sempre um pilar de apoio para mim em todos os sentidos. Espero que depois me contes o que aconteceu exactamente para que o irascível do Matt finalmente se tenha decidido a vir visitar-me.

—Quer dizer que não te contou...

—Que o deixaste por outro?

—Oh...

Lilly riu-se.

—Não te preocupes. Só me contou isso, não entrou em pormenores, e acredita que me custou arrancar-lhe as palavras. Já sabes que ser hermético é a especialidade dele. Mas, como dizes que queres falar com ele é porque...

—Cancelei o meu casamento.

—Sempre foste uma moça inteligente. Espero que possas solucionar as coisas com o Matt. Espero por ti amanhã.

—Eu.... Sim, obrigada. Até amanhã, Lilly.

O capitão do avião deu-lhe as boas-vindas a bordo. Victoria respirou quatro vezes até que se acalmou. Gostava de viajar, mas os aviões costumavam inquietá-la durante a

descolagem. Pôs o cinto de segurança. Tentava pensar que quando aterrasse em Boston, tudo iria correr melhor. Tinha de correr melhor. Ia lutar pelo que queria, que nesse caso era o Matt. Não ia perder a esperança.

E como se tivesse feito um feitiço, aproximou-se um homem giríssimo para se sentar. Talvez fosse um bom sinal de que o sexo masculino não estava a tramar nada contra a felicidade dela. «De certeza que lhe calha um dos assentos ao meu lado», pensou. Pelo menos tinha alguém com quem conversar. Ela, para variar, teve de se sentar no assento do meio, entre o corredor e a janela.

Quando o alto e joven rapaz de pele cor de canela olhou para ela com uns olhos azuis sorridentes, ela devolveu-lhe o sorriso.

—Está ocupado? —perguntou ele.

—Errr...não, não está ocupado.

De seguida ouviu-se uma voz feminina. A dona dessa voz era uma ruiva com aliança. Agora que a Victoria prestava atenção, ele também tinha uma.

—Vamos amor, confundimo-nos no assento —assinalou a mulher, olhando para ela com uma sobrancelha levantada em tom de troça, enquanto levava pelo braço o marido sorridente. O homem teve a audácia de lhe dedicar um olhar de desculpa.

«Um cavalheiro em estranhas circunstâncias ou um parvo que gosta de flirtear.»

O vôo transcorreu sem turbulências, os assentos ao lado dela não foram ocupados por ninguém e o avião aterrou a horas.

Apesar da forma agradável como foi recebida pelos Jackson, os nervos da Victoria estavam descontrolados. Não tinha ideia de como o Matt ia reagir com a visita dela. O atitude dele ao sair de São Francisco e abandonar a empresa era um claro indício de que tinha passado a página. Sentia-se ansiosa, porque também não sabia se ele a iria brindar com a oportunidade de falar ou se a ia expulsar da casa da irmã assim que a visse. Matthew era um homem tão generoso como determinado nas decisões que tomava. Se ele a rejeitasse, tal como ela tinha feito, estava perdida. Porque essa ferida não ia sarar, nem que encontrasse outro homem que lhe pusesse o mundo aos pés. Ela desejava o mundo com o Matt, o resto... «Não me posso pôr pessimista. Vamos Victoria. Não fizeste uma viagem de tantas horas para te renderes antes de começar.»

—Estás muito calada, Tori —disse a Lilly, que nesse momento parou de falar sobre a

sua carreira como professora primária e o que lhe tinha custado viver em Boston, sendo uma moça californiana. Victoria não conhecia a cidade de Boston, mas à medida que o carro Dermont ia serpenteando as ruas da urbe, ela ficava encantada com as zonas que as luzes da rua deixavam entrever.

—Desculpa, atravessar o país sem saber o que me espera causa-me um pouco de ansiedade... Agradeço a tua hospitalidade. A ti também, Dermont.

—Não é nada —respondeu o advogado, enquanto pressionava o botão que abria as portas automáticas da garagem—. Não tenhas pressa. O Matthew não está em casa.

—Sim, a Lilly disse-me. Está a fazer um tour em Salem, não é?

Dermont olhou para a esposa como se lhe dissesse “quando lhe vais contar a verdade?”. Ao que a Lilly respondeu com o olhar “fui eu quem armou o plano, deixa estar. Confia em mim”. Ambos saíram do carro sem responder à Victoria mais do que um murmúrio.

—Troxeste poucas malas —comentou Dermont com um sorriso, tirando os dois *carry-on*—. O Peter já deve de estar a dormir, mas espero que o conheças amanhã. Ainda bem que contratámos uma *babysitter* muito eficiente, para quando temos reuniões ou eventos à noite, senão seria impossível sair de casa.

—Que sorte. Encontrar alguém de confiança não é nada fácil.

—Em absoluto. Victoria, sei que vais gostar muito de Boston durante estes dias. Vais adorar percorrer a cidade. Está bom tempo. A Lilly e eu podemos dar-te umas *tips* dos melhores sítios para comer, os entardeceres, museus. A verdade é que esta cidade é magnífica.

Victoria sorriu.

—Vou adorar conhecer o Peter —sorriu—. Não quero incomodar demasiado, pensei em regressar na segunda-feira à tarde —comentou ao entrar em casa, guiada pelos Jackson. Fixou-se no espaço à sua volta. Era um sítio acolhedor. Uma casa antiga reformada, que ainda conservava o ar senhorial de outra época. Gostou de ver o entendimento e a compenetração que os Jackson tinham, e não conseguia evitar sentir grande nostalgia pela relação com o Matt... Afinal, quem é que tinha deitado tudo a perder por ser cobarde? «Eu.»

—Tori, podes ficar o tempo que precisares. Esta casa é grande e nós gostamos de ter gente à nossa volta —disse Dermont, quando chegaram ao segundo andar—. Vou ver do Peter, deixo-te nas mãos da minha mulher. —Saíu.

Lilly mostrou-lhe o quarto que estava justo ao virar à direita das escadas.

—Espero que te sintas confortável aqui —disse ao abrir a porta e acender a luz—. O meu quarto fico um bocadinho mais longe. Vais até ao final do corredor e viras à esquerda. Mesmo ao lado está quarto do bebé. Dermont adora o Peter, já viste como correu para vê-lo nada mais chegar —sorriu—. Desculpa como saíu a correr daqui.

—Não te preocupes, é normal. Estou ansiosa por conhecer o teu menino.

—Oh, amanhã de certeza que o ouves a chorar às seis da manhã.

Victoria riu-se.

—Tens uma casa maravilhosa.

—Ainda bem que gostas. Olha, já te mostrei a cozinha, se te apetece comer alguma coisa, não sejas tímida. Desce e come o que quiseses. Há sumos, frutas e muitas coisas. —Lilly agarrou nas mãos da Victoria com afeto—. Realmente gosto de te ver de novo depois de tanto tempo. Espero que desta vez não percamos o contacto. —Tori assentiu—. Vou-me já deitar, porque amanhã espera-me uma rotina de cuidados maternos. Tu tenta descansar, fizeste uma viagem muito longa. Amanhã falamos.

—Até amanhã...

Lilly com um piscar de olho fechou a porta.

O quarto que lhe tinham dado era precioso. Estava pintado num tom verde pastel, muito baixinho, e a cama de casal parecia convidá-la para dormir. A agitação com a viagem tinha-a deixado exausta. Desempacotou rapidamente. Tirou a roupa e entrou na casa de banho.

Trinta minutos depois, o corpo agradecia-lhe. Secou o cabelo com o secador, aplicou o creme hidratante e depois vestiu o conjunto de seda que era o seu pijama: short curto e blusa azul de alças. Quanto mais leve de roupa e mais confortável para dormir, melhor. Nessa noite, ia tentar não se enervar. Amanhã já teria tempo para repensar como se enfrentar ao Matthew. Apagou a luz do quarto e deslizou-se por debaixo dos lençóis.

Matt entrou acompanhado por dois amigos do Dermont, clientes assíduos, num bar exclusivo. O lugar era ostentoso, a música fantástica e as pessoas divertiam-se sem inibições. Numa esquina havia um espectáculo de *striptease*. Noutro espaço vivia-se a festa da espuma, que Dermont lhe tinha falado sem mencionar que as mulheres dançavam em topless como se

fosse o último dia da vida humana. O centro da pista estava a transbordar. O balcão era extenso, cabiam pelos menos 20 pessoas sentadas e contava com sete *barman*.

—Uau —disse Charles, um advogado especialista em litígios—, hoje está melhor do que nunca. Bem, Matthew, espero que te divirtas. Se não me encontrarem, acreditem que estou são e salvo em casa de alguma beleza. —Deu uma palmada no ombro do Matt e sorriu ao Oliver, o outro amigo do Dermont, desapareceu entre as pessoas que dançavam ao som de *Safe and Sound* de Capital Cities.

Matt riu-se.

—Tenho um grupo de amigos à minha espera, queres que te apresente ou ficas por tua conta? —perguntou Oliver. Não era advogado, mas conhecia o Dermont e o Charles. Ele dedicava-se ao negócio das importações de materiais agrícolas.

—Vamos.

Conversar foi o que o Matt menos fez. O barulho, a adrenalina e a música envolveram-no. Deixou-se levar pelo ritmo e pelas mulheres que se aproximavam, e às que ele também se aproximava. Aventurou-se na festa da espuma. Dançou muito agarradinho, acariciou e deixou-se acariciar. Só tinha um grave problema. Cada vez que o fazia, a sensação de estar a trair a uma certa sereia de olhos azuis era mais forte e não o deixava divertir-se ao máximo. Ele era livre e desempedido, mas que raio! Não entendia como ela, casada e de certeza a gozar na cama com outro, ainda o podia afetar. Este último pensamento incentivou-o a chegar-se mais perto da companheira de dança, atraí-la pela cintura e encostá-la mais ao seu corpo. Acariciou-a, mas a pesar das hormonas lhe pedirem que aproveitasse a escuridão para fazer algo mais, o perfume da mulher era demasiado forte para ele.

—Queres vir ao meu apartamento? Está muito perto —sussurrou-lhe a mulher ao ouvido—. Chamo-me Mónica, por certo. —Ele não lhe tinha perguntado o nome. Só queria ser mais um anónimo na festa—. Tu és...? —Passou-lhe a mão pelo traseiro, sorrindo.

—De momento vou tomar alguma bebida —disse sem responder à sua última pergunta.

A moça fez uma careta, mas rapidamente se recuperou da subtil rejeição e encontrou outro que a acompanhasse na sua dança desenfrenada com objetivo de passar uma noite ardente.

Aquela era a terceira mulher que durante a noite que insinuava ao Matt para saírem do

bar e fazer algo mais do que trocar beijos e apalpanços, mas não tinha vontade de analisar os motivos que o impulsaram a rejeitar cada uma dessas três mulheres. Saiu do local onde se realizava a louca festa da espuma, e foi até à pista central. O efeito do licor causava-lhe uma sensação semelhante à da alegria. Era uma ilusão, claro. Depois de dançar durante um bom bocado foi ter com os amigos do Oliver que estavam numa mesa reservada.

Estava a terminar a Heineken, quando se sentou ao lado dele uma mulher muito bonita com uns olhos pretos exóticos. O cabelo curto moldurava um rosto de pómulos altos e lábios sensuais pintados de vermelho. Todo um convite.

—Olá —disse. Levava um vestido azul, com um decote imenso, e tão curto que deixava pouco espaço para a imaginação—. Tenho-te visto muito animado toda a noite.

Ele sorriu. Pousou a cerveja na mesa. Precisava de aliviar a sensação contraditória que sentia por dentro. Desta vez não ia rejeitar esta mulher, disse para ele mesmo.

—É um sítio bastante interessante —respondeu a olhar para ela. Os olhos pretos eram impactantes—. Deve ser normal para ti ouvir dizer que és muito bonita, mas és.

Para falar tinham de se aproximar muito devido ao barulho da música.

Ela riu-se.

—Sou a Jennifer —disse ao pôr a mão em cima da coxa de aço—. E tu?

Era a última oportunidade da noite para acabar com o fantasma da Victoria na cama dele. Estava a milhares de km de distância dela, mas sentia como se a tivesse impregnada no corpo. Tinha o perfume dela na pele de uma maneira que não conseguia explicar. Quase que podia senti-la ao lado dele. Odiava saber que estava com outro.

Na academia ensinaram-lhe o valor da honra. A raiva e os ciúmes não eram emoções honradas, mas não as conseguia evitar. Sentia uma inquietação contida por um muro que cada vez se rachava mais... Tinha de fazer alguma coisa para deixar a lembrança dela para trás. Não com o licor, não ia começar a converte-se no seu pai ou no padraсто que pensavam solucionar os problemas com o álcool. Não. Ele, naquele preciso momento, precisava de sexo. E embora a mente lhe dissesse para não o fazer, ele não obdeceu.

—Matt —respondeu com um grande sorriso, enquanto a mão se manteve exactamente na curva inferior de um dos redondos seios da moça—. Um prazer em conhecer-te em todo o

sentido da palavra —disse com o seu melhor sorriso. Sim. Era esse o sorriso que sabia que fazia com que as mulheres lhe prestassem a atenção que precisava. Um sorriso que quando o punha em prática nos negócios obtinha a confiança e o respeito dos seus futuros clientes.

—Aqui não podemos conversar muito —disse ao agarrar na mão do Matt e pousando-a no peito para que ele sentisse completamente. Não tinha sutiã. Num movimento reflexivo, ele apertou e acariciou o mamilo da mulher até que o sentiu franzir-se entre os dedos. Ela gemeu, inclinou-se e mordeu-lhe o lóbulo da orelha antes de lhe dizer—: O que achas de irmos a um sítio mais íntimo, Matt? Estou de passagem pela cidade, talvez...

—Vamos —disse ao pôr-se de pé. Não precisava de mais nada. Esta mulher era perfeita para esquecer a Victoria. Estava de passagem pela cidade, não queria compromissos e, além disso, ia directa ao que interessava a ambos: sexo—. Tenho um sítio fantástico para essa conversa que temos tanta vontade de ter.

—Perfeito —sussurrou Jennifer agarrando a mão de Matt, enquanto faziam espaço entre a multidão e saíam ao abrigo da noite.

CAPÍTULO 22

No silêncio da noite, Victoria ouviu uns barulhos estranhos no rés do chão. Ela estava no quarto perto das escadas e o barulho chegava mais claramente a ela do que aos Jackson. Ficou curiosa, mas voltou a deitar a cabeça na almofada. De repente ouviu-se um “clic”. Com os dedos esfregou os olhos. Sentou-se meio adormecida e de má vontade. Agora ouvia uns murmúrios. E nesse momento o estômago deu sinal de si, lembrando-a que tinha chegado tão cansada da viagem e que se deitou sem jantar.

Com um suspiro decidiu descer para ver o que havia no frigorífico. Talvez um sumo e frutas. Algo ligeiro para poder voltar a conciliar o sono, ou pelo menos tentar. Nem se preocupou em calçar-se, porque as escadas tinham tapete.

Ao aproximar-se da cozinha viu que a luz estava acesa. «Não, não estava a dar em maluca», pensou com um sorriso. De certeza de que era a Lilly com desejos típicos da gravidez. Abriu a porta e conteve uma exclamação perante a cena que tinha diante dos olhos.

Queria acreditar que estava a alucinar, mas era impossível confundir o Matt com outro homem, menos quando ele tinha uma mão na porta do frigorífico e outra na cintura de uma mulher exótica, que o abraçava como se tivesse todo o direito de o fazer. Victoria olhou para ele nos olhos, sem se dar conta de que estava a conter a respiração.

—Pensei... eu... —começou com a voz a tremer—. Pensei que a Lilly... eu...

—Victoria? —sussurrou Matthew verdadeiramente surpreendido ao vê-la. Ficou em branco e esqueceu-se do que estava a fazer. O grito da Jennifer, quando ele lhe largou o braço, fez com que se lembrasse que tinha acabado de chegar do bar e que estavam a recolher provisões para a noite. Uma noite de sexo desenfreado. Nem nos seus mais remotos pensamentos tinha imaginado encontrar-se com a Victoria. Menos ainda, vestida com um pijama que deixava as pernas bastante expostas e uma blusa tão ligeira, que se colava ao peito de uma maneira que devia ser proibida. O mais importante de tudo: o que fazia ali quando estava casada com outro há uma semana?

—Oh... —colocou instintivamente a mão em cima do coração—. Des... desculpa...

Não sabia que... Vou-me embora. —Subiu as escadas praticamente a correr. Fechou a porta do quarto, apoiou as costas nela com a respiração agitada e uma sensação de desespero doloroso que lhe roubava a capacidade de conter o soluço que lutava por sair da garganta. A Lilly disse-lhe que o Matt não estava. O mais provável é que tivesse regressado antes, também não tinha de dar explicações a ninguém de quando chegava ou de quando decidia mudar de opinião sobre as suas saídas. «Nem com quem o fazia...»

Tapou o rosto com as mãos. Era lógico que, depois de tudo, Matthew tivesse pensado em refazer a vida. Contudo, mesmo sendo consciente de que ele era livre para estar com quem quisesse, não podia deixar de sentir uma dor lacerante perante a imagem de outra mulher colada a ele com a intenção evidente de fazer algo mais do que tomar um copo à noite. A estúpida e ingénua esperança que a levou a atravessar o país de costa a costa evaporou-se. Já era demasiado tarde.

Resignada, avançou até à cama e atirou-se derrotada.

Mordeu o lábio para não chorar, abraçando a almofada como se fosse a sua tábua de salvação. O seu lado impulsivo tinha vontade de fazer as malas, mas a essa hora não se ia a pôr à procura de um voo de regresso a São Francisco. Também não podia deixar a casa a meio da noite, não depois da forma como a Lilly se comportou com ela. Afinal, o que tinha esperado? Que o Matt ficasse solteiro? Que estivesse a chorar pelos cantos? «Sim», pensou ao tentar sorrir com essa resposta tão infantil. De certeza e o que imaginava ser um sorriso não era mais do que uma horrível cara de dor. «Patética.» Abraçou-se com força à almofada.

Fechou os olhos e tentou dormir. Apertou as pálpebras com força como se de essa maneira pudesse evaporar a imagem que tinha acabado de ver. Porque não deixava de cometer erros? Que tipo de karma ridículo estava a pagar?

Quando a Victoria saíu da cozinha, ele seguiu-a com o olhar. Obviamente que a Lilly sabia que ela vinha a Boston. Se o Dermont não estivesse em casa, ele não se importava de ir acordar a irmã para fazê-la confessar que raios estava a maquinar. Conhecia a Lilly perfeitamente, era uma bisbilhoteira. Ainda bem que só lhe contou muito por alto o que se passou entre a Victoria e ele.

—É ela, não é? —perguntou a mulher que estava ao lado do Matt, interrompendo os

pensamentos dele.

Ele virou-se para a Jennifer. Sim. Fisicamente era perfeita, mas não servia de nada tentar ter relações com ela. Victoria tinha-o convertido num tipo de eunuco com outras mulheres, embora durante a noite tivesse feito o maximo que podia para satisfazer a libido. A situação ia de mal a pior quando acabava de ser a sua Némesis com tão pouca roupa...

—Não entendo —disse Matthew com ar inquisitivo.

Jennifer não era parva. Trabalhar como acompanhante de muitos homens importantes tinha-lhe dado a habilidade de ler à perfeição a linguagem masculina. Sendo ela uma mulher, os sinais femininos eram ainda mais óbvios.

—Talvez não te deva dizer isto, mas a dor que vi nos olhos dela... —encolheu os ombros—, não pensei que tivesse sido algo tão intenso, mas suponho que a tua irmã não estava enganada.

—A minha irmã? —perguntou diminuindo os olhos.

Não fazia parte da política da Jennifer dar a conhecer a terceiros os acordos com os seus clientes, mas era mais do que evidente que aquele homem andava pelas ruas da amargura. Outro homem já teria tentado ter algo com ela em cima da mesa ou beijá-la loucamente no carro, uma *rapidinha*, como ela costumava charmar o sexo no carro. Ela teria-se negado, claro, porque a sua tarifa e serviço não incluíam nada para além de uns toques sem chegar ao ato sexual.

Jennifer contou-lhe a que se dedicava e explicou-lhe como a Lilly estava nervosa quando lhe telefonou a expor o plano que tinha tido.

—A verdade é que não costumo falar sobre o meu trabalho com terceiros aos que me contrataram, Matthew. Sei que a sra. Jackson tinha boas intenções, foi por isso que aceitei. Prefiro evitar as confusões dos casais, os meus clientes habitualmente são homens solteiros ou divorciados. O meu trabalho como acompanhante de luxo limita-se a esse *target* —suspirou—. Enfim, acho que já cumpri com o meu objetivo.

—Trazer-me a casa? —perguntou com sarcasmo e a ferver de raiva. Como é que a irmã se atreveu a fazer algo tão infantil?

Ela negou sem perder o sorriso. Lidar com o sexo oposto era a especialidade dela.

—De facto, o objectivo era que fosses ao bar, eu aproximava-me e conseguia que me convidasses para a tua casa. Embebedávamo-nos um pouco ou cansávamo-nos de falar de tudo e de nada, adormecíamos e no outro dia levantávamo-nos para que tu te encontrasses com esta moça —encolheu os ombros—, suponho que as coisas correram de outra maneira. De qualquer forma, sou, como te disse, uma acompanhante. Coqueteio, toco um pouco, mas não há sexo.

Matt apertou a mandíbula. Detestava ser manipulado.

—E quem te garantia que não ia ter sexo contigo? Se tivesse querido, Jennifer. Eu consigo sempre o que quero.

Ela sorriu.

—Tu não és um homem que insistisse em ter relações com uma mulher por mais excitado que tivesses, se ela te dissesse que não.

—Isto é demasiado rebuscado, até para a Lilly.

Jennifer riu-se. Tinha um sorriso agradável.

—O que acontece é que os homens são demasiado simples e as mulheres... —encolheu os ombros—, digamos que somos um bocadinho mais detalhistas. Vou pedir um táxi. O meu trabalho já terminou.

—Não posso acreditar nisto... —resmungou o Matthew ao passar as mãos pelo cabelo. —De repente Matt teve uma ideia. De certeza de que não era mais brilhante a essas horas, mas era uma ideia ao fim e ao cabo—. Sabes, Jennifer? Vais ter de terminar o trabalho.

Ela ficou surpreendida.

—A que te referes?

—Vais dormir na minha suite, tu na cama e eu no sofá. E vamos seguir exactamente o que te pediu a mete-se em tudo da minha irmã até amanhã de manhã.

—Mas...

—Por esta mentira, pago-te o dobro do que te pagou a Lilly.

—Não nego que gosto muito de dinheiro. A quem não? Mas...

—Estou disposto a triplicar a quantidade que a minha irmã te pagou.

—Desculpa. —Sem mais, deu-lhe uma palmada no ombro do Matt—. Boa sorte com a moça que está lá em cima. —Depois saiu silenciosamente da casa.

Matt disse um palavrão. Não podia acreditar no disparate que a irmã tinha orquestrado. Eram assim todas as mulheres grávidas quando as hormonas se disparavam? Isso andava de mãos dadas com o facto de lhes dar volta ao cérebro ou o caso da Lilly era especial e isolado? Uma acompanhante, por Deus! Mais tarde ou mais cedo a irmã ia ter de o ouvir. E não só ela, porque sabia perfeitamente que onde estava a Lilly estava o velhaco do Dermont.

Apoiou as mãos em cima da mesa fria, baixou a cabeça. Fechou os olhos e respirou. Tentou recuperar a calma. Não podia reagir movido pela raiva. Inspirou e expirou. Passaram-se 30 segundos. Um minuto. Cinco. Dez.

O único quarto que não estava cheio com as bugiganjas da irmã era o que estava ao lado das escadas. Primeiro tinha de tomar um banho. Cheirava ao perfume de outras mulheres e a noitada. Não era justo fazer isso à Victoria, mesmo que uma parte sua acreditasse que merecia. A cena com a Jennifer tinha sido mais do que suficiente, e ele nem sequer tinha planeado isso. Saiu e foi até à suite.

Victoria olhou para o relógio em cima da mesinha de cabeceira pela enésima vez. Eram quatro da manhã. Voltou a fechar os olhos. A almofada estava húmida. Foi inevitável não chorar. A única coisa que lhe restava para não dar em maluca era o seu emprego, quando voltasse à Califórnia. Era o recurso para evitar pensar no Matt e canalizar a tristeza em algo produtivo. Depois ia viajar a algum destino paradisíaco, e pouco a pouco recuperaria. Ou pelo menos ia tentar. Trabalhar dando formação e assessoramento a executivos ao mais alto nível, embora não a satisfizesse por completo. Precisava criar, mas não ensinar a outros como fazer nem trabalhar em pequenos projetos como executiva externa de uma agência. Isso não a estimulava profissionalmente.

—Victoria?

«Agora ouço a voz dele. Cérebro traidor.» Meteu a cabeça debaixo da almofada. Desta vez ouviu três toques suaves, mas firmes, na porta.

—Victoria, abre a porta. Temos de falar.

«Falar? Já tinha terminado a sessão de sexo e agora queria falar? Não obrigada.»

Permaneceu em silêncio. Observou como o ponteiro dos segundos percorria a circunferência do relógio.

Voltou-se a ouvir bater à porta.

—Se não abrires, mesmo adorando o meu sobrinho e respeitando o sono da minha família, não me vou importar em arrombar a porta. Tens dez segundos para deixar de fingir que estás a dormir... Um...

«Queria obrigá-la a falar? Que vá dar uma volta.»

—Dois...

O que lhe podia dizer? Era evidente que só lhe ia perguntar o que estava a fazer ali. Ela respondia que isso agora já não era importante e mandava-o dar uma volta. E ele também se ia chatear e brigavam-se novamente. Não, obrigada.

—Três...

Não lhe saía da cabeça a imagem daquela mulher enrolada como um polvo ao Matt e a maneira como ele a agarrava pela cintura. E ainda se esquecia menos de que ele tinha a camisa meio aberta e o olhar intenso, como se...

—Quatro... Cinco... Seis...

Que raios! Sabia que o Matt era homem para cumprir a ameaça. Sentia o coração a bater mais rápido. Apertou a mandíbula. Não acendeu a luz. Não queria que a visse com os olhos vermelhos. «Que parvo.»

Abriu a porta.

—O que queres? —perguntou com um tom sereno.

—Ainda bem que reconsideraste e abriste a porta.

O cheiro a limpo do Matt inundou-lhe as fossas nasais. Tomou banho depois de ter sexo com aquela mulher ou teriam tomado banho juntos ou...?

—Tem mais a ver com ter consideração pelos donos da casa

Matt torceu o nariz. Mal conseguia ver alguma coisa, mas as sombras deixavam entrever que uma mão da Victoria estava posta contra o marco da porta e a outra segurava a maçaneta desde dentro, como se quisesse fechar-lhe a porta na cara de um momento para o outro. A voz

aparentemente calma escondia o desconforto e a raiva. Conhecia-a bem. Esticou a mão, agarrou na da Victoria que se apoiava no marco e puxou-a para ele.

—Não tens aliança —disse ao passar-lhe o pulgar pelo dedo anelar nu. Foi invadido por um grande alívio, permitindo acalmar-se de tudo o que tinha acontecido em casa Chloe semanas atrás. Agora precisava de respostas claras—. Não te casaste —afirmou.

Victoria soltou-se.

—És um verdadeiro génio. Agora deixa-me em paz. Amanhã tenho de apanhar um voo para São Francisco. Vai-te embora. —Ia fechar a porta, mas ele pôs um pé e com a mão firme impediu-a.

—Sou mais forte do que tu... não podes impedir-me de passar.

—O que queres? Não tens nenhum assunto para tratar lá em baixo?

Ele não sorriu. Ficou em silêncio a olhar para o perfil de Victoria na sombra.

—Podemos falar..., por favor?

Aquele tom de voz fê-la deixar de lado a posição defensiva, mas não a cautela. Respirou fundo e afastou-se da porta. A figura do Matt pareceu encher todo o espaço do quarto com a presença dele. Era o suficientemente alto e fuerte para inspirar respeito, mas a ela sempre lhe gerou uma sensação de proteção. Quando ele estava por perto, sentia-se protegida. Embora nesse preciso instante não.

—Acho que não tenho outra saída —disse de má vontade.

Ele acendeu a luz, ela pestanejou e tapou os olhos.

—Podes apagar isso?

—Não. Acho que esta conversa é cara a cara. Não a meia luz ou às escuras. Não acho que viajaste tantos quilómetros para te esconderes de mim. Verdade ou não? —Sem ser convidado sentou-se na cama.

Consciente de que estava nua por debaixo do pijama, Victoria acomodou-se no colchão, o mais longe possível dele. Agarrou no lençol e colocou-o em cima das pernas.

Matthew notou que tinha os olhos vermelhos, o cabelo despenteado e não gostava da maneira como ela entrelaçava as mãos no regaço. Não gostava nada de a ver assim.

—Vim visitar a Lilly. Não sabia que estavas aqui em casa e...—riu-se, nervosa—. Devia ter recusar o convite dela para ficar aqui... De qualquer forma, amanhã bem cedo compro um bilhete de regresso a casa.

—Mentir-me não serve de muito, sabias? —levantou-se ligeiramente, só para se chegar mais perto dela que estava afastada numa esquina. Victoria não se mexeu. Por onde podia fugir? Não tinha saída—. Então diz-me, porque não te casaste? —perguntou com suavidade.

Ela mordeu o lábio inferior e olhava para outro lado. Apertou os dedos das mãos uns contras os outros. Tinha a certeza que os nós dos dedos estavam brancos.

—Digamos que o Devon não era precisamente o homem que merecia que eu cumprisse uma promessa... —Apertou os dentes. Confessar que tinha cometido um erro grave não era fácil, embora fosse esse o objetivo da viagem, entre outras coisas. Mas agora que ele estava com outra... Nem sequer entendia porque ele se dava ao trabalho de conversar com ela—. Ele foi-me infiel, Matthew. Dessa relação há um menino, Leo. Soube isso no dia do casamento... Não foi o momento mais agradável, mas pelo menos fiquei a saber a verdade. A tempo.

Matt colocou a sua grande mão em cima da de Victoria e com a outra levantou-lhe o queixo para ele.

—Foi por isso que cancelaste o casamento?

—Entre outras coisas...

—Como o quê?

—A sério, não tenho vontade de falar sobre isso...—olhou para a porta—. Podias ir-te agora? Gostava de descansar um pouco antes de fazer a viagem para...

—Não tive nada com a Jennifer —confessou, interrompendo-a—. Ela foi-se embora assim que subiste as escadas.

—Matt, não tens de me dar nenhuma explicação. —«Mas agradeço-te infinitamente, porque o meu coração estava a ponte do ter uma taquicardia.»

—Há bocado estive num bar, conheci-a ali... Enfim. Coquetteei com umas moças. —A necessidade de se explicar estava relacionada com a angústia de dor que via nos lindos olhos azuis. Amava a Victoria. Um amor como o que sentia não se podia evaporar com nenhuma outra mulher, como estupidamente pensou, e também não se desvanecia com o passar do

tempo. Havia coisas que simplesmente estavam destinadas —. Não sabia que estavas em Boston, nem que não te tinhas casado... por isso hoje pensava... —riu-se sem alegria—, não importa.

Ela olhou para ele com tristeza. Reprimiu as lágrimas. A ideia do Matt a coquetear, a beijar, ou o que fosse, com outras mulheres magoava-a. Mas era uma dor em consequência de não ter sido leal a ela mesma, ao amor por ele e por se ter deixado levar pela culpa. Tinha de assumir que seria injusto reclamar-lhe...

—Viver a vida de solteiro —disse com um nó na garganta—. É lógico, depois de tudo. Eu escolhi afastar-me.

Ele acariciou-lhe o queixo e depois o rosto com suavidade.

—Tentei esquecer-te... —negou com a cabeça—, uma estupidez absoluta. A verdade é que não houve ninguém depois de ti...

«Meu Deus.» Como tinha sentido a falta dele. Da sua voz, pele, de tudo dele. Tinha-o gravado na pele e na alma. E que agora lhe dissesse isso...

—Eu... —suspirou—. Digo o mesmo —sussurrou.

—O imbecil do teu ex e tu não...?

Victoria apertou a mão do Matthew e ele entrelaçou os dedos com os dela. No silêncio da madrugada, as vozes ecoavam no quarto. Cada som era bastante audível para o outro, especialmente quando o ritmo das respirações mudava.

—Vivíamos em casas separadas porque irmã gémea dele é muito possessiva. Por isso, ele aceitou o convite de ficar uma temporada com a família. E mesmo quando saíamos, bom... —encolheu os ombros—, só nos dávamos um beijo sem emoção.

Matt apertou a mandíbula. Os ciúmes, com ou sem emoção, não discriminavam. Mas nessa noite, ele não tinha sido precisamente estoico com outras mulheres. Hipócrita não era.

—Suponho que cada um tentou seguir com a sua vida. —Acariciou-lhe o lábio com o pulgar. Todos os seus sentidos pareciam ter regressado ao ritmo normal. Como se a eletricidade que o tinha movido nessas últimas semanas tivesse estado na frequência errada e agora estava na voltagem perfeita—. Fala comigo sobre o que viveste nestas semanas longe.

Victoria contou-lhe o que tinha acontecido durante esse tempo longe dele. A

recuperação do Devon. A distância emocional entre eles. O dia do casamento com todos os convidados. A chegada da Amelia. O assunto do Leo. O casamento do Devon com a Amelia. O emprego novo que tinha conseguido.

Matthew ouviu-a com atenção, sem deixar de olhar para ela nos olhos. Depois, a Victoria contou-lhe como conseguiu contactar com a Lilly e que tinha chegado de Boston nesse dia à noite.

—Foi tudo uma grande viagem. —Ela assentiu—. Então, vieste aqui para me dizer que cancelaste o casamento?

Ela negou.

—Pensei que a Lilly já te tinha contado, e eu...

—Amanhã ajusto contas com a minha irmã, mas agora gostava de ouvir o que me vieste dizer.

—Não vais facilitar, pois não?

—Acho que prefiro ouvir no lugar de fazer suposições —respondeu ao acariciar-lhe a face com ternura, enquanto os dedos acariciavam os da Victoria. Ainda não podia acreditar que ela estava em Boston. E o mais importante: não se tinha casado. Meu Deus! Não a ia deixar escapar. Não desta vez. Mesmo que a tivesse de convencer de mil maneiras.

—Continuas chateado comigo? —perguntou com suavidade.

—A verdade é que tenho estado mais magoado do que chateado, Tori.

Ela olhou para ele nos olhos. Com todo o amor e o arrependimento que sentia.

—Eu... eu enganei-me ao rejeitar-te. Foi o maior erro da minha vida. Desculpa ter-te magoado. Desculpa, Matt...—disse com a voz partida—. Sem ti a minha vida não é completa, soube sempre isto, mas fui demasiado parva para me lembrar. O meu pai disse-me que uma promessa não vale nada quando está contra o teu próprio coração. E eu amo-te. Mesmo que não soubesse da Amelia e da relação dela com o Devon ia cancelar o casamento, porque não podia prometer a outro homem um coração que já tem dono. Sei que te feri ao não ter em conta os teus sentimentos, como devia ter feito. Sei que és um homem complexo, mas amo-te com os teus defeitos e as tuas qualidades apaixonam-me. Não vim só aqui para te dizer que te amo e que estou apaixonada por ti... —olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas—, também te

vim pedir que me perdoes pela dor que te causei... que causei aos dois —sussurrou.

Ele sorriu para ela com ternura. Acariciou-lhe a face e ela deixou que as lágrimas caíssem. Matthew apanhou-as com os dedos.

—Ah, meu amor. Minha valente, Tori —sussurrou ao inclinar-se para ela. Deu-lhe um beijo muito, muito suave nos lábios—. Anda cá —disse antes de abrir os braços. Victoria não hesitou e acomodou-se no regaço dele.

—Se tivesse sido valente não estávamos aqui, estaríamos em São Francisco e...

—Tori, és teimosa e orgulhosa —murmurou contra os lábios dela, mordiscando-os —, vir até aqui e aceitar que te enganaste é um gesto de valentia, mas antes que tudo é um gesto de amor. E isso é o mais importante de tudo. Tu ensinaste-me a amar e a amar-te de uma maneira que não imaginava possível. Não quero voltar a passar pelo inferno de estar sem ti.

—Eu também não, meu amor...

Ele beijou o nariz arrebitado, aquelas faces suaves e ela retribuiu as carícias.

—Viestes até mim, amor, não tenho mais nada para desculpar. Mas agora promete que não me vais deixar novamente.

—É uma promessa. —Ela riu-se. Riu com uma alegria que não sentia há semanas. Uma alegria que só sentia quando estava com o Matt.

Ele abraçou-a com força. Como se nunca mais a quisesse perder. E assim era.

CAPÍTULO 23

Victoria apoiou-se nos joelhos dele, colocando os calcanhares debaixo do traseiro perante o olhar do Matt cheio de desejo e amor. Começou a tirar a parte superior do pijama por cima da cabeça. Ao fazê-lo os mamilos erectos roçaram o tecido de seda, excitando-a. Matt viu nela exuberância e perfeição. Não havia outras palavras para descrever o que a Victoria era, em todos os sentidos possíveis. Tinha um peito lindo, uma pele de cetim, umas curvas proporcionadas nos sítios em que ele gostava de acariciar, o cheiro dela subjugava-o e os beijos seduziam-no. Era a única mulher que só com o sorriso o podia pôr aos seus pés.

—És tão bonita —disse ao acariciar-lhe o ombros, percorrendo com os dedos a pele suave dos braços, sentindo como a fazia tremer pelo contacto.

Victoria observava-o com desejo.

—Matt...? —murmurou quando o dorso da mão do Matthew roçou um mamilo e depois o outro. Uma carícia débil, superficial, mas que a fez estremecer.

—Diz, amor —disse ao tirar-lhe o lençol que tinha ficado enrolado nas pernas da Victoria. Brincou com o elástico do short curto de seda do pijama. Estava nua por debaixo desse pedaço de tecido. «Que mulher!» Deslizou a mão, desde o abdómen suave até à pubis, moveu os dedos nos caracóis pretos até chegar à zona mais delicada. Aquela que ele conhecia perfeitamente. Suave, rosada e húmida.

—Tu..., tu chegaste a este ponto com outras, enquanto eu...?

Ele sorriu-lhe com ternura, movendo os dedos e vendo-a a moder o lábio. Os olhos azuis mostravam paixão, desejo e amor.

—Não, princesa. Agora, siiihhh, deixa-me beijar-te. —Deslizou os dedos no húmido interior feminino—. Gostas? —perguntou com os lábios encostados aos dela ao mesmo tempo que a penetrava com um dedo, lubrificando-a com os próprios fluidos cálidos, enquanto que com o pulgar fazia círculos no clítoris—. Mmm?

Como era possível sentir tanto amor e doçura para no instante seguinte sentir as

sensações mais ardentes a percorrenrem-lhe as veias?, pensou a Victoria, antes de agarrar na mão do Matt e tirá-la do seu interior.

—Quero que tu sintas o mesmo prazer que eu... —ofegou—. Estou meia despida e tu continuas com os jeans e com a camisa.

Ele sorriu para ela.

—Tens razão. Que falta de atenção da minha parte —respondeu com picardia. Afastou-se, levantou-se do colchão e em cinco segundos estava total e gloriosamente nu à frente dela. O membro erecto, grosso e palpitante agitou-se perante o olhar da Victoria. Elsticou a mão e tocou na glande. Matthew pôs-se ao lado dela.

—Não é justo, tu tocaste-me...

—Eu digo-te o que é justo —disse antes de a deitar na cama e tirar-lhe o short do pijama com um movimento rápido, despindo-a completamente. Olhou-a com desejo e disse-lhe com a voz rouca—: Vou mais depressa. Não me consigo conter. Foram demasiados dias sem ti. —Deu-lhe um beijo profundo e voraz. Ela devolveu-lho com ímpeto. Ao sentir a ereção ardente contra a anca, enquanto Matt olhava para ela com desejo, Victoria remexeu-se excitada. Ele deslizou a mão esquerda debaixo das costas da Victoria para a encostar mais a ele, e com a mão direita apalpou-lhe o peito.

—Eu também morro de vontade de te sentir dentro de mim, senti muito a tua falta —sussurrou ao puxar a cabeça do Matt para o beijar. Ele beijou-a com fome, beijou-a como se a vida lhe escapasse nisso e, de repente, a luxúria entre ambos explodiu de forma candente e vibrante.

As pequenas mãos femininas apoiavam-se nos ombros fortes, apertando-os. A ofegar, Matt afastou-se daquela boca deliciosa para passear os lábios pelo pescoço elegante e suave que emanava o aroma natural da Victoria. Percorreu com a língua o canalzinho que separava os seios. Atendeu com mimo aqueles maravilhosos montes coroados por mamilos rosados. Lambeu-os e beijou-os. Deu mordidelas tanto a um como ao outro mamilo, chupou-os até que se contorceu e cravou-lhe as unhas nas costas, ao mesmo tempo que levantava as ancas, a pedir-lhe que a fizesse dele naquele momento. Ele queria muito penetrá-la, mas antes queria prová-la. Gostava do sabor natural dela, da sua essência de mulher. Deslizou o corpo para baixo, beijando cada cantinho de pela que encontrava pelo caminho.

—Matt... —Foi a única coisa que conseguiu murmurar antes de que a boca masculina a surpreendesse e explorasse as suas pregas mais íntimas, descobrindo os segredos dela com a língua; lambendo-a e chupando o clítoris, enquanto a mãos especialistas acariciavam o peito com suavidade e precisão. Gemeu, retorceu-se e quando pensava que o mundo se desintegrava em pedacinhos de prazer, ele parou. Deixou de a amar com a boca e começou a deslizar-se para cima com uma lentidão deliberada, beijando a parte interna das coxas, subindo pouco a pouco pela pele. O membro erecto bateu no sexo dela, mas não a penetrou como ela desejava. Ele sorriu com picardia, porque sabia o quanto ela desejava isso.

Victoria sentiu como o Matt jogava com a ereção, movendo-se para a frente e para trás ao percorrer as pregas húmidas, ao tentá-la. A boca do Matt passeou pelas ancas, ventre e devorou o peito. Estava a ponto de reclamar da tortura, quando ele, finalmente, se fundiu nela, pressionando a carne cada vez mais fundo, o que lhe arrancou um grito de puro prazer.

—Não grites tão alto, amor, vais acordar toda a gente... —disse a ofegar, enquanto entrava e saía dessa húmidade deliciosa. Para a Victoria não acordar toda a gente, beijou-a, fazendo com que ela se provasse a ela mesma, uma mistura de sabores, aromas e desejos.

Ela moveu-se ao compasso marcado pelo Matthew, rodeou-o com as pernas para que ele se adentrasse nela. As investidas do Matt eram consistentes, profundas, duras, deliciosas. Victoria, cada vez mais excitada, segurava-se nos ombros suados e enérgicos, enquanto o peito se balançava ao erótico som dos embates masculinos.

Ele acelerou o ritmo perdendo totalmente o controlo na procura da libertação. Sentia como o sexo da Victoria o envolvia e se contraía à volta do palpitante membro. Olharam um para o outro em todo o momento, unindo assim não só os corpos como também aquilo que era intangível e que movia as emoções que ambos sentiam. Ela tremia e gemia. Ele tinha dificuldades em manter o ritmo da respiração.

Victoria sentia-se mais viva do que nunca, enquanto ele a beijava, acariciava o corpo com as mãos e com a alma no olhar. Desejava gritar, mas não queria acordar toda a gente, por isso teve de aguentar os soluços, e essa contenção excitou-a ainda mais. Como se ela e o Matt estivessem a partilhar um segredo. Um segredo maravilhoso, sem dúvida. Ela levantou-se minimamente só para morder com força o ombro do Matthew, ele resmungou e aumentou o vaivém da pelvis. Depois abraçou-a para lhe devorar a boca.

—Matt... —sussurrou o nome dele—. Oh, sim..., assim...

—Meu amor...—Com um último empurrão, Matthew lançou ambos para um precipício de prazer delirante, quando a febre vulcânica que os consumia os abraçou por completo. Ele esvaziou-se nela e partilharam um grito de êxtase sufocado com um beijo.

Ficaram em silêncio. Ofegantes e com o coração a mil à hora.

Victoria olhava para ele com um sorriso de satisfação e amor. Oh, sim, amor na pura essência. Ele acariciou-lhe o cabelo com ternura. Beijou-a na boca com suavidade durante um bocado até que as respirações se acalmaram. Matt saiu do refúgio húmido, antes de a levar consigo e pousá-la em cima dele.

—Amo-te —sussurrou Victoria com um sorriso—. Fazer amor contigo é...

—Maravilhoso?

—Não está mal —respondeu a rir-se e ele deu-lhe um açoite no traseiro.

—Provocadora —disse ao beijá-la na testa.

—Tu fazes com que seja assim.

—Espero que seja só comigo. —Ela piscou-lhe o olho—. Tori, depois de quase te ter perdido, não te vou deixar escapar.

—Eu não vou escapar. Preciso de ti ao teu lado —sussurrou ao mover-se para chegar aos lábios do Matt e beijá-los. Esta mulher punha-o a mil.

—Então, estamos muito de acordo —murmurou ele, devolvendo-lhe o beijo, mordendo os lábios carnosos com paixão e acariciando-lhe com ternura as costas aveludadas. Era frágil e forte ao mesmo tempo. Era toda dele. —Afastou-se da boca dela e olhou-a com ardor—. Estou maluco por ti. Admiro-te como mulher, desejo-te como não desejo a ninguém e és a única capaz de girar o meu mundo no sentido correcto —confessou ao agarrar-lhe o rosto entre as mãos com doçura. Victoria, que a tua escolha hoje seja nós. Casa-te comigo. Por favor...

Ela engoliu em seco.

—Pensei que não ias voltar a pedir-me —disse emocionada—. E eu vinha disposta a perguntar-te isso—riu-se—, mas a cena na cozinha dissuadiu-me ...

Matt apertou mandíbula.

—Não te vou dar tréguas —expressou convicto—. Tens de ter isso claro. Não me

interessa nenhuma outra mulher que não sejas tu. Quero ter-te ao meu lado para sempre.

—Matthew... —sussurrou. Por fim estava no sítio que lhe correspondia. Por fim, podia sorrir com o coração—. Nada me faria mais feliz do que ser a tua esposa —disse com os olhos brilhantes de ilusão e esperança—. Claro que me caso contigo.

Aquela foi a última conversa que tiveram durante várias horas, antes de começar a recuperar de todas as semanas que tinham passado longe dos braços um do outro.

Dermont confessou ter conspirado com a Lilly em menos de cinco minutos, quando Matt o apanhou com um olhar duro e impaciente. Contou com pormenores o plano da Lilly ao contratar a Jennifer, com o objetivo da moça conseguir reafirmar à Victoria a convicção de que o Matthew era o homem indicado, e que se não o valorizava, que tivesse claro que ele podia ir com outra. Dermont também confessou que o plano da mulher ia encaminhado a surpreender o Matthew, para que este se desse conta de que não era importante quantas mulheres se insinuassem a ele, porque nenhuma ia ter o mesmo efeito que a Victoria tinha nele.

Victoria levou o tema na brincadeira, mas o Matt não gostou nada que os tivessem manipulado daquela maneira. Embora no final, tenha reconhecido o mérito da irmã, mas não aconteceu o mesmo ao seu melhor amigo, que levou uns empurrões na quadra de basquete no domingo à tarde, enquanto elas conversavam dentro de casa.

Apesar da Victoria querer regressar no dia seguinte a São Francisco, os Jackson insistiram para ela ficar mais uns dias. Ela aceitou. Assim que teve um momento sozinha, telefonou para o pai a contar que se ia casar com o Matthew. John ficou muito contente com a notícia e pediu-lhes que voltassem com urgência para organizar tudo.

—Tori? —Chamou o Matt desde a porta da suite que agora partilhavam. Estavam juntos há quatro maravilhosos dias, desde que se reconciliaram. No dia anterior foram comprar um lindíssimo anel de noivado, depois passearam por Boston e conversaram durante horas de tudo e de nada, sem deixar de explorar a paixão que fervia entre ambos. Ela não queria sair dessa borbulha, mas tinham de voltar à realidade mais cedo ou mais tarde.

—Estou quase pronta —sorriu. Estava a arranjar o rabo de cavalo para ir jantar.

—Há uma coisa que ainda não conversámos —comentou ao avançar para ela. Abraçou-

—Devo preocupar-me?

—Isso decides tu —disse com algum receio. Ao vê-la torcer o nariz, passou o pulgar pelas sobrancelhas definidas e delicadas—. Sei que ainda é muito cedo para falarmos disto, e que temos algumas coisas para acordar, tu gostavas de ter filhos comigo?

Ela acariciou-lhe a cara com a mão.

—Matt, isto tem alguma coisa a ver com o teu passado?

Ele apertou a mandíbula e assentiu, colocando a mão em cima da de Victoria.

—Quando te falei do meu vínculo ao Temple Ki, não te contei o verdadeiro motivo —disse a olhar para ela, atento a todas as suas expressões faciais—. Não me levo bem com a Monique, a minha mãe. O meu pai abandonou a mim e à Lilly quando éramos pequenos. Ele preferiu andar de bar em bar. A minha mãe divorciou-se e voltou a casar-se. Outro bêbedo, claro. Mas este não gostava só de ser agressivo verbalmente, também nos maltratava. Nunca permiti que tocasse com um dedo na Lilly, mas uma tarde esteve a ponto de fazê-lo. Enfrentei-me a ele. E como era menos corpulento do que ele, mandou-me para o hospital. —Victoria abraçou-o pela cintura e levantou o rosto para olhar para ele—. A minha mãe atirou-me com as culpas em cima e não deixou o Heath. Pouco tempo depois aconteceu tudo aquilo com a Sabrina. Depois a minha irmã e eu fomos viver para casa da avó Edna, já fartos do Heath e da atitude da minha mãe sempre a defende-lo por tudo. Nunca quis fazer queixa dele, e também não permiti que nós o fizéssemos —suspirou longamente—. Não consegui reconciliar-me com ela.

—Sinto muito que tenhas vivido uma situação tão dura —disse com pena. Pôs-lhe a mão na cara com carinho—. A tua mãe e o Heath continuam juntos?

Ele negou. Agarrou na mão da Victoria e beijou-lhe os nós dos dedos.

—A minha irmã disse-me que se divorciou há pouco tempo. Há umas duas semanas. Monique de vez em quando deixa-me mensagens no *voice mail*, mas eu não lhe devolvo os telefonemas. Lilly é quem fala com ela e quando considera necessário conta-me algumas coisas. Como a história do divórcio.

—Talvez possas pensar em voltar a estar em contacto. Tenho a certeza de que ela te ama, que está arrependida e, sobretudo, deve sentir muito a tua falta. És filho dela. Afinal, a Monique também sofreu. Deu-se conta do erro tarde, mas deu-se conta...—agarrou na mão do

Matt e puxou-o para o sofá. Sentou-se em cima das pernas dele e ele segurou-a pela cintura—. O que tem isto a ver com a tua pergunta inicial?

Ele olhou para ela com uma mistura de frustração e tristeza.

—Eu não sei como ser um bom pai... A paternidade foi sempre uma ideia que me deu pânico —suspirou com preocupação—, com o teu amor e doçura mudaste muitas coisas em mim até ao ponto de ser indispensável saber a tua opinião sobre este tema, porque, Tori, eu não quero decepcionar outro ser humano da mesma maneira que os meus pais fizeram comigo. Não te quero decepcionar a ti.

Ela acariciou-lhe o contorno da mandíbula. E rodeou-lhe o pescoço com os braços.

—Nunca farias isso, Matt. Além disso, isso é uma viagem que fazemos juntos. Eu perdi a minha mãe quando era muito pequena. Por isso, partilhamos o mesmo medo de não saber como ser como pais. Se estamos os dois ao comando do transatlântico vamos sempre atracar num porto seguro —disse convicta.

Ele apertou o abraço à volta da fina cintura. Inclinou-se para a beijar.

—És única.

—Tanto como tu o és para mim —garantiu—. Já é altura de fechar completamente os ciclos do passado. Talvez não seja tão difícil, e se for, eu estarei ao teu lado.

«Como é possível ser um homem tão sortudo?», pensou Matthew.

—Suponho que os defeitos que possa ter como pai serão compensados com as tuas habilidades como mãe...

—E viceversa —completou a sorrir—. Aprenderemos juntos.

—Amo-te tanto...

—Demontra-me isso —desafiou-o com picardia e começou-se a rir quando o Matt lhe fez cócegas.

Esse foi só o início de uma longa noite em que puseram de lado o jantar planeado, porque o Matt gostava de desafios e empenhava-se sempre em obter a nota máxima.

EPÍLOGO

Três anos depois.

Samuel Talley ia soprar a velinha do seu bolo de aniversário, ou ia tentar, com os poucos dentes que tinha nas gengivas rosadas. Celebrava um ano de vida. O pequeno era muito engraçado e o delírio dos pais: esperto, sorridente, com cabelo preto e uns olhos azuis impressionantes, que conquistavam qualquer mortal que ousasse contrariá-lo. Sim. O pequeno Sam tinha a veia combativa da mãe e o carácter obstinado do pai. Além disso, já se via traços de um líder nato. Pelo menos, era nisso que queria acreditar o avô John, que o mimava imenso, enquanto via tantas crianças juntas na linda casa que a filha e o genro tinham comprado ao casarem-se.

O casamento do Matt e da Victoria foi uma cerimónia muito bonita. Tão íntima e privada tal como era o desejo da noiva e do noivo. Sem amigos devido a negócios ou contactos importantes da classe alta de São Francisco. Só os mais chegados a eles.

Quando John entregou a filha no altar, ela não conseguiu ocultar os olhos cheios de lágrimas sem derramar, porque *aquele* era o dia que sonhada desde pequena. Casava-se com o amor da sua vida e era correspondida da mesma maneira.

Para a ocasião, a Victoria escolheu um desenho de estilo *vintage* com toques modernos que se ajustavam às suas curvas. Com um decote cai-cai adornado com brocados simples, cintado ligeiramente na cintura para definir o corpo com toques de organza. A saia tinha várias capas que pareciam flotar à sua volta ao mover-se com a cauda curta do vestido. O caminho até ao altar foi marcado pela convicção da Victoria de estar no sítio certo a ser fiel ao seu coração. O noivo estava super giro de *smoking*, a verdade é que tudo o que ele vestia lhe ficava bem. Matt transbordava sempre elegância e um porte que tirava a respiração. No dia do casamento não foi diferente, mas ele só tinha olhos para uma mulher: a sua esposa.

Cem pessoas reuniram-se na esplanada impressionante de um dos hotéis mais prestigiosos de São Francisco. O copo de água celebrou-se ao entardecer, justo quando os últimos raios de sol se filtravam pelas grandes janelas que ofereciam umas magníficas vistas

do horizonte. Na decoração predominavam os tons de branco com vermelho e bege numas combinações românticas e suaves. Depois de dançarem e se rirem, perto da meia-noite os noivos saíram da festa. Todos sabiam para onde iam. Sim, ao aeroporto. O voo para a Tailândia estava previsto sair às cinco da madrugada. Ainda tinham de terminar de fazer as malas e também celebrar a atração, o amor e a sensualidade que os envolvia.

Ficaram alojados duas maravilhosas semanas no Marriott's Phuket Beach Club. Longe do mundo e a desfrutarem um do outro. Escolheram a maior ilha tailandesa. Phuket. Chamada “A pérola do sul”, no mar de Andaman, na costa sudoeste.

—Mamã! —gritou o Sam, enquanto os outros meninos, convidados da festa de aniversário, esperavam impacientes por uma fatia de bolo. Os primos do Sam, Peter e Joe Jackson, tinham voado com os pais desde Boston para estar presente na festa durante o fim de semana. A Chloe e o Brandom tinham-se casado há três meses. Ela era a madrinha do Sam e o Dermont o padrinho.

Victoria Talley, vestida com uma calças *capri* amarelas pastel e uma blusa branca folgada de pré-mamã, acariciou a cabecinha do filho com ternura, enquanto o Matt o tinha ao colo para incliná-lo para que ele soprasse a velinha.

—Sim, meu amor?

O bebé apontou para a velinha. E depois virou-se para o Matt.

—Beijo!

Victoria riu-se. Olhou para o Matthew com um sorriso e deu-lhe um beijo. Uma vez o filho apanhou-os a darem um beijo. Ficou a olhar para eles e a Victoria explicou-lhe que era um beijo. Desde esse dia, cada vez que o Sam se lembrava, dizia-lhes: “Beijo!”. Oh, e coitados dos pais se não se atreviam a satisfazê-lo.

Os convidados cantaram os “Parabéns a você”. Duas horas depois de se ter partido o bolo, Sam deixou-se dormir. A *babysitter* levou-o para o quarto no primeiro andar de uma casa situada numa zona familiar e acomodada de São Francisco. Matthew vendeu a *penthouse*, porque não queria guardar lembranças só suas. Decidiu criar novas experiências com a família. Começar do zero.

Matt e Victoria decidiram abrir juntos uma agência, pequena, que só atendia clientes com quem podiam faturar o suficiente para viver confortável cada mês. Ambos já tinham

conquistado uma reputação e os cliente procuravam-nos. Victoria dividia o tempo entre a empresa que tinha com o marido, MT&VM (ela recusou usar o apelido de casada para o nome da empresa, apesar do Matt a ter tentado convencer de uma forma muito interessante), e a Spring & Marsden. O parkinson avançava pelo corpo de John, ela sabia que tinha de começar a fazer-se cargo pouco a pouco da empresa do pai em conjunto com Andrew Spring. Matt não quis voltar à agência, onde tinha trabalhado tantos anos. Não era por ser arrogante, mas porque se sentia mais confortável tendo mais tempo para a sua família e um negócio dele, que geria sem ter de dar contas a ninguém. Além disso, os investimentos que tinha feito no sector tecnológico estavam a dar resultados interessantes.

Os convidados foram-se embora perto das seis da tarde.

O casal Talley subiu ao quarto. Era um espaço acolhedor.

—Por fim, sós —murmurou, abraçou a Victoria por trás e pousou as mãos em cima da barriguinha de quatro meses e meio da esposa. Iam ter uma menina. A ecografia deixou-os cheios de alegria—. Amanhã fazemos três anos de casados. Foram os melhores da minha vida —disse. Ambos observavam pela janela o entardecer da cidade.

—E os meus. —Virou-se nos braços de Matt para olhar para ele—. Não me arrependo de nada.

—Talvez por não me teres permitido fazer amor contigo em cima da mesa do estúdio esta manhã? Acho que isso foi um erro grave, sra. Talley.

Victoria riu-se e deu-lhe uma palmada no ombro.

—Estavam aqui em casa os decoradores da festa. Não íamos ter tempo...

—Bem, mas tu não te queixaste muito quando a minha boca te levou a um ponto de muito prazer. Uma experiência de êxtase que o teu precioso corpo de grávida quer experienciar com mais assiduidade do que antes —disse entre risos, antes de se inclinar para beijar a Victoria quando ela quis protestar.

Ela suspirou e entregou-se a esse beijo. Ele acariciou-lhe as costas com as mãos e deslizou-as até ao traseiro firme da esposa, enquanto percorria os lábios dela com os seus. Introduziu a língua de forma lenta, pausada, deleitando-se com o sabor. Um sabor que não se fartava de provar. Victoria tremeu nos braços dele e colocou as mãos para o puxar mais para ela.

As mãos do Matt mudaram de rota e começaram a desabotoar a blusa. Não demorou muito tempo para a deixar aberta e ter à disposição o peito que a maternidade tinha aumentado para seu deleite. Tirou o fecho do sutiã e apresentaram-se a ele dois mamilos muito erectos. Ele disse algo incompreensível antes de pôr esses botões deliciosos entre os dedos e acariciá-los. Victoria gemeu e esfregou-se na ereção dele, enquanto sentia as suas carícias.

—O efeito ardente que causas no meu corpo continua intacto —sussurrou Matt—. Adoro-te, e quando estás grávida ainda mais...

—És demasiado adulator —disse com um gemido sufocado, enquanto se desfazia dos botões da camisa do marido, depois tirou-lhe as calças.

—Gosto de ti de todas as formas possíveis.

—Eu sei, eu também —respondeu a rir-se, enquanto as mãos se desfaziam do incómodo fecho das calças azuis. Ele ajudou-a e despiu-se completamente.

—Converteste-te numa mulherzinha respondona —disse a brincar, antes de a abraçar para a levar até à cama.

—Nunca deixei de sê-lo —murmurou com um sorriso, quando o marido lhe tirou a roupa, com a sua total e absoluta colaboração, claro! A vida não podia ser mais generosa. Amava o Matt e tudo o que tinham construído juntos, inclusive nos momentos de dor. Sam não foi o primeiro bebé. Depois da lua de mel ficou grávida, mas teve um aborto espontâneo. Foi uma experiência dolorosa que deixou ambos numa situação de grande tristeza. Superaram-na juntos. Samuel, e a bebé que estava a caminho, eram a prova disso. Matthew assumiu a paternidade de um modo tão natural que o surpreendeu, mas a ela não, porque sabia que o marido seria o melhor pai possível, e era. Enternecia-a muito ver como se esforçava por aprender, por dedicar tempo à família. Era uma mulher com sorte—. Só tentei controlar a dose, para que não penses que quem manda és tu...

—Foi isso que fez, sra. Talley? —perguntou ao percorrer-lhe as pernas com os lábios até chegar ao ponto mais sensível. Passou a língua pelo húmido centro, saboreando a essência do desejo, e depois de a torturar o suficiente, subiu percorrendo o corpo curvilíneo com a língua e os lábios. Parou-no no peito. Beijou-os, chupando e mordiscando os mamilos, o que fez a Victoria gritar de prazer. Ela estava mais sensível, com o desejo sexual multiplicado e ele gostava de picá-la com isso, divertiam-se seduzindo-se mutuamente.

—Sim... Oh, meu amor... —gemeu ao sentir a glândula à entrada do sexo—. Não te pares. Quero já. Ele riu-se e acariciou-lhe o nariz dela com o dele. Depois beijou-lhe as suaves faces, para posteriormente lhe devorar a boca durante um longo momento, enquanto se unia de todo o seu auto-controlo, mantendo-se perto do sexo de Victoria, sem entrar nele como morria de vontade. Queria torturá-la mais um bocadinho, porque dessa maneira os orgasmos de ambos sabiam a glória. Embora, às vezes estivessem tão quentes que eram rápidos, sem preliminares e onde fosse. Uma vez estiveram a ponto de serem caçados na sala de reuniões de Spring & Marsden, quando ele foi ter com a Victoria para almoçarem juntos. Ela recriminou-lhe a falta de controlo, mas ele limitou-se a sorrir, satisfeito. Depois de tudo, levou as cuequinhas da mulher no bolso a modo de prova absoluta de que o encontro não a tinha preocupado para nada.

Ela rodeou-lhe as ancas com as pernas para o incentivar a penetrá-la. Ele não se conteve mais e fundiu-se nela. Moveram-se ao ritmo da paixão, num compasso marcado por todo o amor e pelos sonhos que estavam a realizar juntos. Uma maré de prazer que os levou a uma sensação única de liberdade, que os converteu num só.

Nus, satisfeitos e abraçados na cama. Ela encostada com a cara em cima do peito do Matt, e ele com um braço à volta dela, protegendo-a, adorando-a.

—Tori?

—Sim...?

—Sinto-me muito feliz de te ter ao meu lado.

Ela sorriu ao observá-lo com os seus magníficos olhos azuis. Estava feliz de estar com o Matt, mas como lhes tinha custado construir o que tinham agora. O casamento era uma viagem com altos e baixos, para além do amor precisava-se de algo muito importante: vontade. Um ingrediente que o Matthew e ela tinham suficiente.

—Amo-te, Matt.

Ele beijou-a com ternura.

—Demorou algum tempo para ajustarmos a coisas, mas, por fim, conseguimos —disse ele e colocou a mão em cima do coração da Victoria—. Sabes uma coisa? Só há uma mulher capaz de me fazer perder a razão. Ela tem-me nas mãos dela de todas as maneiras possíveis...

—Ah, sim? Uau, de certeza de que tu deves ter o mesmo efeito nela. Só para saber,

quem é essa mulher?

Matt sorriu e abraçou-a pela cintura, olhando-a nos olhos.

—Tu, meu amor. Foste sempre tu.

SOBRE A AUTORA

Kristel Ralston, escritora equatoriana de novela romântica e ávida leitora do gênero, é apaixonada por histórias que decorrem em palácios e castelos na Europa. Embora gostasse da sua profissão como jornalista, decidiu dar uma viragem na carreira e ir para o velho continente fazer um mestrado em Relações Públicas. Durante o período que viveu na Europa leu várias novelas românticas que a cativaram e a incentivaram a escrever o seu primeiro manuscrito. Desde então, nem na sua variada biblioteca pessoal nem na sua agenda semanal faltam livros deste gênero literário

A autora foi finalista do concurso de novela romântica *Leer y Leer 2013*, organizado pela Editorial Vestales na Argentina, e é co-administradora do blog literário *Escribe Romántica*. Kristel Ralston publicou várias novelas como “*Laços de Cristal*”, “*O último Risco*”, “*Regressar a ti*”, “*Sob as tuas Condições*”, “*Um Capricho do Destino*”, “*Desafiando o Coração*”, “*Para Além do Pôr do Sol*”, “*Um Orgulho Tonto*”, entre outras.

“*Laços de Cristal*”, foi uma das cinco novelas finalistas do *Concurso Autores Indie* (2015), promovido por Amazon, El Mundo, Audible e Esfera de Libros. Kristel foi a única latino-americana finalista deste concurso internacional, que contou com 1200 autores de 37 países.

Atualmente, Kristel vive em Guayaquil, Equador, e acredita firmemente que os sonhos se tornam realidade. Durante o tempo livre diverte-se a escrever novelas que convidam os leitores a não deixarem de sonhar com finais felizes.

Mais sobre a autora no blog: www.kristel-ralston.com

Pode segui-la no Twitter @KristelRalston ou www.facebook.com/KristelRalstonLibros